

TEXTOS  
N E P O  
45

CAMPINAS, JUNHO DE 2004

**ANÁLISE SÓCIO-  
DEMOGRÁFICA DA  
CONSTITUIÇÃO DO  
ESPAÇO URBANO DA  
REGIÃO  
METROPOLITANA DA  
BAIXADA SANTISTA NO  
PERÍODO 1960-2000**

**AUTOR:  
ALBERTO AUGUSTO  
EICHMAN JAKOB**

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS



**Reitor**

Prof. Dr. Carlos Henrique Brito Cruz

**Vice-Reitor**

Prof. Dr. José Tadeu Jorge

**Pró-Reitor de Pós-Graduação**

Prof. Dr. Daniel Joseph Hogan

**Pró-Reitor de Pesquisa**

Prof. Dr. Fernando Ferreira Costa

**Pró-Reitor de Graduação**

Prof. Dr. José Luis Boldrini

**Pró-Reitor de Desenvolvimento Universitário**

Prof. Dr. Paulo Eduardo Moreira Rodrigues da Silva

**Pró-Reitor de Extensão e Assuntos Comunitários**

Prof. Dr. Rubens Maciel Filho

**Coordenador de Centros e Núcleos Interdisciplinares de Pesquisa**

Prof. Dr. Eduardo Guimarães

**NÚCLEO DE ESTUDOS DE POPULAÇÃO**



**Coordenador**

Prof. Dr. José Marcos Pinto da Cunha

**Vice-Coordenador**

Prof. Dr. Roberto Luiz do Carmo

**FICHA CATALOGRÁFICA**

Jakob, Alberto Augusto Eichman.

Análise sócio-demográfica da constituição do espaço urbano da Região Metropolitana da Baixada Santista no período 1960-2000/Alberto Augusto Eichman Jakob - Campinas: Núcleo de Estudos de População/UNICAMP, nov.2003. 134p.

(Análise sócio-demográfica da constituição do espaço urbano da Região Metropolitana da Baixada Santista no período 1960-2000. TEXTOS NEPO 45.

1. Espaço Urbano-Baixada Sabtista. 2. Região Metropolitana da Baixada Santista.

I. Título. II. Série.

Índice para catálogo sistemático

1. Região Metropolitana da Baixada Santista - 301.32

**Editor dos TEXTOS NEPO**

Prof. Dr. Roberto Luiz do Carmo

**Programa de Apoio a Núcleos de Excelência (PRONEX)**



**Apoio Técnico**

Centro de Documentação: Adriana Cristina Fernandes e Rodrigo Lizardi de Souza

Editoração eletrônica: Myrcia Rose Skaetta

e-mail: publica@nepo.unicamp.br

---

## SÉRIE **TEXTOS NEPO**

**T** **EXTOS NEPO** - publicação seriada do Núcleo de Estudos de População da UNICAMP -, foi criado em 1985 com a finalidade de divulgar pesquisas realizadas no âmbito deste Núcleo de Estudos. Apresentando uma vocação de cadernos de pesquisa, nesses seus vinte e dois anos de vida foram publicados quarenta e quatro números, relatando trabalhos situados nas áreas temáticas correspondentes às linhas de pesquisa do NEPO.

Os exemplares que compõem a série vêm sendo distribuídos para instituições especializadas na área de Demografia, ou mesmo dedicadas à áreas afins, no País e no exterior, além de ser objeto de constante consulta no próprio Centro de Documentação do NEPO. Essa distribuição é ampla, abrangendo organismos governamentais ou não governamentais - acadêmicos, técnicos e/ou prestadores de serviços.

TEXTOS NEPO 45 foi desenvolvido no âmbito do projeto "Redistribuição da População e Meio Ambiente: São Paulo e Centro-Oeste", estudo interdisciplinar e interinstitucional, sediado no NEPO/UNICAMP, com financiamento do Programa de Apoio a Núcleos de Excelência- PRONEX.

José Marcos Pinto da Cunha  
Núcleo de Estudos de População  
Coordenador

Roberto Luiz do Carmo  
Núcleo de Estudos de População  
Coordenador Associado

---

## **RESUMO**

A Região Metropolitana da Baixada Santista possui algumas características específicas que a tornam uma interessante região de estudo. Embora o pólo petroquímico de Cubatão, o porto de Santos e suas praias, entre outros fatores, tenham atraído uma grande população para o local, seu meio físico e a proximidade das Serras do Mar e Juréia devem ser levados em conta como elementos condicionantes do espaço disponível para ocupação. Com a saturação deste espaço para a população residir, surgiram novas formas de ocupação, como a “verticalização” das moradias e a “periferização”, ou descentralização espacial da população, em um processo de expansão da mancha urbana.

Uma vez que a expansão da mancha urbana foi acelerada até meados da década de 1970, o objetivo principal deste trabalho é determinar e avaliar o que ocasionou esta expansão urbana, quais as respostas demográficas a este processo, no período pós-1960, e como estes elementos se interagem em um processo de reestruturação espacial dos grupos sociais. O ponto de partida é que o uso e a ocupação do solo vão se modificando com o passar do tempo, e que tal processo possui uma relação dialética com o comportamento demográfico. Para isto, foram utilizados dados censitários de diferentes escalas espaciais, abrangendo os níveis estadual, regional, municipal e intramunicipal.

---

## **ABSTRACT**

The Baixada Santista Metropolitan Area has specific characteristics that make it in an interesting study area. Although the petrochemical complex of Cubatão, the harbor and the beaches of Santos, and other elements, were important to attract a big amount of population to that place, certain factors, like its slope and the short distance to the Serra do Mar and Serra da Juréia, should be considered very important ones to constrain the space for occupation. With the end of the free space for occupation, new forms of occupation have appeared, like the increase of buildings with more floors, and expansion of the households to the peripheries, resulting in a process of urban expansion.

Since this process was very expressive until the middle of the 1970s, the main goal of this work is to seek and analyze which factors were the more important ones to start this urban expansion, the demographic responses to this process, after 1960, and in which way these elements interact the mselves in a process of spatial redistribution of social groups. The start point is that the land use and occupation are changing, and this process interacts with demographic manners. For this, different georafic scales of censuses data were used, at state, regional and local levels.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>9</b>
<b>ANÁLISE SÓCIO-DEMOGRÁFICA DA CONSTITUIÇÃO DO ESPAÇO URBANO DA REGIÃO METROPOLITANA DA BAIXADA SANTISTA</b>	<b>9</b>
<b>A CONSTITUIÇÃO DA REGIÃO METRO- POLITANA DA BAIXADA SANTISTA</b>	<b>13</b>
<b>A EVOLUÇÃO DO PERFIL DA POPULAÇÃO E DA MIGRAÇÃO: ALGUMAS RESPOSTAS SÓCIO-DEMOGRÁFICAS DO PROCESSO DE EXPANSÃO</b>	<b>31</b>
<b>A DINÂMICA INTRA-URBANA DE SANTOS: AS EXPRESSÕES LOCAIS DE UM PROCESSO MAIS AMPLO</b>	<b>87</b>
<b>PERSPECTIVAS PARA O FUTURO</b>	<b>111</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>121</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>125</b>

---

# **ANÁLISE SÓCIO-DEMOGRÁFICA DA CONSTITUIÇÃO DO ESPAÇO URBANO DA REGIÃO METROPOLITANA DA BAIXADA SANTISTA PERÍODO 1960-2000<sup>1</sup>**

*Alberto Augusto Eichman Jakob<sup>2</sup>*

## **INTRODUÇÃO**

O desejo de se estudar a Região Metropolitana da Baixada Santista surgiu tanto em função de suas especificidades, que a tornam diferente das demais regiões, quanto da constatação de que é uma região pouco estudada na área demográfica.

Trata-se de uma metrópole emergente, que apresentou um crescimento populacional de 7,5 vezes entre 1940 e 2000. Este crescimento tem sido creditado ao pólo petroquímico de Cubatão, pelas oportunidades de trabalho que proporcionava, assim como às melhorias das vias de acesso à Baixada, que apresentaram um papel importante para a expansão do turismo, em especial o de veraneio, atraído pelas praias e belezas naturais do local. Mas deve-se lembrar, também, do porto de Santos, que atraiu funções urbanas que, aliadas à péssima qualidade do solo no litoral, contribuíram para a precoce urbanização da região, quando comparada ao Estado de São Paulo.

Em meio a esta crescente densidade demográfica, os processos de uso e ocupação do solo têm sido afetados pelo meio físico local, marcado por estreitas planícies, morros, mangues, vales e ilhas, delimitados pela Serra do Mar, pelo Oceano Atlântico, rios e canais. Com isto, os espaços disponíveis para ocupação se tornam cada vez mais escassos, e a agressão ao meio ambiente, praticamente inevitável. Todas estas características fazem com que esta seja uma interessante região de estudo.

Neste sentido, é importante que se analisem estes processos em uma escala regional, assim como em uma escala local, ou intra-urbana. A primeira seria, então, uma expressão da segunda, em um nível maior.

Diversos autores têm estudado o processo de estruturação urbana das cidades e metrópoles. Porém, o enfoque da grande maioria destes trabalhos é regional. Poucos autores analisam as especificidades do espaço intra-urbano, que privilegia a estrutura interna das cidades e regiões, tendo como

---

1. Este trabalho se baseia na tese de doutorado do referido autor apresentada ao Programa de Doutorado em Demografia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, defendida em fevereiro de 2003.

2. Demógrafo, pós-doutorando do CNPq no Núcleo de Estudos de População NEPO/UNICAMP.

principal foco de análise a distribuição de pessoas e atividades no espaço, e as relações sócio-econômicas que então se estabelecem.

Os processos envolvidos na constituição do espaço urbano são descritos e comprovados, mas em geral não são analisadas as causas destes processos verificados.

Torna-se, então, necessário, verificar quais são os elementos importantes para entender o processo de constituição desta região, as causas deste processo. Com isso, além dos elementos demográficos, como as componentes presentes na equação compensadora da população de um local, são destacados também, nas análises deste trabalho, os aspectos ligados à relação existente entre a mobilidade populacional e o processo de estruturação e formação da região metropolitana. Assim, a questão da migração populacional também é aqui considerada como uma das mais relevantes.

A migração, como se sabe, é uma das variáveis demográficas mais difíceis de serem analisadas, e uma das mais importantes, nos estudos que abordam a constituição do espaço urbano de uma região. Esta variável pode ser definida de muitas maneiras, e é afetada por elementos relacionados ao tempo e espaço onde ela ocorre. Assim, dificilmente pode ser generalizada. Entretanto, existem alguns fatores que proporcionam uma maior propensão das famílias a migrar, como, por exemplo, sua condição socioeconômica, o tamanho da família e seu ciclo de vida, conforme sugerido por Cunha (1994), em seu estudo sobre a mobilidade populacional e a expansão urbana da Região Metropolitana de São Paulo, e

também por Smolka (1994, 1992a, 1992b, 1992c), avaliando a estruturação intra-urbana no Rio de Janeiro. São nestes fatores que se apóiam as análises do presente trabalho, através de uma tentativa de relacioná-los com as especificidades da região.

Outra questão diz respeito às fontes de dados. Smolka (1994, 1992a, 1992b, 1992c) utilizou dados obtidos a partir dos registros de transações imobiliárias. Outros autores, como Ribeiro (2001) e Lago (2001, 2000), se valeram de dados censitários amostrais com a informação de setores censitários para suas análises intra-urbanas.

Os dados de setores censitários possuem um grande potencial, na medida em que permitem análises espaciais intra-urbanas. Contudo, têm sido pouco utilizados na área de redistribuição espacial da população, tendo em vista que não permitem, por exemplo, observações diretas dos fluxos migratórios, informações estas presentes apenas nos questionários da amostra dos censos. Raros foram os pesquisadores que conseguiram obter os microdados da amostra do censo com a informação de setor censitário. Tal "privilegio" poderia ser estendido para toda a comunidade científica.

Entretanto, como se verá neste trabalho, os dados de setores censitários, mesmo sem os quesitos presentes no questionário da amostra dos censos, podem contribuir de maneira significativa para as análises dos processos de constituição das cidades, por meio de estudos das formas de ocupação dos espaços, observando-se, principalmente, o ciclo vital familiar da população e a concentração espacial de outras variáveis, referentes ao chefe do domicílio, em

distintos momentos do tempo. Neste trabalho, foram abordados o ano de 1991 e o ano de 2000. Com estas observações, pôde-se avaliar a evolução do processo de modificação dos espaços urbanos, assim como inferir sobre a migração intramunicipal de Santos.

Assim sendo, a decisão de se adotar os dados dos Censos Demográficos se justifica em função de que estes apresentam uma completa representatividade espacial, um maior detalhamento das características do fenômeno estudado, assim como uma maior confiabilidade, embora sejam disponibilizados apenas a cada dez anos.

Além dos métodos “convencionais” de análise, foram utilizadas, também, técnicas da estatística espacial para avaliar a dinâmica intra-urbana de Santos. Estas técnicas permitem que se detectem, mais facilmente, as grandes tendências de concentração espacial das variáveis de estudo, que podem passar despercebidas nas análises dos mapas cloropléticos. São técnicas de interpolação de dados, que apresentam, como resultado final, um mapa de superfície contínua de dados. Neste mapa, os dados são suavizados, enfatizando-se as maiores concentrações espaciais das variáveis abordadas.

Estas técnicas são ainda pouco utilizadas na área demográfica. Até o presente momento, raros são os trabalhos que se valem de tais técnicas de análise de dados para estudar mais detalhadamente a dinâmica intra-urbana de uma cidade.

Neste sentido, este é um trabalho pioneiro, que se propõe, também, a contribuir para uma maior divulgação da potencialidade

deste conjunto de técnicas, que facilitam o entendimento dos processos de modificação da ocupação dos espaços urbanos.

Portanto, mais do que uma análise do processo de ocupação do espaço intra-urbano de Santos, este trabalho também é uma contribuição metodológica para aumentar o leque de possibilidades de análises que dizem respeito à dinâmica urbana.

O pressuposto inicial, definido aqui, é que a ocupação e o uso do solo vão se modificando com o passar do tempo, e que tal processo possui uma relação dialética com o comportamento demográfico.

Nestes termos, poder-se-ia enunciar que a expansão da mancha urbana ocasiona uma modificação dos processos de uso e ocupação do solo que, por sua vez, resulta em uma importante mobilidade populacional. Isto poderia acontecer quando, por exemplo, um conjunto habitacional é criado em uma área ainda não ocupada, atraindo um certo contingente populacional para a nova área disponível.

Outra possibilidade seria obtida a partir dos crescentes deslocamentos populacionais que, por sua vez, potencializariam os processos de modificação do uso e ocupação do solo, ocasionando uma expansão da mancha urbana.

Por fim, uma terceira suposição poderia ser formada por uma combinação das duas proposições acima, ou seja, a modificação do processo de ocupação do solo, em função dos significantes deslocamentos populacionais, aliada à criação de novos espaços em áreas “periféricas”, ocasionariam a expansão urbana. Este trabalho apresenta indícios que direcionam a uma conclusão sobre este assunto.

Para se atingir o objetivo principal aqui proposto, que seria verificar o que foi responsável pelo processo de expansão da mancha urbana da Baixada Santista, e analisar quais as respostas sócio-demográficas a este processo, neste trabalho foram elaborados quatro tópicos. No primeiro tópico são abordados brevemente a criação da Região Metropolitana da Baixada Santista, as características físicas do local, alguns elementos do processo de expansão urbana, assim como um panorama geral de sua evolução demográfica.

O segundo tópico contém uma análise quantitativa detalhada sobre a migração na Região Metropolitana da Baixada Santista. Seu propósito principal é estudar a evolução do perfil da população e da migração, a partir de características demográficas e socioeconômicas. Também é abordada a mobilidade pendular da população e o impacto da população flutuante no processo de periferização da região.

A avaliação da população flutuante, de veraneio, é realizada principalmente a partir da evolução do número de domicílios vagos, ocupados, fechados e de uso ocasional. Para este propósito, foi criada uma metodologia de análise da evolução dos veranistas na região, por meio de dados obtidos nas Sinopses Preliminares dos Censos Demográficos, de 1960 a 2000.

No terceiro tópico é analisada a dinâmica intra-urbana de Santos, a partir de dados dos setores censitários de 1991 e de 2000, espacializados por meio de técnicas de interpolação. Neste tópico, os processos envolvidos na modificação das formas de ocupação dos espaços urbanos são mais detalhados.

O quarto e último tópico aponta algumas perspectivas para o futuro, observadas para os principais municípios da região, abordando o turismo de negócios e a qualidade de vida em Santos, o aeroporto metropolitano a ser construído no Guarujá, o pólo industrial de Cubatão, e os efeitos da expansão urbana para o meio ambiente.

São também apresentadas algumas perspectivas relacionadas ao futuro da migração na região, e à consolidação dos municípios, a partir de taxas de crescimento populacional e de saldos migratórios, de 1970-80, 1980-91 e também para o período 1991-2000.

Por fim, nas considerações finais, é elaborada uma síntese dos principais resultados encontrados nas análises. São também mencionados os maiores desafios enfrentados, e algumas sugestões de análises que poderiam ser feitas no futuro, principalmente a partir dos dados relativos à amostra do Censo Demográfico de 2000, cujo acesso não foi possível até o momento de finalização da tese.

---

## A CONSTITUIÇÃO DA REGIÃO METROPOLITANA DA BAIXADA SANTISTA

Este tópico traz algumas considerações sobre a criação e evolução da Região Metropolitana da

Baixada Santista, no tocante à sua expansão urbana e dinâmica demográfica.

---

### A CRIAÇÃO DA REGIÃO METROPOLITANA E SUAS CARACTERÍSTICAS FÍSICAS

A Região Metropolitana da Baixada Santista (RMBS) foi criada pela Lei Complementar Estadual nº 815, de 30 de julho de 1996, publicada no Diário Oficial v.106, n.145, de 31 de julho de 1996, sob a gestão de Mário Covas como governador do Estado de São Paulo. O artigo 1º declara: “*Fica criada a Região Metropolitana da Baixada Santista como unidade regional do Estado de São Paulo, compreendida pelo agrupamento dos Municípios de Bertioga, Cubatão, Guanujá, Itanhaém, Mongaguá, Peruíbe, Praia Grande, Santos e São Vicente*”. O parágrafo único deste artigo cita que “*Integrarão a Região Metropolitana os Municípios que vierem a ser criados em decorrência de desmembramento ou fusão dos Municípios integrantes da Região*”.

É interessante observar que o município de Itariri, desmembrado de Itanhaém em 1948, não faz parte da Região Metropolitana. Fazendo limite com Peruíbe, o município de Itariri deve possuir relações mais fortes, ou atividades mais próximas, da região do Vale do Ribeira. Inclusive não é um município litorâneo. Embora tenha origens na área da Baixada Santista, politicamente não faz parte desta região.

O relevo da região é formado por áreas planas até as encostas da Serra do Mar. Estas planícies possuem uma largura máxima de 24 km entre o Oceano Atlântico e a Serra do Mar. Rodovias estaduais e federais são paralelas à orla marítima. Entre as rodovias e a orla concentram-se áreas urbanas. A expansão da mancha urbana no litoral sul seguiu o traçado das rodovias, acompanhando a linha costeira.

No relevo mais plano, não existem problemas de erosão, mas aparecem, com maior intensidade, os problemas de fertilidade e drenagem interna do solo, os quais se traduzem na capacidade de utilização desses solos e em seu manejo. Nos mangues, por sua vez, existe uma grande concentração de sódio, o que dificulta seu aproveitamento (Queiroz Neto e Oliveira, 1964). A péssima qualidade do solo na região, tanto para o cultivo quanto para construção, foi uma importante causa da precoce urbanização dos municípios da RMBS.

A **Tabela 1** traz a área total, área preservada, área da cobertura vegetal e tipo de cobertura vegetal de cada município da RMBS. Esta tabela mostra que Santos possui mais da metade de sua área preservada. Mas é bom lembrar que esta área se situa em sua parte

continental. Negreiros (1992) aponta que 70% da área continental de Santos era ocupada pela Serra do Mar. A área insular de Santos correspondia a apenas 39,4 km<sup>2</sup>. A área preservada para cinco dos nove municípios correspondia a mais de 40%. Também se observa que a RMBS possuía uma cobertura vegetal de 72% de sua área, e com um grau de urbanização de mais de 99%. As matas em geral correspondiam ao principal tipo de cobertura vegetal, mas alguns municípios possuíam importantes parcelas de restinga, como Bertioga, Guarujá e alguns do litoral do sul,

outros de Capoeira, em especial Santos e Cubatão, e outros de mangue, como Santos, São Vicente, Guarujá e Cubatão.

Negreiros (1998) relata que o clima na região é muito úmido, apresentando totais pluviométricos superiores a 30.000 mm anuais. O Relatório da Qualidade do Ar, de 2001, aponta para Santos uma temperatura média de 21,3°C, uma precipitação total de 2.081mm, e uma umidade relativa média de 80% (CETESB, 2002). A expansão física da Região Metropolitana da Baixada Santista é detalhada no próximo item.

**Tabela 1**  
**ÁREA TOTAL, ÁREA PRESERVADA E OCUPADA POR COBERTURA VEGETAL,**  
**SEGUNDO MUNICÍPIOS DA REGIÃO METROPOLITANA DA BAIXADA SANTISTA**

Município	Área Total (km <sup>2</sup> )	Área Preservada		Cobertura Vegetal		Tipo da Cobertura Vegetal (%)				
		(km <sup>2</sup> )	(%)	(km <sup>2</sup> )	(%)	Mata	Capoeira	Campo	Restinga	Mangue
Bertioga	482	222,16	46,1	378,21	78,5	56,35	3,44	0	35,72	4,49
Cubatão	148	61,28	41,4	90,18	60,9	55,84	20,18	0	8,67	15,3
Guarujá	137	2,79	2,0	78,04	57,0	52,68	8,02	0	25,38	13,9
Itanhaém	581	57,97	10,0	470,31	80,9	60,31	2,01	1,31	35,42	0,95
Mongaguá	135	6,77	5,0	108,26	80,2	67,94	0,26	0	31,8	0
Peruibe	328	143,00	43,6	216,98	66,2	53,46	5,19	0	38,16	3,19
Praia Grande	145	55,81	38,5	97,56	67,3	56,53	1,71	0	33,3	8,46
Santos	271	150,99	55,7	187,19	69,1	54,29	23,77	0	7,36	14,58
São Vicente	146	71,92	49,3	89,91	61,6	57,57	13,82	0	10,25	18,33
<b>RMBS</b>	<b>2.373</b>	<b>772,69</b>	<b>32,6</b>	<b>1.716,64</b>	<b>72,3</b>	<b>57,46</b>	<b>6,82</b>	<b>0,36</b>	<b>29,25</b>	<b>6,12</b>

Fonte: DAM (2002), Projeto DEPN da Secretaria Estadual do Meio Ambiente, de 1994.

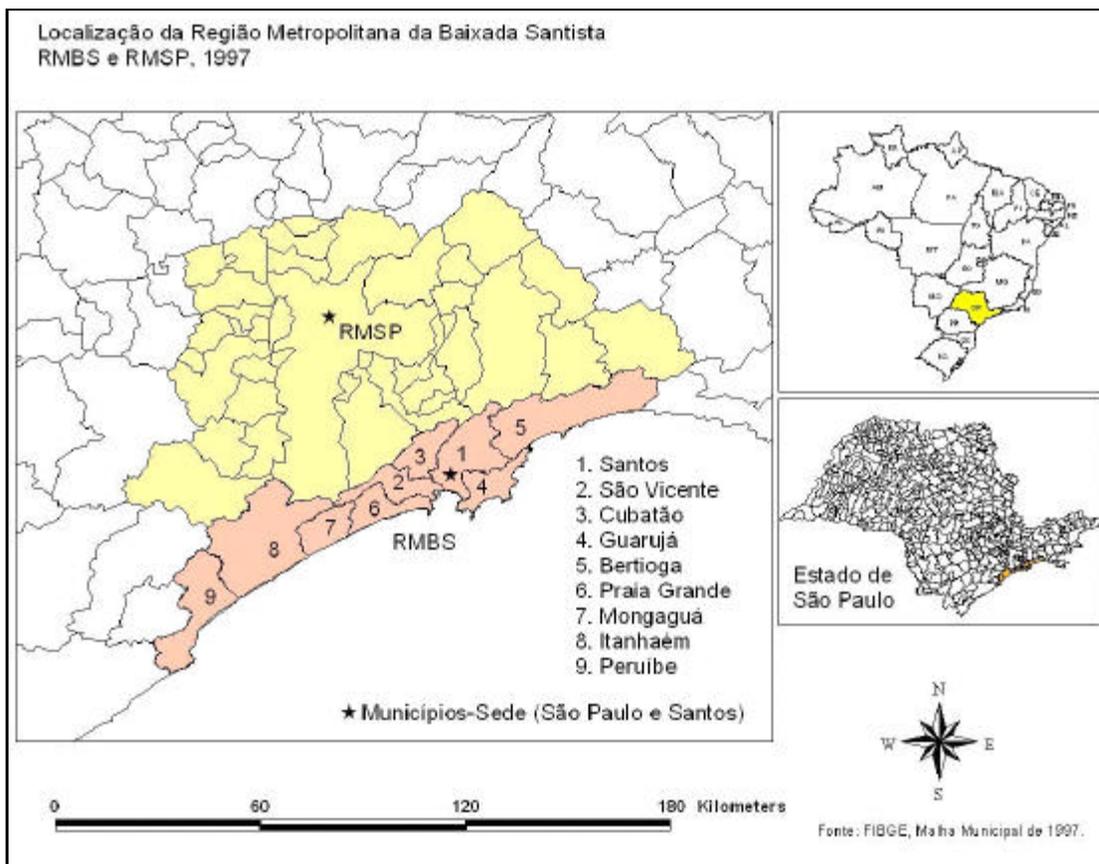
## A EXPANSÃO URBANA DA REGIÃO METROPOLITANA DA BAIXADA SANTISTA

A Região Metropolitana da Baixada Santista faz fronteira com a Região Metropolitana de São Paulo, visualizada no mapa adiante, e também com a região do Vale do Ribeira (mais ao sul de Peruíbe), e com o litoral norte do Estado de

São Paulo (São Sebastião, Ubatuba etc.).

O **Mapa 1** representa a localização dos municípios pertencentes à Região Metropolitana da Baixada Santista, assim como os pertencentes à Região Metropolitana de São Paulo.

Mapa 1



No final dos anos 1940, Santos possuía 80% do valor da produção industrial da Baixada, enquanto Cubatão e São Vicente participavam com apenas 9% e 5,5%, respectivamente. Santos também concentrava 99% do comércio, e 88% dos serviços da região. Assim, até os anos 1950, a estrutura econômica e urbana da região do litoral tinha como centro dinâmico o município de Santos (Santos, 1992).

A partir dos anos 1950, o parque industrial implantado no município de Cubatão, integrado à estratégia estabelecidas no “Plano de Metas” de Juscelino Kubitschek (em 1956) passou a ser o responsável pelo dinamismo econômico e urbano da Baixada, com o porto de Santos entrando em uma nova fase, se relacionando com o ciclo da industrialização pesada. Em 1960, Cubatão passou a responder por 72,5% do valor da produção industrial da região, e Santos apenas 25,7% (Santos, 1992).

A implantação da indústria automobilística gerou desdobramentos significativos na região, pois facilitou o acesso à Baixada, favorecendo, a partir da década de 1960, tanto os segmentos mais populares (transporte coletivo), quanto os segmentos das classes média e alta (automóvel particular). Incrementa-se então a atividade turística, ampliando a demanda por bens e serviços.

Estes fatores, aliados ao processo de expansão urbana, conduziram a um grande movimento de “especulação imobiliária”, vivenciado nos municípios de Santos e São Vicente nas décadas de 1960 e 1970. Santos se de fronteira, no final dos anos 1960, com uma

urbanização em saturação, proporcionando nos anos 1970 e 1980 uma mudança do comportamento demográfico, econômico e social na região. O grande crescimento populacional resultou em um processo de aglomeração urbana de forma “desordenada e caótica”, favorecendo o “transbordamento das atividades econômicas” já no início da década de 1970, para outras sedes municipais nas áreas continentais (Santos, 1992).

Negreiros (1992) identificou três vetores de expansão de Santos, que serão tratados mais especificamente no tópico seguinte. O primeiro vetor possuía sentido noroeste de Santos, em direção a São Vicente e Cubatão, determinado pela Via Anchieta e pela alça da Rodovia Imigrantes, e caracterizado pelo complexo industrial de Cubatão e pela presença significativa de conjuntos habitacionais. Este era o principal eixo de ocupação da população de baixa renda. A atuação da COHAB santista reforçou a expansão deste vetor, concentrando neste local 10 dos 14 conjuntos habitacionais existentes na Baixada (até 1990). Entre 1965 e 1987, a COHAB santista construiu 11.588 unidades habitacionais, sendo 60,1% em São Vicente, e as outras distribuídas em Santos (18,5%), Cubatão (11,8%), Guarujá (6,2%) e Praia Grande (3,4%).

O segundo vetor de expansão dirigiu-se à Praia Grande, e foi determinado pelo processo de “redirecionamento populacional” dos estratos populacionais de renda média, e pelo turismo dos grupos de renda média e baixa de Santos e São Vicente. A mais densa ocupação foi verificada ao longo da

Rodovia Juquiá-SãoVicente, acompanhando a orla marítima.

A verticalização foi mais aparente junto a São Vicente, reduzindo-se ao sul em direção a Mongaguá, onde a ocupação era mais horizontal. Verificou-se também uma ocupação em geral menos densa em trechos nas margens da Rodovia Pedro Taques, afastados da orla, mas de grande importância para a ligação entre o Planalto e o Litoral.

O terceiro eixo de expansão foi definido em direção a Bertiooga e Guarujá. A mobilidade populacional de Santos para o distrito de Vicente de Carvalho (Guarujá) ocorreu, principalmente, em função dos desmoronamentos de morros ocorridos em Santos no final da década de 1950.

Até meados da década de 1980, Vicente de Carvalho destacava-se por receber uma

população de mais baixa renda. Desde então, seu perfil se altera, com investimentos no sistema viário regional, principalmente com a remodelação das Rodovias Piaçaguera-Guarujá (SP-055) e Rio-Santos BR-101), passando a receber grupos populacionais de renda média. Este vetor reproduzia junto à orla marítima os padrões urbanos verificados na orla de Santos, refletidos pela presença de residências verticalizadas, destinadas à população residente e flutuante de rendas médias e altas.

Utilizando imagens de satélite, disponíveis para os anos de 1974, 1980, 1985 e 1989, Negreiros (1992) analisou a evolução da mancha urbana da Baixada Santista. A **Tabela 2** mostra a expansão dos cinco principais aglomerados urbanos paulistas em termos de área ocupada.

**Tabela 2**  
EVOLUÇÃO DA MANCHA URBANA DOS CINCO PRINCIPAIS AGLOMERADOS PAULISTAS, 1974-1989

Aglomerados	1974	1980	1974-80	1985	1980-85	1989	1985-89	1974-89
Paulistas	área (ha)	área (ha)	T.C.(% a.a.)	área (ha)	T.C.(% a.a.)	área (ha)	T.C.(% a.a.)	T.C.(% a.a.)
Grande São Paulo	101.517,00	148.458,05	6,54	169.460,00	2,68	187.924,00	2,62	4,19
Campinas	14.691,96	22.545,00	7,40	35.855,28	9,72	43.341,12	4,85	7,48
Vale do Paraíba	9.303,84	13.554,72	6,47	16.283,40	3,74	20.650,44	6,12	5,46
Baixada Santista	10.133,76	13.539,84	4,95	15.815,68	3,16	16.220,80	0,63	3,19
Ribeirão Preto	6.862,32	10.688,75	7,67	11.310,63	1,14	11.866,49	1,21	3,72

Fonte: Adaptado de Negreiros (1992).

Verifica-se, a partir da **Tabela 2**, que até 1974, a área urbana da Baixada Santista era a terceira maior do Estado, e a partir do final da década de 1970 perde sua posição para o Vale do Paraíba.

Também a partir de meados dos anos 1970, a mancha urbana da Baixada possui um crescimento cada vez menor, sendo que no período 1985-1989 cresceu a apenas 0,6% ao

ano, totalizando em 1989 pouco mais de 16 mil hectares.

A diminuição do ritmo de crescimento esteve relacionada a diversos fatores, entre os quais, os mais importantes foram: o meio físico específico da região, uma estreita faixa de terra entre o mar e as encostas da Serra do Mar, com baixa declividade e área recortadas por rios e canais, cobertas com vegetação e mangues; a redução dos saldos migratórios, aliados à retração do mercado de trabalho na região, decorrente da contração dos investimentos públicos e privados e da crise econômica dos anos 1980; e também o maior controle ambiental, por parte do Estado na década de 1980, que inibiu a expansão das atividades industriais químicas e petroquímicas na região.

Negreiros (1992) aponta que até 1974, a mancha urbana abrangia 80% da Ilha de São Vicente, uma faixa litorânea em Praia Grande, 40% da área do Guarujá, e uma pequena parte de Cubatão, entre os eixos viários da Via Anchieta e seu cruzamento com a ferrovia. No período 1974-80, a mancha apresentou um adensamento pela ocupação de áreas já incorporadas pela urbanização, ocupando os escassos vazios urbanos que restaram da expansão anterior, especialmente em Guarujá e Cubatão. A mancha cresceu em direção a Praia Grande no período 1980-85, na faixa junto à área ocupada até 1974. E o pequeno crescimento da mancha urbana no período 1985-89 incorporou as áreas mais precárias à ocupação, como as

encostas de morro em Santos, e áreas de mangue em Cubatão.

É bom lembrar que a diminuição do crescimento da mancha urbana pode significar uma maior verticalização das moradias. Neste sentido, Negreiros (1992) afirma que o auge do processo de verticalização em Santos foi o período de 1974-77, e o pico foi no ano de 1976, marcado pela construção de mais de 1 milhão de metros quadrados em Santos. No período de 1978-80 houve uma diminuição do processo de verticalização, marcada pela crise da construção civil ocorrida na época, e no período 1981-84 uma retomada do adensamento ocupacional pelo processo de verticalização, mas em ritmo menor que o verificado anteriormente.

A autora conclui em seu trabalho que *“os principais condicionantes da expansão urbana regional nesta região foram dados pela configuração do sistema viário regional e pela localização de conjuntos habitacionais, áreas industriais e portuárias e pela implantação de alguns equipamentos urbanos, estes especialmente nas áreas mais densamente ocupadas e com maior dinamismo urbano”* (Negreiros, 1992: 55).

O item a seguir trata mais especificamente da análise demográfica da Região Metropolitana da Baixada Santista. Este aponta as primeiras análises populacionais sobre a região em geral. Estudos mais aprofundados serão feitos no próximo tópico.

## A EVOLUÇÃO DEMOGRÁFICA DA REGIÃO METROPOLITANA DA BAIXADA SANTISTA

A população dos municípios da RMBS é apresentada na **Tabela 3**, de 1940 a 2000. Nota-se, a partir desta tabela, que os Censos Demográficos até o ano de 1960 utilizavam o critério de população presente (de fato) no momento do censo, enquanto os Censos Demográficos de 1970 em diante já utilizavam o critério de população residente (de direito) na época do censo.

Também na **Tabela 3** se procurou desmembrar os municípios criados mais recentemente, para os períodos passados, quando estes ainda eram distritos de seus municípios de origem, subtraindo-se também a população correspondente dos antigos distritos de seus municípios de origem. A partir do Censo Demográfico de 1970 é possível se obter uma constância destes dados distritais.

**Tabela 3**  
POPULAÇÃO PRESENTE E RESIDENTE POR MUNICÍPIOS  
REGIÃO METROPOLITANA DA BAIXADA SANTISTA  
1940-2000

Município Atual	População Presente			População Residente				
	1940	1950	1960	1970	1980	1991	1996	2000
Bertioga	-	-	-	3.575	4.233	11.473	17.002	30.039
Cubatão	6.570	11.803	25.076	50.906	78.631	91.136	97.257	108.309
Guarujá	7.539	13.203	40.071	94.021	151.127	210.207	226.365	264.812
Itanhaém (*)	4.418	5.749	7.334	14.515	27.464	46.074	58.017	71.995
Mongaguá	-	1.386	2.360	5.214	9.928	19.026	27.065	35.098
Peruíbe	-	-	3.128	6.966	18.411	32.773	41.398	51.451
Praia Grande	-	-	-	19.704	66.004	123.492	150.388	193.582
Santos	158.998	203.562	262.997	342.055	412.448	417.450	412.243	417.983
São Vicente	17.294	31.684	75.997	116.485	193.008	268.618	279.528	303.551
<b>RMBS</b>	<b>194.819</b>	<b>267.387</b>	<b>416.963</b>	<b>653.441</b>	<b>961.254</b>	<b>1.220.249</b>	<b>1.309.263</b>	<b>1.476.820</b>
<b>Estado SP</b>	<b>7.180.316</b>	<b>9.134.423</b>	<b>12.823.806</b>	<b>17.771.948</b>	<b>25.042.074</b>	<b>31.588.925</b>	<b>34.120.886</b>	<b>37.032.403</b>

(\*) O município de Itanhaém em 1940 possuía o distrito de Itariri, instalado em 1949, que continha 6.460 pessoas em 1940.

Fonte: FIBGE, Censos Demográficos de 1940 a 2000 e Contagem Populacional de 1996.

Outra observação quanto a essa tabela é que o município de Itanhaém possuía em 1940 o distrito de Itariri, desmembrado em 1948, e não fazendo parte da futura RMBS. Assim, seus dados foram excluídos de Itanhaém para o ano de 1940, para as comparações se ajustarem melhor,

especialmente para a análise do município de Itanhaém, pois o distrito de Itariri possuía em 1940 uma população maior que a sede Itanhaém, e esta é uma perda populacional muito significativa de um Censo Demográfico para outro.

A **Tabela 4** traz informações sobre as taxas anuais de crescimento populacional, segundo os municípios da RMBS, para os períodos acima delimitados. Para uma melhor visualização desta tabela, foi criado o **Mapa 2**, que traz a espacialização das taxas de crescimento populacional pós-1950, período de maior crescimento para os municípios da região. A tabela e o mapa citados deixam claro que os anos 1950 foram os de maior crescimento para os municípios mais próximos ao “centro” da RMBS, como Santos, São Vicente, Guarujá e Cubatão. A criação do pólo petroquímico em Cubatão e a inauguração da Via Anchieta foram muito importantes para a

grande concentração populacional nestes municípios nos anos 1950. Já os municípios situados no litoral sul passaram a ter um crescimento populacional mais acentuado a partir dos anos 1960. Pode-se verificar também que os municípios de Itanhaém, Mongaguá, Peruíbe e Praia Grande possuíam nos anos 1990, um crescimento superior a 5% ao ano. E Bertioga impressiona ainda mais, com um crescimento de 11,3% ao ano nos anos 1990, lembrando que o crescimento metropolitano foi de 2,1% ao ano, e o estadual, de apenas 1,8% ao ano. Assim, os vetores de expansão da mancha urbana começam a se delinear a partir destes dados.

**Tabela 4**  
**TAXAS MÉDIAS GEOMÉTRICAS ANUAIS DE CRESCIMENTO POPULACIONAL**  
**, REGIÃO METROPOLITANA DA BAIXADA SANTISTA**  
**1940-2000**

Município Atual	Taxas de Crescimento (% ao ano)					
	1940/50	1950/60	1960/70 (*)	1970/80	1980/91	1991/2000
Bertioga	.	.	.	1,70	9,49	11,29
Cubatão	6,03	7,83	7,34	4,44	1,35	1,94
Guarujá	5,76	11,74	8,90	4,86	3,05	2,60
Itanhaém	2,67	2,46	7,07	6,58	4,82	5,08
Mongaguá	.	5,47	8,25	6,65	6,09	7,04
Peruíbe	.	.	8,34	10,21	5,38	5,14
Praia Grande	.	.	.	12,85	5,86	5,12
Santos	2,31	2,78	2,66	1,89	0,11	0,01
São Vicente	6,24	9,14	4,36	5,18	3,05	1,37
<b>RMBS</b>	<b>3,22</b>	<b>4,54</b>	<b>4,59</b>	<b>3,94</b>	<b>2,19</b>	<b>2,14</b>
<b>Estado SP</b>	<b>2,44</b>	<b>3,45</b>	<b>3,32</b>	<b>3,49</b>	<b>2,13</b>	<b>1,78</b>

(\*) As taxas do período 1960/70 apresentam variação, em função de se comparar a população presente em 1960, com a população residente em 1970.

Fonte: FIBGE, Censos Demográficos de 1940 a 2000.

Deve-se lembrar também, que as taxas de crescimento dos anos 1950/60 e 1960/70, relativas aos municípios de Bertioga, Peruíbe e Praia Grande, ainda distritos nestes períodos, foram consideradas iguais às dos seus municípios de origem no **Mapa 2**.

O **Mapa 3** mostra a densidade demográfica dos municípios da RMBS a partir de 1970, quando Santos já apresenta uma densidade superior a 1.000 habitantes por quilômetro quadrado.

Com este mapa é possível se observar a periferização da população, em direção ao litoral sul da Baixada Santista. O município de Santos desde 1980 apresenta uma densidade demográfica de pouco mais de 1.500 habitantes por km<sup>2</sup>, praticamente se estabilizando no período 1991-2000. Em 1991, São Vicente já apresentava uma densidade maior que Santos (1.840 hab/km<sup>2</sup>), e Guarujá um valor próximo (1.535). No ano de 2000, o valor da densidade demográfica de Santos (1.542 hab/km<sup>2</sup>) é superado por São Vicente (2.079), Guarujá

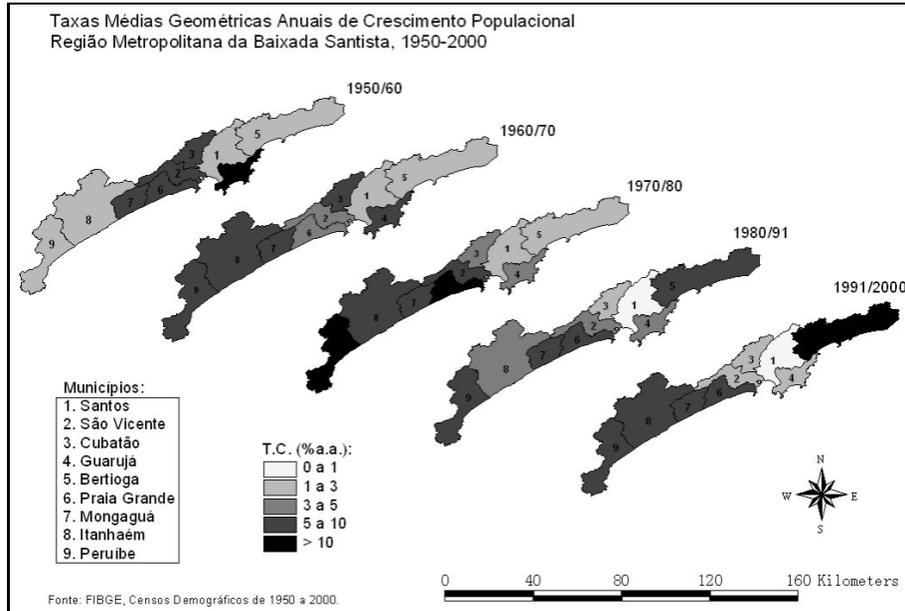
(1.933) e próximo ao de Praia Grande (1.335).

Assim, pode-se supor que o município de Santos já estava praticamente consolidado em 1980, com relação à sua densidade demográfica. A **Tabela 5** mostra que os Censos Demográficos de 1940 e 1950 trazem a informação de situação do domicílio “suburbano”, além das categorias convencionais “urbano” e “rural”. Estes censos informam que “*Os quadros urbano, suburbano e rural foram estabelecidos de acordo com os quadros administrativos dos municípios e distritos. O decreto lei n.311, de 2 de março de 1938 fixou normas sistematizadoras para a divisão territorial do país*”<sup>3</sup>. Este decreto definiu “cidade” como a sede municipal que possui ao menos 200 moradias; e “vila” como a sede distrital que possui ao menos 30 moradias. Assim, a categoria “urbano” envolveria a área das cidades, a categoria “Suburbano” a área das vilas, e a categoria “rural” toda área situada fora dos limites das cidades e das vilas.

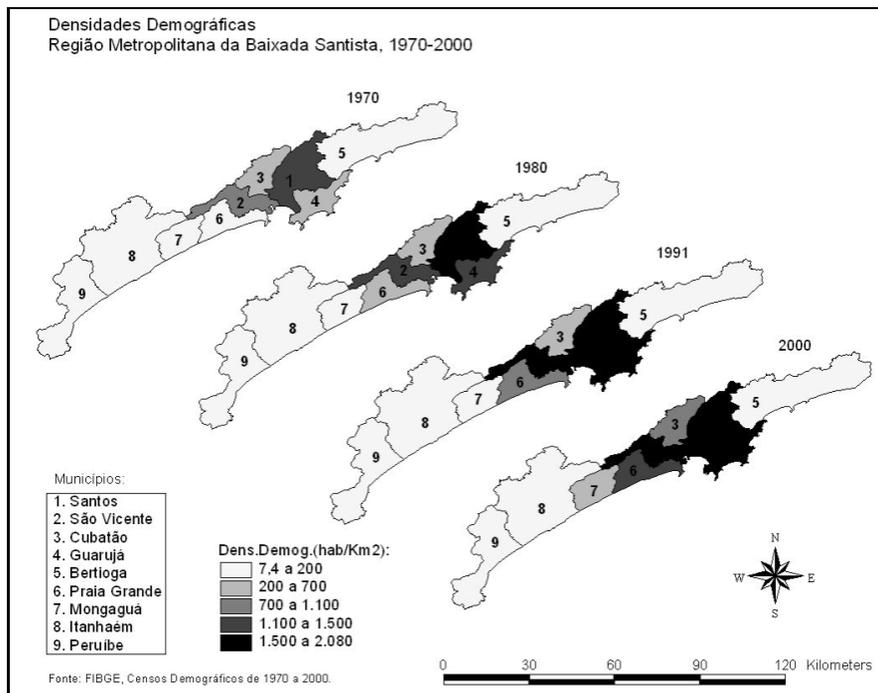
---

3. FIBGE, Censo Demográfico do Estado de São Paulo de 1940. Tomo 1.

## Mapa 2



## Mapa 3



**Tabela 5**

**POPULAÇÃO PRESENTE E RESIDENTE POR MUNICÍPIOS, SEGUNDO A SITUAÇÃO DO DOMICÍLIO  
REGIÃO METROPOLITANA DA BAIXADA SANTISTA  
1940-2000**

Município Atual	1940			1950			1960	
	Urbano	Suburbano	Rural	Urbano	Suburbano	Rural	Urbano	Rural
Bertioga	.	.	.	331	245	3.118	.	.
Cubatão	908	979	4.683	3.697	2.729	5.377	18.885	6.281
Guarujá	1.685	3.712	2.142	2.771	6.183	4.249	30.526	10.264
Itanhaém (*)	928	0	3.490	1.640	645	3.464	5.376	1.989
Mongaguá	.	.	.	367	459	560	1.636	729
Peruíbe	.	.	.	.	.	.	2.226	1.200
Praia Grande	.	.	.	.	.	.	.	.
Santos	118.896	36.998	3.104	182.746	15.659	1.463	263.054	2.699
São Vicente	6.397	6.586	4.311	9.408	18.672	3.604	76.445	763
<b>RMBS</b>	<b>128.814</b>	<b>48.275</b>	<b>17.730</b>	<b>200.960</b>	<b>44.592</b>	<b>21.835</b>	<b>398.148</b>	<b>23.925</b>
<b>Estado SP</b>	<b>2.687.327</b>	<b>480.784</b>	<b>4.012.205</b>	<b>3.647.804</b>	<b>1.156.407</b>	<b>4.330.212</b>	<b>8.044.377</b>	<b>4.779.429</b>

(\*) O município de Itanhaém em 1940 possuía o distrito de Itariri, instalado em 1949, que continha 6.460 pessoas em 1940.

Município Atual	1970		1980		1991		2000	
	Urbano	Rural	Urbano	Rural	Urbano	Rural	Urbano	Rural
Bertioga	2.572	1.003	3.777	456	11.315	158	29.178	861
Cubatão	37.147	13.759	78.303	327	90.659	477	107.661	648
Guarujá	90.514	3.507	151.127	0	210.192	15	264.733	79
Itanhaém	12.265	2.250	26.163	1.301	44.820	1.254	71.148	847
Mongaguá	4.660	554	9.826	101	18.904	122	34.942	156
Peruíbe	6.063	903	17.048	1.359	31.311	1.462	50.370	1.081
Praia Grande	19.671	33	66.011	0	123.492	0	193.582	0
Santos	340.855	1.200	410.933	1.515	415.958	1.492	415.747	2.236
São Vicente	115.935	550	192.858	144	268.353	265	303.413	138
<b>RMBS</b>	<b>629.682</b>	<b>23.759</b>	<b>956.046</b>	<b>5.203</b>	<b>1.215.004</b>	<b>5.245</b>	<b>1.470.774</b>	<b>6.046</b>
<b>Estado SP</b>	<b>14.276.239</b>	<b>3.495.709</b>	<b>22.196.896</b>	<b>2.845.178</b>	<b>29.314.861</b>	<b>2.274.064</b>	<b>34.592.851</b>	<b>2.439.552</b>

Nota: Nos anos de 1940, 1950 e 1960 foi recenseada a população presente e nos demais a população residente.

Fonte: FIBGE, Censos Demográficos de 1940 a 2000.

Verifica-se também, com a **Tabela 5**, a pequena dimensão da população rural para os municípios da RMBS. Especialmente de 1970 para 1980, houve uma grande redução no volume de população rural da Baixada Santista (de quase 24 mil para pouco mais de 5 mil pessoas), que deve expressar uma reclassificação da situação do domicílio. Mas embora pequena, a população rural de alguns municípios tem crescido desde então, como para Cubatão, Guarujá e Mongaguá. Bertioga e Santos

também apresentaram volumes crescentes desta população durante os anos 1990.

Este crescimento da população rural seria dado pela população que se dirige a novos espaços, mais adequados à sua situação financeira, ainda não valorizados, com poucos equipamentos urbanos, onde o preço do solo é menor. Os graus de urbanização e de "ruralização" destes municípios são apresentados na **Tabela 6**. O que se percebe com esta tabela é a urbanização precoce da região.

Já em 1940, a RMBS possuía 91% de sua população morando em áreas urbanas, enquanto que este índice era de apenas 44% para o Estado de São Paulo na época. E em 1980, o grau de urbanização da região era de mais de 99%, sendo que seis dos nove municípios apresentavam índices próximos a 100%.

Para uma análise inicial da migração que se direciona para a Região Metropolitana da Baixada Santista, a **Tabela 7** aponta que, coincidentemente, o volume de

imigrantes da RMBS foi o mesmo no período 1970-80 (285.415 pessoas) e no período 1981-91 (285.414 pessoas). O que diferiu um período do outro foi a participação dos locais de residência anterior na migração para a RMBS. Enquanto os migrantes provenientes do Estado de São Paulo aumentaram sua participação na migração, de 61% para 70%, as demais UF's diminuíram sua participação, de maneira geral. Pode-se perceber que a migração para a RMBS estava se tornando mais seletiva, com respeito à UF anterior.

**Tabela 6**

**GRAU DE URBANIZAÇÃO E DE RURALIZAÇÃO POR MUNICÍPIOS  
REGIÃO METROPOLITANA DA BAIXADA SANTISTA  
1940-2000**

Município Atual	1940		1950		1960	
	Urbano	Rural	Urbano	Rural	Urbano	Rural
Bertioga	.	.	15,6	84,4	.	.
Cubatão	28,7	71,3	54,4	45,6	75,0	25,0
Guarujá	71,6	28,4	67,8	32,2	74,8	25,2
Itanhaém	21,0	79,0	39,7	60,3	73,0	27,0
Mongaguá	.	.	59,6	40,4	69,2	30,8
Peruíbe	.	.	.	.	65,0	35,0
Praia Grande	.	.	.	.	.	.
Santos	98,0	2,0	99,3	0,7	99,0	1,0
São Vicente	75,1	24,9	88,6	11,4	99,0	1,0
<b>RMBS</b>	<b>90,9</b>	<b>9,1</b>	<b>91,8</b>	<b>8,2</b>	<b>94,3</b>	<b>5,7</b>
<b>Estado SP</b>	<b>44,1</b>	<b>55,9</b>	<b>52,6</b>	<b>47,4</b>	<b>62,7</b>	<b>37,3</b>

Município Atual	1970		1980		1991		2000	
	Urbano	Rural	Urbano	Rural	Urbano	Rural	Urbano	Rural
Bertioga	71,9	28,1	89,2	10,8	98,6	1,4	97,1	2,9
Cubatão	73,0	27,0	99,6	0,4	99,5	0,5	99,4	0,6
Guarujá	96,3	3,7	100	0	100	0	100	0
Itanhaém	84,5	15,5	95,3	4,7	97,3	2,7	98,8	1,2
Mongaguá	89,4	10,6	99,0	1,0	99,4	0,6	99,6	0,4
Peruíbe	87,0	13,0	92,6	7,4	95,5	4,5	97,9	2,1
Praia Grande	99,8	0,2	100	0	100	0	100	0
Santos	99,6	0,4	99,6	0,4	99,6	0,4	99,5	0,5
São Vicente	99,5	0,5	99,9	0,1	99,9	0,1	100	0
<b>RMBS</b>	<b>96,4</b>	<b>3,6</b>	<b>99,5</b>	<b>0,5</b>	<b>99,6</b>	<b>0,4</b>	<b>99,6</b>	<b>0,4</b>
<b>Estado SP</b>	<b>80,3</b>	<b>19,7</b>	<b>88,6</b>	<b>11,4</b>	<b>92,8</b>	<b>7,2</b>	<b>93,4</b>	<b>6,6</b>

Nota: Nos anos de 1940, 1950 e 1960 foi recenseada a população presente e nos demais a população residente.

Fonte: FIBGE, Censos Demográficos de 1940 a 2000.

As distâncias que os migrantes percorrem se tornavam mais reduzidas, em função da crise econômica dos anos 1980, que afetou as oportunidades de trabalho da região, atraindo mais migrantes com maior qualificação, em termos percentuais. O próximo tópico irá mostrar que os migrantes intrametropolitanos, por exemplo, apresentavam, nos anos 1980, uma escolaridade maior que os demais migrantes, especialmente em Cubatão, onde se situa a grande parte do parque industrial da Baixada Santista.

Considerando-se a migração proveniente do Estado de São Paulo, dos 61% na década de 1970, 48%

eram referentes aos migrantes provenientes da própria RMBS (intrametropolitanos) e da Região Metropolitana de São Paulo (RMSP). Estas categorias correspondiam a 78,3% da migração do Estado. Na década de 1980, os migrantes da RMBS e da RMSP somavam juntos 55% de toda a migração para a RMBS, o que correspondia a 78,6% da migração com origem no Estado de São Paulo. Portanto, esta participação foi praticamente a mesma nos dois períodos.

São apresentados também os gráficos 1 e 2, referentes à **Tabela 7**, para possibilitar uma melhor visualização da participação de cada região na migração para a RMBS.

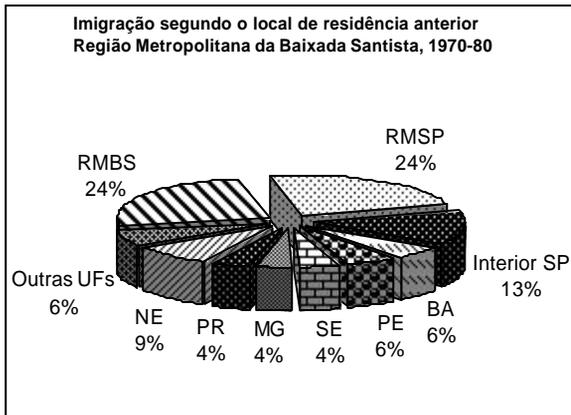
**Tabela 7**

IMIGRANTES NÃO NATURAIS SEGUNDO SUA ORIGEM  
REGIÃO METROPOLITANA DA BAIXADA SANTISTA  
1970-1991

Local de Residência Anterior	1970/80		1981/91	
	Volume	(%)	Volume	(%)
<b>Total Geral</b>	<b>285.415</b>	<b>100</b>	<b>285.414</b>	<b>100</b>
<b>Estado de São Paulo</b>	<b>174.506</b>	<b>61,1</b>	<b>199.468</b>	<b>69,9</b>
Baixada Santista	69.122	24,2	82.122	28,8
Grande São Paulo	67.497	23,6	74.766	26,2
Outros municípios	37.887	13,3	42.580	14,9
Outras UFs	108.643	38,1	84.476	29,6
Outros (*)	2.266	0,8	1.470	0,5

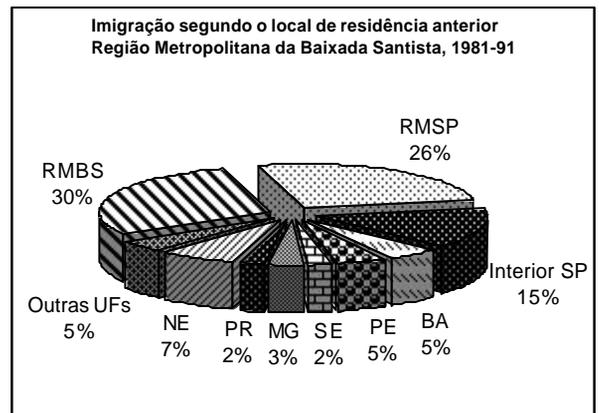
(\*) Inclui "Brasil sem especificação", "Países Estrangeiros" e "Ignorados".  
Fonte: Jakob (2001a).

**Gráfico 1**



Fonte: Jakob (2001a).

**Gráfico 2**



Os gráficos 1 e 2 deixam clara a importante participação dos migrantes provenientes do Estado de São Paulo, e que aos poucos estava aumentando. Nota-se também a significativa contribuição das UFs da Bahia, Pernambuco, Sergipe, Minas Gerais e Paraná como origem dos

migrantes para a RMBS.

No que tange à participação da migração de indivíduos não naturais do município de destino no incremento populacional da região, a **Tabela 8** traz uma comparação entre o Estado de São Paulo e a RMBS.

---

**Tabela 8**

PARTICIPAÇÃO DA IMIGRAÇÃO NO INCREMENTO POPULACIONAL  
ESTADO DE SÃO PAULO E REGIÃO METROPOLITANA DA BAIXADA SANTISTA  
1970-1991

	Estado de São Paulo		RMBS	
	1970/80	1981/91	1970/80	1981/91
Volume de Imigração	3.054.081	2.347.347	216.293	203.292
População Média	21.407.011	28.315.500	807.342	1.090.746
Taxa de Imigração (%a.a.)	1,43	0,83	2,68	1,86
Incremento Populacional	7.270.126	6.546.851	307.802	259.006
Participação da Imigração	42,0%	35,9%	70,3%	78,5%

Fonte: Jakob (2001b).

A **Tabela 8** mostra que, enquanto a participação da imigração caiu no Estado de São Paulo entre as décadas de 1970 e de 1980, de 42% para 36% do aumento populacional, no caso da RMBS esta participação aumentou, de 70,3% para 78,5% do incremento no mesmo período. E isto com a taxa de imigração caindo, de 2,7% ao ano para 1,9% ao ano entre as décadas de 1970 e de 1980. É importante ressaltar que os volumes de imigração para a RMBS não consideraram a imigração intra-metropolitana, de 69.122 pessoas no período 1970-80 e de 82.122 pessoas no período 1981-91, que se somados aos volumes apresentados na **Tabela 8**, resultariam nos valores de 285.415 e 285.414 mostrados na **Tabela 7**.

As tabelas 7 e 8 também deixam claro que os volumes de

imigração intrametropolitana, com seu aumento no decorrer dos períodos citados foram, em grande parte, os responsáveis pela manutenção do volume de pouco mais de 285 mil pessoas que chegaram na região entre as décadas de 1970 e de 1980.

Para uma análise mais apurada da participação da migração no crescimento populacional da região, foi criada a **Tabela 9**, que apresenta o crescimento absoluto, o crescimento vegetativo e seu correspondente saldo migratório, calculado a partir da diferença entre as duas primeiras medidas<sup>4</sup>. Estes valores foram obtidos para os municípios da RMBS, assim como para o total da região. Os dados do município de Bertioga foram agregados com os dados de Santos no período 1970-1991, uma vez que Bertioga era distrito de Santos neste período mencionado.

---

4. As informações presentes nesta tabela se referem a medidas obtidas a partir de métodos indiretos, para o cálculo do crescimento vegetativo dos municípios.

**Tabela 9**  
**COMPONENTES DO CRESCIMENTO POPULACIONAL**  
**REGIÃO METROPOLITANA DA BAIXADA SANTISTA**  
**1970-2000**

Municípios	Crescimento Absoluto			Crescimento Vegetativo			Saldo Migratório		
	1970/80	1980/91	1991/2000	1970/80	1980/91	1991/2000	1970/80	1980/91	1991/2000
Bertioga	-	-	18.566	-	-	3.122	-	-	15.444
Cubatão	27.725	12.505	17.173	16.200	22.341	15.130	11.525	-9.836	2.043
Guarujá	57.106	59.080	54.605	30.154	45.406	33.779	26.952	13.674	20.826
Itanhaém	12.949	18.610	25.921	4.670	8.474	6.958	8.279	10.136	18.963
Mongaguá	4.714	9.098	16.072	1.216	2.678	2.752	3.498	6.420	13.320
Peruíbe	11.445	14.362	18.678	2.370	5.618	6.177	9.075	8.744	12.501
Praia Grande	46.300	57.488	70.090	4.353	16.079	17.719	41.947	41.409	52.371
Santos	71.051	12.242	533	62.386	57.532	20.315	8.665	-45.290	-19.782
São Vicente	76.523	75.610	34.933	30.689	47.879	32.584	45.834	27.731	2.349
<b>RMBS</b>	<b>307.813</b>	<b>258.995</b>	<b>256.571</b>	<b>152.038</b>	<b>206.007</b>	<b>138.536</b>	<b>155.775</b>	<b>52.988</b>	<b>118.035</b>

Fontes: FIBGE, Censos Demográficos de 1970 a 2000. Fundação SEADE. Saldos Migratórios.

Verifica-se, a partir da **Tabela 9**, que a migração foi responsável por 50,6% do aumento populacional no período 1970/80, caindo para 20,5% no período 1980/91, e subindo novamente para 46% em 1991/2000. Segundo a Fundação SEADE (1990), a participação da migração no aumento populacional da região para o período 1960/70 foi de 48,5%. Pode-se então dizer que a migração possuiu uma participação crescente para o aumento populacional da RMBS até a década de 1970, auge da migração na região, caiu significativamente na década de 1980, conseqüência sem dúvida da crise econômica que assolava o país como um todo, e que apresentava indícios de uma recuperação nos anos 1990.

A **Tabela 9** mostra que os anos 1980 representaram um período incomum no que tange aos saldos migratórios, com uma redução muito significativa destes valores. Pode-se também verificar a

consolidação do processo de periferização da população na Baixada Santista, com saldos crescentes para os municípios mais periféricos da região. O município de Praia Grande continuava a apresentar os maiores valores de saldo migratório, registrados na RMBS, enquanto São Vicente continuava com a tendência de importante redução nestes valores.

É possível inferir, com isto, que o município de São Vicente deve apresentar, já na próxima década, um saldo migratório bem parecido com o saldo de Santos. E a recuperação do saldo migratório de Cubatão, verificada nos anos 1990, pode significar, em grande parte, um redirecionamento da população de Santos para locais situados em Cubatão, e bem próximos a Santos, o que também não deixa de ser uma tendência de periferização da população.

Baeninger e Souza (1994) citam que o período 1970/80 marcou o início do processo de periferização e de "favelização" na

região, por parte da população de baixa renda, aumentando a violência com o agravamento da crise econômica. Já na década de 1970, a região apresentava uma periferização condizente com os aglomerados urbanos de maior importância, em estágios mais atuais de desconcentração populacional.

Santos (1992) coloca que com as obras de expansão do porto de Santos, e a piora da qualidade do ar em Cubatão, que se fizeram sentir na década de 1980, a população destes locais começou a sentir os efeitos da poluição na baía e nas praias de Santos, assim como na cidade de Cubatão, produzindo então estes volumes negativos de saldos migratórios apresentados acima. Mas melhorias na qualidade do ar de Cubatão e da balneabilidade das praias de Santos estavam começando a surtir efeito, acabando com a tendência de queda dos saldos migratórios destes municípios.

Tratando-se agora dos migrantes com tempo de residência na UF de São Paulo menor que 10 anos, a **Tabela 10** contabiliza o volume destes migrantes que chegaram na Região Metropolitana da Baixada Santista durante os períodos 1970-80 e 1981-91, vindos de outras UFs.

Também foram criados gráficos a partir desta tabela (gráficos 3 e 4), com a finalidade de uma melhor visualização destes dados. A **Tabela 10** e os gráficos 3 e 4 mostram a importância da migração proveniente da Bahia, Pernambuco, Sergipe e Minas Gerais para a RMBS, muito embora a migração do Sergipe esteja perdendo participação (de 11% em 1970-80, para 8% no

período 1981-91). A participação da migração de paranaenses também apresentou grande diminuição, de 10% para 6,8% nos períodos abordados. Esta diminuição era esperada, uma vez que trabalhos, como o de Cunha (2001), têm mostrado esta redução para o Estado de São Paulo. Também é importante a migração interestadual de não naturais provenientes do Rio de Janeiro, que no período 1970-80 correspondia a um volume de 7.879 pessoas (6,3% do total da migração), e na década de 1980 apresentou um volume de 6.346 pessoas (6,6% do total).

Assim, no decorrer das décadas de 1970 e 1980, a maior parte da migração para a RMBS, proveniente de outros estados, se concentrava nos estados da Região Nordeste, e da Região Sudeste, estes mais próximos da Baixada Santista. Nota-se também que apesar do volume de migrantes interestaduais ter diminuído para todas as UFs, a participação da migração das regiões que mais enviam migrantes para a RMBS vinha aumentando, o que significa que a migração interestadual de não naturais da UF de São Paulo, assim como a intra-estadual de não naturais da RMBS, era mais seletiva com relação à sua origem.

É importante ressaltar também que, na **Tabela 10**, o Estado de Tocantins foi reconstituído para as análises do período 1970-80, sendo seus dados incluídos na categoria da Região Norte, e não no grupo da Região Centro-Oeste, onde está o Estado de Goiás, de onde foi desmembrado. Esta reconstituição foi feita com base na análise dos municípios de Goiás em 1980 que originaram Tocantins, já presente em 1991.

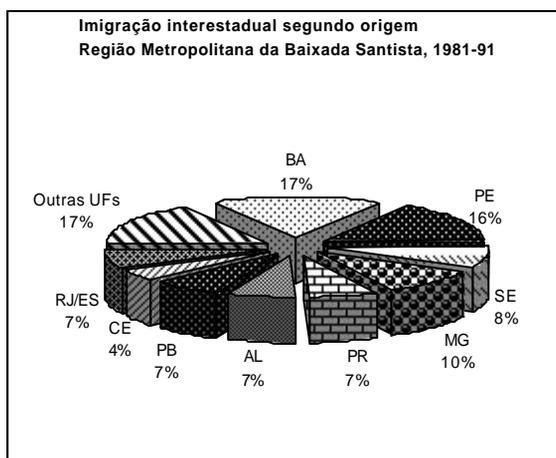
**Tabela 10**

**IMIGRANTES INTERESTADUAIS NÃO NATURAIS SEGUNDO SUA ORIGEM.  
REGIÃO METROPOLITANA DA BAIXADA SANTISTA  
1970-1991**

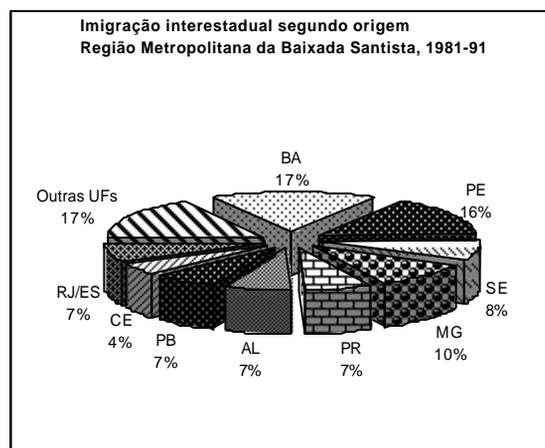
Residência Anterior	1970/80		1981/91	
	Volume	(%)	Volume	(%)
<b>Total</b>	<b>124.677</b>	<b>100</b>	<b>95.660</b>	<b>100</b>
Bahia	18.474	14,8	16.164	16,9
Pernambuco	17.982	14,4	14.879	15,6
Sergipe	13.835	11,1	7.803	8,2
Minas Gerais	12.366	9,9	9.826	10,3
Paraná	12.582	10,1	6.550	6,8
Alagoas	7.694	6,2	6.572	6,9
Paraíba	6.637	5,3	6.450	6,7
Ceará	5.431	4,4	4.265	4,5
R.G.Norte	5.835	4,7	3.570	3,7
RJ/ES	9.339	7,5	7.001	7,3
SC/RS	4.548	3,6	3.526	3,7
MA/PI	2.782	2,2	3.328	3,5
Centro-Oeste	3.516	2,8	2.527	2,6
Norte	1.132	0,9	1.799	1,9
Outros (*)	2.523	2,0	1.401	1,5

(\*) Inclui "Brasil sem especificação", "Países Estrangeiros" e "Ignorados".  
Fonte: FIBGE, Censos Demográficos de 1980 e 1991. Tabulações Especiais.

**Gráfico 3**



**Gráfico 4**



Fonte: Tabela 10.

O tópico a seguir analisa a evolução do perfil da população e da migração ao nível municipal, caracterizando o tipo e a origem da migração e do migrante, suas

condições de moradia, idade, sexo, escolaridade, renda, além da evolução da população economicamente ativa (PEA), da mobilidade pendular e da população flutuante.

---

## **A EVOLUÇÃO DO PERFIL DA POPULAÇÃO E DA MIGRAÇÃO: ALGUMAS RESPOSTAS SÓCIO-DEMOGRÁFICAS AO PROCESSO DE EXPANSÃO**

Ao se recordar a teoria da expansão urbana, de Hawley (demonstrada por Gottdiener, 1997), que diz que as pressões populacionais atuam como um motor endógeno de crescimento, fazendo o espaço de assentamento se expandir para adaptar-se a esta mudança, pode-se dizer que a migração populacional tem sido um dos fatores principais da expansão da mancha urbana na Região Metropolitana da Baixada Santista, assim como para muitos outros locais. A redistribuição espacial da população pode também implicar em um envelhecimento ou rejuvenescimento dos espaços.

Assim, uma análise da migração é fundamental para se avaliar em que medida os migrantes se diferenciam dos não migrantes da região, e se esta diferenciação tem se reduzido ou aumentado com o tempo. Isto proporcionaria uma avaliação de como os espaços de assentamento vão sendo modificados pela população e qual o impacto da migração neste processo.

Na Baixada Santista, outros fatores também são importantes para esta análise da ocupação dos espaços. Entre eles, se destacam os movimentos pendulares, caracterizados pelos deslocamentos diários da população que trabalha ou estuda em um município diferente daquele de residência, e a participação da população flutuante, de veraneio, no processo de “periferização” da população.

O propósito deste tópico é analisar a evolução do perfil da população e da migração ao nível municipal, abrangendo também a mobilidade pendular e a população flutuante da região. Assim, foram feitas análises do ponto de vista demográfico, e posteriormente, do socioeconômico, para um estudo um pouco mais independente destas duas dimensões observadas. O primeiro item trata das características demográficas.

No início do ponto de vista demográfico, o item a seguir trata do tipo de migração, segundo sua origem, e também da questão da migração segundo a Unidade da Federação (UF) de nascimento, em uma análise da formação das pressões populacionais, que causam a expansão urbana.

---

### **A CARACTERIZAÇÃO DO TIPO DE MIGRAÇÃO**

Analisando-se a origem do migrante que chega em algum município integrante da Região Metropolitana da Baixada Santista, a **Tabela 11** traz a participação dos imigrantes segundo sua UF de residência anterior, para os três períodos analisados. Vale lembrar que no primeiro período (1959-70), os valores dos migrantes intrametropolitanos foram agregados na UF de São Paulo, em virtude na impossibilidade de desagregá-los.

Também cabe aqui ressaltar que nos microdados dos Censos de 1970 e de 1980, foi possível obter as informações demográficas ao nível distrital, não possível no Censo de 1991. Optou-se, assim, por analisar as informações para estes censos também para o Distrito de Bertiooga, pertencente ao município de Santos, que viria a se desmembrar somente no final do ano de 1991, e também para o Distrito de Vicente de Carvalho, pertencente ao Guarujá, que apresenta características bem distintas da sede do município, verificadas mais adiante.

A **Tabela 11** ratifica a participação cada vez maior dos migrantes provenientes da UF de São Paulo com o decorrer dos anos nos municípios da RMBS, como já apontado anteriormente, de 58,6% da migração para a RMBS em 1959-70, para 61,1% em 1970-80, e 69,9% no período 1981-91. E dentro desta categoria, o peso relativo da migração intrametropolitana aumentava de forma gradual. Correspondia a 39,6% da migração proveniente da UF de São Paulo em 1970-80 e passou a corresponder 41,1% desta migração no período 1981-91. Enquanto a imigração intrametropolitana ganhou 13 mil pessoas a mais entre os dois períodos abordados (69.122 e 82.122 pessoas, respectivamente), a imigração de outros municípios do Estado ganhou 11.962 pessoas a mais (105.384 e 117.346 pessoas).

Deve-se lembrar que estas análises correspondem à última etapa da migração das pessoas. A observação de seu local de nascimento poderia verificar de onde realmente estas são provenientes. Isto será feito a seguir.

Nota-se na **Tabela 11**, que a participação da migração proveniente de São Paulo caiu nos anos 1970 para os municípios de Cubatão, Guarujá, Itanhaém, Mongaguá e para o Distrito de Vicente de Carvalho. E o peso relativo da migração das UFs do Nordeste aumentou nestes. Este peso relativo foi de mais de 10% para Cubatão, Guarujá e Vicente de Carvalho.

O município de Cubatão sempre apresentou as menores participações das migrações provenientes de São Paulo. Seu parque industrial deve ter sido o responsável por atrair mais migrantes provenientes de outras UFs. Vale ressaltar também a migração de Sergipanos para Vicente de Carvalho, e de Mineiros para Bertiooga, talvez em função de redes sociais criadas nos locais de destino.

O município de Santos também era tido como um grande pólo de atração de migrantes, mas gradualmente foi reduzindo sua atração, implicando inclusive na grande redução de taxas de crescimento populacional, visualizadas na **Tabela 4** e no **Mapa 2**. Como se poderá mostrar, boa parte desta redução foi devido à expansão urbana para fora dos limites deste município.

**Tabela 11**

PARTICIPAÇÃO DA IMIGRAÇÃO SEGUNDO LOCAL DE RESIDÊNCIA ANTERIOR  
REGIÃO METROPOLITANA DA BAIXADA SANTISTA  
1959-1991

Residência	Atual	Local de Residência Anterior													Total
		Intrametrop.	SP	BA	PE	SE	MG	PR	RJ/ES	SC/RS	NE(-BA,PE,SE)	CO	NORTE	Outros (*)	
1959-1970	Cubatão	-	37,1	9,3	7,5	5,9	16,2	3,1	10,5	1,1	7,7	0,8	0,1	0,6	<b>23.693</b>
	Guarujá	-	70,9	6,7	3,8	1,7	2,5	1,7	2,2	2,5	6,4	0,6	0,1	0,8	<b>17.919</b>
	Distr.V.Carvalho	-	57,2	4,0	5,1	9,4	1,7	2,8	3,3	2,2	12,0	1,1	0,3	0,9	<b>24.452</b>
	Itanhaém	-	71,8	6,2	1,8	2,6	3,7	4,5	0,2	0,2	6,8	0,7	0	1,6	<b>7.211</b>
	Mongaguá	-	85,2	3,2	1,1	2,5	3,3	0,9	2,4	0	0,3	0,5	0	0,5	<b>2.918</b>
	Peruíbe	-	75,9	6,7	1,6	0,9	8,4	1,2	2,3	0,5	0,8	1,0	0	0,7	<b>3.705</b>
	Praia Grande	-	71,9	9,2	3,7	1,1	4,5	2,8	0,9	0,5	3,8	0,5	0	1,2	<b>11.918</b>
	Santos	-	46,8	6,9	4,4	8,4	6,4	3,7	5,5	3,9	7,0	1,2	0,6	5,2	<b>70.051</b>
	Distr.Bertioga	-	52,0	7,6	3,5	4,3	12,4	0	2,0	1,8	10,8	0	0	5,4	<b>830</b>
	São Vicente	-	75,2	4,1	3,4	3,3	3,3	2,1	1,7	1,0	3,9	0,9	0,3	0,8	<b>45.771</b>
<b>Total RMBS</b>	-	<b>58,6</b>	<b>6,2</b>	<b>4,3</b>	<b>5,7</b>	<b>5,8</b>	<b>2,9</b>	<b>4,1</b>	<b>2,2</b>	<b>6,6</b>	<b>0,9</b>	<b>0,3</b>	<b>2,3</b>	<b>208.468</b>	
1970-1980	Cubatão	13,4	19,2	7,4	18,0	5,3	9,5	6,2	4,7	0,9	12,6	2,3	0,3	0,2	<b>30.943</b>
	Guarujá	23,2	31,2	6,9	5,6	3,1	3,7	3,2	3,0	2,8	15,4	1,1	0,2	0,6	<b>25.297</b>
	Distr.V.Carvalho	24,2	19,9	5,7	7,5	9,5	2,7	4,8	3,1	1,6	18,1	2,2	0,3	0,2	<b>19.061</b>
	Itanhaém	14,8	54,2	4,8	1,9	1,0	5,4	4,6	1,4	0,6	9,4	1,6	0,04	0,2	<b>10.727</b>
	Mongaguá	20,4	61,7	5,9	1,3	0,4	2,6	3,7	1,0	0,1	1,5	1,0	0,2	0,1	<b>4.447</b>
	Peruíbe	19,1	65,6	3,5	0,9	0,5	2,3	4,2	0,4	0,6	2,4	0,4	0	0,1	<b>9.948</b>
	Praia Grande	22,6	55,6	6,5	2,4	0,9	2,0	3,0	1,1	0,5	4,3	0,7	0,2	0,2	<b>38.649</b>
	Santos	9,5	40,2	6,3	5,3	7,4	4,2	5,1	5,0	2,5	10,0	1,5	0,6	2,2	<b>73.105</b>
	Distr.Bertioga	12,7	58,2	2,1	2,4	4,2	10,1	3,2	2,1	0,9	2,8	1,2	0	0	<b>1.313</b>
	São Vicente	47,6	29,2	3,8	2,9	2,5	3,0	2,0	0,8	4,3	0,8	0,3	0,4	<b>71.925</b>	
<b>Total RMBS</b>	<b>24,2</b>	<b>36,9</b>	<b>5,7</b>	<b>5,5</b>	<b>4,2</b>	<b>3,9</b>	<b>4,1</b>	<b>3,0</b>	<b>1,4</b>	<b>8,6</b>	<b>1,3</b>	<b>0,3</b>	<b>0,8</b>	<b>285.415</b>	
1981-1991	Cubatão	20,9	23,2	7,1	17,2	4,0	6,9	4,9	2,6	0,7	10,9	0,7	0,5	0,5	<b>19.553</b>
	Guarujá	17,0	32,9	7,6	7,9	4,1	2,4	2,1	3,2	2,0	18,8	0,9	0,8	0,3	<b>41.044</b>
	Itanhaém	13,2	72,2	2,3	1,6	1,0	3,4	1,8	0,5	0,4	3,3	0,2	0,04	0,1	<b>15.381</b>
	Mongaguá	14,8	70,9	5,4	2,2	0,1	3,1	1,5	0,3	0,4	0,2	0,9	0	0,2	<b>7.784</b>
	Peruíbe	12,0	68,6	3,7	1,7	1,0	4,4	1,9	1,0	0,2	4,9	0,5	0	0,1	<b>13.001</b>
	Praia Grande	37,3	48,4	4,0	1,6	0,8	1,4	1,3	1,0	0,4	2,8	0,4	0,1	0,4	<b>56.509</b>
	Santos	11,0	45,5	5,7	5,0	4,0	5,0	3,6	4,1	2,9	8,2	2,2	1,4	1,4	<b>56.002</b>
São Vicente	51,3	27,6	4,1	2,8	1,8	2,4	1,2	1,9	0,5	4,9	0,7	0,6	0,3	<b>76.140</b>	
<b>Total RMBS</b>	<b>28,8</b>	<b>41,1</b>	<b>5,0</b>	<b>4,6</b>	<b>2,4</b>	<b>3,2</b>	<b>2,1</b>	<b>2,2</b>	<b>1,2</b>	<b>7,3</b>	<b>0,9</b>	<b>0,6</b>	<b>0,5</b>	<b>285.414</b>	

(\*) Inclui "Brasil sem especificação", "Países Estrangeiros" e "Ignorados".

Fonte: FIBGE, Censos Demográficos de 1970, 1980 e 1991. Tabulações Especiais.

A **Tabela 12** mostra a UF de nascimento dos migrantes intrametropolitanos. Como se observa, a grande maioria destes migrantes nasceu no Estado de São Paulo. Verifica-se também que 39% dos migrantes intrametropolitanos do período 1970-80 nasceram em outras UFs que não São Paulo, assim

como 33% em 1981-91. Ou seja, já haviam migrado anteriormente. Isto pode indicar que os migrantes nascidos em outras UFs se dirigiam diretamente para os locais visados inicialmente, e se não conseguiam se inserir no mercado de trabalho local, deixavam a Baixada.

**Tabela 12**

PARTICIPAÇÃO DA IMIGRAÇÃO INTRAMETROPOLITANA SEGUNDO UF DE NASCIMENTO  
REGIÃO METROPOLITANA DA BAIXADA SANTISTA  
1970-1991

	Residência Atual	Local de Nascimento												Total
		SP	BA	PE	SE	MG	PR	RJ/ES	SC/RS	NE (- BA, PE, SE)	CO	NORTE	Outros (*)	
1970- -1980	Cubatão	56,3	6,6	7,0	8,6	5,8	1,2	1,6	0,7	9,7	0,9	0,7	0,8	<b>4.153</b>
	Guarujá	59,9	6,8	5,7	3,4	2,7	2,2	1,5	2,7	9,9	0,3	0,2	4,5	<b>5.869</b>
	Distr.V.Carvalho	56,7	5,3	7,9	10,4	3,4	0,8	2,0	1,3	10,4	0,2	0,2	1,4	<b>4.615</b>
	Itanhaém	70,1	4,4	4,2	4,5	3,8	2,0	1,5	1,6	6,1	0,5	0	1,4	<b>1.586</b>
	Mongaguá	67,6	4,5	2,3	2,1	9,9	0,8	1,1	0	8,0	0,6	0,6	2,5	<b>907</b>
	Peruibe	72,3	4,3	2,7	2,2	5,0	2,2	0,7	2,1	3,5	0,6	0,2	4,1	<b>1.901</b>
	Praia Grande	63,5	6,6	4,3	3,9	4,0	1,5	2,4	1,9	6,8	1,0	0,2	3,8	<b>8.751</b>
	Santos	60,4	5,0	4,4	6,5	5,3	2,1	2,6	1,7	6,5	0,8	0,4	4,4	<b>6.909</b>
	Distr.Bertioga	60,5	2,4	10,2	9,6	5,4	4,8	0	0	2,4	0	0	4,8	<b>167</b>
	São Vicente	60,3	7,5	5,3	6,6	5,1	1,7	1,8	1,4	6,9	0,6	0,3	2,6	<b>34.264</b>
	<b>Total RMBS</b>	<b>60,8</b>	<b>6,7</b>	<b>5,3</b>	<b>6,1</b>	<b>4,7</b>	<b>1,7</b>	<b>1,9</b>	<b>1,5</b>	<b>7,4</b>	<b>0,7</b>	<b>0,3</b>	<b>2,9</b>	<b>69.122</b>
1981- -1991	Cubatão	63,8	5,0	4,9	10,7	2,8	4,1	1,2	0,8	6,4	0,3	0	0	<b>4.096</b>
	Guarujá	68,3	4,5	4,4	3,2	3,6	2,6	2,1	1,1	7,6	0,9	0,7	1,0	<b>6.989</b>
	Itanhaém	71,3	5,3	2,9	2,6	8,8	0,7	0,2	0,7	7,0	0,3	0	0,1	<b>2.034</b>
	Mongaguá	68,3	6,2	3,4	1,7	2,1	2,2	0	0,7	8,8	0	1,0	5,5	<b>1.154</b>
	Peruibe	68,5	6,7	2,9	1,1	2,4	3,1	1,7	0,9	6,6	0	0,6	5,4	<b>1.564</b>
	Praia Grande	69,4	6,9	4,4	4,5	2,7	2,5	1,8	0,9	5,4	0,2	0,04	1,3	<b>21.054</b>
	Santos	70,0	3,7	3,6	3,1	3,7	2,5	2,5	1,4	3,7	0,4	0,9	4,5	<b>6.145</b>
	São Vicente	64,8	6,4	5,8	5,8	3,9	1,6	1,6	1,3	7,3	0,4	0,2	1,0	<b>39.086</b>
	<b>Total RMBS</b>	<b>66,9</b>	<b>6,1</b>	<b>4,9</b>	<b>5,1</b>	<b>3,6</b>	<b>2,1</b>	<b>1,7</b>	<b>1,1</b>	<b>6,5</b>	<b>0,4</b>	<b>0,2</b>	<b>1,4</b>	<b>82.122</b>

(\*) Inclui "Brasil sem especificação", "Países Estrangeiros" e "Ignorados".

Fonte: FIBGE, Censos Demográficos de 1980 e 1991. Tabulações Especiais.

Verifica-se também, na **Tabela 12**, a importância da migração de nordestinos para os Municípios de Cubatão e Guarujá, e de pernambucanos, sergipanos e paranaenses para Bertioga, especialmente nos anos 1970.

Os migrantes provenientes de outros municípios, não integrantes da Região Metropolitana da Baixada Santista, definidos como não metropolitanos, estão inseridos na **Tabela 13**, que os categoriza também por sua UF de nascimento.

Como se percebe na tabela, a maior parte destes migrantes nasceu no Estado de São Paulo, mas com menor participação do que o verificado na tabela anterior. Comparando-se estes dados com os apresentados na **Tabela 11**, nota-se que a participação da imigração dos que nasceram na UF de São Paulo era um pouco menor do que a participação dos provenientes desta UF (36% contra 36,9%, respectivamente), para o período de 1970-80, e um pouco maior para o período 1981-91 (42,5% e

41,1%). Isto mostra que no período 1970-80, a RMBS recebeu mais migrantes provenientes do Estado de São Paulo (e que não nasceram neste estado, e, portanto, já haviam mudado de UF antes), do que no período 1981-91.

Em geral, as mesmas conclusões das tabelas anteriores podem ser aplicadas aos dados da **Tabela 13**, mas é importante ressaltar que no período 1970-80, o município de Cubatão recebeu apenas 12% da migração (3.245 pessoas) de não metropolitanos que nasceram no Estado de São Paulo, contra 60% de nordestinos (16.040 pessoas). O parque industrial de Cubatão lhe conferia um caráter singular, atraindo uma proporção maior de pessoas de fora do Estado de São Paulo. Com a consolidação das indústrias, como se verá mais adiante, ocorreu uma redução nesta migração mais seletiva, com respeito à origem. Vicente de Carvalho também chama atenção com este mesmo perfil: 17% nasceram em São Paulo (2.470 migrantes), 64,5 nasceram no Nordeste (9.320) para o mesmo período.

**Tabela 13**  
**PARTICIPAÇÃO DA IMIGRAÇÃO NÃO METROPOLITANA SEGUNDO UF DE**  
**NASCIMENTO. REGIÃO METROPOLITANA DA BAIXADA SANTISTA**  
**1959-1991**

Residência	Atual	Local de Nascimento												Total
		SP	BA	PE	SE	MG	PR	RJ/ES	SC/RS	NE (- BA, PE, SE)	CO	NORTE	Outros (*)	
1959- -1970	Cubatão	23,8	12,0	9,7	7,8	21,0	1,7	8,9	1,6	11,6	0,4	0,2	1,3	<b>23.693</b>
	Guarujá	48,3	10,9	5,7	3,7	5,5	1,4	2,6	4,5	11,6	0,4	0,3	5,0	<b>17.919</b>
	Distr.V.Carvalho	32,6	8,2	8,5	15,3	3,6	2,1	3,7	3,2	19,7	0,5	0,5	2,1	<b>24.452</b>
	Itanhaém	50,1	9,2	3,8	5,0	7,5	3,1	1,1	1,2	11,4	1,0	0,04	6,5	<b>7.211</b>
	Mongaguá	61,7	13,0	4,4	3,0	8,1	0,5	1,6	0,5	3,2	0	0,1	4,0	<b>2.918</b>
	Peruibe	55,2	11,0	3,2	3,1	11,3	1,6	3,2	1,2	3,8	0,5	0	5,9	<b>3.705</b>
	Praia Grande	48,6	14,4	6,3	2,8	8,3	2,1	1,5	1,4	8,0	0,4	0,1	6,2	<b>11.918</b>
	Santos	35,7	8,4	5,3	9,7	8,4	3,2	4,9	4,6	9,1	1,0	0,7	8,9	<b>70.051</b>
	Distr.Bertioga	30,1	11,6	4,0	8,2	14,9	1,3	4,9	2,4	15,2	0	0	7,3	<b>830</b>
	São Vicente	52,7	7,8	5,7	6,1	6,3	1,9	2,5	2,3	7,3	1,0	0,6	5,8	<b>45.771</b>
	<b>Total RMBS</b>	<b>40,7</b>	<b>9,4</b>	<b>6,2</b>	<b>8,1</b>	<b>8,6</b>	<b>2,3</b>	<b>4,1</b>	<b>3,2</b>	<b>10,3</b>	<b>0,8</b>	<b>0,5</b>	<b>5,9</b>	<b>208.468</b>
	1970- -1980	Cubatão	12,1	10,8	23,2	7,0	14,0	5,9	4,5	1,8	18,9	1,3	0,2	0,4
Guarujá		24,2	13,0	9,5	5,5	7,4	3,2	3,7	4,2	25,1	0,8	0,2	3,1	<b>19.428</b>
Distr.V.Carvalho		17,1	9,2	12,5	15,6	4,4	5,1	3,7	2,1	27,2	2,0	0,5	0,5	<b>14.446</b>
Itanhaém		48,8	7,5	4,5	2,1	9,3	5,0	1,9	1,2	13,8	1,5	0,04	4,1	<b>9.141</b>
Mongaguá		56,9	10,6	4,3	2,3	6,8	5,2	1,9	1,2	4,4	1,0	0,3	5,1	<b>3.540</b>
Peruibe		52,6	10,9	4,0	1,1	9,8	6,0	1,5	2,3	6,4	0,6	0,3	4,4	<b>8.047</b>
Praia Grande		54,7	11,4	5,1	1,8	5,7	3,5	1,5	1,5	8,2	1,1	0,3	5,4	<b>29.898</b>
Santos		36,2	8,3	6,8	9,0	6,9	5,1	4,0	3,5	13,3	1,4	0,9	4,7	<b>66.196</b>
Distr.Bertioga		46,5	6,2	6,5	6,9	14,1	3,3	3,8	2,1	7,1	2,4	0	1,0	<b>1.146</b>
São Vicente		42,2	9,9	8,3	5,7	7,3	4,9	3,4	2,1	11,5	1,1	0,5	3,1	<b>37.661</b>
<b>Total RMBS</b>	<b>36,0</b>	<b>9,9</b>	<b>9,2</b>	<b>6,6</b>	<b>7,8</b>	<b>4,8</b>	<b>3,4</b>	<b>2,6</b>	<b>14,5</b>	<b>1,3</b>	<b>0,5</b>	<b>3,5</b>	<b>216.293</b>	
1981- -1991	Cubatão	16,8	9,8	27,0	6,1	11,1	6,5	2,5	3,0	15,4	0,7	0,3	0,8	<b>15.457</b>
	Guarujá	24,2	13,1	12,0	6,1	4,6	3,0	3,4	2,8	27,8	1,1	0,8	1,2	<b>34.054</b>
	Itanhaém	61,2	6,2	5,5	1,8	7,6	3,2	1,6	1,0	8,9	0,7	0,2	2,2	<b>13.348</b>
	Mongaguá	61,2	10,5	4,9	0,6	7,4	3,3	1,2	1,5	2,8	0,2	0,5	5,8	<b>6.633</b>
	Peruibe	57,9	7,7	5,2	1,5	9,8	3,7	1,0	1,4	7,9	1,0	0,3	2,6	<b>11.440</b>
	Praia Grande	58,3	10,1	4,4	2,3	5,2	3,4	2,4	1,3	8,4	1,1	0,2	2,8	<b>35.455</b>
	Santos	41,5	7,4	6,8	5,0	7,4	4,6	5,2	3,4	12,1	1,7	1,2	3,8	<b>49.852</b>
	São Vicente	41,6	9,8	9,2	6,2	7,1	3,4	3,1	1,7	14,1	1,0	0,7	2,1	<b>37.054</b>
<b>Total RMBS</b>	<b>42,5</b>	<b>9,5</b>	<b>9,0</b>	<b>4,5</b>	<b>6,9</b>	<b>3,8</b>	<b>3,2</b>	<b>2,3</b>	<b>13,9</b>	<b>1,1</b>	<b>0,7</b>	<b>2,5</b>	<b>203.293</b>	

(\*) Inclui "Brasil sem especificação", "Países Estrangeiros" e "Ignorados".

Fonte: FIBGE, Censos Demográficos de 1980 e 1991. Tabulações Especiais.

Com isto, fica claro que, a partir destes períodos analisados, a migração das pessoas vindas do Estado de São Paulo apresentou um crescimento de seu peso relativo, mas grande parte destas pessoas não nasceu em São Paulo. Cubatão, por exemplo, no período 1981-91, recebeu 8.630 migrantes (44,1% provenientes da UF de São Paulo, mas destes, 5.211 (2.615 intrametropolitanos e 2.596 não metropolitanos) nasceram em São Paulo. Ou seja, perto de 40% destes não nasceram em São Paulo.

Para a Região Metropolitana em geral, pode-se concluir que a migração dos que não nasceram na

UF de São Paulo, e que são provenientes desta, estava gradualmente caindo com o decorrer dos anos. A migração estava se tornando mais seletiva com relação à origem, se concentrando mais na UF anterior de São Paulo. E nesta UF anterior de São Paulo, também existia uma concentração maior de migrantes com destino à RMBS que nasceram no próprio estado.

E uma vez que a importância da migração intra-estadual aumentava gradativamente, a **Tabela 14** traz este tipo de fluxos migratórios de migrantes não naturais do município de residência no momento do recenseamento.

O que se nota com esta tabela é que a RMBS em geral recebia mais migrantes do que enviava, para o Estado de São Paulo.

As trocas migratórias para com a Região Metropolitana de São Paulo (RMSP) mostram que no período 1970-80, a RMBS recebeu da RMSP perto de 67.500 migrantes

e enviou 33.040, totalizando uma diferença de mais de 34.400 pessoas. E no período 1981-91, a RMBS recebeu quase 74.800 migrantes e enviou 22.825 migrantes, resultando em uma diferença de quase 52 mil pessoas. Portanto, aumentou o peso relativo da migração proveniente da RMSP.

**Tabela 14**

FLUXOS MIGRATÓRIOS INTRA-ESTADUAIS DE NÃO NATURAIS DO MUNICÍPIO DE  
RESIDÊNCIA NA DATA DO CENSO  
REGIÃO METROPOLITANA DA BAIXADA SANTISTA  
REGIÃO METROPOLITANA DE SÃO PAULO  
E DEMAIS MUNICÍPIOS DO ESTADO DE SÃO PAULO  
1970-1991

	Município Atual	Município Anterior									Total RMBS	RMSP	Outros SP	Total Estado
		Cubatão	Guarujá	Itanhaém	Mongaguá	Peruíbe	Praia Grande	Santos	São Vicente					
1970-1980	Cubatão	-	280	40	4	29	50	2.972	778	<b>4.153</b>	3.141	2.803	<b>10.097</b>	
	Guarujá	948	-	60	0	156	134	7.974	1.212	<b>10.484</b>	6.983	4.715	<b>22.182</b>	
	Itanhaém	65	179	-	201	263	140	439	299	<b>1.586</b>	3.501	2.314	<b>7.401</b>	
	Mongaguá	38	10	226	-	121	208	226	78	<b>907</b>	1.895	848	<b>3.650</b>	
	Peruíbe	69	114	599	75	-	49	724	271	<b>1.901</b>	3.930	2.595	<b>8.426</b>	
	Praia Grande	460	345	149	416	201	-	3.860	3.320	<b>8.751</b>	16.999	4.505	<b>30.255</b>	
	Santos	1.506	1.664	248	59	169	292	-	3.138	<b>7.076</b>	18.194	11.991	<b>37.261</b>	
	São Vicente	5.303	1.818	358	155	181	1.109	25.340	-	<b>34.264</b>	12.854	8.116	<b>55.234</b>	
	<b>Total RMBS</b>	<b>8.389</b>	<b>4.410</b>	<b>1.680</b>	<b>910</b>	<b>1.120</b>	<b>1.982</b>	<b>41.535</b>	<b>9.096</b>	<b>69.122</b>	<b>67.497</b>	<b>37.887</b>	<b>174.506</b>	
	RMSP	2.277	1.884	666	150	477	538	24.493	2.557	<b>33.042</b>	919.802	510.104	<b>1.462.948</b>	
Outros SP	987	1.140	895	173	724	423	14.126	2.603	<b>21.071</b>	383.889	1.728.625	<b>2.133.585</b>		
<b>Total Estado</b>	<b>11.653</b>	<b>7.434</b>	<b>3.241</b>	<b>1.233</b>	<b>2.321</b>	<b>2.943</b>	<b>80.154</b>	<b>14.256</b>	<b>123.235</b>	<b>1.371.188</b>	<b>2.276.616</b>	<b>3.771.039</b>		
1981-1991	Cubatão	-	575	20	0	16	137	2.530	818	<b>4.096</b>	2.231	2.303	<b>8.630</b>	
	Guarujá	506	-	295	66	70	405	4.691	956	<b>6.989</b>	8.028	5.470	<b>20.487</b>	
	Itanhaém	44	83	-	412	326	308	733	128	<b>2.034</b>	7.736	3.372	<b>13.142</b>	
	Mongaguá	12	115	126	-	44	272	265	320	<b>1.154</b>	4.488	1.027	<b>6.669</b>	
	Peruíbe	59	60	321	69	-	346	421	288	<b>1.564</b>	5.375	3.551	<b>10.490</b>	
	Praia Grande	1.865	892	142	597	238	-	9.587	7.733	<b>21.054</b>	20.443	6.887	<b>48.384</b>	
	Santos	786	1.758	82	21	187	449	-	2.862	<b>6.145</b>	14.715	10.739	<b>31.599</b>	
	São Vicente	5.505	1.997	269	17	163	1.708	29.427	-	<b>39.086</b>	11.750	9.231	<b>60.067</b>	
	<b>Total RMBS</b>	<b>8.777</b>	<b>5.480</b>	<b>1.255</b>	<b>1.182</b>	<b>1.044</b>	<b>3.625</b>	<b>47.654</b>	<b>13.105</b>	<b>82.122</b>	<b>74.766</b>	<b>42.580</b>	<b>199.468</b>	
	RMSP	1.055	2.085	699	306	722	962	15.405	1.591	<b>22.825</b>	894.263	375.790	<b>1.292.878</b>	
Outros SP	1.512	2.990	1.553	343	1.588	1.237	18.330	3.804	<b>31.357</b>	581.216	1.598.441	<b>2.211.014</b>		
<b>Total Estado</b>	<b>11.344</b>	<b>10.555</b>	<b>3.507</b>	<b>1.831</b>	<b>3.354</b>	<b>5.824</b>	<b>81.389</b>	<b>18.500</b>	<b>136.304</b>	<b>1.550.245</b>	<b>2.016.811</b>	<b>3.703.360</b>		

Fonte: FIBGE, Censos Demográficos de 1980 e 1991. Tabulações Especiais.

Referindo-se agora às trocas migratórias com relação aos outros municípios do interior do Estado de São Paulo, a situação muda. Embora o número de imigrantes provenientes destes municípios tenha aumentado em quase 5 mil (de 37.887 em 1970-80 para 42.580 em 1981-91), o

número de emigrantes para estes locais aumentou em mais de 10 mil (de 21.071 para 31.357 pessoas). Sendo assim, a diferença entre estes fluxos caiu de quase 17 mil migrantes para pouco mais de 11 mil migrantes entre os anos 1970 e 80.

Grande parte do aumento dos emigrantes para o interior do estado, entre estes dois períodos abordados, foi devido aos municípios de Santos (cerca de 4.200 emigrantes a mais), Guarujá (1.850 emigrantes a mais) e São Vicente (1.200 a mais).

Com relação aos fluxos intrametropolitanos, os municípios que mais expulsaram migrantes foram Santos (41.500 pessoas em 1970-80 e 47.600 em 1981-91), São Vicente (9.100 e 13.100, respectivamente nos mesmos períodos), e Cubatão (8.300 e 8.700). E os municípios que possuíram a maior diferença do volume de emigrantes entre os dois períodos foram Santos (6.100 emigrantes intrametropolitanos a mais), São Vicente (4 mil a mais), Praia Grande (1.600 a mais) e Guarujá (1.070 a mais).

Tratando-se agora da imigração intrametropolitana, os municípios que mais receberam estes migrantes em 1970-80 foram São Vicente (34.260 pessoas), Guarujá (10.480 pessoas), Praia Grande (8.750 pessoas) e Santos (7.070 pessoas). Já no período 1981-91, os municípios que mais receberam estes migrantes foram os mesmos, mas aquele que mais se sobressaiu foi Praia Grande, tendo recebido 12.300 migrantes intrametropolitanos a mais, e São Vicente, com 4.820 migrantes a mais. A imigração intrametropolitana para o Guarujá apresentou a maior queda entre estes períodos, de 3.500 pessoas (de 10.484 para 6.989 pessoas). Santos também apresentou uma queda de 930 pessoas, assim como Peruíbe e Cubatão.

Confirmou-se assim, a descentralização espacial da população nesta Região Metropolitana, já apontada anteriormente. O “centro” da RMBS,

formado pelos municípios de Santos, São Vicente, Guarujá, e Cubatão, ainda possuía grande importância com relação aos fluxos populacionais, mas apresentavam mais emigrantes que imigrantes intrametropolitanos, principalmente. Quem saía ganhando com isso era o município de Praia Grande, vizinho a São Vicente, que atraiu nos anos 1980 quase o triplo de migrantes intrametropolitanos que o verificado na década anterior.

Para finalizar este item de caracterização do tipo de migração, com relação à origem do migrante que chega à Região Metropolitana da Baixada Santista, cabe aqui uma análise sobre a naturalidade do migrante que chega ao município de destino. Para isto, a **Tabela 15** traz tais informações.

A tabela mostra que grande parte da população da RMBS (59%) era formada por não naturais de seus municípios de residência em 1980. Em Praia Grande, apenas 20% da população residente era natural do município. Mesmo entre os não migrantes, mais da metade destes, em 1980, não havia nascido no local.

Em 1991, o peso relativo dos naturais aumentou na Baixada, o que confirmou a observação de uma maior emigração nos anos 1980, especialmente de não naturais dos municípios da RMBS, além do peso significativo dos filhos dos migrantes, o “efeito indireto” da migração. Os municípios de Itanhaém e Mongaguá apresentaram, ao contrário, uma participação maior dos não naturais no período, em comparação com a década anterior, o que mostra sua importância na expansão urbana em 1981-91.

Santos em 1980 foi o único município a apresentar mais da metade da população como natural. Condição que permaneceu em 1991.

Este fato mostra que já nos anos 1970 o município não estava atraindo mais um número

significativo de migrantes, conforme verificado na **Tabela 14**.

**Tabela 15**

PARTICIPAÇÃO DA NATURALIDADE DAS PESSOAS NO MUNICÍPIO DE RESIDÊNCIA ATUAL  
REGIÃO METROPOLITANA DA BAIXADA SANTISTA  
1970-1991

	Naturalidade no Município		Distrito										Total RMBS	
			Cubatão	Guarujá	V.Carvalho	Itanhaém	Mongaguá	Peruibe	Praia Grande	Santos	Distrito Bertioga	São Vicente	(%)	Volume
1970-1980	População Total	Sim	31,1	31,9	43,3	37,3	32,2	27,4	19,8	51,8	48,3	31,8	<b>40,7</b>	<b>391.162</b>
		Não	68,9	68,1	56,7	62,7	67,8	72,6	80,2	48,2	51,7	68,2	<b>59,3</b>	<b>570.081</b>
	Migr.Intrametrop.	Não	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	<b>100</b>	<b>69.122</b>
	Outros Migrantes	Não	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	<b>100</b>	<b>216.293</b>
	Não Migrantes	Sim	51,3	51,9	55,7	61,1	58,3	59,7	47,8	63,0	71,9	50,7	<b>57,9</b>	<b>391.162</b>
		Não	48,7	48,1	44,3	38,9	41,7	40,3	52,2	37,0	28,1	49,3	<b>42,1</b>	<b>284.666</b>
1981-1991	População Total	Sim	42,0	48,7	-	35,4	30,5	31,8	25,1	54,3	-	39,7	<b>44,6</b>	<b>543.672</b>
		Retorno	1,1	0,7	-	1,2	2,3	4,2	0,5	3,4	-	1,5	<b>2,0</b>	<b>24.106</b>
		Não	56,9	50,6	-	63,5	67,2	64,0	74,5	42,3	-	58,8	<b>53,5</b>	<b>652.468</b>
	Migr.Intrametrop.	Retorno	7,7	5,3	-	3,7	10,4	13,8	0,6	28,3	-	3,4	<b>5,8</b>	<b>5.098</b>
		Não	92,3	94,7	-	96,3	89,6	86,2	99,4	71,7	-	96,6	<b>94,2</b>	<b>82.119</b>
	Outros Migrantes	Retorno	2,0	1,7	-	1,7	2,5	7,2	1,2	9,3	-	3,0	<b>4,2</b>	<b>8.903</b>
		Não	98,0	98,3	-	98,3	97,5	92,8	98,8	90,7	-	97,0	<b>95,8</b>	<b>203.291</b>
	Não Migrantes	Sim	53,5	60,5	-	53,1	51,7	52,7	46,2	62,4	-	55,4	<b>58,2</b>	<b>543.672</b>
		Retorno	1,4	0,9	-	1,8	3,8	7,0	0,9	3,9	-	2,1	<b>2,6</b>	<b>24.106</b>
		Não	45,1	38,6	-	45,2	44,5	40,3	52,9	33,6	-	42,5	<b>39,3</b>	<b>367.056</b>

Fonte: FIBGE, Censos Demográficos de 1980 e 1991. Tabulações Especiais.

A migração de retorno possuía uma importância maior entre os migrantes intrametropolitanos, especialmente para Santos (28% destes migrantes). Mas como estes representavam menos de 6% da migração, decidiu-se tratar destes apenas quando se avaliar a migração de idosos e aposentados para Santos, no tópico seguinte. Para as análises deste tópico, os retornados foram considerados como não migrantes.

Este tópico mostrou que a migração estava se tornando mais seletiva com relação à origem e destino dos migrantes. O peso relativo dos migrantes provenientes (e naturais) do próprio estado vinha aumentando, e Praia Grande aumentando significativamente seu número de imigrantes, especialmente

intrametropolitanos. São Vicente, que ainda atraía a maior parte dos migrantes intrametropolitanos na década de 1980, perdeu participação deste tipo de migrante no período, em prol de Praia Grande, e também reduziu o volume de migrantes com origem na RMSP. E Santos mostrou uma consolidação da tendência de queda na participação relativa dos imigrantes da Baixada, expulsando muito mais migrantes do que recebendo.

A partir dos dados das tabelas 4 e 9, pode-se dizer que, nos anos 1990, o município de Santos estabilizou seu crescimento populacional, demonstrando sua consolidação, e São Vicente começou também a apresentar esta mesma consolidação. Já os municípios mais periféricos, como Bertioga, Praia Grande, Mongaguá, Itanhaém

e Peruíbe continuavam atraindo muitos migrantes, sendo que Itanhaém, Mongaguá e Bertioga aumentaram suas taxas de crescimento populacional, com relação aos anos 1980. Isto deve ter sido causado, em grande parte, por melhorias no saneamento básico destes municípios, aliadas à falta de espaço a ser ocupado nos municípios de Santos e São Vicente, considerados “mais centrais” da região.

Verificando-se que, com exceção de Santos, os não naturais dos municípios da Baixada ainda eram minoria em 1991, o próximo item analisa as características do migrante, comparando-se com o não migrante. Em especial, abordando as características definidas por Cunha (1994), que apontam uma maior propensão da família a migrar, como o tipo de família e o ciclo de vida familiar.

---

#### **A CARACTERIZAÇÃO DO MIGRANTE**

As informações sobre o tipo de família dos migrantes e dos não migrantes, para os períodos de tempo 1959-70, 1970-80 e 1981-91 são apresentadas na **Tabela 16**. Percebe-se, a partir desta, que a maior parte das famílias da Região Metropolitana da Baixada Santista era constituída por casais com filhos. A maior participação deste tipo de família ocorria no distrito de Vicente de Carvalho, para todas as categorias de tipo de migração analisadas. Entre os migrantes, 58% das famílias eram formadas por casais com filhos neste distrito pertencente ao município de Guarujá.

Considerado como periferia de Santos, este distrito concentrava famílias com menor poder aquisitivo que as de Santos, como se verá mais adiante. Estas famílias se dirigiam para Vicente de Carvalho quando as novas formas de ocupação dos espaços à sua volta as

faziam procurar por locais mais adequados às suas condições financeiras.

Mas o que se nota também é que a participação dos casais gradualmente se reduziu com o decorrer dos anos, para todos os municípios estudados, e as demais categorias de famílias ganharam, com isto, um peso relativo maior. Entre os migrantes intrametropolitanos, a categoria que mais cresceu em termos percentuais foi a dos chefes com filhos (de 8,6% em 1970-80 para 12,2% em 1981-91 na RMBS). Também neste grupo de intrametropolitanos, no distrito de Bertioga, em 1970-80, nenhum casal sem filhos apareceu na amostra do censo como tendo imigrado. É verdade que a pequena base populacional de Bertioga (apenas 32 famílias de imigrantes intrametropolitanos após a expansão da amostra) deve ter influenciado neste resultado, mas foi um fato que chamou a atenção.

Os casais, com ou sem filhos, possuíam em geral maior participação entre os migrantes intrametropolitanos, sendo este tipo de migração, portanto, mais familiar, do tipo nuclear. Para Santos e Peruíbe, mais especificamente, estes casais em geral possuíam um peso relativo menor, comparado aos pesos dos demais municípios. Em contrapartida, a participação dos indivíduos sozinhos era relativamente maior nestes dois municípios, em comparação com os demais. Evidenciou-se, então, a maior proporção de migrantes individuais em Santos, em busca de oportunidades de trabalho. E em Peruíbe, de migrantes individuais nos anos 1970 (talvez em busca de oportunidades de trabalho nas plantações do município, ainda significativas na época, como se verá mais adiante) e de famílias com agregados nos anos 1980.

**TABELA 16**

**PARTICIPAÇÃO DO NÚMERO DE FAMÍLIAS PELO TIPO DE FAMÍLIA, SEGUNDO LOCAL DE RESIDÊNCIA ATUAL. REGIÃO METROPOLITANA DA BAIXADA SANTISTA. 1959-1991**

	Residência Atual	1959-70					Total	1970-80					Total	1981-91					Total
		Casal		Chefe				Casal		Chefe				Casal		Chefe			
		Individ.	s/filho	c/filho	c/filho	Outro		Individ.	s/filho	c/filho	c/filho	Outro		Individ.	s/filho	c/filho	c/filho	Outro	
Total de Famílias	Cubatão	8,6	8,5	52,8	6,5	23,6	<b>10.950</b>	9,0	10,4	51,9	7,9	20,8	<b>18.751</b>	7,4	9,0	49,3	12,3	22,0	<b>24.162</b>
	Guarujá	5,9	10,8	53,8	7,3	22,3	<b>7.460</b>	8,3	12,6	51,1	9,6	18,5	<b>16.490</b>	6,2	9,8	51,5	12,9	19,5	<b>55.449</b>
	distr.V.Carvalho	4,8	9,1	56,0	9,5	20,6	<b>12.496</b>	4,6	11,0	56,8	11,0	16,5	<b>19.329</b>	-	-	-	-	-	-
	Itanhaém	8,1	12,5	48,5	6,3	24,5	<b>3.116</b>	9,6	14,9	50,2	9,9	15,4	<b>6.973</b>	9,4	17,0	42,8	11,8	19,0	<b>12.906</b>
	Mongaguá	11,7	15,9	45,4	5,6	21,3	<b>1.252</b>	6,8	16,1	53,3	7,7	16,1	<b>2.440</b>	7,2	17,9	42,2	9,6	23,2	<b>5.218</b>
	Peruíbe	10,1	14,2	45,8	6,1	23,9	<b>1.568</b>	10,5	17,5	48,9	7,4	15,8	<b>4.579</b>	9,9	15,9	42,3	10,3	21,5	<b>8.998</b>
	Praia Grande	8,6	16,8	47,0	4,3	23,3	<b>4.782</b>	8,5	18,2	47,8	7,2	18,3	<b>17.024</b>	8,8	14,9	47,5	10,0	19,0	<b>34.500</b>
	Santos	4,3	13,7	46,0	7,1	28,9	<b>84.873</b>	7,5	14,8	45,5	8,9	23,4	<b>115.585</b>	10,3	15,0	40,6	11,2	22,9	<b>130.799</b>
	distr.Bertioga	7,7	11,1	47,8	6,7	26,7	<b>742</b>	11,0	17,5	46,1	6,6	18,8	<b>1.039</b>	-	-	-	-	-	-
	São Vicente	5,8	12,5	52,4	6,8	22,4	<b>26.519</b>	7,0	13,4	51,3	9,3	19,0	<b>49.055</b>	7,5	11,9	46,4	13,3	20,9	<b>75.001</b>
<b>Total RMBS</b>	<b>5,3</b>	<b>12,7</b>	<b>48,9</b>	<b>7,1</b>	<b>26,0</b>	<b>153.758</b>	<b>7,5</b>	<b>14,1</b>	<b>48,8</b>	<b>9,0</b>	<b>20,7</b>	<b>251.265</b>	<b>8,6</b>	<b>13,2</b>	<b>45,0</b>	<b>11,9</b>	<b>21,3</b>	<b>347.033</b>	
Famílias Migrantes Intrametrop.	Cubatão	-	-	-	-	-	-	6,8	7,9	57,8	10,8	16,8	<b>1.006</b>	10,0	8,5	51,9	7,1	22,5	<b>1.045</b>
	Guarujá	-	-	-	-	-	-	4,4	11,9	54,4	7,9	21,4	<b>1.642</b>	7,3	14,2	50,6	9,9	18,0	<b>2.152</b>
	distr.V.Carvalho	-	-	-	-	-	-	4,5	11,3	58,4	9,0	16,8	<b>1.261</b>	-	-	-	-	-	-
	Itanhaém	-	-	-	-	-	-	8,9	23,5	42,0	9,6	16,0	<b>438</b>	4,8	16,4	40,2	16,6	22,1	<b>652</b>
	Mongaguá	-	-	-	-	-	-	8,2	10,7	54,5	14,6	12,0	<b>233</b>	12,5	7,8	58,4	5,5	15,8	<b>361</b>
	Peruíbe	-	-	-	-	-	-	14,6	17,5	45,9	7,7	14,2	<b>492</b>	6,5	14,1	32,7	13,9	32,7	<b>510</b>
	Praia Grande	-	-	-	-	-	-	7,9	15,4	53,8	7,3	15,5	<b>2.251</b>	7,7	11,2	48,6	12,1	20,3	<b>6.118</b>
	Santos	-	-	-	-	-	-	10,7	14,4	45,0	7,7	22,1	<b>2.065</b>	13,4	15,2	34,2	10,3	26,9	<b>2.056</b>
	distr.Bertioga	-	-	-	-	-	-	12,5	0	50,0	12,5	25,0	<b>32</b>	-	-	-	-	-	-
	São Vicente	-	-	-	-	-	-	7,0	13,3	51,4	8,8	19,5	<b>9.970</b>	7,4	11,1	48,4	13,3	19,8	<b>12.297</b>
<b>Total RMBS</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>7,3</b>	<b>13,4</b>	<b>51,7</b>	<b>8,6</b>	<b>18,9</b>	<b>19.390</b>	<b>8,1</b>	<b>11,8</b>	<b>47,2</b>	<b>12,2</b>	<b>20,7</b>	<b>25.191</b>	
Famílias de Outros Migrantes	Cubatão	9,4	8,6	51,5	6,6	23,9	<b>6.009</b>	11,5	10,4	48,8	7,4	21,9	<b>6.936</b>	11,2	9,5	47,1	10,4	21,8	<b>4.258</b>
	Guarujá	5,1	12,6	53,6	7,9	20,8	<b>4.466</b>	9,1	14,1	49,0	9,4	18,4	<b>5.526</b>	7,2	10,7	49,1	12,0	21,0	<b>10.045</b>
	distr.V.Carvalho	4,4	9,0	57,5	9,4	19,7	<b>6.171</b>	4,6	11,6	58,0	10,0	15,7	<b>3.589</b>	-	-	-	-	-	-
	Itanhaém	8,5	14,0	48,1	6,6	22,7	<b>1.780</b>	9,8	16,3	49,5	9,7	14,7	<b>2.666</b>	10,9	19,7	40,7	10,0	18,7	<b>4.237</b>
	Mongaguá	14,2	17,3	41,3	5,5	21,6	<b>815</b>	6,6	21,3	50,4	6,9	14,7	<b>1.083</b>	8,3	21,1	43,3	4,9	22,3	<b>2.005</b>
	Peruíbe	10,6	16,1	43,1	7,5	22,7	<b>943</b>	10,2	18,9	47,9	7,2	15,8	<b>2.339</b>	10,8	16,2	42,1	8,8	22,0	<b>3.476</b>
	Praia Grande	9,2	16,3	47,2	4,4	22,8	<b>3.389</b>	8,4	20,4	45,6	6,9	18,7	<b>8.784</b>	9,5	17,9	45,8	8,5	18,3	<b>10.989</b>
	Santos	5,6	13,2	43,1	7,2	30,8	<b>16.692</b>	10,9	15,6	40,7	8,1	24,6	<b>18.288</b>	13,7	13,5	37,7	11,8	23,3	<b>14.421</b>
	distr.Bertioga	10,1	4,3	52,1	6,9	26,6	<b>188</b>	8,8	19,9	36,0	8,5	26,9	<b>331</b>	-	-	-	-	-	-
	São Vicente	6,3	13,0	51,8	7,5	21,5	<b>12.045</b>	8,0	14,9	49,8	9,0	18,3	<b>10.213</b>	9,4	13,9	45,5	11,0	20,1	<b>11.193</b>
<b>Total RMBS</b>	<b>6,6</b>	<b>12,4</b>	<b>49,1</b>	<b>7,3</b>	<b>24,6</b>	<b>52.498</b>	<b>9,4</b>	<b>15,5</b>	<b>46,6</b>	<b>8,3</b>	<b>20,3</b>	<b>59.755</b>	<b>10,4</b>	<b>14,5</b>	<b>43,8</b>	<b>10,5</b>	<b>20,9</b>	<b>60.624</b>	
Famílias de Não Migrantes	Cubatão	7,6	8,4	54,3	6,5	23,3	<b>4.941</b>	7,6	10,6	53,4	7,9	20,5	<b>10.809</b>	6,4	8,9	49,6	13,0	22,0	<b>18.856</b>
	Guarujá	7,1	8,1	54,0	6,2	24,6	<b>2.994</b>	8,4	11,9	51,7	10,0	18,0	<b>9.322</b>	5,9	9,4	52,1	13,3	19,2	<b>43.250</b>
	distr.V.Carvalho	5,1	9,2	54,6	9,6	21,4	<b>6.325</b>	4,7	10,9	56,4	11,5	16,6	<b>14.479</b>	-	-	-	-	-	-
	Itanhaém	7,6	10,6	49,0	5,9	26,9	<b>1.336</b>	9,6	13,0	51,6	10,0	15,9	<b>3.869</b>	8,9	15,6	44,2	12,4	18,9	<b>8.016</b>
	Mongaguá	7,1	13,3	53,1	5,7	20,8	<b>437</b>	6,6	12,3	55,8	7,0	18,3	<b>1.124</b>	5,7	16,9	39,3	13,4	24,7	<b>2.852</b>
	Peruíbe	9,4	11,2	49,9	3,8	25,6	<b>625</b>	9,6	15,7	51,0	7,5	16,2	<b>1.748</b>	9,6	16,0	43,3	11,0	20,1	<b>5.013</b>
	Praia Grande	7,0	18,0	46,4	4,3	24,3	<b>1.393</b>	9,0	16,0	48,8	7,5	18,7	<b>5.989</b>	8,7	14,2	48,1	10,1	18,9	<b>17.393</b>
	Santos	4,0	13,8	46,7	7,1	28,4	<b>68.181</b>	6,7	14,7	46,4	9,0	23,1	<b>95.232</b>	9,8	15,2	41,1	11,1	22,8	<b>114.324</b>
	distr.Bertioga	6,9	13,4	46,4	6,7	26,7	<b>554</b>	12,0	17,2	50,9	5,5	14,5	<b>676</b>	-	-	-	-	-	-
	São Vicente	5,4	12,1	53,0	6,3	23,2	<b>14.474</b>	6,7	13,0	51,7	9,5	19,1	<b>28.872</b>	7,1	11,6	46,1	13,8	21,4	<b>51.511</b>
<b>Total RMBS</b>	<b>4,7</b>	<b>12,8</b>	<b>48,8</b>	<b>7,0</b>	<b>26,7</b>	<b>101.260</b>	<b>6,9</b>	<b>13,7</b>	<b>49,2</b>	<b>9,2</b>	<b>21,0</b>	<b>172.120</b>	<b>8,2</b>	<b>13,1</b>	<b>45,1</b>	<b>12,2</b>	<b>21,4</b>	<b>261.215</b>	

Fonte: FIBGE, Censos Demográficos de 1970, 1980 e 1991. Tabulações Especiais.

No caso de Bertioga, chamou atenção o fato de que, na categoria das famílias de outros migrantes, a participação de casais sem filhos cresceu bastante (de 4,3% nos anos 1960 para 20% nos anos 1970), com perda mais significativa de participação dos casais com filhos

(de 52% para 36% nos mesmos períodos, respectivamente). Esta mesma tendência ocorreu nos municípios mais centrais da RMBS, como Santos, Cubatão, Guarujá, Praia Grande e São Vicente, mas em menor magnitude, comparando-se com Bertioga.

Mas deve-se ter cuidado com estes dados, uma vez que para o Censo de 1970 não foi possível classificar os migrantes (intra-metropolitanos ou não).

Portanto, as famílias de migrantes intrametropolitanos de Bertioga, como já foi apontado anteriormente, deveriam estar, no período 1959-70, influenciando bastante neste valor baixo de 4,3%.

De qualquer forma, a **Tabela 16** mostra que o grupo dos casais com filhos ainda representava a maior participação relativa na composição dos tipos de família dos municípios da RMBS, mas foi perdendo esta participação. Os casais sem filhos apresentaram um crescimento relativo nos anos 1970, frente aos anos 1960, mas já voltaram a reduzir suas participações nos anos 1980. As famílias não nucleares em geral apresentaram um crescimento relativo com o decorrer do tempo.

Mesmo entre as famílias com filhos, a maioria destas possuía até 2 filhos, denotando o maior peso da migração de famílias de menor tamanho, especialmente para Santos e São Vicente, com um ciclo vital diferente quando comparado ao dos demais municípios mais periféricos. A concentração das famílias nesta categoria aumentou gradualmente dos anos 1960 aos 80, chegando a mais de 70% entre as famílias residentes na Baixada em 1991 (37% das famílias com 1 filho e 33% com 2 filhos)<sup>5</sup>.

Não houve uma diferença significativa entre os migrantes e os não migrantes quanto ao número de filhos, mas sim entre municípios.

Enquanto Santos e São Vicente apresentaram um maior peso relativo das famílias com até 2 filhos, os municípios mais periféricos da RMBS apresentaram o menor peso relativo destas famílias, em especial Mongaguá, Itanhaém e Peruíbe nos anos 1980. Nos municípios mais periféricos, o preço das moradias era menor, o que permitia uma aquisição de moradias maiores, e uma maior possibilidade de manutenção destas, em comparação com o preço maior das moradias dos municípios mais centrais, assim como seu maior custo de manutenção. Enquanto Santos e São Vicente apresentaram um maior peso relativo das famílias com até 2 filhos, os municípios mais periféricos da RMBS apresentaram o menor peso relativo destas famílias, em especial Mongaguá, Itanhaém e Peruíbe nos anos 1980. Nos municípios mais periféricos, o preço das moradias era menor, o que permitia uma aquisição de moradias maiores, e uma maior possibilidade de manutenção destas, em comparação com o preço maior das moradias dos municípios mais centrais, assim como seu maior custo de manutenção.

Nos anos 1970 deve ter havido uma migração que visava mais a busca do emprego, nas faixas etárias mais próprias ao trabalho e com menos filhos. Conforme apontado anteriormente, neste período foi significativo o aumento dos migrantes nordestinos para os municípios mais próximos ao parque industrial da Baixada, como Cubatão, Guarujá, Santos e

---

5. Jakob (2003a).

São Vicente. Assim, com relação aos migrantes não metropolitanos, a ocupação dos espaços mais centrais da Baixada Santista ocorreu principalmente por migrantes em busca de trabalho, possuindo menos filhos, e a ocupação das áreas mais periféricas, por migrantes com maior número de filhos.

A **Tabela 17** apresenta a participação das famílias segundo grupos de idade média do casal, ou a idade do indivíduo que mora sozinho, referentes às fases familiares de formação, consolidação e fragmentação.

A tabela mostra que nos anos 1970 houve um aumento da participação relativa de famílias jovens, especialmente nos municípios de Cubatão, Guarujá, São Vicente e em Bertioga. Ao se comparar esta observação com o fato apontado anteriormente de que nesta década houve um aumento relativo de famílias sem filhos

(especialmente provenientes do Nordeste), pode-se concluir que realmente estas estavam visando, acima de tudo, a busca por uma colocação no complexo industrial da Baixada.

Comparando-se as idades médias dos casais migrantes com os não migrantes, verifica-se que os migrantes eram em geral mais jovens, concentrando-se mais na fase de formação da família, mas com perda de participação. E entre os migrantes, os que apresentaram a maior proporção de famílias jovens foram os migrantes intrametropolitanos, sugerindo que estes poderiam rejuvenescer os locais de destino, mais concentrados espacialmente em Bertioga, Cubatão, Vicente de Carvalho, Guarujá e São Vicente, todas áreas que fazem divisa com Santos, que estaria assim, perdendo este tipo de migração, e, portanto, envelhecendo sua população.

**Tabela 17**

**PARTICIPAÇÃO DO NÚMERO DE FAMÍLIAS SEGUNDO GRUPOS DE IDADE MÉDIA DO CASAL OU DE IDADE DO INDIVÍDUO REGIÃO METROPOLITANA DA BAIXADA SANTISTA 1959-1991**

	Residência	1959-70					1970-80					1981-91				
		< 35	35-44	45+	60+	Total	< 35	35-44	45+	60+	Total	< 35	35-44	45+	60+	Total
Total de Famílias	Cubatão	51,6	26,0	22,4	5,5	<b>10.862</b>	52,5	23,2	24,2	5,6	<b>18.734</b>	45,7	25,9	28,4	8,6	<b>24.161</b>
	Guarujá	43,6	28,5	27,9	7,3	<b>7.440</b>	46,4	24,1	29,5	8,4	<b>16.471</b>	43,8	24,7	31,5	10,5	<b>55.451</b>
	distr.V.Carvalho	43,1	28,5	28,4	7,0	<b>12.472</b>	45,9	23,8	30,4	7,7	<b>19.303</b>	-	-	-	-	-
	Itanhaém	39,2	23,7	37,0	11,2	<b>3.112</b>	40,5	22,7	36,8	13,8	<b>6.966</b>	34,5	26,3	39,2	16,4	<b>12.908</b>
	Mongaguá	40,0	20,7	39,3	11,3	<b>1.252</b>	38,3	23,4	38,3	14,4	<b>2.424</b>	35,9	21,0	43,0	19,4	<b>5.218</b>
	Peruíbe	38,2	25,3	36,5	12,2	<b>1.568</b>	37,1	20,5	42,4	15,6	<b>4.575</b>	35,1	22,8	42,2	16,4	<b>8.998</b>
	Praia Grande	42,3	26,1	31,6	10,8	<b>4.782</b>	40,3	22,6	37,1	13,7	<b>16.960</b>	35,4	25,7	38,8	14,7	<b>34.500</b>
	Santos	32,6	27,3	40,1	13,2	<b>84.662</b>	32,6	23,1	44,3	15,8	<b>115.373</b>	26,7	23,8	49,5	21,1	<b>130.798</b>
	distr.Bertioga	31,3	30,9	37,9	13,2	<b>742</b>	41,2	22,9	35,9	14,5	<b>1.039</b>	-	-	-	-	-
	São Vicente	38,8	28,0	33,2	10,5	<b>26.504</b>	42,4	23,2	34,4	11,6	<b>48.960</b>	37,6	26,4	36,0	12,7	<b>75.002</b>
<b>Total RMBS</b>	<b>36,9</b>	<b>27,3</b>	<b>35,8</b>	<b>11,2</b>	<b>153.396</b>	<b>38,9</b>	<b>23,1</b>	<b>38,0</b>	<b>12,9</b>	<b>250.805</b>	<b>34,6</b>	<b>24,9</b>	<b>40,5</b>	<b>15,7</b>	<b>347.036</b>	
Famílias Migrantes Intramet.	Cubatão	-	-	-	-	-	51,4	23,1	25,5	3,5	<b>1.006</b>	46,2	25,9	27,9	10,1	<b>1.046</b>
	Guarujá	-	-	-	-	-	44,1	24,9	31,0	8,6	<b>1.642</b>	40,8	22,0	37,2	10,6	<b>2.151</b>
	distr.V.Carvalho	-	-	-	-	-	51,0	23,1	25,9	7,5	<b>1.261</b>	-	-	-	-	-
	Itanhaém	-	-	-	-	-	39,2	24,2	36,6	11,3	<b>434</b>	29,9	30,6	39,5	17,9	<b>653</b>
	Mongaguá	-	-	-	-	-	55,4	16,7	27,9	5,6	<b>233</b>	29,9	22,2	47,9	8,9	<b>361</b>
	Peruíbe	-	-	-	-	-	35,7	19,9	44,5	20,1	<b>488</b>	38,0	21,5	40,5	11,9	<b>511</b>
	Praia Grande	-	-	-	-	-	42,8	23,5	33,7	11,9	<b>2.243</b>	37,4	29,6	33,1	10,6	<b>6.117</b>
	Santos	-	-	-	-	-	40,0	20,8	39,3	15,5	<b>2.057</b>	30,6	24,2	45,2	19,6	<b>2.055</b>
	distr.Bertioga	-	-	-	-	-	62,5	37,5	0	0	<b>32</b>	-	-	-	-	-
	São Vicente	-	-	-	-	-	44,0	22,8	33,2	11,3	<b>9.958</b>	40,6	25,7	33,6	9,7	<b>12.299</b>
<b>Total RMBS</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>44,1</b>	<b>22,8</b>	<b>33,1</b>	<b>11,1</b>	<b>19.354</b>	<b>38,8</b>	<b>26,2</b>	<b>35,0</b>	<b>11,1</b>	<b>25.193</b>	
Famílias de Outros Migrantes	Cubatão	55,1	24,9	20,0	4,4	<b>5.944</b>	57,8	21,3	20,9	4,3	<b>6.932</b>	55,2	22,8	22,0	4,9	<b>4.259</b>
	Guarujá	44,6	27,9	27,5	7,1	<b>4.450</b>	49,8	22,7	27,5	7,7	<b>5.523</b>	48,7	23,6	27,8	9,9	<b>10.046</b>
	distr.V.Carvalho	46,3	28,3	25,4	5,4	<b>6.159</b>	47,7	25,0	27,3	7,6	<b>3.585</b>	-	-	-	-	-
	Itanhaém	40,7	22,5	36,7	11,0	<b>1.780</b>	41,9	21,4	36,8	14,1	<b>2.663</b>	32,6	23,6	43,8	16,1	<b>4.237</b>
	Mongaguá	40,0	19,9	40,1	13,1	<b>815</b>	33,5	24,2	42,3	19,1	<b>1.073</b>	36,3	17,4	46,4	24,1	<b>2.004</b>
	Peruíbe	37,4	25,2	37,3	12,4	<b>943</b>	38,0	20,0	42,1	15,8	<b>2.339</b>	35,8	19,7	44,4	16,6	<b>3.476</b>
	Praia Grande	41,4	27,7	30,9	10,5	<b>3.389</b>	38,0	23,2	38,8	14,4	<b>8.746</b>	32,3	25,6	42,1	16,4	<b>10.989</b>
	Santos	34,5	27,1	38,4	11,8	<b>16.643</b>	37,8	21,9	40,3	14,3	<b>18.257</b>	31,3	25,1	43,7	17,4	<b>14.422</b>
	distr.Bertioga	28,7	35,1	36,2	10,6	<b>188</b>	36,9	23,3	39,9	17,8	<b>331</b>	-	-	-	-	-
	São Vicente	38,6	27,4	33,9	10,8	<b>12.042</b>	45,3	22,8	31,9	11,0	<b>10.201</b>	38,6	25,9	35,5	13,4	<b>11.193</b>
<b>Total RMBS</b>	<b>40,8</b>	<b>26,9</b>	<b>32,3</b>	<b>9,5</b>	<b>52.353</b>	<b>43,3</b>	<b>22,4</b>	<b>34,4</b>	<b>11,7</b>	<b>59.650</b>	<b>37,9</b>	<b>24,2</b>	<b>37,9</b>	<b>14,5</b>	<b>60.626</b>	
Famílias de Não Migrantes	Cubatão	47,3	27,3	25,4	6,9	<b>4.918</b>	49,2	24,5	26,2	6,6	<b>10.796</b>	43,6	26,6	29,9	9,3	<b>18.856</b>
	Guarujá	42,1	29,3	28,6	7,5	<b>2.990</b>	44,8	24,9	30,4	8,8	<b>9.306</b>	42,8	25,1	32,0	10,6	<b>43.251</b>
	distr.V.Carvalho	40,0	28,7	31,2	8,5	<b>6.313</b>	44,9	23,5	31,6	7,7	<b>14.457</b>	-	-	-	-	-
	Itanhaém	37,2	25,4	37,4	11,6	<b>1.332</b>	39,7	23,4	36,8	13,9	<b>3.869</b>	35,9	27,3	36,8	16,4	<b>8.017</b>
	Mongaguá	40,0	22,2	37,8	7,8	<b>437</b>	39,4	24,0	36,6	11,6	<b>1.118</b>	36,4	23,4	40,2	17,5	<b>2.851</b>
	Peruíbe	39,4	25,3	35,4	12,0	<b>625</b>	36,4	21,4	42,2	14,2	<b>1.748</b>	34,2	25,0	40,8	16,7	<b>5.013</b>
	Praia Grande	44,6	22,0	33,5	11,5	<b>1.393</b>	42,7	21,5	35,8	13,4	<b>5.971</b>	36,7	24,5	38,8	15,0	<b>17.392</b>
	Santos	32,1	27,3	40,6	13,5	<b>68.019</b>	31,5	23,3	45,2	16,1	<b>95.059</b>	26,0	23,6	50,4	21,6	<b>114.322</b>
	distr.Bertioga	32,1	29,4	38,4	14,1	<b>554</b>	42,3	22,0	35,7	13,6	<b>676</b>	-	-	-	-	-
	São Vicente	38,9	28,5	32,6	10,2	<b>14.462</b>	40,8	23,4	35,7	11,9	<b>28.801</b>	36,7	26,6	36,7	13,3	<b>51.509</b>
<b>Total RMBS</b>	<b>34,9</b>	<b>27,5</b>	<b>37,6</b>	<b>12,1</b>	<b>101.043</b>	<b>36,7</b>	<b>23,4</b>	<b>39,8</b>	<b>13,5</b>	<b>171.801</b>	<b>33,5</b>	<b>24,9</b>	<b>41,7</b>	<b>16,5</b>	<b>261.211</b>	

Fonte: FIBGE, Censos Demográficos de 1970, 1980 e 1991. Tabulações Especiais.

De maneira geral, a população de todos os municípios estava envelhecendo, em função principalmente do envelhecimento de seus imigrantes. Mas Santos, em especial, já concentrava, nos anos 1980, 21% de seus casais residentes possuindo idade média de 60 anos

ou mais, totalizando quase 28 mil famílias nesta faixa etária. E quase a metade dos casais com idade média de 45 anos ou mais. Os municípios do litoral sul da Baixada (Itanhaém, Mongaguá e Peruíbe), ao lado de Santos, apresentaram as maiores proporções de famílias no estágio de

fragmentação. Uma vez que o mercado de trabalho nestes municípios não atraía as mais jovens, a migração é marcada de maneira mais significativa por famílias maiores, mais idosas e experientes.

Pode-se ressaltar aqui que inicialmente foram construídas tabelas com idades médias do casal segundo grupos etários quinquenais, mas como as diferenciações entre os migrantes e não migrantes não foram muito significativas, optou-se por rearranjar estas tabelas para a criação da **Tabela 17**.

A partir de análises da estrutura etária dos migrantes, pode-se dizer que Santos, no período 1959-70 apresentava uma migração muito concentrada nas faixas etárias de 20 a 29 anos, uma maior migração feminina (perto de 4 mil mulheres a mais que homens), e esta ainda mais concentrada no grupo dos 20 a 24 anos. Também a quantidade de crianças era muito pequena, confirmando as observações de uma migração de indivíduos ou casais sem filhos, vindo em busca de trabalho. A pirâmide da população residente em 1970 já apresentava indícios de uma certa estabilidade, com uma forma parecida com uma coluna<sup>6</sup>.

No período 1970-80, a participação de crianças de (0 a 4 anos) era bem maior, e os migrantes não metropolitanos concentravam-se sobremaneira no grupo dos 20 a 24 anos, e também dos 15 a 19 anos para as mulheres. A pirâmide da população total apresentou mostras

de uma fecundidade maior, talvez devido a um efeito indireto da migração. O período 1981-91 trouxe um visível envelhecimento da migração e a pirâmide dos não migrantes era praticamente igual à da população residente, mostrando seu peso na população total. Já a pirâmide da população residente em 2000 mostrou uma crescente queda da fecundidade e uma grande concentração de idosos de mais de 70 anos, sendo a maior participação entre os grupos etários femininos, tanto em termos relativos quanto absolutos, representando mais de 19.500 mulheres, ou 4,7% do total populacional.

Observando-se agora o município de São Vicente, as características são bem parecidas com as de Santos, ressaltando que a migração no período 1959-70 não foi tão concentrada em alguns grupos etários como Santos, mas bem mais distribuída. As diferenças com relação à Praia Grande estavam na participação relativa das crianças deste último município, bem maior que a verificada para os municípios apresentados acima, tanto dos não migrantes quanto dos migrantes intrametropolitanos, especialmente na década de 1970. Isto pode ser explicado em função de que Praia Grande apresentou, nos anos 1970, uma concentração menor de famílias com até 2 filhos, comparando-se com os demais municípios, principalmente entre os migrantes intrametropolitanos. Possuía, assim, famílias com um número maior de filhos entre estes migrantes.

---

6. Jakob (2003 a).

Quanto ao município de Cubatão, são interessantes as pirâmides dos migrantes nas décadas de 1970 e 1980. As pirâmides dos migrantes intrametropolitanos mostraram uma concentração bem maior de famílias em idade ativa, com seus filhos, e uma maior participação de idosos.

E com relação aos migrantes não intrametropolitanos, eram especialmente homens entre 20 e 24 anos na década de 1970 (16,7% do total da migração de não metropolitanos, ou mais de 4.350 de um total de 15.460 homens migrantes não metropolitanos). E na década de 1980, os maiores pesos relativos se concentraram nos grupos de 20 a 24, mas também no de 15 a 19 anos (ambos com 11,7% do total da migração de não metropolitanos). Também a participação de mulheres foi visivelmente maior neste período ao se analisar esta categoria de migrantes, assim como de crianças.

Este item mostrou que houve uma diferenciação na ocupação dos espaços mais centrais e mais periféricos da Baixada Santista, por parte dos migrantes. A área central foi ocupada, sobretudo a partir dos anos 1970, por migrantes buscando principalmente uma inserção no mercado de trabalho local. Estes migrantes eram, em geral, mais jovens e com menos filhos. Já nos municípios mais periféricos, a ocupação foi marcada por famílias mais consolidadas, com um tamanho maior, pois estas não se deslocavam para as áreas de destino em busca de emprego, mas sim em busca de condições mais vantajosas de moradia, como a possibilidade de aquisição de casas maiores e com menor custo de manutenção, conforme apontado anteriormente.

Outras formas de mobilidade populacional também são importantes ao se analisar as questões demográficas dos municípios integrantes da RMBS. Entre estas, merecem uma atenção maior os movimentos pendulares da população, e a participação da população flutuante na ocupação dos espaços e no processo de periferação da região. A pendularidade da população é abordada no próximo item, e a população flutuante mais adiante.

---

### **OS MOVIMENTOS PENDULARES DA POPULAÇÃO**

Uma parcela significativa da população dos municípios integrantes da Região Metropolitana da Baixada Santista trabalha ou estuda diariamente em um município diferente daquele em que reside. É o que se denomina movimento pendular, ou pendularidade, da população. Relembrando-se a descrição do espaço geográfico de Scott (1994), que o divide em espaço da produção, espaço da circulação, e espaço social, articulados através de um sistema único a partir dos mercados de trabalho locais, pode-se observar que a pendularidade populacional é um exemplo concreto desta descrição.

A informação de mobilidade pendular pode ser obtida nos Censos Demográficos de 1970 e 1980. Infelizmente, foi retirada do censo de 1991, mas foi incluída novamente no censo de 2000. Como os resultados finais deste último censo ainda não haviam sido divulgados quando da elaboração desse trabalho (especialmente os microdados), as análises são relativas aos censos de

1970 e 1980, com possíveis inferências sobre os anos 1980.

A **Tabela 18** traz a participação da mobilidade pendular dos grupos populacionais utilizados neste trabalho, para os períodos 1959-70 e 1970-80. Esta tabela mostra que perto de 13% da população residente da RMBS trabalhava ou estudava em município diferente de onde morava em 1970 (mais de 40.200 pessoas). Os municípios de São Vicente e Guarujá apresentavam a maior concentração de pessoas que se movimentavam diariamente para outros municípios. O distrito de Vicente de Carvalho, no Guarujá, chegou a apresentar perto de 35% de sua população residente em 1970 se dirigindo a outro município diariamente (mais de 9.200 pessoas). São Vicente apresentava em 1970 mais de 16 mil pessoas trabalhando ou estudando diariamente em outro município, Santos mais de 10.600 pessoas, e a sede municipal do Guarujá 2.200 pessoas. O distrito de Bertioiga foi o que apresentou a menor pendularidade populacional em 1970 (apenas 0,5% de sua população residente, ou seja, menos de 10 pessoas).

Comparando-se os migrantes do período 1959-1970 com os não migrantes, percebe-se que nos municípios de Santos, São Vicente, Guarujá e Praia Grande, a mobilidade pendular entre os migrantes era maior do que entre os não migrantes. Os destaques ficaram novamente por conta do distrito de Vicente de Carvalho (37,4% de pendularidade entre os migrantes), São Vicente (34%) e Guarujá (19,6%). Estes três locais somaram juntos 14.200 migrantes com movimentos pendulares, que aliados a Santos, com mais 3 mil, contabilizaram 17.200 dos 18.500 migrantes pendulares da RMBS no período 1959-70, ou seja, 93% destes.

Em 1980, notou-se uma pequena redução relativa nos movimentos pendulares da população residente da RMBS (de 12,9% em 1970 para 12,7% em 1980). Mas em termos de volume, esta pendularidade mais do que dobrou (de 40.860 pessoas em 1970 para 95.530 em 1980). Os municípios de Praia Grande, Santos e o distrito de Bertioiga apresentaram inclusive um aumento relativo destes movimentos em sua população residente, entre 1970 e 1980.

**Tabela 18**

PARTICIPAÇÃO DOS GRUPOS POPULACIONAIS NOS MUNICÍPIOS ONDE TRABALHAM OU ESTUDAM. REGIÃO METROPOLITANA DA BAIXADA SANTISTA. 1959-1980.

	Município onde Trabalha/ Estuda	Local de Residência Atual										Total RMBS																									
		Cubatão		Guarujá		V.Carvalho		Itanhaém		Mongaguá			Peruíbe		Praia Grande		Santos		Bertioga		São Vicente																
1959-1970	População Total	Mesmo onde mora	95,4	84,7	65,2	95,6	93,6	96,5	92,9	93,8	99,5	69,6	87,1	Outro	4,6	15,3	34,8	4,4	6,4	3,5	7,1	6,2	0,5	30,4	12,9	Total	<b>23.832</b>	<b>16.119</b>	<b>26.488</b>	<b>7.166</b>	<b>2.411</b>	<b>3.000</b>	<b>8.939</b>	<b>172.521</b>	<b>1.771</b>	<b>53.393</b>	<b>315.640</b>
		Mesmo onde mora	95,7	80,4	62,6	96,2	95,5	97,5	92,4	92,7	100	66,0	83,4	Outro	4,3	19,6	37,4	3,8	4,5	2,5	7,6	7,3	0	34,0	16,6	Total	<b>12.624</b>	<b>9.346</b>	<b>12.422</b>	<b>3.917</b>	<b>1.388</b>	<b>1.679</b>	<b>5.817</b>	<b>41.244</b>	<b>521</b>	<b>22.839</b>	<b>111.797</b>
		Mesmo onde mora	95,0	90,8	67,6	94,9	90,9	95,2	94,0	94,2	99,4	72,3	89,0	Outro	5,0	9,2	32,4	5,1	9,1	4,8	6,0	5,8	0,6	27,7	11,0	Total	<b>11.208</b>	<b>6.773</b>	<b>14.066</b>	<b>3.249</b>	<b>1.023</b>	<b>1.321</b>	<b>3.122</b>	<b>131.277</b>	<b>1.250</b>	<b>30.554</b>	<b>203.843</b>
	Migrantes	Mesmo onde mora	95,7	88,4	78,3	97,6	95,1	96,8	90,9	92,3	97,4	71,7	87,3	Outro	4,3	11,6	21,7	2,4	4,9	3,2	9,1	7,7	2,6	28,3	12,7	Total	<b>59.689</b>	<b>48.479</b>	<b>63.026</b>	<b>20.007</b>	<b>7.205</b>	<b>13.401</b>	<b>49.206</b>	<b>339.353</b>	<b>2.970</b>	<b>146.997</b>	<b>750.333</b>
		Mesmo onde mora	92,0	77,3	69,9	94,9	85,5	95,4	81,9	82,2	95,8	61,7	71,9	Outro	8,0	22,7	30,1	5,1	14,5	4,6	18,1	17,8	4,2	38,3	28,1	Total	<b>3.018</b>	<b>4.735</b>	<b>3.597</b>	<b>1.216</b>	<b>650</b>	<b>1.329</b>	<b>6.237</b>	<b>5.899</b>	<b>95</b>	<b>26.877</b>	<b>53.653</b>
		Mesmo onde mora	96,4	91,0	80,3	97,7	96,3	97,0	91,4	91,2	97,3	73,5	88,7	Outro	3,6	9,0	19,7	2,3	3,7	3,0	8,6	8,8	2,7	26,5	11,3	Total	<b>22.833</b>	<b>16.065</b>	<b>12.010</b>	<b>7.517</b>	<b>2.944</b>	<b>6.573</b>	<b>24.875</b>	<b>57.659</b>	<b>888</b>	<b>31.504</b>	<b>182.868</b>
1970-1980	Migrantes Intra-metrop.	Mesmo onde mora	95,5	88,8	78,4	97,8	95,8	96,9	93,3	92,7	97,5	74,1	88,4	Outro	4,5	11,2	21,6	2,2	4,2	3,1	6,7	7,3	2,5	25,9	11,6	Total	<b>33.838</b>	<b>27.679</b>	<b>47.419</b>	<b>11.274</b>	<b>3.611</b>	<b>5.499</b>	<b>18.094</b>	<b>275.795</b>	<b>1.987</b>	<b>88.616</b>	<b>513.812</b>

Fonte: FIBGE, Censos Demográficos de 1970 e 1980. Tabulações Especiais.

Separando-se os migrantes intra-metropolitanos dos não metropolitanos, verifica-se que os primeiros possuíam uma pendularidade superior aos não metropolitanos. Em diversos municípios, o dobro ou mais. Isto mostra que os migrantes intrametropolitanos estavam mudando de município de residência, mas continuando com seus mesmos locais de trabalho, fato que atesta, uma vez mais, a natureza de boa parte do processo de periferização da região. Ao se observar uma modificação nas condições de uso e ocupação do solo, estas mudanças aconteciam principalmente em função da busca por moradias mais adequadas à situação econômica da família.

Agregando-se os volumes das categorias de migrante intra-metropolitano com não metropolitano, para uma comparabilidade

do grupo “migrantes” com o censo anterior, observa-se que os locais que apresentaram ganhos relativos da mobilidade pendular foram Praia Grande, Bertioga, Santos, Mongaguá e Peruíbe. Os locais que apresentaram perdas relativas foram Vicente de Carvalho, Guarujá, São Vicente, Itanhaém e Cubatão. Verificaram-se, assim, grandes perdas de mobilidade populacional no município do Guarujá, especialmente no distrito de Vicente de Carvalho, e ganhos significativos nos municípios de Praia Grande e Santos.

Esta importante redução da pendularidade da população em Vicente de Carvalho pode estar associada à grande diminuição da população economicamente ativa (PEA) ocupada em serviços de transportes marítimos em prol dos

serviços auxiliares, principalmente. Também a PEA das indústrias metalúrgicas podia estar se mudando para Praia Grande. Isto poderia explicar o aumento dos movimentos pendulares dos migrantes neste município, como observado acima.

Embora apresentando reduções na mobilidade pendular entre os migrantes, o fato é que os municípios de São Vicente e Guarujá ainda apresentaram uma grande participação desta pendularidade entre os migrantes intrametropolitanos. Praia Grande e Santos também apresentaram grandes pesos relativos, assim como Mongaguá. Os municípios de Santos, São Vicente, Guarujá e Praia Grande (incluindo seus distritos) representaram juntos 14.600 migrantes pendulares intrametropolitanos no período 1970-80, de um total de 15.090, ou seja, quase 97% destes. Assim, nos anos 1970, a mobilidade pendular dos migrantes estava concentrada nos municípios de Santos, São Vicente, Praia Grande e Guarujá. Sendo que havia uma concentração cada vez mais significativa em Praia Grande e menos no Guarujá.

Jakob (2003a) aponta que entre a população residente nos municípios da RMBS, grande parte desta se dirigia a Santos para trabalhar ou estudar (46.370 pessoas). E mais de 3.300 pessoas residentes em Santos se dirigiam para São Paulo diariamente para trabalhar ou estudar em 1980. Cubatão também possuía grande importância neste destino (perto de 27.500 pessoas), assim como São Vicente (4.130) e outros municípios

do estado (4.190), pertencentes à RMSP, especialmente. Entre os migrantes intrametropolitanos, os principais destinos eram Santos (9.260 pessoas) e Cubatão (3.850). Dentre os municípios mais centrais, Santos era o principal destino destes, com Cubatão em segundo lugar. E os principais destinos da população que residia em Santos e trabalhava ou estudava em outros municípios eram Cubatão e São Vicente. Este último, aliás, servia como “cidade dormitório” de Santos e Cubatão, dada sua grande participação de migrantes intrametropolitanos que se dirigiam diariamente para estes municípios (mais de 6.800 pessoas para Santos e perto de 2.700 para Cubatão). O município de Guarujá também servia como cidade dormitório para Santos, principalmente. Perto de 1.700 entravam em Santos diariamente provenientes deste município (sendo mais de 800 do distrito de Vicente de Carvalho).

Com relação aos migrantes não metropolitanos, os principais destinos eram também Santos (8.700 pessoas) e Cubatão (5.800). Com exceção de São Vicente, todos os outros municípios possuíam maiores fluxos populacionais com destino a Santos, em comparação com os intrametropolitanos. Cubatão e Vicente de Carvalho apresentaram praticamente o dobro de pessoas com destino a Santos.

Para uma maior avaliação dos impactos desta singular movimentação populacional, a **Tabela 19** mostra o perfil da mobilidade pendular da população entre os municípios da Baixada Santista em 1980.

**Tabela 19**

PERFIL DA MOBILIDADE PENDULAR DA POPULAÇÃO ENTRE OS MUNICÍPIOS DA  
BAIXADA SANTISTA. REGIÃO METROPOLITANA DA BAIXADA SANTISTA.  
1970-1980

	Município	Entradas			Saídas			Saldo	
		Volume	(%)	(% Pop)	Volume	(%)	(% Pop)	Volume	(% Pop)
População Total	Cubatão	27.496	33,0	35,0	1.992	2,4	2,5	25.504	32,4
	Guarujá	2.530	3,0	1,7	18.422	22,1	12,2	-15.892	10,5
	Itanhaém	403	0,5	1,5	293	0,4	1,1	110	0,4
	Mongaguá	329	0,4	3,3	273	0,3	2,7	56	0,6
	Peruíbe	186	0,2	1,0	183	0,2	1,0	3	0,02
	Praia Grande	1.877	2,3	2,8	3.329	4,0	5,0	-1.452	2,2
	Santos	46.371	55,7	11,1	19.745	23,7	4,7	26.626	6,4
	São Vicente	4.127	5,0	2,1	39.082	46,9	20,2	-34.955	18,1
	<b>Total RMBS</b>	<b>83.319</b>	<b>100</b>	<b>8,7</b>	<b>83.319</b>	<b>100</b>	<b>8,7</b>	<b>0</b>	<b>8,7</b>
Migrantes Intrametrop.	Cubatão	3.854	26,8	4,9	217	1,5	0,3	3.637	4,6
	Guarujá	270	1,9	0,2	2.117	14,7	1,4	-1.847	1,2
	Itanhaém	111	0,8	0,4	58	0,4	0,2	53	0,2
	Mongaguá	103	0,7	1,0	94	0,7	0,9	9	0,1
	Peruíbe	38	0,3	0,2	45	0,3	0,2	-7	0,04
	Praia Grande	292	2,0	0,4	1.001	6,9	1,5	-709	1,1
	Santos	9.261	64,3	2,2	927	6,4	0,2	8.334	2,0
	São Vicente	476	3,3	0,2	9.946	69,0	5,2	-9.470	4,9
	<b>Total RMBS</b>	<b>14.405</b>	<b>100</b>	<b>1,5</b>	<b>14.405</b>	<b>100</b>	<b>1,5</b>	<b>0</b>	<b>1,5</b>
Outros Migrantes	Cubatão	5.798	35,0	7,4	594	3,6	0,8	5.204	6,6
	Guarujá	524	3,2	0,3	3.456	20,9	2,3	-2.932	1,9
	Itanhaém	107	0,6	0,4	77	0,5	0,3	30	0,1
	Mongaguá	91	0,5	0,9	62	0,4	0,6	29	0,3
	Peruíbe	33	0,2	0,2	61	0,4	0,3	-28	0,2
	Praia Grande	353	2,1	0,5	1.341	8,1	2,0	-988	1,5
	Santos	8.710	52,6	2,1	3.573	21,6	0,9	5.137	1,2
	São Vicente	934	5,6	0,5	7.386	44,6	3,8	-6.452	3,3
	<b>Total RMBS</b>	<b>16.550</b>	<b>100</b>	<b>1,7</b>	<b>16.550</b>	<b>100</b>	<b>1,7</b>	<b>0</b>	<b>1,7</b>
Não Migrantes	Cubatão	17.844	34,1	22,7	1.181	2,3	1,5	16.663	21,2
	Guarujá	1.736	3,3	1,1	12.849	24,5	8,5	-11.113	7,4
	Itanhaém	185	0,4	0,7	158	0,3	0,6	27	0,1
	Mongaguá	135	0,3	1,4	117	0,2	1,2	18	0,2
	Peruíbe	115	0,2	0,6	77	0,1	0,4	38	0,2
	Praia Grande	1.232	2,4	1,9	987	1,9	1,5	245	0,4
	Santos	28.400	54,2	6,8	15.245	29,1	3,7	13.155	3,2
	São Vicente	2.717	5,2	1,4	21.750	41,5	11,3	-19.033	9,9
	<b>Total RMBS</b>	<b>52.364</b>	<b>100</b>	<b>5,4</b>	<b>52.364</b>	<b>100</b>	<b>5,4</b>	<b>0</b>	<b>5,4</b>

Fonte: FIBGE, Censo Demográfico de 1980. Tabulações Especiais.

Esta tabela traz o volume de pessoas que entravam e saíam diariamente dos municípios da RMBS, a participação de cada fluxo na soma destes fluxos e a participação de cada fluxo na população residente de cada município. O saldo, ou a pendularidade populacional líquida corresponde ao volume de entradas menos o volume de saídas, e sua participação representa o quanto este saldo afeta a população residente dos municípios.

Verifica-se, assim, que no total geral de fluxos populacionais diários, mais da metade destes se direcionava a Santos (55,7%), e

Cubatão recebia 33% deste volume populacional diário. Mas comparando-se os impactos destas pessoas que cada município recebia, nota-se que este volume de entradas correspondia a 35% da população de Cubatão, contra apenas 11% da população de Santos, afetando, portanto, muito mais a população de Cubatão.

Entre os migrantes intrametrópolitanos, observa-se uma concentração maior da direção dos fluxos em direção a Santos (64,3%), mas com impacto bem menor para a população local (apenas 2%). Este é um indicio de que as pessoas podiam ter se mudado de Santos, mas

ainda continuavam trabalhando neste município.

Para examinar de onde estas estavam partindo, as saídas mostram que em geral, os municípios mais considerados como dormitórios foram São Vicente e Guarujá, que apresentaram 47% e 22% dos fluxos de saída entre os municípios da RMBS, correspondente a 20% e 12% de suas populações residentes, respectivamente. Santos apresentou 24% do fluxo de saídas, mas menos de 5% de sua população.

Com relação aos migrantes intrametropolitanos, estes saíam muito mais de São Vicente (69% das saídas) e Guarujá (15%). Assim, existia nos anos 1970 um movimento de redistribuição populacional entre os municípios da Baixada Santista. Uma parte significativa da população se mudou para São Vicente e Guarujá, e se dirigia diariamente para Santos e Cubatão para trabalhar ou estudar. Santos perdia esta população para São Vicente e Guarujá, e mais recentemente para Praia Grande, como foi mostrado antes.

O fato de Santos apresentar o segundo maior fluxo de saídas de população entre os migrantes não metropolitanos e os não migrantes mostra que poderia existir um certo movimento de mudança para Santos, de outros municípios de fora da RMBS (acredita-se que grande parte da RMSP), e que continuariam a trabalhar nestes municípios, especialmente em São Paulo. Os paulistanos poderiam estar se mudando para Santos em busca da maior tranquilidade do litoral, e mantendo seus postos de trabalho na capital. Também se observa que houve uma redução neste movimento, uma vez que a participação relativa das saídas de

Santos é maior entre os não migrantes, comparando-se com os migrantes não metropolitanos (29% contra 21,6%), ou seja, com o tempo, menos pessoas se mudaram para Santos vindos de outros municípios de fora da Baixada, e apresentaram menos saídas em comparação com os demais municípios da RMBS.

Já em Guarujá e São Vicente observou-se o contrário, um aumento relativo destes fluxos de saída dos não migrantes e dos migrantes não metropolitanos, o que poderia ser um indício de que estes municípios estariam recebendo mais migrantes da RMSP no lugar de Santos.

O saldo da pendularidade populacional mostrou que os grandes mercados de trabalho eram Santos e Cubatão, mas as pessoas que se deslocavam diariamente tinham um impacto muito maior em Cubatão (32% da população residente e 21% dos não migrantes). Também o fato de a mobilidade líquida ser maior em Cubatão do que Santos nas categorias de migrantes não metropolitanos e na de não migrantes devia ser um indício de que mais migrantes de fora da RMBS vinham para trabalhar em Cubatão (em seu parque industrial) do que para outros trabalhos em geral. E moravam neste, ou em outros municípios vizinhos. Os migrantes com melhor situação financeira podiam optar por morar um pouco mais distante do pólo industrial.

Hogan (1990) afirma que o impacto na comunidade local é medido pelo volume de entradas ou pela mobilidade pendular líquida, e que deste aumento de mais de 30% da população de Cubatão, 92% eram homens, e 91% com idades entre 20 e 49 anos. Quase 60% destes eram casados (contra 44% dos residentes), possuíam uma maior proporção de

empregos formais e maior escolaridade que os residentes. O autor concluiu, para Cubatão, que a maior parte dos pendulares se originava na própria região, e para os movimentos mais permanentes, o oposto era verdadeiro.

Esta chegada de migrantes de fora da Baixada Santista estava diminuindo com o tempo, conforme já apontado antes, em função, principalmente, da consolidação do mercado de trabalho em Cubatão, nos anos 1970, e do término das obras de expansão das grandes indústrias.

A proporção de migrantes com menos de 1 ano de residência no município foi utilizada por Hogan (1990) como “índice de rotatividade” da população local. O autor afirma que este índice estava aumentando com o tempo em Cubatão, declarando que a cidade era cada vez mais um lugar para migrantes masculinos sem vínculos familiares, e que permaneciam o menor tempo possível no local.

**A Tabela 16** mostrou que os anos 1970, avaliados pelo autor, apresentaram a maior proporção de migrantes não metropolitanos individuais em Cubatão, contudo, este percentual era de 11,5%, contra 49% de casais com filhos, e 22% de famílias contendo agregados. É verdade que esta proporção de indivíduos sozinhos foi a maior entre os municípios da RMBS no período, mas em 1981-91 caiu para 11,2%, sendo superada pela participação de Santos (13,7%), e com valores próximos a Itanhaém (10,9%) e Peruíbe (10,8%). Portanto, não se confirmou esta tendência afirmada de que os migrantes de Cubatão cada vez mais não possuíam vínculos familiares.

O item a seguir analisa outro elemento que influenciou no processo de expansão urbana na região, a população flutuante.

---

#### **POPULAÇÃO FLUTUANTE: UMA ESPECIFICIDADE DO PROCESSO DE PERIFERIZAÇÃO DA REGIÃO**

A população flutuante, sazonal, de veraneio ou de temporada, é muito significativa para os municípios situados no litoral, pois necessita da infraestrutura e de serviços de uma região de uma maneira muito concentrada em curtos períodos de tempo. Uma hipótese a ser confirmada neste item é a de que esta população flutuante pode ter potencializado os processos de periferação e de verticalização das moradias na Baixada Santista, o que conferiria uma grande especificidade à região.

Assim, o propósito principal deste item é fazer uma caracterização desta população, sua evolução, uma verificação do momento em que ela se torna mais importante, se ainda é importante para a região, e um teste da hipótese acima apresentada. Araújo Filho (1965), já na década de 1960 apontava uma “avalanche de gente” que se dirigia para Santos e São Vicente, perto de 200 mil turistas nas férias. Mais recentemente, Negreiros (1992) e Santos (1992) falavam de 750 mil pessoas na RMBS em 1990 (300 mil só no Guarujá), e Rolnik (1999) em 1,6 milhão de pessoas por ano no Guarujá, sendo que 80% deste volume se concentrava entre os

meses de novembro e maio. Baeninger e Souza (1994), por sua vez, estimaram que no ano 2000, a população flutuante na Baixada alcançaria mais de 1 milhão de pessoas.

Abordando todos os municípios da Baixada, a **Tabela 20** traz informações sobre sua população flutuante, obtidas a partir de três fontes distintas.

**Tabela 20**

ESTIMATIVAS DA POPULAÇÃO FLUTUANTE SEGUNDO OS MUNICÍPIOS DE RESIDÊNCIA DA ÉPOCA. REGIÃO METROPOLITANA DA BAIXADA SANTISTA. 1974-2000

Município Atual	1974 (1)		1984 (1)		1996 (2)		2000 (1)		2000 (3)	
	Volume	(%)	Volume	(%)	Volume	(%)	Volume	(%)	Volume	(%)
Bertioga	47.507	3,0	28.903	2,3	62.125	4,6	60.100	6,3	200.000	4,9
Cubatão	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Guarujá	218.180	13,6	179.985	14,5	255.240	19,0	166.668	17,6	740.000	18,0
Itanhaém	128.445	8,0	95.904	7,7	130.015	9,7	95.208	10,0	220.000	5,4
Mongaguá	135.483	8,4	101.159	8,1	100.695	7,5	79.538	8,4	135.500	3,3
Peruíbe	86.216	5,4	48.609	3,9	72.939	5,4	50.607	5,3	300.000	7,3
Praia Grande	640.465	39,8	438.796	35,3	483.105	35,9	358.214	37,8	1.500.000	36,5
Santos	253.786	15,8	252.241	20,3	137.650	10,2	78.116	8,2	412.000	10,0
São Vicente	98.600	6,1	97.218	7,8	102.735	7,6	59.027	6,2	600.000	14,6
<b>Total RMBS</b>	<b>1.608.682</b>	<b>100</b>	<b>1.242.815</b>	<b>100</b>	<b>1.344.504</b>	<b>100</b>	<b>947.478</b>	<b>100</b>	<b>4.107.500</b>	<b>100</b>

Fontes: (1) SABESP, Setor de Informações Gerenciais de Santos.

(2) DAM, Diretoria de Assuntos Metropolitanos.

(3) EMPLASA, Sumário de Dados da Baixada Santista de 2002.

Para obter estas estimativas, a Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo (SABESP) baseou-se no consumo médio de água das pessoas. Verificando que uma família de 4 pessoas consome aproximadamente 120 litros de água por dia, e possuindo estimativas da população residente em determinados períodos, a SABESP juntou estes dois dados e obteve um consumo estimado de água da população residente. Observando então o consumo real de água e subtraindo o consumo estimado da população residente, a diferença entre estes consumos seria dado pelo consumo de água realizado pela população flutuante. A Diretoria de Assuntos

Metropolitanos (DAM) se baseou em dados da SABESP, por isso, suas estimativas devem ser as mesmas.

Já a Empresa Metropolitana de Planejamento da Grande São Paulo (EMPLASA) apresentou estimativas de população flutuante em uma ordem de grandeza muito maior que as da SABESP e da DAM, mas não informou os métodos para a obtenção destas. Poderiam se tratar de estimativas fornecidas pelas prefeituras, em geral um pouco maiores que o real, na tentativa de obter algum auxílio financeiro a mais para o município, ou então envolver os turistas de 1 dia, por exemplo, com baixo consumo de água, e que não

entrariam nas estimativas da SABESP.

Diferenças de escala à parte, esta tabela mostra que as participações relativas da população flutuante foram em geral próximas entre si, a partir destas diferentes fontes de estimativas. Comparando-se as estimativas da EMPLASA com as da SABESP, em termos relativos, pode-se inferir que talvez os valores de São Vicente estejam sobre-estimados, e de Itanhaém e Mongaguá sub-estimados nos dados da EMPLASA, uma vez que os pesos relativos da população flutuante para estes municípios variava mais com relação aos dados da SABESP.

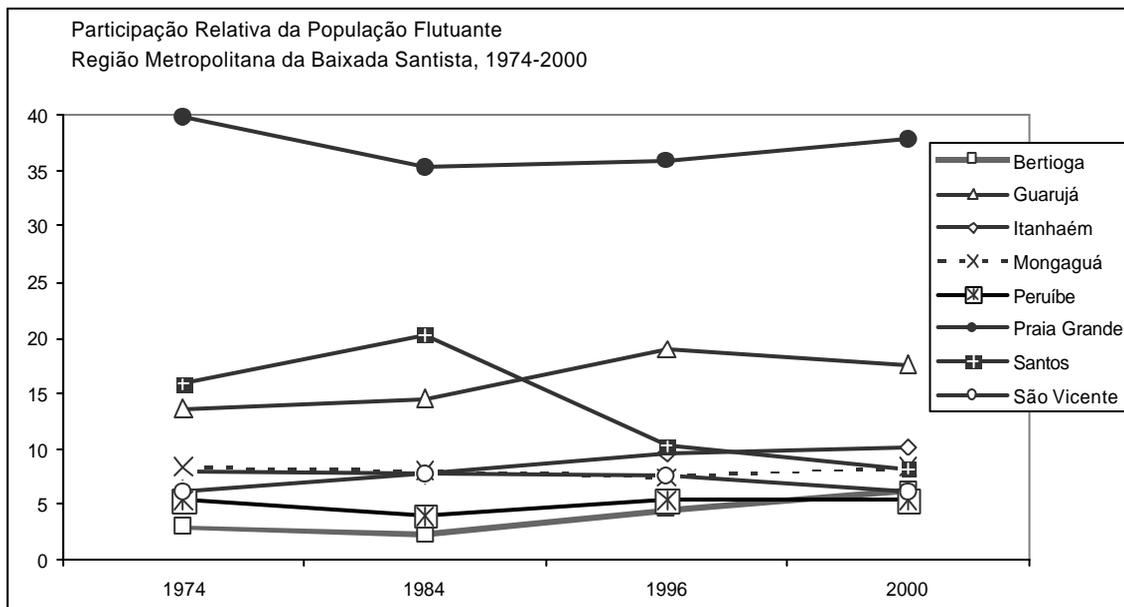
O que se observa com a **Tabela 20** é que o auge da população flutuante na Baixada Santista ocorreu nos anos 1970, especialmente no final da década, com a inauguração da Rodovia dos Imigrantes em 1976, facilitando o acesso ao litoral paulista. A década de 1980, que denunciou problemas de poluição do ar e da água, principalmente no pólo petroquímico de Cubatão, e piora na balneabilidade das praias, deve ter causado uma fuga ou redirecionamento dos veranistas da RMBS para outras áreas. A crise econômica dos anos 1980 também deve ter influenciado nesta menor quantidade de veranistas, que se concentraram mais em Santos, São Vicente e no

Guarujá, municípios mais centrais desta região.

Em meados dos anos 1990, esforços de alguns municípios da Baixada no sentido de melhorar a qualidade da água nas praias, urbanização das orlas, etc., devem ter surtido efeito para trazer de volta parte da população flutuante para a região, especialmente nos municípios limítrofes da RMBS (Bertioga, Guarujá, Itanhaém e Peruíbe). Mas o final desta década mostrou novamente tendências de queda no turismo regional, com perdas absolutas significativas.

O **Gráfico 5** proporciona uma melhor visualização da participação da população flutuante para cada município, nos períodos abordados na **Tabela 20**. Pode-se visualizar neste gráfico que Praia Grande desde a década de 1970 vem concentrando a maior parte da população flutuante da Baixada Santista (entre 35% e 40%). Situado próximo a Santos e São Vicente, este município deve significar para a população flutuante a obtenção de um pouco mais de tranqüilidade, sem perder a qualidade dos serviços destes dois municípios. Santos, que era o segundo destino principal do turismo regional, perdeu sua participação relativa no final dos anos 1980 principalmente para o Guarujá, que assumiu seu lugar na década de 1990.

Gráfico 5



Fontes: Tabela 20, SABESP (anos de 1974, 1984 e 2000) e DAM (em 1996).

O município de Santos perdeu também o lugar para Itanhaém e Mongaguá no ano de 2000. Santos era uma cidade mais consolidada, com menos espaços disponíveis a serem ocupados pela população flutuante, com alta densidade populacional e pior balneabilidade das praias. Estes elementos, juntamente com as melhorias no sistema viário regional, que facilitaram o acesso aos demais municípios do litoral sul, aumentando a possibilidade de escolhas de local, e novos empreendimentos em outros municípios, influenciaram no redirecionamento dos veranistas, que escolheram locais menos populosos para aproveitar as férias.

São Vicente também vinha acompanhando a tendência de perda do turismo, como Santos, com as mesmas explicações acima servindo para este município também. Bertioga, por sua vez, vivenciava um

crescimento relativo de seu turismo regional desde os anos 1980. As melhorias em saneamento básico deste município, aliadas a um acesso não tão popular a suas praias proporcionavam uma combinação desejada para cada vez mais veranistas.

Verifica-se também, com o **Gráfico 5** que, com exceção de Praia Grande e Guarujá, todos os demais municípios entre 1996 e 2000 apresentaram participações relativas de sua população flutuante na faixa dos 5% aos 10%. A maioria, inclusive, demonstrou uma trajetória quase estável no decorrer deste período abordado, de 1984 a 2000.

Também é interessante ressaltar que Cubatão, o único município da Baixada a não possuir praias, foi o único a não apresentar população flutuante. Seu grande parque industrial pode não atrair veranistas, mas deve atrair uma certa

quantidade de pessoas temporárias, como técnicos, auditores, ou outro tipo de profissionais que talvez poderiam ser considerados como população flutuante para alguns pesquisadores, mas sua participação seria mínima comparada com o peso relativo do turismo nos demais municípios da região. Portanto, não se faz necessário entrar nesta discussão.

Buscando um melhor aprimoramento deste item, análises mais objetivas do ponto de vista demográfico podem proporcionar maiores contribuições para a caracterização da população flutuante. E neste sentido, os Censos Demográficos são fundamentais.

Com relação aos dados censitários, que se imagina serem mais confiáveis que as fontes descritas acima, verifica-se que nas Sinopses Preliminares dos Censos Demográficos existe o quesito de espécie do domicílio no momento do recenseamento, que poderia ser ocupado, vago ou fechado no censo de 1970, e também de uso ocasional ou coletivo, a partir do censo de 1980. Especialmente importante é a informação dos domicílios de uso ocasional, que devem abrigar parte da população flutuante dos municípios da Baixada Santista.

Também a análise da evolução do número de domicílios é uma outra forma de se estudar a expansão urbana. E para alguns municípios da Baixada Santista, especialmente aqueles com uma significativa população flutuante,

um crescimento domiciliar não corresponde necessariamente a um crescimento populacional. Sendo assim, a **Tabela 21** traz a participação relativa do número de domicílios segundo sua espécie, no momento do recenseamento. Verifica-se com esta tabela que no censo de 1970, os domicílios considerados fechados agregavam a informação dos que possuíam uso ocasional, e os coletivos deveriam estar na categoria dos ocupados. O censo de 1980 também trouxe a informação de domicílios em prédios (num total de 223.448 na RMBS), mas como estes não estavam discriminados em ocupados, vagos, fechados etc., não foram somados no total de domicílios de 1980, para efeitos de cálculo dos pesos relativos de cada categoria de espécie de domicílio, uma vez que seus dados já foram agregados nas demais classes.

A **Tabela 21** mostra que o peso relativo dos domicílios ocupados tem se reduzido com o tempo. A participação dos domicílios vagos, ao contrário, tem aumentado a partir dos anos 1980. A proporção de domicílios fechados foi maior em 1980 (0,7% dos domicílios da RMBS), caiu em 1991 (0,2%), mas subiu novamente em 2000 (0,5%). Assim, tem oscilado entre 0,2% e 0,7%. Os domicílios coletivos, como os ocupados, têm se reduzido no decorrer dos anos, de 1.653 em 1980 para 852 no ano de 2000. O número de domicílios coletivos cresceu um pouco em termos absolutos em Itanhaém, Mongaguá, Peruíbe e Praia Grande, mas apresentou uma grande redução em Santos (de 1.059 em 1980 para 187 em 2000).

---

7. Segundo a Sinopse Preliminar do Censo Demográfico de 1980, o "domicílio de uso ocasional" foi definido como sendo aquele utilizado ocasionalmente como moradia; o "domicílio fechado" foi definido como aquele com moradores ausentes temporariamente durante o período do recenseamento; e o "domicílio vago" como sendo aquele desocupado durante o período do recenseamento.

Santos e São Vicente têm apresentado uma redução da proporção de seus domicílios com relação ao total de domicílios da região. O município de Santos, que possuía 61% dos domicílios em 1960, apresentou cerca de 23% destes em 2000. Esta redução relativa dos domicílios nestes dois municípios explicita o caráter de falta de espaço para expansão física

na Ilha de São Vicente, assim como a desconcentração populacional verificada nestes locais. Os demais municípios apresentaram em geral um aumento dos pesos relativos de seus domicílios no total de domicílios da RMBS, mas Praia Grande merece destaque neste quesito, chegando a apresentar, em 2000, quase o mesmo número de domicílios de Santos (160 mil em Praia Grande e 170 mil em Santos).

**Tabela 21**

PARTICIPAÇÃO DO NÚMERO DE DOMICÍLIOS SEGUNDO SUA ESPÉCIE NO  
MOMENTO DO RECENSEAMENTO  
REGIÃO METROPOLITANA DA BAIXADA SANTISTA  
1960-2000

Municípios	1960		1970				1980					Total (%)		
	Total	(%)	Ocupado	Vago	Fechado	Total	(%)	Ocupado	Vago	Fechado	Ocasional	Coletivo	Total	(%)
Bertioga	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Cubatão	5.358	6,2	93,5	6,2	0,4	11.253	4,7	92,5	6,6	0,2	0,2	0,5	19.248	5,2
Guarujá	8.281	9,5	70,0	6,6	23,4	27.040	11,3	61,5	6,2	0,8	31,2	0,3	54.534	14,6
Itanhaém	1.659	1,9	40,1	8,0	51,9	7.852	3,3	39,2	10,6	0,5	49,5	0,3	17.090	4,6
Mongaguá	550	0,6	23,0	6,2	70,7	5.485	2,3	24,0	6,4	1,3	68,1	0,2	9.524	2,6
Peruíbe	759	0,9	52,8	9,6	37,6	2.916	1,2	44,4	10,9	1,5	42,8	0,4	10.070	2,7
Praia Grande	-	-	14,8	7,5	77,7	32.421	13,5	26,8	6,0	0,1	66,8	0,2	63.342	17,0
Santos	53.176	61,0	71,8	9,2	19,0	109.483	45,6	79,1	5,2	1,0	13,9	0,8	135.379	36,3
São Vicente	17.325	19,9	59,2	10,7	30,1	43.452	18,1	73,0	6,4	0,8	19,6	0,2	63.587	17,1
<b>Total RMBS</b>	<b>87.108</b>	<b>100</b>	<b>60,2</b>	<b>8,7</b>	<b>31,1</b>	<b>239.902</b>	<b>100</b>	<b>63,1</b>	<b>6,2</b>	<b>0,7</b>	<b>29,5</b>	<b>0,4</b>	<b>372.774</b>	<b>100</b>

Municípios	1991						2000					Total (%)		
	Ocupado	Vago	Fechado	Ocasional	Coletivo	Total	(%)	Ocupado	Vago	Fechado	Ocasional	Coletivo	Total	(%)
Bertioga	28,2	8,1	0,1	63,2	0,4	10.807	2,0	33,4	5,7	0,5	60,0	0,4	26.149	3,5
Cubatão	94,7	4,8	0,02	0,3	0,2	23.808	4,4	88,9	8,9	1,2	0,9	0,1	33.693	4,5
Guarujá	54,4	4,9	0,3	40,3	0,1	94.084	17,2	57,2	6,4	0,7	35,5	0,1	126.546	17,0
Itanhaém	36,9	6,1	0,01	56,8	0,2	32.935	6,0	40,4	6,9	0,03	52,5	0,1	50.949	6,8
Mongaguá	26,1	4,2	0,02	69,5	0,1	18.791	3,4	29,8	6,2	0	63,9	0,1	33.146	4,5
Peruíbe	41,1	6,7	0	51,8	0,4	20.512	3,8	45,2	7,6	0,1	46,9	0,3	32.095	4,3
Praia Grande	29,9	6,8	0,02	63,2	0,1	109.716	20,1	34,3	7,3	0,1	58,2	0,1	160.289	21,5
Santos	77,0	8,3	0,5	13,9	0,3	155.279	28,4	77,1	10,0	0,6	12,2	0,1	170.439	22,9
São Vicente	75,9	6,5	0,2	17,4	0,1	91.247	16,7	75,1	10,8	1,0	13,0	0,1	111.258	14,9
<b>Total RMBS</b>	<b>58,7</b>	<b>6,6</b>	<b>0,2</b>	<b>34,3</b>	<b>0,2</b>	<b>546.372</b>	<b>100</b>	<b>57,2</b>	<b>8,2</b>	<b>0,5</b>	<b>33,9</b>	<b>0,1</b>	<b>744.564</b>	<b>100</b>

Fonte: FIBGE, Sinopses Preliminares dos Censos Demográficos de 1960 a 2000.

Já os domicílios de uso ocasional aumentaram sua participação até o início da década de 1990 (34,3%), quando começaram a perder um pouco de peso relativo com relação às demais espécies de domicílio da Baixada Santista. As maiores proporções de

domicílios com uso ocasional em Praia Grande, Santos e São Vicente foram obtidas em 1980 (ou até antes, em vista da impossibilidade de se obter este tipo de informação antes de 1980), e para os demais municípios em 1991. Este fato demonstra uma desconcentração

maior do turismo a partir da década de 1980 na RMBS.

O município de Cubatão é um caso a parte. Único município da Baixada Santista a não ser banhado pelo Oceano Atlântico, apresentou o auge de sua proporção de domicílios de uso ocasional em 2000 (313 domicílios de uso ocasional). Estes domicílios poderiam estar situados perto dos limites de Santos, servindo assim a uma população flutuante que procurou uma melhor oportunidade de construir seus domicílios próximos a Santos e São Vicente, ou então poderiam ser domicílios de técnicos e outros profissionais que não estariam visando o turismo, mas sim as indústrias de Cubatão, para consultorias e

serviços de curta duração, como apontado anteriormente.

A Tabela 22 traz as taxas médias geométricas de crescimento anual do número de domicílios de cada município, segundo a espécie do domicílio no momento do recenseamento.

Verifica-se, com esta tabela, que o aumento do número de domicílios foi no período 1960/70 (10,7% ao ano). Mongaguá apresentou o maior aumento do período (26% ao ano), de um total de 550 domicílios em 1960 para 5.485 em 1970. Os anos 1960 significaram um grande crescimento imobiliário para este município, assim como para Itanhaém, Peruíbe e Guarujá (acima de 10% ao ano).

**Tabela 22**

TAXAS MÉDIAS GEOMÉTRICAS DE CRESCIMENTO ANUAL DO NÚMERO DE DOMICÍLIOS SEGUNDO A ESPÉCIE  
REGIÃO METROPOLITANA DA BAIXADA SANTISTA  
1960-2000

Municípios	1960/70	1970/1980			1980/1991			1991/2000			Total		
	Total	Ocupado	Vago	Ocasional (*)	Total	Ocupado	Vago	Ocasional	Total	Ocupado		Vago	Ocasional
Bertioga	.	.	.	.	.	.	.	.	.	12,4	6,1	9,7	<b>10,3</b>
Cubatão	<b>7,7</b>	5,4	6,2	6,4	<b>5,5</b>	2,2	-0,9	2,6	<b>2,0</b>	3,2	11,3	19,9	<b>3,9</b>
Guarujá	<b>12,6</b>	5,9	6,5	7,9	<b>7,3</b>	3,9	2,9	7,5	<b>5,1</b>	3,9	6,5	1,9	<b>3,3</b>
Itanhaém	<b>16,8</b>	7,8	11,2	11,7	<b>8,1</b>	5,6	0,9	7,5	<b>6,1</b>	6,0	6,4	4,1	<b>5,0</b>
Mongaguá	<b>25,9</b>	6,1	6,0	7,9	<b>5,7</b>	7,2	2,4	6,6	<b>6,4</b>	8,1	11,1	5,5	<b>6,5</b>
Peruíbe	<b>14,4</b>	11,2	14,6	16,1	<b>13,2</b>	5,9	2,1	8,5	<b>6,7</b>	6,2	6,5	3,9	<b>5,1</b>
Praia Grande	.	13,5	4,6	4,8	<b>6,9</b>	6,2	6,2	4,6	<b>5,1</b>	5,9	5,2	3,3	<b>4,3</b>
Santos	<b>7,5</b>	3,1	-3,5	-1,8	<b>2,1</b>	1,0	5,7	1,3	<b>1,3</b>	1,0	3,1	-0,4	<b>1,0</b>
São Vicente	<b>9,6</b>	6,1	-1,2	-0,1	<b>3,9</b>	3,7	3,4	2,2	<b>3,3</b>	2,1	8,2	-1,0	<b>2,2</b>
<b>Total RMBS</b>	<b>10,7</b>	<b>5,0</b>	<b>1,0</b>	<b>2,2</b>	<b>4,5</b>	<b>2,9</b>	<b>4,2</b>	<b>5,0</b>	<b>3,5</b>	<b>3,2</b>	<b>6,0</b>	<b>3,4</b>	<b>3,5</b>

(\*) Considerou-se como estimativa do crescimento dos domicílios de uso ocasional no período 1970/80 os domicílios fechados em 1970 e os domicílios fechados e de uso ocasional em 1980.

Fonte: FIBGE, Sinopses Preliminares dos Censos Demográficos de 1960 a 2000.

O maior aumento de domicílios ocupados foi nos anos 1970 (ou até antes, a julgar pelo exposto acima, deve ter sido na década de 1960). Com relação aos domicílios vagos, estão crescendo cada vez mais com o tempo, chegando a 6% ao ano nos anos 1990. Em municípios como Cubatão e Mongaguá já passou dos 11% ao ano, embora tenha caído significativamente na década anterior. Observou-se, nos anos 1980, uma queda da proporção dos domicílios vagos para todos os municípios, com exceção de Praia Grande, Santos e São Vicente. E uma alta nesta proporção foi verificada nos anos 1990 para todos os municípios, exceto para Praia Grande e Santos.

Também para estes três municípios, mais consolidados, o auge do crescimento dos domicílios de uso ocasional foi na década de 1980, enquanto para os demais municípios, como destacado anteriormente, foi na década passada, ou antes. Lembrando mais uma vez o município de Cubatão, que apresentou um crescimento nos domicílios de uso ocasional da ordem de 20% ao ano nos anos 1990.

Para os municípios de Cubatão, Guarujá, Itanhaém, Mongaguá e Peruíbe, observa-se uma tendência de queda das taxas de crescimento dos domicílios vagos até os anos 1980, e conseqüentes aumentos nos anos 1990, assim como significativas taxas de crescimento dos domicílios de uso ocasional até a década de 1980, e quedas em geral mais significativas nos anos 1990, demonstrando que a população flutuante procurava construir imóveis nestes municípios, para uso de veraneio, até a década de 1980. A partir de então, esta procura se reduziu sensivelmente. Para estes municípios, a população

flutuante teve uma participação mais importante no período 1980-91.

Em Praia Grande, as taxas de crescimento da população residente têm acompanhado o crescimento dos domicílios ocupados, em uma escala muito próxima até os anos 1980. A partir de então, o crescimento dos domicílios vagos se torna praticamente igual ao populacional. Este município, inclusive, é o único a apresentar a taxa de crescimento dos domicílios ocupados no período 1991-2000 como sendo a maior entre estas categorias analisadas. A taxa de crescimento dos domicílios de uso ocasional era maior que a dos domicílios vagos apenas no período 1970-80, levando a crer que houve uma expansão mais significativa do uso dos domicílios para veraneio 1980. A partir de então, o município começa a se consolidar, e os veranistas, a se dirigirem para outros locais que consideravam mais adequados, como os municípios mais periféricos da região.

O município de Santos apresentou as mesmas tendências verificadas em Praia Grande, mas mais acentuadas. Sua consolidação já estava mais acentuada. O crescimento dos domicílios vagos era negativo até 1980, significando uma redução destes em número absoluto até o período 1970-80. Já no período 1980-91, o crescimento desta espécie de domicílio foi o maior de todas as categorias (5,7%), significando um certo "abandono" dos imóveis pela população residente ou flutuante.

Mas neste período ocorreu também um crescimento significativo dos domicílios de uso ocasional, o que deve mostrar que o abandono dos imóveis deve ter ocorrido por parte da população residente, pois este foi o auge dos domicílios obtidos pela população flutuante. Este fato pode ser

confirmado pela redução do crescimento populacional a valores próximos de “0” no período, assim como a queda das taxas de crescimento dos domicílios ocupados. Portanto, os anos 1980 significaram o auge da desconcentração populacional no município de Santos.

Assim, os domicílios vagos são também indícios de um movimento populacional, em busca de outras áreas. No caso de Santos, representam tanto um movimento para morar, quanto para uso de veraneio.

E uma vez que a taxa de crescimento dos domicílios vagos caiu de forma significativa no período posterior (de 5,7% em 1980-91 para 3,1% em 1991-2000), e o crescimento dos domicílios de uso ocasional também caiu entre estes períodos, isto pode representar o início de alguma mudança no perfil de ocupação dos domicílios. Como foi apontado anteriormente, as famílias estão reduzindo seu tamanho, e poderiam estar se dividindo e ocupando outros domicílios. Os casais jovens, no início do ciclo familiar, poderiam estar ocupando mais imóveis, ao se casar, no período 1991-2000 do que no período 1980-91<sup>8</sup>.

As taxas de crescimento dos domicílios de uso ocasional de São Vicente, assim como em Santos, aumentaram de forma significativa no período 1980-1991. Mas, ao contrário de Santos, o crescimento

dos domicílios vagos não parou de aumentar marca com o decorrer dos anos, ultrapassando a marca dos 8% ao ano no período 1991-2000, sendo que era negativo nos anos 1970. Isto significa uma emigração cada vez maior no município, confirmada na **Tabela 9**.

A população residente de São Vicente cresceu significativamente até o período 1970-80, e então passou a cair de forma importante após este período. Já o crescimento dos domicílios caiu de quase 10% no período 1960-70 para 4% nos anos 1970. Isto pode significar um adensamento populacional, ou um número maior de habitantes por domicílio até a década de 1970.

Os anos 1980 também devem ter significado o pico da população flutuante neste município, como foi para Santos. E a década de 1990 representou uma diminuição marcante em seu crescimento populacional, de domicílios ocupados, do total de domicílios e principalmente dos domicílios de uso ocasional.

Estes dados deixam claro que o município de São Vicente, mais do que qualquer outro da Região Metropolitana da Baixada Santista, não apresentou atrativos no período 1991-2000, para a população, tanto residente quanto flutuante. Os saldos migratórios apresentados na **Tabela 9** apontam uma emigração cada vez mais significativa neste município até o ano de 2000, demonstrando que São Vicente já se encontra em estágio avançado de consolidação.

---

8. A espacialização das famílias em Santos será abordada no tópico seguinte, que analisa se os espaços estariam se tornando mais rejuvenescidos ou envelhecidos no município de Santos.

A **Tabela 22** mostrou também que, nos anos 1960, o crescimento dos domicílios (seu número total) era bem superior ao crescimento populacional, especialmente para os municípios mais periféricos da Baixada Santista. Este é um indício de que a população flutuante apresentava uma participação muito grande na população residente. Verificou-se que, em geral, quanto maior a diferença entre o crescimento do número de domicílios e o crescimento da população (em favor do primeiro), maior a participação da população flutuante no município em questão.

Assim, esta nova forma de análise, mesmo sem a necessidade do crescimento dos domicílios de uso ocasional, aponta para os anos 1960 como sendo os de maior representatividade da população flutuante para seis dos oito municípios abordados. Não foi este o caso para Cubatão, que apresenta um maior peso relativo da população flutuante somente na década de 1990 (e com uma tendência de aumento, conforme o verificado com os saldos migratórios da **Tabela 9**), e para Praia Grande, que sempre apresentou taxas de crescimento populacionais maiores que de domicílios, mostrando seu caráter de grande receptor de migrantes, influenciando sobremaneira no crescimento dos domicílios ocupados.

Com relação à hipótese de que a população flutuante potencializou os processos de periferização e de verticalização da Baixada Santista, foi verificado que os momentos de maior participação desta população foram praticamente os mesmos de maior expansão urbana, havendo, assim, uma correspondência direta entre a

expansão urbana e a participação da população flutuante na região.

Santos (1992) mostrou que nos anos 1950 ocorreu o “primeiro boom imobiliário” voltado para o turismo, e na década de 1960, uma renovação urbana de Santos, com a maior importância do bairro do Gonzaga, e a verticalização da orla marítima para a população flutuante. Os anos 1970 mostraram a falta de áreas de expansão para ocupação na Ilha de São Vicente (parte insular de Santos e São Vicente), ocasionando um “extravasamento urbano” para municípios vizinhos a estes, impulsionando mais a desconcentração espacial da população. Negreiros (1992) utilizou o termo “segundo boom de crescimento vertical” para demonstrar esta década.

Relembrando-se as conclusões apontadas na análise da **Tabela 22**, onde foi dito que o auge do crescimento dos domicílios de uso ocasional dos municípios mais periféricos da RMBS ocorreu na década de 1970, ou antes, e observando-se que as maiores taxas de crescimento populacional destes municípios foram nos anos 1960 e 70, pode-se afirmar que a população flutuante possuiu sim uma grande participação nos processos de periferização e de verticalização das moradias.

Baeninger e Souza (1994) apontaram que a ocupação da Baixada, particularmente nos anos 1970, foi intensificada por grandes investimentos no setor secundário da economia e em construção civil (expansão da COSIPA e ampliação da PETROBRÁS), pela expansão do setor terciário, e pelo incremento do turismo, ocasionando a expansão da periferia e o início da “favelização” na região.

Assim, se as oportunidades criadas no mercado de trabalho regional atraíram um grande volume de pessoas para a Baixada, a população flutuante contribuiu muito para a redução dos espaços disponíveis para ocupação, o que gerou os processos de periferização e de verticalização de moradias na região.

O processo de ocupação na Baixada Santista apresenta características distintas das observadas em outras regiões do país, principalmente em função da vocação turística desta região. No período de descoberta de Santos, por exemplo, e de suas belezas naturais, e durante o seu desenvolvimento, este município recebeu migrantes em busca de oportunidades de emprego no complexo industrial e no porto, assim como uma significativa população flutuante. Quando o município se consolidou, sua população se estabilizou, e observou-se uma emigração maior e uma diminuição do número de domicílios de uso ocasional, com a busca de melhores locais por parte dos veranistas, iniciando-se um novo ciclo de ocupação em algum município vizinho.

Portanto, a população flutuante potencializa os processos de verticalização e de periferização na Baixada, reduzindo o tempo necessário para que o município se consolide.

Terminadas estas análises do ponto de vista demográfico, o próximo item abordará a evolução do perfil da população e da migração do ponto de vista socioeconômico, a outra dimensão comentada anteriormente.

A análise da evolução do perfil da população e da migração, do ponto de vista econômico, tratada a

seguir, envolve mais especificamente condições socioeconômicas e o nível sócio-ocupacional das famílias. Estes fatores, conforme verificado por Cunha (1994), podem explicar a maior propensão das famílias a migrar. Este tópico faz uma caracterização das condições de moradia da população, de sua escolaridade e renda, e de sua inserção no mercado de trabalho regional. O primeiro item analisa as condições de moradia da população, migrante ou não.

---

### **A CARACTERIZAÇÃO DAS CONDIÇÕES DE MORADIA DA POPULAÇÃO**

Alguns autores como Ribeiro (2001), Lago (1998, 2000 e 2001) e Smolka (1992a e 1994) procuram estabelecer relações entre a reestruturação urbana e as mudanças no circuito imobiliário de produção, e chegam a considerar a moderna incorporação imobiliária como sendo causadora de segregação espacial. Mattos (1999) também constata que os negócios imobiliários interagem dinamicamente com as preferências da população urbana, e possuem um papel fundamental nas atuais tendências de expansão e “periurbanização” metropolitana, uma vez que os diversos estratos de renda tendem a localizar-se em novas áreas do entorno metropolitano.

Neste sentido, embora não se analise neste trabalho o mercado imobiliário em si, no sentido de seu papel na configuração do tecido urbano, uma análise sobre as condições de moradia da população é de grande importância para o estudo da expansão urbana de uma região. Da mesma forma, uma análise da renda familiar também se faz necessária. Assim, este item aborda as condições de moradia da

população da RMBS, e a renda familiar será tratada no item a seguir, juntamente com a escolaridade do chefe da família.

Inicialmente, se avaliou o tipo de domicílio da população. Esta informação pode ser obtida a partir dos Censos Demográficos de 1980 e 1991. É o que traz a **Tabela 23**.

Esta tabela mostra que, em geral, para a RMBS, mais de 73% das pessoas moravam em casas nos anos 1970. E este número aumentou um pouco na década seguinte. Um destaque maior pode ser dado aos migrantes intra-metropolitanos, que possuem um valor de mais de 80% de pessoas que moravam em casas.

Analisando-se em nível municipal, pode-se notar que em Santos, ao contrário, mais da metade da população morava em apartamentos nos anos 1980,

migrante ou não. O Censo Demográfico de 1991 também traz a informação da localização destes tipos de domicílio, na forma de uma localização isolada (ou em condomínio), conjunto residencial popular, e aglomerado subnormal. Nota-se, com a **Tabela 23**, que a maior parte possui uma localização “convencional”. Mas uma parte significativa dos migrantes intra-metropolitanos que moravam em casas, se localizava em conjuntos residenciais populares em Praia Grande (23,7%) e São Vicente (22,7%). A participação maior da população destes municípios em morar em conjuntos populares, além dos municípios de Santos, Cubatão e Guarujá, é em grande parte responsável pela Companhia de Habitação da Baixada Santista (COHAB santista), que possui uma atuação nestes cinco municípios.

**Tabela 23**

**PARTICIPAÇÃO DOS GRUPOS POPULACIONAIS SEGUNDO O TIPO DE DOMICÍLIO  
REGIÃO METROPOLITANA DA BAIXADA SANTISTA  
1981-1991**

	Residência Atual	Tipo em 1970-80			Tipo Casa em 1981-91					Tipo Apartamento em 1981-91				Cômodo 1981-91	Total 1981-91
		Casa	Apto	Total	Isolada	Conj.	Res.	Agl.	Subn.	Sub-total	Isolada	Conj.	Res.		
População Total	Cubatão	93,8	6,2	<b>74.925</b>	41,6	13,5	33,0	<b>88,0</b>	6,4	0,2	0,05	<b>6,6</b>	<b>5,4</b>	<b>89.694</b>	
	Guarujá	92,1	7,9	<b>63.823</b>	61,1	3,4	29,1	<b>93,7</b>	4,9	1,1	0,1	<b>6,1</b>	<b>0,3</b>	<b>208.035</b>	
	distr.V.Carvalho	97,8	2,2	<b>84.382</b>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
	Itanhaém	97,8	2,2	<b>27.233</b>	96,6	1,4	0,3	<b>98,2</b>	1,7	0	0	<b>1,7</b>	<b>0,1</b>	<b>45.703</b>	
	Mongaguá	94,1	5,9	<b>9.664</b>	88,4	0	7,2	<b>95,6</b>	4,4	0	0	<b>4,4</b>	<b>0</b>	<b>18.179</b>	
	Peruibe	98,2	1,8	<b>18.092</b>	97,7	0	0,5	<b>98,2</b>	1,8	0	0	<b>1,8</b>	<b>0,02</b>	<b>32.171</b>	
	Praia Grande	82,4	17,6	<b>63.741</b>	75,2	6,6	4,6	<b>86,4</b>	12,1	1,3	0	<b>13,4</b>	<b>0,1</b>	<b>122.798</b>	
	Santos	50,4	49,6	<b>394.975</b>	31,8	2,4	10,7	<b>45,0</b>	47,3	6,1	0,1	<b>53,5</b>	<b>1,6</b>	<b>422.049</b>	
	distr.Bertioga	99,5	0,5	<b>3.858</b>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
	São Vicente	84,5	15,5	<b>191.316</b>	60,6	6,8	15,8	<b>83,2</b>	14,1	2,4	0,1	<b>16,6</b>	<b>0,3</b>	<b>265.933</b>	
<b>Total RMBS</b>	<b>73,2</b>	<b>26,8</b>	<b>932.009</b>	<b>53,5</b>	<b>4,7</b>	<b>15,3</b>	<b>73,4</b>	<b>22,4</b>	<b>3,0</b>	<b>0,1</b>	<b>25,5</b>	<b>1,1</b>	<b>1.204.562</b>		
Migrantes Intrametrop.	Cubatão	91,6	8,4	<b>3.966</b>	31,8	6,4	48,2	<b>86,5</b>	8,7	0	0	<b>8,7</b>	<b>4,8</b>	<b>4.049</b>	
	Guarujá	93,1	6,9	<b>5.617</b>	58,3	5,2	22,9	<b>86,4</b>	8,1	5,3	0,3	<b>13,6</b>	<b>0</b>	<b>6.953</b>	
	distr.V.Carvalho	95,1	4,9	<b>4.380</b>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
	Itanhaém	96,4	3,6	<b>1.577</b>	91,7	4,9	0,5	<b>97,1</b>	2,9	0	0	<b>2,9</b>	<b>0</b>	<b>2.025</b>	
	Mongaguá	88,4	11,6	<b>889</b>	75,1	0	12,8	<b>87,8</b>	12,2	0	0	<b>12,2</b>	<b>0</b>	<b>938</b>	
	Peruibe	99,7	0,3	<b>1.822</b>	98,6	0	0	<b>98,6</b>	1,4	0	0	<b>1,4</b>	<b>0</b>	<b>1.542</b>	
	Praia Grande	81,4	18,6	<b>8.302</b>	60,9	23,7	7,7	<b>92,3</b>	6,3	1,3	0	<b>7,7</b>	<b>0,02</b>	<b>20.989</b>	
	Santos	40,9	59,1	<b>6.531</b>	29,5	2,3	9,2	<b>41,1</b>	48,4	8,5	0,2	<b>57,0</b>	<b>1,9</b>	<b>5.960</b>	
	distr.Bertioga	100	0	<b>167</b>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
	São Vicente	80,0	20,0	<b>33.920</b>	45,2	22,7	11,6	<b>79,4</b>	13,2	7,3	0	<b>20,5</b>	<b>0,1</b>	<b>38.621</b>	
<b>Total RMBS</b>	<b>80,2</b>	<b>19,8</b>	<b>67.171</b>	<b>51,1</b>	<b>18,0</b>	<b>12,7</b>	<b>81,8</b>	<b>12,8</b>	<b>4,9</b>	<b>0,03</b>	<b>17,8</b>	<b>0,4</b>	<b>81.077</b>		
Outros Migrantes	Cubatão	91,8	8,2	<b>23.630</b>	33,9	8,1	39,8	<b>81,8</b>	4,3	0,1	0	<b>4,4</b>	<b>13,8</b>	<b>14.612</b>	
	Guarujá	88,0	12,0	<b>18.181</b>	52,5	1,4	34,4	<b>88,3</b>	9,9	0,9	0,2	<b>11,1</b>	<b>0,6</b>	<b>32.876</b>	
	distr.V.Carvalho	97,3	2,7	<b>13.837</b>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
	Itanhaém	97,1	2,9	<b>8.987</b>	96,4	0,9	0	<b>97,3</b>	2,6	0	0	<b>2,6</b>	<b>0,1</b>	<b>13.189</b>	
	Mongaguá	93,0	7,0	<b>3.332</b>	91,9	0	2,0	<b>93,9</b>	6,1	0	0	<b>6,1</b>	<b>0</b>	<b>6.062</b>	
	Peruibe	96,9	3,1	<b>7.875</b>	97,9	0	0	<b>97,9</b>	2,1	0	0	<b>2,1</b>	<b>0</b>	<b>11.016</b>	
	Praia Grande	76,0	24,0	<b>28.517</b>	73,5	4,5	3,1	<b>81,2</b>	18,3	0,5	0	<b>18,8</b>	<b>0,1</b>	<b>35.086</b>	
	Santos	45,0	55,0	<b>59.778</b>	26,9	0,9	13,8	<b>41,6</b>	51,2	2,7	0,1	<b>53,9</b>	<b>4,5</b>	<b>46.777</b>	
	distr.Bertioga	98,9	1,1	<b>1.098</b>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
	São Vicente	75,2	24,8	<b>36.892</b>	53,0	4,9	17,3	<b>75,3</b>	22,3	1,4	0	<b>23,7</b>	<b>1,0</b>	<b>36.397</b>	
<b>Total RMBS</b>	<b>73,2</b>	<b>26,8</b>	<b>202.127</b>	<b>55,6</b>	<b>2,8</b>	<b>15,9</b>	<b>74,3</b>	<b>22,1</b>	<b>1,1</b>	<b>0,1</b>	<b>23,3</b>	<b>2,4</b>	<b>196.015</b>		
Não Migrantes	Cubatão	94,9	5,1	<b>47.329</b>	43,7	15,0	30,7	<b>89,4</b>	6,7	0,2	0,1	<b>6,9</b>	<b>3,7</b>	<b>71.031</b>	
	Guarujá	93,9	6,1	<b>40.025</b>	62,9	3,7	28,3	<b>95,0</b>	3,8	0,9	0,1	<b>4,8</b>	<b>0,2</b>	<b>168.206</b>	
	distr.V.Carvalho	98,1	1,9	<b>66.165</b>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
	Itanhaém	98,3	1,7	<b>16.669</b>	97,0	1,3	0,4	<b>98,7</b>	1,2	0	0	<b>1,2</b>	<b>0,1</b>	<b>30.487</b>	
	Mongaguá	95,7	4,3	<b>5.443</b>	87,6	0	9,6	<b>97,2</b>	2,8	0	0	<b>2,8</b>	<b>0</b>	<b>11.178</b>	
	Peruibe	99,1	0,9	<b>8.395</b>	97,6	0	0,8	<b>98,4</b>	1,6	0	0	<b>1,6</b>	<b>0,04</b>	<b>19.614</b>	
	Praia Grande	89,4	10,6	<b>26.922</b>	80,6	2,3	4,4	<b>87,4</b>	10,7	1,7	0	<b>12,5</b>	<b>0,1</b>	<b>66.724</b>	
	Santos	51,5	48,5	<b>328.666</b>	32,5	2,6	10,3	<b>45,4</b>	46,8	6,5	0,1	<b>53,4</b>	<b>1,2</b>	<b>369.315</b>	
	distr.Bertioga	99,7	0,3	<b>2.593</b>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
	São Vicente	88,6	11,4	<b>120.504</b>	65,1	4,0	16,3	<b>85,4</b>	12,7	1,6	0,1	<b>14,4</b>	<b>0,1</b>	<b>190.915</b>	
<b>Total RMBS</b>	<b>72,4</b>	<b>27,6</b>	<b>662.711</b>	<b>53,2</b>	<b>3,9</b>	<b>15,4</b>	<b>72,5</b>	<b>23,3</b>	<b>3,2</b>	<b>0,1</b>	<b>26,6</b>	<b>0,8</b>	<b>927.470</b>		

Fonte: FIBGE, Censos Demográficos de 1980 e 1991. Tabulações Especiais.

Nos municípios de Cubatão e Guarujá, grande parte dos migrantes intrametropolitanos se localizava em aglomerados subnormais (48,2% e 22,9%, respectivamente) na década de 1980. Aliás, grande parte da população morava em aglomerados subnormais em Cubatão e Guarujá em todas as categorias. Este é um

indicador de que as piores condições habitacionais seriam dos migrantes destes dois municípios. É uma pena que o Censo de 1991 não traga informações sobre o distrito de Vicente de Carvalho, que poderia conter uma grande porcentagem de pessoas morando em aglomerados subnormais.

A população de Cubatão, e mais especificamente os migrantes, deveria estar firmando residência em locais próximos às grandes indústrias e rodovias, assim como perto dos rios e mangues, no caso dos pescadores. Este poderia ser um contraponto da teoria dos setores de Hoyt (citada por Villaça, 1998 e Eufrazio, 1999), que coloca que as áreas de mais alta renda tendem a se desenvolver ao longo das vias de transporte mais rápido. No caso de Cubatão, o que tem se observado é o contrário, desde a criação dos bairros Cota às margens da Via Anchieta. Com relação ao Guarujá, a população periférica de Santos se dirigia para este município, em especial para o distrito de Vicente de Carvalho, que era a cidade-dormitório de pessoas que trabalhavam em Santos.

São Vicente e Santos também apresentaram significativas participações de população morando em casas localizadas em aglomerados sub-normais, que seriam aquelas mais marginalizadas, que estariam sendo “empurradas” para estas áreas. Mas o que mais chama a atenção é a participação dos migrantes intrametropolitanos de Mongaguá, que residiam em tais áreas (12,8%). Provavelmente seria a população periférica dos municípios centrais, que estaria se deslocando para lá. O que tem ocorrido já há algum tempo, dado o peso relativo dos não migrantes nestes aglomerados de Mongaguá (9,6%).

Quanto aos cômodos, o peso relativo da população morando nestes tinha significância maior para Cubatão e Santos, especialmente entre os migrantes não metropolitanos (13,8% destes em Cubatão e 4,5% em Santos). Eram mais de 2 mil migrantes não metropolitanos morando em cômodos em Cubatão e perto de 2.100 em Santos.

Analisando-se agora a condição de ocupação do domicílio, a **Tabela 24** mostra que, em geral, o domicílio era próprio. Mas até 1980, para os outros migrantes (não metropolitanos), o maior peso relativo estava na condição de alugado, especialmente na década de 1970 (52% para a RMBS).

No período 1970-80, o peso relativo dos domicílios alugados aumentou em todos os municípios para os migrantes, comparando-se com o período anterior. Mas caiu significativamente para a maioria dos municípios no período seguinte. Menos para Guarujá e Mongaguá, entre os migrantes intrametropolitanos, que aumentou (4,5% para Guarujá e perto de 18% de aumento para Mongaguá). Esta diminuição dos domicílios alugados nem sempre é um bom sinal. Pode significar, por exemplo, uma “favelização” maior, que não pôde ser verificada com a **Tabela 23**, em virtude de representar apenas um momento no tempo. Esta “favelização” iniciada nos anos 1970 foi apontada por Baeninger e Souza (1994). Seria interessante uma comparação com dados do Censo de

---

9. Embora Hoyt tenha baseado sua teoria na forma de ocupação dos espaços dos Estados Unidos, boa parte de suas conclusões pode ser aplicada ao município de Santos.

2000, ainda a serem divulgados no momento do encerramento deste trabalho.

Aliado a isto, também existe o fato de que nos recenseamentos, a pessoa pode dizer que o imóvel pertence a ela, mas pode não pertencer. E nos loteamentos populares, existe a questão da auto-construção das moradias, que nem sempre apresentam um bom saneamento básico. Portanto, uma análise do saneamento das moradias também é importante, e será feita mais adiante.

Com a **Tabela 24**, verificou-se também um aumento na condição de domicílio cedido nos anos 1980

para grande parte dos municípios, que havia caído significativamente anteriormente. Sobretudo Itanhaém e Peruíbe apresentaram pesos relativos mais importantes na década de 1980, da ordem de 21% para os não migrantes, 25% a 29% entre os migrantes não metropolitanos, e ainda 28% para os migrantes intrametropolitanos de Itanhaém. Chamou atenção o fato de que estes dois municípios são os situados mais ao sul da Baixada Santista. Poderia representar um tipo de aumento da população flutuante, que estaria deixando algum empregado para tomar conta do imóvel.

**Tabela 24**

PARTICIPAÇÃO DOS GRUPOS POPULACIONAIS SEGUNDO A CONDIÇÃO DE  
OCUPAÇÃO DO DOMICÍLIO  
REGIÃO METROPOLITANA DA BAIXADA SANTISTA  
1959-1991

	Residência Atual	1959-70				1970-80				1981-91						
		Próprio	Alugado	Cedido	Outra	Total	Próprio	Alugado	Cedido	Outra	Total	Próprio	Alugado	Cedido	Outra	Total
População Total	Cubatão	40,8	39,6	19,3	0,3	<b>48.680</b>	51,0	41,6	6,3	1,1	<b>74.858</b>	71,3	21,6	7,1	0,01	<b>89.692</b>
	Guarujá	57,4	20,5	19,9	2,2	<b>32.251</b>	67,2	19,2	13,2	0,3	<b>63.691</b>	72,8	14,7	11,8	0,8	<b>208.035</b>
	distr.V.Carvalho	66,0	16,0	14,4	3,7	<b>56.930</b>	69,6	24,7	5,1	0,6	<b>84.191</b>	-	-	-	-	-
	Itanhaém	51,1	14,3	17,3	17,2	<b>13.256</b>	55,2	22,9	19,8	2,2	<b>27.233</b>	62,5	13,6	23,5	0,4	<b>45.703</b>
	Mongaguá	36,6	19,0	32,7	11,7	<b>5.119</b>	48,1	18,5	28,2	5,2	<b>9.664</b>	64,9	14,2	18,4	2,4	<b>18.179</b>
	Peruibe	51,6	11,7	16,9	19,8	<b>6.585</b>	60,9	18,7	19,4	1,0	<b>18.065</b>	65,1	11,6	22,6	0,7	<b>32.172</b>
	Praia Grande	42,9	25,2	29,6	2,2	<b>18.773</b>	47,2	33,9	16,6	2,4	<b>63.514</b>	65,4	21,1	12,6	0,9	<b>122.798</b>
	Santos	51,5	42,8	5,3	0,4	<b>303.890</b>	52,3	42,9	4,5	0,3	<b>394.037</b>	61,0	33,1	5,6	0,2	<b>422.049</b>
	distr.Bertioga	52,6	14,7	26,0	6,6	<b>3.195</b>	45,7	17,9	33,0	3,4	<b>3.854</b>	-	-	-	-	-
	São Vicente	52,7	39,3	7,7	0,2	<b>111.992</b>	52,4	39,2	7,2	1,1	<b>191.122</b>	68,2	24,9	6,7	0,2	<b>265.934</b>
<b>Total RMBS</b>	<b>52,2</b>	<b>36,3</b>	<b>10,0</b>	<b>1,6</b>	<b>600.671</b>	<b>54,6</b>	<b>36,8</b>	<b>7,8</b>	<b>0,8</b>	<b>930.229</b>	<b>66,1</b>	<b>24,4</b>	<b>9,1</b>	<b>0,4</b>	<b>1.204.562</b>	
Migrantes Intrametrop.	Cubatão	-	-	-	-	-	52,8	38,1	6,7	2,4	<b>3.966</b>	66,8	19,5	13,7	0	<b>4.049</b>
	Guarujá	-	-	-	-	-	62,6	27,2	10,1	0,1	<b>5.613</b>	54,4	31,7	13,0	0,9	<b>6.952</b>
	distr.V.Carvalho	-	-	-	-	-	56,8	35,9	4,8	2,5	<b>4.380</b>	-	-	-	-	-
	Itanhaém	-	-	-	-	-	45,2	30,8	22,5	1,5	<b>1.577</b>	56,0	16,3	27,6	0	<b>2.027</b>
	Mongaguá	-	-	-	-	-	42,1	14,6	39,3	4,0	<b>889</b>	53,0	32,5	9,9	4,6	<b>938</b>
	Peruibe	-	-	-	-	-	45,2	29,2	24,1	1,4	<b>1.822</b>	61,8	19,7	16,9	1,6	<b>1.542</b>
	Praia Grande	-	-	-	-	-	48,1	36,3	13,4	2,2	<b>8.282</b>	76,2	15,9	7,1	0,9	<b>20.988</b>
	Santos	-	-	-	-	-	38,7	54,3	6,6	0,4	<b>6.527</b>	46,8	42,2	10,8	0,2	<b>5.960</b>
	distr.Bertioga	-	-	-	-	-	50,3	2,4	29,9	17,4	<b>167</b>	-	-	-	-	-
	São Vicente	-	-	-	-	-	49,0	45,2	5,1	0,8	<b>33.868</b>	70,2	23,6	6,0	0,2	<b>38.620</b>
<b>Total RMBS</b>	-	-	-	-	-	<b>49,5</b>	<b>41,2</b>	<b>8,2</b>	<b>1,2</b>	<b>67.091</b>	<b>67,8</b>	<b>23,3</b>	<b>8,4</b>	<b>0,5</b>	<b>81.076</b>	
Outros Migrantes	Cubatão	34,3	52,1	13,3	0,3	<b>21.960</b>	33,6	60,5	5,1	0,7	<b>23.626</b>	55,3	35,3	9,4	0	<b>14.611</b>
	Guarujá	52,9	25,4	19,8	1,9	<b>16.545</b>	53,7	29,5	16,6	0,3	<b>18.129</b>	53,1	26,4	19,0	1,5	<b>32.877</b>
	distr.V.Carvalho	57,5	23,3	15,9	3,3	<b>22.862</b>	39,4	54,7	5,7	0,1	<b>13.832</b>	-	-	-	-	-
	Itanhaém	44,9	21,2	18,7	15,2	<b>6.229</b>	45,0	30,4	23,8	0,8	<b>8.987</b>	51,8	19,1	28,8	0,3	<b>13.189</b>
	Mongaguá	35,1	24,4	31,0	9,5	<b>2.826</b>	41,2	27,2	27,9	3,7	<b>3.332</b>	63,6	14,4	19,3	2,7	<b>6.062</b>
	Peruibe	42,7	17,1	18,5	21,8	<b>3.465</b>	52,3	27,0	19,6	1,1	<b>7.875</b>	57,7	16,8	25,4	0,1	<b>11.016</b>
	Praia Grande	39,0	29,9	29,4	1,8	<b>11.296</b>	42,1	39,6	16,2	2,1	<b>28.427</b>	53,8	30,2	15,0	0,9	<b>35.086</b>
	Santos	32,5	60,9	6,0	0,6	<b>57.609</b>	28,2	66,7	4,9	0,2	<b>59.685</b>	38,7	51,5	9,6	0,3	<b>46.775</b>
	distr.Bertioga	34,5	32,0	21,7	11,7	<b>640</b>	22,8	42,0	33,7	1,5	<b>1.098</b>	-	-	-	-	-
	São Vicente	44,8	47,4	7,3	0,4	<b>43.625</b>	36,1	55,6	7,3	0,9	<b>36.855</b>	50,1	42,5	6,9	0,5	<b>36.398</b>
<b>Total RMBS</b>	<b>41,5</b>	<b>44,3</b>	<b>12,1</b>	<b>2,1</b>	<b>187.057</b>	<b>37,2</b>	<b>52,0</b>	<b>10,0</b>	<b>0,8</b>	<b>201.846</b>	<b>49,9</b>	<b>35,3</b>	<b>14,1</b>	<b>0,7</b>	<b>196.014</b>	
Não Migrantes	Cubatão	46,1	29,3	24,2	0,3	<b>26.720</b>	59,5	32,5	6,8	1,2	<b>47.266</b>	74,8	18,9	6,3	0,02	<b>71.033</b>
	Guarujá	62,2	15,4	20,0	2,5	<b>15.706</b>	74,0	13,5	12,1	0,3	<b>39.949</b>	77,4	11,7	10,3	0,7	<b>168.207</b>
	distr.V.Carvalho	71,7	11,0	13,4	3,9	<b>34.068</b>	76,8	17,7	5,0	0,6	<b>65.979</b>	-	-	-	-	-
	Itanhaém	56,6	8,2	16,2	19,0	<b>7.027</b>	61,6	18,0	17,3	3,1	<b>16.669</b>	67,6	11,1	21,0	0,4	<b>30.486</b>
	Mongaguá	38,5	12,3	34,8	14,4	<b>2.293</b>	53,4	13,7	26,6	6,3	<b>5.443</b>	66,6	12,5	18,7	2,2	<b>11.177</b>
	Peruibe	61,5	5,7	15,1	17,7	<b>3.120</b>	72,3	8,6	18,3	0,8	<b>8.368</b>	69,6	8,0	21,4	1,0	<b>19.615</b>
	Praia Grande	48,9	18,2	30,0	2,9	<b>7.477</b>	52,2	27,1	18,0	2,7	<b>26.805</b>	68,0	18,0	13,1	0,9	<b>66.724</b>
	Santos	56,0	38,6	5,1	0,4	<b>246.281</b>	56,9	38,4	4,4	0,3	<b>327.825</b>	64,1	30,6	5,1	0,2	<b>369.314</b>
	distr.Bertioga	57,2	10,3	27,1	5,4	<b>2.555</b>	55,1	8,7	32,9	3,2	<b>2.589</b>	-	-	-	-	-
	São Vicente	57,7	34,2	8,0	0,1	<b>68.367</b>	58,4	32,5	7,8	1,3	<b>120.399</b>	71,2	21,8	6,8	0,2	<b>190.915</b>
<b>Total RMBS</b>	<b>57,0</b>	<b>32,6</b>	<b>9,1</b>	<b>1,3</b>	<b>413.614</b>	<b>60,5</b>	<b>31,6</b>	<b>7,1</b>	<b>0,8</b>	<b>661.292</b>	<b>69,3</b>	<b>22,2</b>	<b>8,1</b>	<b>0,4</b>	<b>927.471</b>	

Fonte: FIBGE, Censos Demográficos de 1970, 1980 e 1991. Tabulações Especiais.

Mas o certo é que, conforme se verá mais adiante, as famílias migrantes intrametropolitanas de Itanhaém e Peruibe apresentaram significativo peso relativo de renda *per capita* familiar acima de 10 salários mínimos, no período 1981-91, e 13% destas famílias

em Itanhaém apontaram uma idade média do casal acima de 70 anos. Assim, poderia ser também algum tipo de migração de aposentados para estes municípios, que poderiam estar cuidando dos domicílios de parentes.

A **Tabela 25** mostra a participação de grupos populacionais, segundo a presença ou não da rede geral de água em seus domicílios de residência. Nota-se uma melhora significativa no abastecimento de água dos domicílios com o decorrer do tempo. Assim, em 1991, mais de 95% da população da RMBS possuía rede geral de água em suas residências.

Santos era o município que possuía o maior peso relativo de pessoas

morando em residências com rede de água (98,4%) e Peruíbe o município com menor peso relativo destas (78,7%). Mas neste último foi visível a melhoria no abastecimento (em 1970, o peso era de 36,3%). Melhorias significativas também foram importantes em Praia Grande (de 43% em 1970 para 90% em 1980), e Vicente de Carvalho (de 74% para 95% nos mesmos períodos).

**Tabela 25**

PARTICIPAÇÃO DOS GRUPOS POPULACIONAIS SEGUNDO O ABASTECIMENTO DE ÁGUA NOS DOMICÍLIOS. REGIÃO METROPOLITANA DA BAIXADA SANTISTA, 1959-1991.

	Residência Atual	Rede Geral em 1959-70			Rede Geral em 1970-80			Rede Geral em 1981-91		
		Com	Sem	Total	Com	Sem	Total	Com	Sem	Total
População Total	Cubatão	90,2	9,8	<b>48.680</b>	91,3	8,7	<b>74.458</b>	90,9	9,1	<b>89.693</b>
	Guarujá	72,2	27,8	<b>32.251</b>	65,6	34,4	<b>63.641</b>	94,6	5,4	<b>208.035</b>
	distr.V.Carvalho	74,2	25,8	<b>56.930</b>	94,8	5,2	<b>84.048</b>	-	-	-
	Itanhaém	69,3	30,7	<b>13.286</b>	77,3	22,7	<b>27.163</b>	81,1	18,9	<b>45.703</b>
	Mongaguá	51,0	49,0	<b>5.119</b>	77,7	22,3	<b>9.664</b>	93,4	6,6	<b>18.179</b>
	Peruíbe	36,3	63,7	<b>6.585</b>	62,5	37,5	<b>18.065</b>	78,7	21,3	<b>32.172</b>
	Praia Grande	43,1	56,9	<b>18.773</b>	90,2	9,8	<b>63.420</b>	96,1	3,9	<b>122.797</b>
	Santos	98,3	1,7	<b>303.938</b>	99,5	0,5	<b>393.981</b>	98,4	1,6	<b>422.049</b>
	distr.Bertioga	62,3	37,7	<b>3.195</b>	75,4	24,6	<b>3.790</b>	-	-	-
	São Vicente	85,7	14,3	<b>111.992</b>	90,6	9,4	<b>191.223</b>	97,0	3,0	<b>265.932</b>
	<b>Total RMBS</b>	<b>88,0</b>	<b>12,0</b>	<b>600.749</b>	<b>91,9</b>	<b>8,1</b>	<b>929.453</b>	<b>95,4</b>	<b>4,6</b>	<b>1.204.560</b>
Migrantes Intrametrop.	Cubatão	-	-	-	89,4	10,6	<b>3.957</b>	91,5	8,5	<b>4.049</b>
	Guarujá	-	-	-	69,4	30,6	<b>5.617</b>	95,4	4,6	<b>6.953</b>
	distr.V.Carvalho	-	-	-	96,2	3,8	<b>4.353</b>	-	-	-
	Itanhaém	-	-	-	70,6	29,4	<b>1.577</b>	77,6	22,4	<b>2.026</b>
	Mongaguá	-	-	-	60,6	39,4	<b>889</b>	92,2	7,8	<b>937</b>
	Peruíbe	-	-	-	60,5	39,5	<b>1.822</b>	74,3	25,7	<b>1.540</b>
	Praia Grande	-	-	-	87,4	12,6	<b>8.267</b>	95,9	4,1	<b>20.988</b>
	Santos	-	-	-	99,3	0,7	<b>6.531</b>	95,8	4,2	<b>5.960</b>
	distr.Bertioga	-	-	-	78,5	21,5	<b>135</b>	-	-	-
	São Vicente	-	-	-	85,6	14,4	<b>33.911</b>	94,8	5,2	<b>38.620</b>
	<b>Total RMBS</b>	-	-	-	<b>85,4</b>	<b>14,6</b>	<b>67.059</b>	<b>94,2</b>	<b>5,8</b>	<b>81.073</b>
Outros Migrantes	Cubatão	89,0	11,0	<b>21.960</b>	89,2	10,8	<b>23.429</b>	88,9	11,1	<b>14.611</b>
	Guarujá	75,4	24,6	<b>16.545</b>	60,8	39,2	<b>18.096</b>	89,7	10,3	<b>32.875</b>
	distr.V.Carvalho	69,5	30,5	<b>22.862</b>	95,0	5,0	<b>13.808</b>	-	-	-
	Itanhaém	70,4	29,6	<b>6.229</b>	75,1	24,9	<b>8.987</b>	71,8	28,2	<b>13.189</b>
	Mongaguá	52,5	47,5	<b>2.826</b>	83,3	16,7	<b>3.332</b>	95,7	4,3	<b>6.062</b>
	Peruíbe	35,2	64,8	<b>3.465</b>	69,1	30,9	<b>7.875</b>	86,1	13,9	<b>11.016</b>
	Praia Grande	43,6	56,4	<b>11.296</b>	93,3	6,7	<b>28.390</b>	96,4	3,6	<b>35.086</b>
	Santos	97,4	2,6	<b>57.609</b>	98,9	1,1	<b>59.637</b>	94,5	5,5	<b>46.775</b>
	distr.Bertioga	68,0	32,0	<b>640</b>	64,8	35,2	<b>1.098</b>	-	-	-
	São Vicente	85,2	14,8	<b>43.625</b>	85,9	14,1	<b>36.855</b>	94,6	5,4	<b>36.395</b>
	<b>Total RMBS</b>	<b>82,1</b>	<b>17,9</b>	<b>187.057</b>	<b>88,2</b>	<b>11,8</b>	<b>201.507</b>	<b>91,7</b>	<b>8,3</b>	<b>196.009</b>
Não Migrantes	Cubatão	91,2	8,8	<b>26.720</b>	92,5	7,5	<b>47.072</b>	91,2	8,8	<b>71.033</b>
	Guarujá	68,8	31,2	<b>15.706</b>	67,2	32,8	<b>39.928</b>	95,5	4,5	<b>168.205</b>
	distr.V.Carvalho	77,4	22,6	<b>34.068</b>	94,7	5,3	<b>65.887</b>	-	-	-
	Itanhaém	68,2	31,8	<b>7.057</b>	79,1	20,9	<b>16.599</b>	85,3	14,7	<b>30.488</b>
	Mongaguá	49,1	50,9	<b>2.293</b>	77,0	23,0	<b>5.443</b>	92,2	7,8	<b>11.179</b>
	Peruíbe	37,6	62,4	<b>3.120</b>	56,7	43,3	<b>8.368</b>	74,9	25,1	<b>19.615</b>
	Praia Grande	42,4	57,6	<b>7.477</b>	87,8	12,2	<b>26.763</b>	96,1	3,9	<b>66.722</b>
	Santos	98,5	1,5	<b>246.329</b>	99,6	0,4	<b>327.813</b>	98,9	1,1	<b>369.315</b>
	distr.Bertioga	60,8	39,2	<b>2.555</b>	79,8	20,2	<b>2.557</b>	-	-	-
	São Vicente	86,1	13,9	<b>68.367</b>	93,4	6,6	<b>120.457</b>	97,9	2,1	<b>190.915</b>
	<b>Total RMBS</b>	<b>90,6</b>	<b>9,4</b>	<b>413.692</b>	<b>93,7</b>	<b>6,3</b>	<b>660.887</b>	<b>96,3</b>	<b>3,7</b>	<b>927.472</b>

Fonte: FIBGE, Censos Demográficos de 1970, 1980 e 1991. Tabulações Especiais.

Mas Itanhaém e Peruíbe ainda apresentam os maiores índices de pessoas morando em residências sem rede de água, tanto de migrantes quanto de não migrantes, no período 1981-91, chegando a 28% entre os migrantes não metropolitanos de Itanhaém, e a quase 26% entre os intrametropolitanos de Peruíbe. Sendo os municípios situados mais ao sul da Baixada Santista, a infra-estrutura básica de serviços demorava mais para atender à população.

Verifica-se, a partir desta tabela, que os migrantes apresentaram uma proporção menor de pessoas morando em residências com rede geral de água, em comparação com os não migrantes. E mesmo entre os migrantes houve diferenciação nestas proporções. Nos anos 1970, o peso relativo dos migrantes intrametropolitanos morando em residências sem rede geral de água era maior que dos outros migrantes (15% contra 12%, respectivamente). E nos anos 1980 ocorreu o contrário. Isto pode ter ocorrido devido ao fato de que houve uma redução dos migrantes provenientes de outras UFs na década de 1980, conforme apontado anteriormente, fazendo com que os migrantes não metropolitanos se tornassem mais seletivos, reduzindo-se o volume daqueles que apresentavam piores condições financeiras.

A **Tabela 26** mostra a participação dos grupos de pessoas, segundo a instalação sanitária de seus domicílios de residência. Observa-se que a maioria das pessoas, migrantes ou não, morava em domicílios com rede geral de esgoto na RMBS em geral, nestes 30 anos abordados. A única exceção era a dos migrantes intrametropolitanos

do período 1970-80, onde a maior participação aconteceu na categoria de fossa séptica (com 42% dos migrantes intrametropolitanos da RMBS).

Nota-se que dos anos 1960 para os anos 1970, houve uma melhoria significativa para todos os grupos populacionais com relação às classes de rede geral de esgoto e fossa séptica. Mas para o período posterior, ocorreu uma piora importante. Ou seja, outros tipos de instalação sanitária, mais inadequados, estavam ganhando importância. Este outro tipo inclui as categorias de “fossa rudimentar” e “outro” nos Censos de 1970 e 1980, e também a “vala negra” no Censo de 1991. Análises mais detalhadas mostram que a vala negra correspondia a perto de 70% do valor dos outros escoadouros em 1991, assim, era provável que as pessoas residindo em domicílios com vala negra estavam aumentando seu peso relativo, sobretudo nos municípios de Praia Grande, São Vicente e no Guarujá, que apresentaram os maiores volumes de pessoas com vala negra nas residências.

Em Praia Grande, 50,5% dos migrantes intrametropolitanos utilizavam vala negra nos anos 1980, 22% destes em Mongaguá e 16,7% em São Vicente. Entre os migrantes não metropolitanos, 32,6% deles utilizavam este escoadouro em Praia Grande, 21,9% em São Vicente e 18,4% no Guarujá. E entre os não migrantes, 47% em Praia Grande, 20,8% em São Vicente e Guarujá, Itanhaém e Mongaguá entre 11% e 13%.

Em Cubatão, a categoria “outros” era a que possuía maior peso relativo nesta categoria de

“outros” utilizada neste trabalho, chegando a até 35% entre os migrantes intrametropolitanos. Esta classe de “outros”, presente no Censo de 1991, corresponde ao uso de rios, lagos, mar etc.<sup>10</sup> utilizados diretamente como escoadouro. Assim, pode-se ter uma idéia das condições sanitárias dos habitantes de Cubatão, especialmente os migrantes, nos anos 1980. Mas, como mostra a **Tabela 26**, esta condição em Cubatão estava se reduzindo significativamente com o decorrer do tempo. Cubatão, que não possuía rede geral de esgoto até

1980, apresenta 21% da população com esta em 1991.

Santos, conforme as últimas análises, apresentou os maiores pesos relativos de instalações sanitárias adequadas, e Itanhaém, Mongaguá e Peruíbe, as menores participações de rede geral. Mas estes três municípios apresentaram significativas concentrações populacionais em domicílios com fossa séptica (perto de 70%), bem maiores que em Guarujá, Praia Grande e São Vicente, que possuíam este problema das valas negras nos anos 1980.

---

10. FIBGE, Documentação dos Microdados da Amostra do Censo Demográfico de 1991.

**Tabela 26**

**PARTICIPAÇÃO DOS GRUPOS POPULACIONAIS SEGUNDO A INSTALAÇÃO  
SANITÁRIA DOS DOMICÍLIOS  
REGIÃO METROPOLITANA DA BAIXADA SANTISTA  
1959-1991**

	Residência Atual	1959-70					1970-80					1980-91				
		Rede Geral	Fossa Séptica	Não Outro	Tem	Total	Rede Geral	Fossa Séptica	Não Outro	Tem	Total	Rede Geral	Fossa Séptica	Não Outro	Tem	Total
População Total	Cubatão	0	62,8	33,5	3,7	<b>48.680</b>	0	64,5	32,9	2,6	<b>74.748</b>	20,8	62,8	13,1	3,2	<b>89.668</b>
	Guarujá	24,3	29,5	32,9	13,3	<b>32.251</b>	36,0	23,0	35,2	5,8	<b>63.508</b>	73,1	10,2	15,4	1,3	<b>207.670</b>
	distr.V.Carvalho	10,9	30,0	43,2	15,9	<b>56.930</b>	39,6	41,4	17,8	1,2	<b>83.974</b>	-	-	-	-	-
	Itanhaém	8,2	45,9	25,0	20,9	<b>13.286</b>	19,6	55,8	14,6	9,9	<b>27.146</b>	4,3	71,2	22,0	2,5	<b>44.716</b>
	Mongaguá	0	43,9	25,5	30,7	<b>5.119</b>	0	73,0	15,6	11,4	<b>9.664</b>	0	69,3	24,4	6,3	<b>17.627</b>
	Peruibe	0	30,8	40,9	28,3	<b>6.585</b>	0	60,4	29,3	10,3	<b>18.065</b>	1,8	67,7	25,4	5,2	<b>32.073</b>
	Praia Grande	0	48,3	33,7	18,0	<b>18.773</b>	0	83,4	13,2	3,4	<b>63.189</b>	20,8	30,2	47,6	1,4	<b>122.613</b>
	Santos	78,4	11,3	9,6	0,6	<b>303.938</b>	90,3	6,3	3,3	0,1	<b>393.721</b>	84,7	6,9	7,8	0,6	<b>421.822</b>
	distr.Bertioga	7,9	50,0	36,6	5,5	<b>3.195</b>	12,1	63,3	16,1	8,5	<b>3.854</b>	-	-	-	-	-
	São Vicente	21,5	43,1	30,1	5,3	<b>111.992</b>	48,3	36,3	13,6	1,7	<b>190.598</b>	33,4	33,7	29,9	3,1	<b>265.739</b>
<b>Total RMBS</b>	<b>46,2</b>	<b>26,8</b>	<b>21,5</b>	<b>5,4</b>	<b>600.749</b>	<b>54,9</b>	<b>30,1</b>	<b>13,0</b>	<b>2,0</b>	<b>928.467</b>	<b>53,6</b>	<b>24,9</b>	<b>19,7</b>	<b>1,8</b>	<b>1.201.928</b>	
Migrantes Intrametrop.	Cubatão	-	-	-	-	-	0	61,0	35,5	3,5	<b>3.962</b>	10,6	51,9	34,4	3,0	<b>4.050</b>
	Guarujá	-	-	-	-	-	38,7	25,4	31,5	4,4	<b>5.617</b>	79,3	10,1	10,0	0,6	<b>6.952</b>
	distr.V.Carvalho	-	-	-	-	-	46,7	32,4	19,1	1,8	<b>4.350</b>	-	-	-	-	-
	Itanhaém	-	-	-	-	-	20,7	54,1	12,3	12,9	<b>1.577</b>	4,1	75,3	20,2	0,4	<b>1.946</b>
	Mongaguá	-	-	-	-	-	0	71,2	19,5	9,3	<b>889</b>	0	69,7	27,0	3,3	<b>881</b>
	Peruibe	-	-	-	-	-	0	69,6	22,2	8,2	<b>1.822</b>	2,2	61,8	31,7	4,3	<b>1.541</b>
	Praia Grande	-	-	-	-	-	0	79,1	18,5	2,4	<b>8.263</b>	12,4	26,8	59,6	1,2	<b>20.972</b>
	Santos	-	-	-	-	-	90,4	5,3	3,9	0,4	<b>6.510</b>	84,1	6,9	8,8	0,2	<b>5.961</b>
	distr.Bertioga	-	-	-	-	-	34,7	47,9	0	17,4	<b>167</b>	-	-	-	-	-
	São Vicente	-	-	-	-	-	46,4	38,7	13,4	1,5	<b>33.693</b>	38,2	34,6	25,3	1,9	<b>38.589</b>
<b>Total RMBS</b>	-	-	-	-	-	<b>39,1</b>	<b>41,9</b>	<b>16,6</b>	<b>2,5</b>	<b>66.850</b>	<b>35,1</b>	<b>31,2</b>	<b>32,1</b>	<b>1,6</b>	<b>80.892</b>	
Outros Migrantes	Cubatão	0	56,3	38,4	5,3	<b>21.960</b>	0	55,9	41,1	3,0	<b>23.554</b>	17,6	60,0	15,0	7,4	<b>14.611</b>
	Guarujá	25,7	29,4	32,7	12,2	<b>16.545</b>	34,2	21,5	36,5	7,8	<b>17.990</b>	62,2	11,7	23,5	2,6	<b>32.820</b>
	distr.V.Carvalho	10,1	25,2	45,9	18,9	<b>22.862</b>	41,7	40,4	17,3	0,6	<b>13.786</b>	-	-	-	-	-
	Itanhaém	8,8	46,7	23,9	20,6	<b>6.229</b>	17,6	55,8	16,3	10,3	<b>8.975</b>	4,9	74,5	17,8	2,8	<b>12.892</b>
	Mongaguá	0	47,0	28,2	24,8	<b>2.826</b>	0	78,9	13,5	7,6	<b>3.332</b>	0	69,3	25,9	4,8	<b>5.895</b>
	Peruibe	0	35,7	41,3	23,0	<b>3.465</b>	0	63,9	25,6	10,5	<b>7.875</b>	1,9	71,6	22,9	3,6	<b>10.982</b>
	Praia Grande	0	52,9	28,0	19,1	<b>11.296</b>	0	87,2	10,0	2,8	<b>28.239</b>	27,1	35,9	35,6	1,4	<b>34.989</b>
	Santos	79,7	8,8	10,3	1,1	<b>57.609</b>	89,9	5,1	4,8	0,2	<b>59.595</b>	78,7	8,2	11,8	1,3	<b>46.699</b>
	distr.Bertioga	1,1	54,8	40,3	3,8	<b>640</b>	4,1	62,8	21,9	11,2	<b>1.098</b>	-	-	-	-	-
	São Vicente	25,0	40,0	29,1	5,9	<b>43.625</b>	53,3	29,3	14,8	2,6	<b>36.803</b>	37,2	27,6	30,9	4,3	<b>36.376</b>
<b>Total RMBS</b>	<b>34,2</b>	<b>30,7</b>	<b>26,8</b>	<b>8,4</b>	<b>187.057</b>	<b>43,1</b>	<b>37,0</b>	<b>16,8</b>	<b>3,1</b>	<b>201.247</b>	<b>42,8</b>	<b>31,0</b>	<b>23,3</b>	<b>2,9</b>	<b>195.264</b>	
Não Migrantes	Cubatão	0	68,1	29,5	2,4	<b>26.720</b>	0	69,1	28,6	2,3	<b>47.232</b>	22,0	64,0	11,5	2,4	<b>71.006</b>
	Guarujá	22,9	29,6	33,1	14,5	<b>15.706</b>	36,5	23,4	35,1	5,0	<b>39.901</b>	75,0	9,9	14,0	1,1	<b>167.896</b>
	distr.V.Carvalho	11,4	33,3	41,4	13,8	<b>34.068</b>	38,7	42,2	17,8	1,3	<b>65.838</b>	-	-	-	-	-
	Itanhaém	7,6	45,1	26,0	21,3	<b>7.057</b>	20,6	56,0	14,0	9,4	<b>16.594</b>	4,1	69,4	24,0	2,5	<b>29.878</b>
	Mongaguá	0	40,0	22,1	37,9	<b>2.293</b>	0	69,7	16,3	14,0	<b>5.443</b>	0	69,2	23,5	7,3	<b>10.851</b>
	Peruibe	0	25,3	40,5	34,1	<b>3.120</b>	0	55,1	34,3	10,6	<b>8.368</b>	1,6	65,9	26,3	6,2	<b>19.551</b>
	Praia Grande	0	41,3	42,4	16,3	<b>7.477</b>	0	80,6	15,0	4,4	<b>26.687</b>	20,2	28,4	50,1	1,4	<b>66.650</b>
	Santos	78,1	11,9	9,5	0,5	<b>246.329</b>	90,4	6,5	3,0	0,1	<b>327.616</b>	85,4	6,8	7,3	0,5	<b>369.162</b>
	distr.Bertioga	9,7	48,7	35,6	6,0	<b>2.555</b>	14,1	64,6	14,6	6,7	<b>2.589</b>	-	-	-	-	-
	São Vicente	19,2	45,1	30,8	4,9	<b>68.367</b>	47,3	37,8	13,4	1,5	<b>120.102</b>	31,7	34,7	30,6	3,1	<b>190.774</b>
<b>Total RMBS</b>	<b>51,7</b>	<b>25,1</b>	<b>19,1</b>	<b>4,1</b>	<b>413.692</b>	<b>60,1</b>	<b>26,9</b>	<b>11,4</b>	<b>1,6</b>	<b>660.370</b>	<b>57,5</b>	<b>23,0</b>	<b>17,8</b>	<b>1,6</b>	<b>925.768</b>	

Fonte: FIBGE, Censos Demográficos de 1970, 1980 e 1991. Tabulações Especiais.

Mas como Guarujá apresentou significativos pesos relativos de pessoas morando em residências com rede geral de esgoto (mais de 60% sempre), pode-se dizer que os mais altos índices de inadequação de instalações sanitárias estavam até 1991 pelo menos, em Praia Grande e São Vicente. Analisando-se os dados de setores censitários de 2000, verificou-se que

Praia Grande apresentou 57,6% de seus domicílios com rede geral de esgoto, 25,1% com fossa séptica, 3,1% com fossa rudimentar, 12,7% com vala negra, 0,9% com escoadouros em rios e mar, e 0,3% em outras formas. Outros 0,3% de domicílios não possuíam sanitário em 2000, de um total de 55.030 domicílios particulares permanentes. Houve uma melhoria importante nas

condições sanitárias no município, embora o índice de domicílios com vala negra ainda fosse significativo, com quase 7 mil domicílios nesta categoria.

Da mesma forma, São Vicente no ano 2000 apresentou 66,7% de seus domicílios com rede geral, 17,6% com fossa séptica, 3% com fossa rudimentar, 7% com vala negra, 4,6% com escoadouros em rios e mar e 0,8% de outra forma, mais 3% também de domicílios sem sanitário, de um total de 83.451 domicílios recenseados em 2000. Houve também melhorias no saneamento básico do município, mas existem ainda perto de 6 mil domicílios com vala negra como escoadouro, e mais 3.800 com escoadouros em rios e mar. Isto ainda é bem representativo.

Comparando-se agora as proporções de domicílios mais adequados quanto ao abastecimento de água e às instalações sanitárias, verifica-se que as redes de água são disponibilizadas de forma mais rápida aos domicílios. O mesmo não sucede com as redes de esgoto. Uma vez verificado que os municípios de Praia Grande e São Vicente ainda em 2000 apresentaram significativas parcelas de residências com uso de vala negra, isto significa que estes municípios estavam recebendo mais pessoas do que conseguiam implementar tal serviço. Conforme apontado antes, eram os municípios que mais recebiam migrantes.

Também foi mostrado que as condições de moradia dos migrantes eram em geral piores que as dos não migrantes. Mas e sobre suas condições financeiras? E sua escolaridade? Seria certo dizer que os migrantes, com piores condições de moradia, apresentaram escolari-

dade menor e pior situação financeira? Isto será respondido no item logo a seguir.

---

## **A CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLARIDADE E DA RENDA DA POPULAÇÃO**

A escolaridade e a renda são elementos importantes em uma análise da condição socioeconômica e do nível sócio-ocupacional da população migrante e não migrante de uma região. Preocupando-se inicialmente com a escolaridade, a **Tabela 27** traz os anos de estudo do chefe da família, para os três períodos de estudo.

O que se verifica com esta tabela é que, como seria de se esperar, a escolaridade dos chefes na RMBS estava aumentando com o tempo, inclusive entre os migrantes, em função da evolução da educação no país como um todo. Até os anos 1970, a categoria de anos de estudo que apresentava a maior participação de chefes era a de 4 a 7 anos de estudo completos, ou seja, o antigo ginásio, atual ensino fundamental incompleto.

E a segunda categoria com maior peso relativo era a de até 4 anos de estudo completos. Os anos 1980 mostram que a maior concentração continuava na categoria de 4 a 7 anos de estudo, mas perdendo participação para categorias mais altas de estudo, inclusive sendo a classe de 11 anos e mais de estudo como a segunda com maior peso relativo, correspondente ao grupo de ensino médio completo e nível universitário, ou superior.

Verifica-se, com esta tabela, que o município de Santos foi o que

apontou a maior participação de chefes com ensino médio completo, inclusive entre os migrantes. Entre os chefes migrantes não metropolitanos, chegou a atrair 36,5% destes com este nível (quase 6 mil chefes). E os 35,3% de chefes com tal nível de ensino entre os não migrantes de Santos correspondiam a quase 41 mil chefes no total.

Com relação aos municípios que concentraram a menor escolaridade, estes foram em geral os do litoral sul (Itanhaém, Mongaguá e Peruíbe). Mas Cubatão e Guarujá também se destacaram entre os chefes migrantes não metropolitanos, especialmente no período 1981-91.

**Tabela 27**

PARTICIPAÇÃO DOS CHEFES DE FAMÍLIA, SEGUNDO SEUS ANOS DE ESTUDO COMPLETOS. REGIÃO METROPOLITANA DA BAIXADA SANTISTA. 1959-1991

	Residência	1959-70					1970-80					1981-91							
		0	<4	4-7	8-10	11 e +	Total	0	<4	4-7	8-10	11 e +	Total	0	<4	4-7	8-10	11 e +	Total
Total de Chefes	Cubatão	24,2	38,9	32,7	3,0	1,2	<b>10.905</b>	25,8	27,8	36,1	6,7	3,7	<b>22.231</b>	16,4	19,8	37,5	13,4	12,8	<b>24.778</b>
	Guarujá	30,2	35,2	28,4	3,2	3,1	<b>7.445</b>	27,2	25,1	33,9	6,4	7,4	<b>17.550</b>	15,9	20,1	39,0	13,6	11,4	<b>56.279</b>
	distr.V.Carvalho	34,8	31,6	30,5	2,4	0,7	<b>12.488</b>	27,1	26,9	36,2	6,5	3,2	<b>20.105</b>	-	-	-	-	-	-
	Itanhaém	34,9	26,3	27,3	5,1	6,4	<b>3.113</b>	24,9	28,0	32,6	7,2	7,2	<b>7.052</b>	18,1	18,8	36,6	11,9	14,7	<b>13.060</b>
	Mongaguá	34,4	30,4	27,3	3,4	4,4	<b>1.252</b>	32,1	15,6	38,3	6,7	7,3	<b>2.494</b>	13,6	17,4	39,6	15,9	13,6	<b>5.829</b>
	Peruíbe	32,9	35,7	22,4	6,4	2,5	<b>1.568</b>	33,9	22,7	30,2	6,4	6,8	<b>4.656</b>	18,4	18,0	38,8	8,7	16,1	<b>9.136</b>
	Praia Grande	33,4	27,3	29,1	3,8	6,3	<b>4.778</b>	22,5	22,6	38,2	9,1	7,5	<b>18.287</b>	12,9	17,1	38,9	14,7	16,3	<b>34.783</b>
	Santos	14,1	17,8	42,7	10,8	14,6	<b>84.692</b>	14,9	13,6	38,5	12,2	20,8	<b>121.718</b>	6,9	9,7	32,7	15,3	35,4	<b>133.998</b>
	distr.Bertioga	28,7	27,4	40,3	2,0	1,6	<b>742</b>	19,5	19,4	44,1	11,3	5,7	<b>1.116</b>	-	-	-	-	-	-
	São Vicente	20,5	25,7	40,0	7,6	6,2	<b>26.458</b>	18,9	20,8	39,4	10,5	10,3	<b>50.190</b>	10,9	15,0	39,4	15,9	18,8	<b>76.436</b>
	<b>Total RMBS</b>	<b>19,8</b>	<b>23,4</b>	<b>38,7</b>	<b>8,2</b>	<b>9,8</b>	<b>153.441</b>	<b>19,6</b>	<b>19,1</b>	<b>37,7</b>	<b>10,1</b>	<b>13,5</b>	<b>265.399</b>	<b>11,2</b>	<b>14,6</b>	<b>36,5</b>	<b>14,7</b>	<b>22,9</b>	<b>354.299</b>
Chefes Migrantes Intramet.	Cubatão	-	-	-	-	-	-	21,4	23,4	42,3	8,5	4,4	<b>1.157</b>	4,8	18,1	48,5	10,5	18,1	<b>1.070</b>
	Guarujá	-	-	-	-	-	-	26,2	19,2	36,5	8,3	9,8	<b>1.845</b>	5,2	17,9	38,3	18,7	19,8	<b>2.177</b>
	distr.V.Carvalho	-	-	-	-	-	-	19,0	28,6	37,1	8,2	7,1	<b>1.460</b>	-	-	-	-	-	-
	Itanhaém	-	-	-	-	-	-	17,4	28,9	37,5	9,3	7,0	<b>443</b>	19,6	12,3	37,1	13,6	17,5	<b>653</b>
	Mongaguá	-	-	-	-	-	-	43,9	18,1	32,5	3,4	2,1	<b>237</b>	10,3	9,3	44,4	19,3	16,8	<b>561</b>
	Peruíbe	-	-	-	-	-	-	23,0	26,1	35,5	9,7	5,8	<b>518</b>	11,6	18,4	38,4	10,4	21,2	<b>510</b>
	Praia Grande	-	-	-	-	-	-	19,5	19,1	43,5	9,7	8,2	<b>2.485</b>	9,7	12,5	37,2	17,9	22,7	<b>6.150</b>
	Santos	-	-	-	-	-	-	18,3	10,5	40,0	13,4	17,8	<b>2.218</b>	1,8	9,3	36,4	18,8	33,7	<b>2.105</b>
	distr.Bertioga	-	-	-	-	-	-	12,5	25,0	50,0	12,5	0	<b>32</b>	-	-	-	-	-	-
	São Vicente	-	-	-	-	-	-	17,0	18,9	40,1	12,2	11,8	<b>10.243</b>	6,6	14,0	39,5	18,5	21,5	<b>12.649</b>
	<b>Total RMBS</b>	-	-	-	-	-	-	<b>19,1</b>	<b>19,4</b>	<b>39,8</b>	<b>11,0</b>	<b>10,7</b>	<b>20.638</b>	<b>7,2</b>	<b>13,7</b>	<b>39,0</b>	<b>17,8</b>	<b>22,3</b>	<b>25.875</b>
Chefes Outros Migrantes	Cubatão	23,7	43,3	28,9	3,0	1,1	<b>6.009</b>	26,7	30,6	35,2	5,4	2,1	<b>9.965</b>	21,8	20,6	38,2	9,8	9,6	<b>4.717</b>
	Guarujá	29,9	36,4	26,6	3,7	3,4	<b>4.463</b>	31,4	24,3	28,6	6,1	9,6	<b>6.220</b>	19,0	21,1	35,9	11,2	12,8	<b>10.634</b>
	distr.V.Carvalho	36,7	34,4	25,9	2,1	1,0	<b>6.171</b>	28,3	29,2	33,8	5,9	2,7	<b>4.106</b>	-	-	-	-	-	-
	Itanhaém	31,4	26,0	27,0	6,2	9,5	<b>1.777</b>	23,0	28,9	27,7	9,4	11,0	<b>2.714</b>	13,3	15,9	36,3	14,2	20,3	<b>4.280</b>
	Mongaguá	29,8	32,9	27,4	3,7	6,3	<b>815</b>	24,2	17,7	40,4	8,0	9,6	<b>1.133</b>	8,9	18,9	41,3	16,1	14,9	<b>2.417</b>
	Peruíbe	30,3	32,8	24,9	8,3	3,7	<b>943</b>	33,5	19,6	29,8	7,7	9,4	<b>2.382</b>	12,7	19,0	34,7	9,6	24,0	<b>3.593</b>
	Praia Grande	33,3	27,3	29,0	3,9	6,5	<b>3.389</b>	20,0	21,6	38,9	10,4	9,1	<b>9.675</b>	9,0	16,0	38,6	16,7	19,6	<b>11.177</b>
	Santos	16,8	18,1	35,5	11,0	18,7	<b>16.688</b>	21,4	14,5	29,2	12,0	22,8	<b>20.438</b>	10,1	11,1	27,7	14,7	36,5	<b>16.062</b>
	distr.Bertioga	36,7	29,8	27,1	2,1	4,3	<b>188</b>	21,6	21,6	38,8	12,7	5,4	<b>371</b>	-	-	-	-	-	-
	São Vicente	20,1	23,9	39,6	9,1	7,2	<b>12.045</b>	21,2	19,3	35,6	11,1	13,0	<b>10.840</b>	12,2	14,2	36,5	16,0	21,1	<b>11.622</b>
	<b>Total RMBS</b>	<b>23,9</b>	<b>27,2</b>	<b>32,7</b>	<b>7,1</b>	<b>9,1</b>	<b>52.488</b>	<b>23,8</b>	<b>21,3</b>	<b>32,9</b>	<b>9,4</b>	<b>12,6</b>	<b>67.844</b>	<b>12,9</b>	<b>15,9</b>	<b>34,8</b>	<b>14,1</b>	<b>22,3</b>	<b>64.502</b>
Chefes de Não Migrantes	Cubatão	24,9	33,4	37,4	3,0	1,3	<b>4.896</b>	25,3	25,8	36,2	7,6	5,1	<b>11.109</b>	15,8	19,7	36,7	14,5	13,3	<b>18.989</b>
	Guarujá	30,6	33,2	31,0	2,4	2,7	<b>2.982</b>	24,6	26,8	36,9	6,3	5,5	<b>9.485</b>	15,7	19,9	39,8	14,0	10,6	<b>43.469</b>
	distr.V.Carvalho	33,0	29,0	34,9	2,8	0,4	<b>6.317</b>	27,5	26,1	36,8	6,6	3,0	<b>14.539</b>	-	-	-	-	-	-
	Itanhaém	39,6	26,7	27,7	3,7	2,3	<b>1.336</b>	27,2	27,4	35,4	5,4	4,6	<b>3.895</b>	20,5	20,8	36,7	10,6	11,5	<b>8.127</b>
	Mongaguá	43,0	25,9	27,2	3,0	0,9	<b>437</b>	37,6	12,8	37,4	6,1	6,0	<b>1.124</b>	18,2	17,7	37,2	15,0	11,8	<b>2.852</b>
	Peruíbe	36,8	40,2	18,7	3,7	0,6	<b>625</b>	37,8	25,8	29,1	3,6	3,7	<b>1.756</b>	23,1	17,3	41,7	7,8	10,1	<b>5.033</b>
	Praia Grande	33,7	27,4	29,4	3,6	5,9	<b>1.389</b>	27,8	25,7	35,0	6,8	4,8	<b>6.127</b>	16,5	19,5	39,7	12,4	12,0	<b>17.457</b>
	Santos	13,4	17,7	44,4	10,8	13,7	<b>68.004</b>	13,5	13,4	40,3	12,2	20,5	<b>99.062</b>	6,5	9,6	33,4	15,3	35,3	<b>115.832</b>
	distr.Bertioga	26,0	26,5	44,8	2,0	0,7	<b>554</b>	18,8	18,0	46,6	10,5	6,2	<b>713</b>	-	-	-	-	-	-
	São Vicente	20,7	27,1	40,4	6,4	5,4	<b>14.413</b>	18,8	22,1	40,7	9,6	8,8	<b>29.107</b>	11,7	15,4	40,1	15,3	17,6	<b>52.166</b>
	<b>Total RMBS</b>	<b>17,7</b>	<b>21,5</b>	<b>41,8</b>	<b>8,7</b>	<b>10,3</b>	<b>100.953</b>	<b>18,1</b>	<b>18,3</b>	<b>39,3</b>	<b>10,3</b>	<b>14,2</b>	<b>176.917</b>	<b>11,2</b>	<b>14,4</b>	<b>36,7</b>	<b>14,5</b>	<b>23,1</b>	<b>263.925</b>

Fonte: FIBGE, Censos Demográficos de 1970, 1980 e 1991. Tabulações Especiais.

Comparando-se Guarujá com seu distrito de Vicente de Carvalho, o que se percebe é que a escolaridade dos chefes migrantes na década de 1960 era menor no distrito, mas já na década de 1970, a situação era semelhante. As maiores diferenças estavam na maior concentração de chefes com nível de escolaridade superior (completa ou não) na sede do município, comparando-se com o distrito.

Utilizando o mesmo procedimento para comparar Santos com seu distrito de Bertioga, nos anos 1960 e 1970, verifica-se que a diferença entre estes quanto à escolaridade era bem maior, em favor da sede municipal. Analisando-se, por exemplo, o nível de escolaridade superior dos migrantes na década de 1970, se observa na **Tabela 29** que Santos atraiu 17,8% de chefes migrantes intrametropolitanos nesta classe (perto de 400 chefes), contra nenhum dos 32 chefes atraídos para Bertioga. E com relação aos chefes migrantes não metropolitanos, Santos atraiu 22,8% de chefes com nível superior (quase 5 mil chefes), e Bertioga apenas 5,4% (20 chefes). E esta diferença aumentou da década de 1960 para a década de 1970, conforme visto nesta tabela.

Cabe aqui ressaltar a mesma conclusão obtida no item anterior, a redução no volume de imigrantes, no período 1981-91, provindos de outras UFs, deve ter agido como um

fator que aumenta a seletividade dos migrantes, quanto aos anos de estudo. Os mais qualificados devem ter aumentado sua proporção em função do menor volume daqueles com menos preparo, além, é claro, da melhoria da educação no Brasil. Neste período, a escolaridade dos migrantes intrametropolitanos chegou a ser melhor que a dos não migrantes.

Também é interessante notar que em Cubatão, para os chefes migrantes não metropolitanos (possivelmente de outras UFs), sua escolaridade foi menor em comparação com os outros municípios. Este é mais um indício de que o migrante mais qualificado tinha condições de evitar morar em Cubatão, conforme denotado por Hogan (1990), preferindo morar em Santos e São Vicente, que em geral apresentaram as maiores escolaridades.

E de maneira geral, o litoral sul, além de Cubatão e Guarujá, foi sendo ocupado por proporções maiores de chefes migrantes com menor escolaridade. Portanto, a escolaridade da pessoa apresentou uma relação direta com as condições de moradia da população.

Avaliando-se agora o rendimento das famílias na Região Metropolitana da Baixada Santista, a **Tabela 28** aponta a renda *per capita* familiar das famílias de migrantes intrametropolitanos, de migrantes não metropolitanos (famílias de outros migrantes), de não migrantes e famílias residentes.

As categorizações foram da época, para uma maior comparabilidade entre as décadas<sup>11</sup>.

A **Tabela 28** mostra que o rendimento *per capita* das famílias, até pelo menos 1991, era grandemente concentrado em até 2 salários mínimos na RMBS (especialmente em até 1 salário mínimo). Os anos 1970 apresentaram uma melhoria nesta renda, com a redução da proporção de famílias sem renda, e o aumento da participação de famílias com renda *per capita* acima de 2 salários mínimos. Mas uma análise ao nível municipal revela que o peso relativo das famílias sem renda só diminuiu em Cubatão e no Guarujá. Para os outros municípios, este peso aumentou. Isto mostra a expansão

do complexo industrial de Cubatão, com oportunidade de empregos para a população deste município e de Guarujá, principalmente.

Em geral, as rendas dos migrantes eram menores que as dos não migrantes, a proporção dos migrantes sem renda e com renda até 1 salário mínimo era maior entre os migrantes. Nos anos 1960, as famílias migrantes para todos os municípios, com exceção de Santos e São Vicente, se possuíam uma renda mais concentrada na categoria de até 1 salário. Já para os não migrantes, as famílias de Cubatão, Guarujá e Praia Grande, além de Santos e de São Vicente, possuíam uma participação maior nas rendas na faixa de 1 a 2 salários.

---

11. O valor do salário mínimo adotado na tabela foi de Cr\$ 187,20 em meados de 1970; de Cr\$4.150,00 em 1980; e de Cr\$36.160,60 em 1991. Embora se saiba que o poder aquisitivo do salário mínimo tenha se modificado com o decorrer dos anos, o objetivo maior foi o de comparar os extremos da distribuição das famílias pela renda, as famílias mais pobres e as mais ricas. E na parte central desta distribuição, foi feita uma divisão mais equitativa do número de famílias em cada categoria. Em função disso, os tamanhos das categorias foram diferentes.

**Tabela 28**

**PARTICIPAÇÃO DAS FAMÍLIAS SEGUNDO SUA RENDA PER CAPITA FAMILIAR  
(EM SALÁRIOS MÍNIMOS)  
REGIÃO METROPOLITANA DA BAIXADA SANTISTA  
1959-1991**

	Residência Atual	Renda em 1959-70					Total	Renda em 1970-80					Total	Renda em 1981-91					Total
		S/rend.	<1	1-1.9	2-9.9	10+		S/rend.	<1	1-1.9	2-9.9	10+		S/rend.	<1	1-1.9	2-9.9	10+	
Total de Famílias	Cubatão	6,5	38,5	35,2	19,6	0,3	10.470	0,8	37,7	35,8	25,2	0,4	22.231	3,3	42,4	31,8	21,8	0,7	23.769
	Guarujá	4,2	45,6	37,6	11,7	0,8	6.786	1,9	47,4	30,2	19,0	1,4	17.550	3,0	46,1	30,0	19,6	1,2	54.552
	distr.V.Carvalho	5,5	47,2	36,7	10,6	0	11.632	0,8	52,8	32,1	14,2	0,1	20.105	-	-	-	-	-	-
	Itanhaém	0	61,1	18,2	19,1	1,6	2.874	1,7	57,6	23,0	17,0	0,7	7.052	1,7	47,9	26,3	22,2	1,9	12.711
	Mongaguá	0	52,3	28,0	19,6	0	1.147	0,9	53,5	28,1	16,5	0,9	2.494	6,0	48,0	29,0	15,7	1,3	5.550
	Peruibe	0	61,3	11,3	27,5	0	1.484	2,5	57,3	20,7	17,1	2,4	4.656	1,0	47,5	25,9	23,3	2,3	8.499
	Praia Grande	1,2	44,5	39,2	15,2	0	4.507	2,7	43,3	29,9	22,9	1,2	18.287	3,1	42,0	29,4	24,3	1,2	33.920
	Santos	2,0	27,3	30,8	37,8	2,2	79.951	2,0	22,0	29,3	43,5	3,1	121.718	1,8	20,7	27,7	44,4	5,4	125.343
	distr.Bertioga	0	69,9	21,4	8,7	0	712	1,4	42,4	29,0	26,8	0,4	1.116	-	-	-	-	-	-
	São Vicente	1,5	35,0	38,3	22,3	3,0	24.944	2,2	39,2	31,1	26,2	1,3	50.190	4,4	36,5	30,8	26,5	1,8	74.005
<b>Total RMBS</b>	<b>2,5</b>	<b>34,0</b>	<b>32,7</b>	<b>29,1</b>	<b>1,8</b>	<b>144.507</b>	<b>1,9</b>	<b>34,1</b>	<b>30,2</b>	<b>31,9</b>	<b>2,0</b>	<b>265.399</b>	<b>2,9</b>	<b>34,1</b>	<b>29,2</b>	<b>31,0</b>	<b>2,9</b>	<b>338.349</b>	
Famílias Migrantes Intrametr.	Cubatão	-	-	-	-	-	-	0,7	43,5	32,5	23,2	0	1.157	1,1	49,7	26,2	21,9	1,0	1.049
	Guarujá	-	-	-	-	-	-	4,4	48,8	28,0	18,1	0,7	1.845	1,6	34,8	33,1	29,9	0,6	2.156
	distr.V.Carvalho	-	-	-	-	-	-	0,3	39,6	36,5	23,5	0	1.460	-	-	-	-	-	-
	Itanhaém	-	-	-	-	-	-	0,7	58,6	19,8	20,9	0	443	0,6	38,9	41,2	14,7	4,6	651
	Mongaguá	-	-	-	-	-	-	5,6	54,7	26,7	11,2	1,7	237	16,8	48,2	24,6	7,7	2,7	560
	Peruibe	-	-	-	-	-	-	1,4	51,9	27,0	19,6	0	518	0	46,2	29,5	19,4	4,9	509
	Praia Grande	-	-	-	-	-	-	5,2	46,2	27,8	19,6	1,1	2.485	2,6	40,8	31,8	24,2	0,6	6.092
	Santos	-	-	-	-	-	-	3,4	20,7	29,9	41,8	4,2	2.218	1,9	20,9	23,0	50,2	3,9	2.118
	distr.Bertioga	-	-	-	-	-	-	0	14,3	57,1	28,6	0	32	-	-	-	-	-	-
	São Vicente	-	-	-	-	-	-	2,8	37,6	31,1	27,3	1,2	10.243	4,4	37,8	32,1	24,4	1,3	12.381
<b>Total RMBS</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>2,9</b>	<b>39,3</b>	<b>30,4</b>	<b>26,1</b>	<b>1,3</b>	<b>20.638</b>	<b>3,5</b>	<b>37,7</b>	<b>31,1</b>	<b>26,2</b>	<b>1,4</b>	<b>25.516</b>	
Famílias Outros Migrantes	Cubatão	8,1	40,6	32,2	18,7	0,4	5.767	1,0	33,3	37,5	27,8	0,4	9.965	4,4	43,2	31,0	20,9	0,4	4.496
	Guarujá	4,7	49,4	33,5	11,0	1,5	4.059	1,7	46,0	30,5	20,1	1,6	6.220	2,4	44,1	30,1	21,2	2,2	10.432
	distr.V.Carvalho	4,1	43,9	43,7	8,3	0	5.691	0,9	50,3	31,5	17,3	0,1	4.106	-	-	-	-	-	-
	Itanhaém	0	57,5	17,8	21,9	2,8	1.610	1,9	56,1	24,9	16,1	1,0	2.714	1,9	46,3	23,9	25,3	2,6	4.235
	Mongaguá	0	42,7	34,1	23,2	0	752	0	51,3	28,3	19,9	0,5	1.133	7,0	48,2	28,4	15,0	1,3	2.398
	Peruibe	0	64,9	12,7	22,4	0	890	3,2	56,1	18,5	18,7	3,5	2.382	0,6	43,9	23,9	27,9	3,8	3.520
	Praia Grande	0	45,7	36,3	18,0	0	3.191	2,4	38,6	31,7	25,7	1,6	9.675	2,5	37,3	30,7	27,8	1,7	11.034
	Santos	2,7	28,3	27,5	38,8	2,7	15.577	2,5	21,8	28,1	44,2	3,4	20.438	2,8	21,0	26,0	44,1	6,1	15.763
	distr.Bertioga	0	50,0	36,7	13,3	0	180	2,2	40,2	31,5	26,1	0	371	-	-	-	-	-	-
	São Vicente	1,2	34,7	37,8	23,0	3,3	11.349	2,6	37,3	28,3	29,7	2,1	10.840	4,5	35,7	27,7	28,2	3,8	11.497
<b>Total RMBS</b>	<b>3,0</b>	<b>37,7</b>	<b>32,0</b>	<b>25,4</b>	<b>1,9</b>	<b>49.066</b>	<b>2,1</b>	<b>35,5</b>	<b>30,0</b>	<b>30,4</b>	<b>2,0</b>	<b>67.844</b>	<b>3,1</b>	<b>35,9</b>	<b>28,0</b>	<b>29,7</b>	<b>3,3</b>	<b>63.375</b>	
Famílias de Não Migrantes	Cubatão	4,0	34,9	40,2	21,0	0	4.703	0,7	41,1	34,6	23,2	0,4	11.109	3,1	41,8	32,3	22,0	0,7	18.225
	Guarujá	3,6	41,1	42,7	12,6	0	2.727	1,6	48,1	30,5	18,5	1,3	9.485	3,3	47,2	29,9	18,7	1,0	41.962
	distr.V.Carvalho	6,7	49,9	30,9	12,5	0	5.941	0,9	54,8	31,9	12,4	0,1	14.539	-	-	-	-	-	-
	Itanhaém	0	66,0	18,6	15,4	0	1.264	1,7	58,6	22,0	17,2	0,5	3.895	1,7	49,5	26,4	21,1	1,2	7.822
	Mongaguá	0	84,0	8,0	8,0	0	395	0,9	55,5	28,3	14,2	1,1	1.124	2,6	47,8	30,5	18,2	0,9	2.588
	Peruibe	0	55,7	9,1	35,2	0	594	1,7	60,4	21,9	14,3	1,8	1.756	1,5	50,5	27,1	20,1	0,9	4.468
	Praia Grande	4,5	41,0	47,2	7,3	0	1.316	2,1	49,6	27,8	19,9	0,6	6.127	3,6	45,5	27,8	22,1	1,0	16.795
	Santos	1,7	26,9	31,7	37,5	2,0	64.374	1,8	22,1	29,6	43,4	3,0	99.062	1,7	20,7	28,1	44,3	5,3	107.461
	distr.Bertioga	0	78,1	15,1	6,8	0	532	1,1	44,7	26,5	27,1	0,6	713	-	-	-	-	-	-
	São Vicente	1,7	35,3	38,8	21,5	2,6	13.595	1,8	40,4	32,2	24,5	1,1	29.107	4,4	36,3	31,2	26,7	1,4	50.127
<b>Total RMBS</b>	<b>2,2</b>	<b>31,8</b>	<b>33,0</b>	<b>31,3</b>	<b>1,7</b>	<b>95.441</b>	<b>1,7</b>	<b>32,9</b>	<b>30,2</b>	<b>33,1</b>	<b>2,0</b>	<b>176.917</b>	<b>2,7</b>	<b>33,2</b>	<b>29,2</b>	<b>31,9</b>	<b>2,9</b>	<b>249.448</b>	

Fonte: FIBGE, Censos Demográficos de 1970, 1980 e 1991. Tabulações Especiais.

Também se observa que o rendimento dos migrantes intrametropolitanos era em geral mais baixo que a renda dos outros migrantes. Este perfil das famílias de migrantes intrametropolitanos não se alterou de forma significativa com o tempo (27,4% ganhavam mais de 2 salários nos anos 1970 e 27,6% nos anos 1980). Já o perfil das famílias de migrantes não metropolitanos melhorou um pouco

mais a renda (de 32,4% para 33,1%, nas mesmas categorias e períodos). A melhoria foi verificada principalmente na faixa dos 10 salários ou mais, aumentando de 2% pra 3,3% das famílias.

Entre as famílias migrantes, as maiores participações na classe de menos de 1 salário mínimo per capita foram registradas nos municípios mais periféricos da Baixada Santista, em especial

Itanhaém, Mongaguá e Peruíbe. Mas este último município apresentou uma proporção crescente de famílias migrantes com rendas acima de 10 salários, o que significa que este local estava sendo procurado cada vez mais pelas famílias de mais alta renda, especialmente de Santos e Praia Grande (Tabela 14), do Estado de São Paulo, do Nordeste e de Minas Gerais (Tabela 11).

Os anos 1980 mostraram um certo caráter dual nas rendas familiares. Verificou-se o aumento das proporções das famílias sem renda, assim como daquelas com renda *per capita* de 10 salários mínimos ou mais, não apenas nestes municípios mais periféricos, mas em todos de maneira geral, menos para os migrantes intrametropolitanos de Praia Grande, Santos e Guarujá, que reduziram as proporções destas duas categorias de renda descritas acima. Mongaguá chegou a apresentar 17% de suas famílias migrantes intrametropolitanas sem renda, assim como 7% entre as não metropolitanas, no período 1981-91.

Com relação aos não migrantes, observou-se, nos anos 1980, um aumento do peso relativo das famílias sem renda para todos os municípios, e para as famílias com renda de 10 salários ou mais, a participação só não cresceu para Mongaguá, Peruíbe e Guarujá, embora este último estivesse com dados de Vicente de Carvalho agregados, o que reduziu esta participação.

Portanto, surge a seguinte pergunta: estaria o mercado de trabalho da Baixada Santista se “dualizando”, surgindo uma

estrutura de emprego dual, conforme o sugerido por Scott (1994) e Castells (2000)? Alguns autores, como Preteceille (1994 e 2000), analisando Paris, e Ribeiro (2000) e Lago (2000), estudando o Rio de Janeiro, acreditam que não. Mas e com relação à Baixada Santista? Surge, assim, a necessidade de se analisar o mercado de trabalho regional, o que será feito no item a seguir.

---

### **A INSERÇÃO POPULACIONAL NO MERCADO DE TRABALHO**

Este item se propõe a analisar a inserção da população migrante e não migrante no mercado de trabalho regional, a evolução da condição de atividade das pessoas, e se está se formando uma estrutura de emprego dual ou não. Villaça (1998) aponta que as teorias da acumulação flexível não respondem às questões intra-urbanas, e lembra que Gottdiener (1990) também mantém a mesma opinião. De qualquer forma, este item avalia se esta estruturação pós-fordista estaria ocorrendo no mercado de trabalho da Baixada Santista ou não. E o nível sócio-ocupacional da população também traz mais elementos que proporcionem um panorama mais amplo do que levou as famílias a migrar e, portanto, expandir a mancha urbana da Baixada Santista.

Para se ter uma idéia da condição de atividade da população dos municípios integrantes da Região Metropolitana da Baixada Santista, as Tabelas 29 a 31

trazem, para os que trabalharam nos últimos 12 meses (ou em parte deles), a situação no emprego, ou posição na ocupação, e para os que não trabalharam nos últimos 12 meses, sua condição de atividade, segundo os grupos populacionais definidos anteriormente e para os três períodos de tempo abordados neste trabalho. Estas tabelas possibilitam análises da população em idade propícia para tais

atividades. Portanto, crianças com menos de 10 anos não foram consideradas nestas tabelas.

A categoria “outra” de situação de emprego se refere ao trabalhador não remunerado/procurando trabalho, ou sem declaração. E com relação à condição de atividade, a “outra” condição se refere a doente/inválido, detento, vive de rendas, e sem ocupação.

**Tabela 29**

PARTICIPAÇÃO DOS GRUPOS POPULACIONAIS, SEGUNDO SUA SITUAÇÃO NO EMPREGO OU CONDIÇÃO DE ATIVIDADE  
REGIÃO METROPOLITANA DA BAIXADA SANTISTA  
1959-1970

	Residência Atual	Situação no Emprego em 1959-70					Condição de Atividade em 1959-70					Total
		Trabalhador	Empregador	Autônomo/ Conta Própria	Outra	Sub-Total	Afazeres Domésticos	Estudante	Aposentado/ Pensionista	Outra	Sub-Total	
População Total	Cubatão	40,4	0,3	3,4	0,6	<b>44,7</b>	29,2	21,5	1,7	2,8	<b>55,3</b>	<b>35.800</b>
	Guarujá	40,1	0,6	6,3	0,8	<b>47,8</b>	28,2	18,4	1,9	3,7	<b>52,2</b>	<b>24.476</b>
	distr.V.Carvalho	37,9	0,2	5,0	0,9	<b>43,9</b>	29,3	19,8	2,6	4,3	<b>56,1</b>	<b>42.010</b>
	Itanhaém	41,7	0,6	7,1	0,3	<b>49,7</b>	25,6	16,3	2,9	5,5	<b>50,3</b>	<b>10.848</b>
	Mongaguá	31,5	0,6	14,0	0,7	<b>46,7</b>	29,4	17,3	3,5	3,0	<b>53,3</b>	<b>3.789</b>
	Peruíbe	27,3	0,5	13,1	0,6	<b>41,5</b>	30,0	18,9	3,1	6,4	<b>58,5</b>	<b>4.974</b>
	Praia Grande	36,7	0,3	8,8	0,4	<b>46,2</b>	30,9	16,0	3,6	3,4	<b>53,8</b>	<b>14.370</b>
	Santos	36,7	1,1	6,2	0,5	<b>44,5</b>	28,2	17,2	6,0	4,2	<b>55,5</b>	<b>280.430</b>
	distr.Bertioga	38,1	0	10,0	0,4	<b>48,6</b>	27,8	17,0	2,2	4,5	<b>51,4</b>	<b>2.702</b>
	São Vicente	35,2	0,4	6,1	0,7	<b>42,5</b>	29,4	19,3	4,4	4,5	<b>57,5</b>	<b>87.055</b>
	<b>Total RMBS</b>	<b>36,9</b>	<b>0,8</b>	<b>6,2</b>	<b>0,6</b>	<b>44,5</b>	<b>28,6</b>	<b>18,1</b>	<b>4,7</b>	<b>4,1</b>	<b>55,5</b>	<b>506.454</b>
Migrantes	Cubatão	45,1	0,2	3,5	0,5	<b>49,3</b>	29,7	17,6	0,6	2,8	<b>50,7</b>	<b>18.795</b>
	Guarujá	42,4	0,4	5,2	0,8	<b>48,8</b>	29,5	17,1	1,2	3,5	<b>51,2</b>	<b>14.288</b>
	distr.V.Carvalho	41,1	0,2	4,7	0,7	<b>46,7</b>	30,9	17,1	1,7	3,7	<b>53,3</b>	<b>19.666</b>
	Itanhaém	44,4	0,5	7,2	0,1	<b>52,2</b>	25,8	14,7	3,3	4,1	<b>47,8</b>	<b>5.855</b>
	Mongaguá	29,3	0,6	14,9	0,2	<b>45,0</b>	30,5	16,8	4,7	2,9	<b>55,0</b>	<b>2.255</b>
	Peruíbe	26,4	0,6	13,1	0,4	<b>40,6</b>	30,1	18,6	3,9	6,8	<b>59,4</b>	<b>2.840</b>
	Praia Grande	36,2	0,4	8,9	0,3	<b>45,8</b>	32,0	15,0	3,7	3,5	<b>54,2</b>	<b>9.535</b>
	Santos	45,2	0,9	6,0	0,5	<b>52,7</b>	26,6	14,9	2,4	3,3	<b>47,3</b>	<b>61.247</b>
	distr.Bertioga	51,2	0	7,6	0,4	<b>59,2</b>	23,7	11,2	2,2	3,7	<b>40,8</b>	<b>738</b>
	São Vicente	37,4	0,4	6,4	0,7	<b>44,9</b>	30,9	17,1	3,2	3,8	<b>55,1</b>	<b>37.016</b>
	<b>Total RMBS</b>	<b>41,8</b>	<b>0,6</b>	<b>6,0</b>	<b>0,6</b>	<b>49,0</b>	<b>29,0</b>	<b>16,2</b>	<b>2,4</b>	<b>3,5</b>	<b>51,0</b>	<b>172.235</b>
Não Migrantes	Cubatão	35,3	0,3	3,4	0,6	<b>39,5</b>	28,8	25,9	2,9	2,9	<b>60,5</b>	<b>17.005</b>
	Guarujá	36,9	0,8	7,8	0,9	<b>46,4</b>	26,5	20,2	2,9	4,0	<b>53,6</b>	<b>10.188</b>
	distr.V.Carvalho	35,1	0,1	5,2	1,1	<b>41,5</b>	28,0	22,1	3,4	4,9	<b>58,5</b>	<b>22.344</b>
	Itanhaém	38,6	0,7	7,0	0,6	<b>46,9</b>	25,4	18,2	2,4	7,1	<b>53,1</b>	<b>4.993</b>
	Mongaguá	34,7	0,5	12,6	1,4	<b>49,2</b>	27,8	18,1	1,8	3,1	<b>50,8</b>	<b>1.534</b>
	Peruíbe	28,5	0,4	13,0	0,9	<b>42,8</b>	29,9	19,4	2,0	6,0	<b>57,2</b>	<b>2.134</b>
	Praia Grande	37,7	0,2	8,5	0,5	<b>46,8</b>	28,6	17,9	3,5	3,2	<b>53,2</b>	<b>4.835</b>
	Santos	34,3	1,1	6,3	0,5	<b>42,2</b>	28,6	17,8	7,0	4,4	<b>57,8</b>	<b>219.183</b>
	distr.Bertioga	33,2	0	10,9	0,4	<b>44,6</b>	29,3	19,1	2,2	4,8	<b>55,4</b>	<b>1.964</b>
	São Vicente	33,6	0,4	5,9	0,7	<b>40,6</b>	28,4	20,9	5,2	5,0	<b>59,4</b>	<b>50.039</b>
	<b>Total RMBS</b>	<b>34,4</b>	<b>0,9</b>	<b>6,2</b>	<b>0,6</b>	<b>42,1</b>	<b>28,4</b>	<b>19,1</b>	<b>5,9</b>	<b>4,5</b>	<b>57,9</b>	<b>334.219</b>

Fonte: FIBGE, Censo Demográfico de 1970. Tabulações Especiais.

O que se verifica com estas tabelas é que, em geral, as maiores participações dos trabalhadores estavam nos municípios mais centrais, Cubatão, Guarujá, Santos, São Vicente e Praia Grande. E as maiores proporções de autônomos e dos que trabalham por conta própria estavam nos municípios mais periféricos, como Mongaguá, Peruíbe, Itanhaém, e no distrito de Bertioga. Deve-se ressaltar que Itanhaém, nos anos 1960 (**Tabela 29**), apresentou as maiores participações de trabalhadores entre os municípios da Baixada, e que foi perdendo tal participação com o tempo. Possivelmente em função das plantações de banana, que ainda empregavam muita gente, conforme será apontado mais adiante.

Comparando-se os migrantes com os não migrantes, observa-se que os migrantes apresentaram um maior peso relativo na categoria dos trabalhadores, enquanto os não migrantes possuíam uma participação maior de estudantes e aposentados, confirmando assim a seletividade dos migrantes, com relação ao tamanho menor das famílias migrantes, assim como sua idade média mais baixa.

Os municípios de Itanhaém e Peruíbe apresentaram significativas participações da categoria “outra” de condição de atividade. Nestes municípios, 43% a 44% desta categoria era dada pela população sem ocupação, e 34% a 38% pelos doentes/inválidos. Assim, estes deveriam possuir um peso relativo importante nestes municípios no período.

E Santos também chamou a atenção pelo seu maior peso de empregadores e aposentados/pensionistas na população residente e entre os não migrantes, em comparação com os demais municípios da RMBS. Entre os não migrantes, por exemplo, 7% destes era composto de aposentados/pensionistas, correspondendo a mais de 15.200 pessoas em 1970.

Já a **Tabela 30** mostra que, nos anos 1970, com as novas oportunidades de emprego do parque industrial da Baixada, aumentou a proporção das pessoas que trabalham, em comparação com o período anterior. Também confirmou-se a tendência do maior peso relativo dos trabalhadores nos municípios mais centrais da Baixada, especialmente em Santos, Guarujá e Cubatão.

**Tabela 30**

PARTICIPAÇÃO DOS GRUPOS POPULACIONAIS, SEGUNDO SUA SITUAÇÃO NO  
EMREGO OU CONDIÇÃO DE ATIVIDADE  
REGIÃO METROPOLITANA DA BAIXADA SANTISTA  
1970-1980

	Residência Atual	Situação no Emprego em 1970-80					Condição de Atividade em 1970-80						Total
		Trabalhador	Empregador	Autônomo/ Conta Própria	Outra	Sub-Total	Afazeress Domésticos	Estudante	Aposent/ Pension.	Proc. Trab.	Outra	Sub-Total	
População Total	Cubatão	48,1	0,3	3,6	0,8	<b>52,9</b>	23,1	16,7	3,5	0,6	3,2	<b>47,1</b>	<b>59.689</b>
	Guarujá	43,2	1,7	7,4	0,7	<b>53,0</b>	22,1	16,0	4,0	1,4	3,5	<b>47,0</b>	<b>48.479</b>
	distr.V.Carvalho	43,4	0,4	4,9	0,3	<b>49,0</b>	22,9	17,7	5,3	1,4	3,7	<b>51,0</b>	<b>63.026</b>
	Itanhaém	37,8	2,0	8,8	0,5	<b>49,1</b>	22,9	15,5	6,8	0,9	4,7	<b>50,9</b>	<b>20.007</b>
	Mongaguá	30,9	1,3	13,0	0,4	<b>45,6</b>	24,1	15,9	10,1	0,8	3,6	<b>54,4</b>	<b>7.205</b>
	Peruibe	27,3	1,9	13,7	2,0	<b>44,8</b>	27,2	16,4	5,6	0,7	5,3	<b>55,2</b>	<b>13.401</b>
	Praia Grande	32,8	1,6	11,2	1,3	<b>46,9</b>	24,6	15,4	8,1	0,9	4,3	<b>53,1</b>	<b>49.206</b>
	Santos	39,1	2,4	6,4	0,8	<b>48,7</b>	22,1	15,4	9,8	0,9	3,1	<b>51,3</b>	<b>339.353</b>
	distr.Bertioga	37,3	1,1	12,9	1,2	<b>52,5</b>	24,1	14,2	4,3	0,3	4,6	<b>47,5</b>	<b>2.970</b>
	São Vicente	39,2	1,4	6,3	0,9	<b>47,9</b>	23,3	16,9	7,2	1,0	3,7	<b>52,1</b>	<b>146.997</b>
	<b>Total RMBS</b>	<b>39,7</b>	<b>1,8</b>	<b>6,7</b>	<b>0,8</b>	<b>49,0</b>	<b>22,8</b>	<b>16,0</b>	<b>7,8</b>	<b>0,9</b>	<b>3,5</b>	<b>51,0</b>	<b>750.333</b>
Migrantes Intrametrop.	Cubatão	43,6	1,5	4,2	0,4	<b>49,7</b>	28,3	15,6	2,9	0,1	3,4	<b>50,3</b>	<b>3.018</b>
	Guarujá	40,1	2,0	8,0	0,2	<b>50,3</b>	24,5	16,8	3,6	1,5	3,3	<b>49,7</b>	<b>4.735</b>
	distr.V.Carvalho	45,8	0,3	7,0	0,5	<b>53,7</b>	27,6	13,2	2,8	1,0	1,9	<b>46,3</b>	<b>3.597</b>
	Itanhaém	37,3	2,1	10,2	0,6	<b>50,2</b>	25,8	18,0	3,9	0	2,0	<b>49,8</b>	<b>1.216</b>
	Mongaguá	36,2	0,8	11,1	0	<b>48,0</b>	32,0	15,2	2,9	0,8	1,1	<b>52,0</b>	<b>650</b>
	Peruibe	27,3	2,0	12,9	1,5	<b>43,7</b>	27,8	18,7	4,4	0	5,4	<b>56,3</b>	<b>1.329</b>
	Praia Grande	35,9	1,7	10,7	1,5	<b>49,8</b>	26,2	14,3	4,5	0,7	4,4	<b>50,2</b>	<b>6.237</b>
	Santos	47,0	2,4	4,9	0,7	<b>55,0</b>	22,6	14,8	4,1	0,9	2,6	<b>45,0</b>	<b>5.899</b>
	distr.Bertioga	37,9	4,2	16,8	0	<b>58,9</b>	27,4	13,7	0	0	0	<b>41,1</b>	<b>95</b>
	São Vicente	43,0	1,6	5,6	0,5	<b>50,6</b>	25,9	15,0	5,0	0,7	2,8	<b>49,4</b>	<b>26.877</b>
	<b>Total RMBS</b>	<b>42,0</b>	<b>1,7</b>	<b>6,7</b>	<b>0,6</b>	<b>50,9</b>	<b>25,8</b>	<b>15,1</b>	<b>4,4</b>	<b>0,7</b>	<b>3,0</b>	<b>49,1</b>	<b>53.653</b>
Outros Migrantes	Cubatão	57,8	0,2	3,2	0,4	<b>61,7</b>	24,2	9,9	1,2	0,6	2,4	<b>38,3</b>	<b>22.833</b>
	Guarujá	49,9	1,3	7,1	0,4	<b>58,6</b>	22,8	11,6	2,7	1,2	3,0	<b>41,4</b>	<b>16.065</b>
	distr.V.Carvalho	49,6	0,3	3,8	0,4	<b>54,1</b>	26,0	13,0	1,7	1,1	4,0	<b>45,9</b>	<b>12.010</b>
	Itanhaém	37,6	2,4	8,2	0,5	<b>48,8</b>	25,3	12,3	8,5	0,8	4,4	<b>51,2</b>	<b>7.517</b>
	Mongaguá	28,7	1,5	14,3	0,3	<b>44,8</b>	24,7	9,9	15,4	0,7	4,5	<b>55,2</b>	<b>2.944</b>
	Peruibe	27,2	2,2	13,6	2,1	<b>45,0</b>	28,4	14,3	6,7	0,7	4,9	<b>55,0</b>	<b>6.573</b>
	Praia Grande	32,1	1,4	10,5	1,1	<b>45,1</b>	26,5	12,6	10,5	0,9	4,4	<b>54,9</b>	<b>24.875</b>
	Santos	48,7	1,7	5,6	0,6	<b>56,7</b>	22,4	12,1	5,0	1,0	2,8	<b>43,3</b>	<b>57.659</b>
	distr.Bertioga	39,1	0,9	15,8	1,8	<b>57,5</b>	25,3	9,1	4,4	0	3,6	<b>42,5</b>	<b>888</b>
	São Vicente	40,5	1,3	6,0	0,6	<b>48,4</b>	25,8	13,7	7,0	1,1	3,9	<b>51,6</b>	<b>31.504</b>
	<b>Total RMBS</b>	<b>44,7</b>	<b>1,3</b>	<b>6,7</b>	<b>0,7</b>	<b>53,4</b>	<b>24,4</b>	<b>12,2</b>	<b>5,6</b>	<b>0,9</b>	<b>3,4</b>	<b>46,6</b>	<b>182.868</b>
Não Migrantes	Cubatão	42,1	0,3	3,8	1,1	<b>47,3</b>	21,9	21,3	5,1	0,6	3,7	<b>52,7</b>	<b>33.838</b>
	Guarujá	39,9	1,9	7,5	1,0	<b>50,2</b>	21,3	18,4	4,8	1,5	3,8	<b>49,8</b>	<b>27.679</b>
	distr.V.Carvalho	41,7	0,4	5,0	0,3	<b>47,3</b>	21,8	19,3	6,4	1,5	3,7	<b>52,7</b>	<b>47.419</b>
	Itanhaém	38,0	1,7	9,0	0,5	<b>49,3</b>	21,0	17,5	5,9	1,1	5,2	<b>50,7</b>	<b>11.274</b>
	Mongaguá	31,8	1,2	12,3	0,5	<b>45,8</b>	22,1	20,9	7,2	0,8	3,2	<b>54,2</b>	<b>3.611</b>
	Peruibe	27,4	1,5	14,0	2,0	<b>44,9</b>	25,6	18,4	4,5	0,9	5,7	<b>55,1</b>	<b>5.499</b>
	Praia Grande	32,7	1,7	12,4	1,5	<b>48,3</b>	21,2	19,5	6,0	0,9	4,1	<b>51,7</b>	<b>18.094</b>
	Santos	36,9	2,6	6,6	0,8	<b>46,9</b>	22,0	16,1	11,0	0,8	3,2	<b>53,1</b>	<b>275.795</b>
	distr.Bertioga	36,4	1,0	11,5	1,0	<b>49,9</b>	23,4	16,6	4,4	0,4	5,3	<b>50,1</b>	<b>1.987</b>
	São Vicente	37,6	1,4	6,6	1,2	<b>46,9</b>	21,6	18,6	7,9	1,1	3,9	<b>53,1</b>	<b>88.616</b>
	<b>Total RMBS</b>	<b>37,7</b>	<b>1,9</b>	<b>6,7</b>	<b>0,9</b>	<b>47,2</b>	<b>21,9</b>	<b>17,5</b>	<b>8,9</b>	<b>1,0</b>	<b>3,5</b>	<b>52,8</b>	<b>513.812</b>

Fonte: FIBGE, Censo Demográfico de 1980. Tabulações Especiais.

Separando-se os migrantes em intrametropolitanos e não metropolitanos, observa-se, com esta tabela, que os distritos de Vicente de Carvalho e Bertioga possuíam um significativo peso relativo dos migrantes intrametropolitanos que trabalhavam (54% e 59%, respectivamente), além de Santos, com 55% destes. Isto mostra que os migrantes estavam vindo de outros municípios da Baixada para estes locais especialmente para trabalhar nas indústrias em expansão nos anos 1970.

Com relação aos migrantes não metropolitanos, os municípios de Cubatão, Santos e Guarujá apresentaram proporções maiores de trabalhadores do que as apontadas pelos intrametropolitanos. Cubatão chegou a apresentar 62% destes outros migrantes como sendo trabalhadores nos anos 1970, sobretudo de outras UFs, como mostrado antes.

Observa-se também, que Mongaguá e Peruíbe registraram os menores pesos relativos dos trabalhadores. Este fato se mostra em função de que estes municípios apresentaram as maiores proporções de pessoas, especialmente migrantes, com afazeres domésticos (sobretudo esposas), de estudantes e de aposentados, confirmando novamente a participação das famílias maiores, e mais consolidadas, que se dirigiam aos municípios do litoral sul da Baixada Santista. Nestes municípios citados, as maiores proporções de aposentados foram registradas na década de 1970 entre os migrantes não

metropolitanos, chegando a 15% em Mongaguá. Destaca-se também, neste período, o município de Santos, que apresentou 11% de sua população não migrante formada por aposentados ou pensionistas em 1980, correspondendo a mais de 30.200 pessoas.

A inovação que esta tabela traz, frente à anterior, é a categoria de “procurando trabalho”, nas condições de atividade. Esta categoria já existia no censo de 1970, mas não de forma independente. Estava agregada aos não remunerados, que possuía valor não significativo no período 1959-1970 (1,3% do total de trabalhadores).

Com a **tabela 31**, pode-se verificar que cresceu a proporção das pessoas procurando trabalho, especialmente entre os migrantes intrametropolitanos de Mongaguá (11,5% destes). Mas deve-se lembrar que este município apresentou as menores populações e um valor de 11,5% entre os migrantes intrametropolitanos correspondia a menos de 120 pessoas. A pequena base populacional às vezes distorce os valores relativos.

O que se observa com esta tabela, comparando-se com a **Tabela 30**, é que em geral, e especialmente entre os migrantes, ocorreu uma diminuição do peso relativo dos trabalhadores e das pessoas com afazeres domésticos, entre a década de 1970 e a de 1980, e um aumento da participação dos empregadores, autônomos, estudantes, aposentados e dos que estão procurando trabalho. A **Tabela 16** já havia mostrado a diminuição do peso relativo dos casais nos anos

1980. Também os efeitos da crise econômica foram significativos nos anos 1980. Daí o aumento dos que estão procurando trabalho (perto de 3,5% da população enumerada da RMBS em 1991, quase 32 mil pessoas).

Com a diminuição dos pesos relativos dos trabalhadores, ocorreu o aumento dos pesos dos empregadores. E o aumento dos autônomos deve ter sido um indício de uma maior informalidade no mercado de trabalho no período, que chegou a perto de 15% da população residente enumerada nos municípios de Itanhaém, Mongaguá e Peruíbe. Esta categoria de autônomos apresentou um total de mais de 86.600 pessoas residentes na RMBS em 1991.

Os aposentados ou pensionistas constituíram 13% da população residente contabilizada de Santos em 1991 (mais de 47.300 pessoas). Mas municípios como Itanhaém, Mongaguá e Praia Grande apresentaram perto de 10% de sua população enumerada

formada por aposentados. E os migrantes não metropolitanos foram em grande parte os responsáveis por este envelhecimento da população destes três municípios. Os aposentados representaram 14,6% dos migrantes não metropolitanos em Mongaguá, 12,8% em Praia Grande e 10,8% em Itanhaém, no período 1981-91.

Mongaguá também apresentou significativos pesos relativos na condição de atividade "outra". O valor de 20,5% da categoria de migrantes intrametropolitanos se refere a 200 detentos que foram transferidos para este município no período 1981-91. E o valor de 9,1% entre os migrantes não metropolitanos se referia a 370 detentos transferidos no período, sendo que não havia nenhum detento neste município até 1980. O município de São Vicente também apresentou 325 detentos intrametropolitanos e 340 não metropolitanos no período, mas estes valores não forma expressivos quando comparados ao total de migrantes nestas categorias.

**Tabela 31**

PARTICIPAÇÃO DOS GRUPOS POPULACIONAIS, SEGUNDO SUA SITUAÇÃO NO  
EMPREGO OU CONDIÇÃO DE ATIVIDADE  
REGIÃO METROPOLITANA DA BAIXADA SANTISTA  
1981-1991

	Residência Atual	Situação no Emprego em 1981-91					Condição de Atividade em 1981-91					Total	
		Trabalhador	Empregador	Autônomo/ Conta Própria	Outra	Sub-Total	Afazeres Domésticos	Estudante	Aposent/ Pension.	Proc. Trab.	Outra		Sub-Total
População Total	Cubatão	42,4	1,0	5,6	0,02	<b>49,0</b>	20,8	17,5	6,5	3,5	2,8	<b>51,0</b>	<b>70.927</b>
	Guarujá	40,5	1,4	8,8	0,1	<b>50,7</b>	18,2	17,2	6,2	3,8	3,9	<b>49,3</b>	<b>162.512</b>
	Itanhaém	32,2	2,0	15,2	0,4	<b>49,7</b>	18,6	16,9	9,8	1,8	3,2	<b>50,3</b>	<b>35.699</b>
	Mongaguá	28,8	2,0	15,4	0,2	<b>46,4</b>	17,4	15,1	9,3	5,3	6,4	<b>53,6</b>	<b>14.863</b>
	Peruíbe	32,1	3,6	14,9	0,2	<b>50,8</b>	18,5	16,0	8,4	1,7	4,6	<b>49,2</b>	<b>25.197</b>
	Praia Grande	32,0	2,2	12,0	0,2	<b>46,5</b>	20,2	17,4	9,6	2,6	3,7	<b>53,5</b>	<b>96.519</b>
	Santos	37,8	3,5	7,7	0,2	<b>49,2</b>	17,1	14,9	13,1	3,3	2,4	<b>50,8</b>	<b>362.245</b>
	São Vicente	39,3	1,8	8,2	0,1	<b>49,5</b>	18,6	16,5	8,4	3,7	3,4	<b>50,5</b>	<b>212.396</b>
	<b>Total RMBS</b>	<b>37,9</b>	<b>2,4</b>	<b>8,8</b>	<b>0,2</b>	<b>49,3</b>	<b>18,3</b>	<b>16,2</b>	<b>9,8</b>	<b>3,4</b>	<b>3,2</b>	<b>50,7</b>	<b>980.358</b>
Migrantes Intrametrop.	Cubatão	39,9	1,5	5,9	0	<b>47,3</b>	24,0	16,6	3,6	3,3	5,2	<b>52,7</b>	<b>3.046</b>
	Guarujá	43,4	1,6	9,5	0	<b>54,6</b>	18,2	17,4	4,8	2,2	2,8	<b>45,4</b>	<b>5.416</b>
	Itanhaém	39,2	1,2	11,6	0,5	<b>52,6</b>	19,0	15,3	12,5	0,4	0,2	<b>47,4</b>	<b>1.659</b>
	Mongaguá	27,8	2,0	7,7	0,8	<b>38,2</b>	13,8	15,1	0,9	11,5	20,5	<b>61,8</b>	<b>1.023</b>
	Peruíbe	25,9	4,3	11,9	0	<b>42,1</b>	26,4	12,7	11,9	0	6,9	<b>57,9</b>	<b>1.320</b>
	Praia Grande	34,6	1,8	9,8	0	<b>46,2</b>	22,5	19,8	6,2	2,3	3,0	<b>53,8</b>	<b>17.497</b>
	Santos	44,8	2,4	9,1	0,3	<b>56,5</b>	20,8	10,5	6,7	4,1	1,4	<b>43,5</b>	<b>5.053</b>
	São Vicente	42,9	1,5	7,2	0,1	<b>51,7</b>	19,5	17,1	5,9	3,3	2,4	<b>48,3</b>	<b>33.471</b>
	<b>Total RMBS</b>	<b>40,2</b>	<b>1,7</b>	<b>8,4</b>	<b>0,1</b>	<b>50,4</b>	<b>20,5</b>	<b>17,2</b>	<b>6,0</b>	<b>3,0</b>	<b>2,9</b>	<b>49,6</b>	<b>68.485</b>
Outros Migrantes	Cubatão	50,0	0,9	6,5	0	<b>57,3</b>	23,2	10,9	2,8	3,3	2,5	<b>42,7</b>	<b>13.145</b>
	Guarujá	45,7	1,8	9,3	0,1	<b>56,9</b>	20,3	11,8	4,2	3,4	3,3	<b>43,1</b>	<b>28.302</b>
	Itanhaém	29,8	2,7	15,9	0,8	<b>49,2</b>	20,7	14,1	10,8	2,3	2,9	<b>50,8</b>	<b>11.182</b>
	Mongaguá	24,7	1,8	12,8	0,2	<b>39,5</b>	18,5	14,3	14,6	4,1	9,1	<b>60,5</b>	<b>5.667</b>
	Peruíbe	33,0	5,4	13,8	0	<b>52,2</b>	16,4	15,2	9,2	2,1	4,9	<b>47,8</b>	<b>9.617</b>
	Praia Grande	30,4	2,7	12,2	0,4	<b>45,7</b>	21,5	14,8	12,8	2,2	3,1	<b>54,3</b>	<b>29.851</b>
	Santos	44,6	2,8	8,2	0,1	<b>55,8</b>	17,7	13,8	6,5	3,6	2,6	<b>44,2</b>	<b>43.154</b>
	São Vicente	41,1	2,0	8,7	0,2	<b>52,0</b>	20,2	14,1	7,1	3,4	3,2	<b>48,0</b>	<b>31.563</b>
	<b>Total RMBS</b>	<b>39,8</b>	<b>2,4</b>	<b>10,0</b>	<b>0,2</b>	<b>52,5</b>	<b>19,8</b>	<b>13,6</b>	<b>7,8</b>	<b>3,1</b>	<b>3,2</b>	<b>47,5</b>	<b>172.481</b>
Não Migrantes	Cubatão	40,7	1,0	5,4	0,03	<b>47,1</b>	20,0	19,1	7,6	3,5	2,7	<b>52,9</b>	<b>54.735</b>
	Guarujá	39,2	1,3	8,7	0,1	<b>49,2</b>	17,7	18,4	6,7	3,9	4,1	<b>50,8</b>	<b>128.799</b>
	Itanhaém	32,9	1,6	15,1	0,2	<b>49,8</b>	17,5	18,3	9,0	1,7	3,6	<b>50,2</b>	<b>22.857</b>
	Mongaguá	31,8	2,2	18,1	0,2	<b>52,3</b>	17,1	15,7	6,8	5,4	2,8	<b>47,7</b>	<b>8.173</b>
	Peruíbe	32,1	2,2	15,9	0,4	<b>50,7</b>	19,3	16,9	7,5	1,5	4,2	<b>49,3</b>	<b>14.260</b>
	Praia Grande	32,1	2,1	12,7	0,1	<b>47,0</b>	18,6	18,1	8,9	3,0	4,3	<b>53,0</b>	<b>49.164</b>
	Santos	36,8	3,6	7,6	0,2	<b>48,2</b>	17,0	15,1	14,1	3,3	2,4	<b>51,8</b>	<b>314.038</b>
	São Vicente	38,1	1,9	8,3	0,1	<b>48,4</b>	18,0	16,8	9,2	3,9	3,7	<b>51,6</b>	<b>147.363</b>
	<b>Total RMBS</b>	<b>37,2</b>	<b>2,4</b>	<b>8,6</b>	<b>0,2</b>	<b>48,4</b>	<b>17,7</b>	<b>16,7</b>	<b>10,6</b>	<b>3,4</b>	<b>3,2</b>	<b>51,6</b>	<b>739.389</b>

Fonte: FIBGE, Censo Demográfico de 1991. Tabulações Especiais.

Com a consolidação do pólo industrial de Cubatão, observou-se uma queda na proporção dos migrantes do período 1981-91, e que trabalhavam em 1991, com um conseqüente aumento da participação das pessoas procurando trabalho. Esta queda foi mais significativa para os migrantes não metropolitanos. Também o aumento relativo dos migrantes na condição de estudantes ou aposentados contribuiu para esta queda.

Assim, tem se configurado a tendência de um crescimento maior da proporção de autônomos, estudantes e aposentados, sobretudo entre os migrantes não metropolitanos, nos municípios do litoral sul da Baixada, em especial em Mongaguá e Praia Grande, no caso dos aposentos, municípios estes mais próximos a Santos e São Vicente. O município de Santos também apresentou uma participação cada vez maior de aposentados, especialmente entre os não migrantes, o que significa um envelhecimento de sua população, em grande parte devido ao seu alto volume de emigrantes, apontado na **Tabela 14**, que se dirigem principalmente para São Vicente e Praia Grande.

Uma vez caracterizadas as pessoas pela sua situação no emprego ou condição de atividade, resta agora verificar suas atividades, no que estas trabalhavam. Jakob (2003a) mostra a participação da População Economicamente Ativa (PEA) no mercado de trabalho, na forma de sub-

setores de atividade econômica, para 1970, 1980, 1991 e 1995.

Em 1970, o setor primário da economia possuía uma participação importante em Peruíbe, Itanhaém, Bertioga, e Mongaguá. A grande maioria desta participação estava na cultura de banana. Em Guarujá, a pesca também tinha uma significativa representatividade. Nestes quatro municípios, e mais no distrito de Bertioga, a participação do setor primário suplantava a do setor industrial em 1970.

Com relação ao setor industrial, as maiores participações do pessoal ocupado estavam nas indústrias metalúrgicas, de produtos alimentares e de derivados de petróleo ou carvão. Com relação ao pessoal ocupado nas indústrias metalúrgicas (de Cubatão), verifica-se que uma parte importante destes estava presente em Santos, São Vicente, Vicente de Carvalho, e até em Mongaguá. Isto confirma a grande mobilidade pendular da população destes municípios com Cubatão. Também verificou-se que o grande setor empregador de Cubatão era constituído pelas indústrias metalúrgicas.

Na parte de construção civil, os municípios mais consolidados, como Santos e São Vicente não apresentaram valores expressivos. O mesmo não ocorreu com os municípios mais periféricos, e com Praia Grande principalmente, mostrando a importante expansão urbana que estava acontecendo na região. O comércio apresentava uma concentração do pessoal ocupado na parte de gêneros alimentícios e de tecidos, e seu peso relativo maior era

nos municípios de Praia Grande, Santos e São Vicente.

Com relação aos serviços, em 1970 já empregavam mais da metade do pessoal ocupado da Baixada Santista, especialmente em Vicente de Carvalho, Santos e São Vicente. Os principais setores empregadores eram os serviços domésticos remunerados e os serviços de transportes. Os serviços de transportes marítimos empregavam boa parte do pessoal ocupado de Bertioga, Santos e Vicente de Carvalho. A população residente em Bertioga e Vicente de Carvalho dependia muito das pequenas embarcações, pois grande parte dela trabalhava em municípios vizinhos, como apontado anteriormente, necessitando de uma boa quantidade de pessoas trabalhando no transporte marítimo. E em Santos, o porto, com suas significativas atividades econômicas, concentrava também muita gente trabalhando. As balsas, ou *ferry boats*, importantes no trânsito entre os municípios de Santos, Guarujá e Bertioga, também empregavam certa quantidade de pessoas destes municípios.

Jakob (2003a) coloca que no ano de 1980, a participação da PEA residente aumentou nos setores de indústrias metalúrgicas e alimentares, mas houve uma redução nas indústrias de derivados de petróleo/carvão, em prol das indústrias químicas. Os anos 1970, que trouxeram as indústrias químicas mais atuantes em Cubatão, com a piora da qualidade do ar neste município, trouxeram também uma grande leva de migrantes para trabalhar nas indústrias de Cubatão,

morando nos municípios vizinhos, como mostrou o aumento da participação da PEA ocupada nas indústrias metalúrgicas e químicas dos municípios vizinhos a Cubatão. Este fato contribuiu para o aumento da mobilidade pendular dos migrantes nos anos 1970, conforme verificado com a **Tabela 18**.

Pode-se verificar na **Tabela 14**, que nos anos 1970, Cubatão enviou quase 8.400 pessoas para outros municípios da RMBS e recebeu pouco mais de 4.100 migrantes intrametropolitanos, e a diferença aumentou ainda mais na década de 1980. Isto pode ter significado uma redistribuição da população de Cubatão, com melhor situação financeira, para municípios vizinhos, que apresentavam melhores condições de meio ambiente.

Com relação ao setor de construção civil, este possuiu um aumento relativo na RMBS, e os aumentos mais significativos foram em Cubatão e nos locais mais periféricos. As obras de expansão da COSIPA e a ampliação da PETROBRÁS, nos anos 1970, apontadas por Baeninger e Souza (1994), foram as maiores responsáveis por ocupar 39% da PEA residente de Cubatão em 1980. Também a expansão imobiliária, mais significativa nas áreas mais periféricas nos anos 1970, conforme dito anteriormente, foi verificada com o aumento do peso relativo da PEA ocupada na construção civil destes municípios, assim como no comércio de materiais de construção, mais representativo neste último setor em Itanhaém, Mongaguá, Peruíbe e Bertioga.

O setor industrial apresentou uma redução da participação

relativa da PEA da RMBS nos anos 1980, especialmente nas indústrias metalúrgicas e químicas. Isto foi devido à consolidação do pólo industrial de Cubatão e a algum tipo de política de redução de empregos nestas indústrias, como a privatização da COSIPA. Também o maior controle da qualidade do ar pode ter inibido a expansão de alguma indústria destes setores. Mas Praia Grande apresentou um crescimento da participação da PEA nas indústrias metalúrgicas. Assim, é possível que os metalúrgicos poderiam estar se transferindo para Praia Grande, saindo de Santos e São Vicente.

E com relação ao setor de serviços, que também apresentou aumentos, as principais atividades responsáveis por este aumento foram os serviços pessoais, serviços de alojamento e alimentação, e de reparação e manutenção, além dos serviços domésticos remunerados. Todos estes sub-setores poderiam representar também alternativas econômicas para as pessoas que perderam seus empregos com a crise dos anos 1980. Em quase todos os municípios, mais da metade de sua PEA trabalhava neste setor em 1991, com exceção de Cubatão (48,5%) e Peruíbe (48,1%). Em Santos e no Guarujá, mais de 60% desta era do setor de serviços (64,6% e 60,3%, respectivamente).

Conclui-se, então, que o auge da PEA ocupada no setor industrial ocorreu nos anos 1970, assim como na construção civil. Período este que representou o maior crescimento, especialmente para os municípios do litoral sul da Baixada. Os migrantes intra-

metropolitanos eram em geral mais qualificados que os não metropolitanos. Os primeiros trabalhavam mais no setor industrial, enquanto que os últimos encontravam emprego no setor de construção civil. Os municípios mais centrais ofereciam melhores oportunidades de trabalho no setor industrial, principalmente de Cubatão, onde também estava trabalhando boa parte da população residente destes municípios.

Já os municípios mais periféricos possuíam uma maior oportunidade de emprego no setor da construção civil, dado seu estágio de expansão urbana, verificado no período.

Nota-se também que o volume da PEA da Baixada Santista, ocupada neste mercado de trabalho "formal", se reduziu muito entre 1991 e 1995, chegando a valores próximos aos verificados em 1970. Isto pode ter acontecido em função de novas práticas de acumulação flexível nas empresas, demonstradas por Harvey (1999) e Castells (2000), e pela maior participação de aposentados e do mercado informal de trabalho. De maneira geral, verificou-se também uma redução de trabalhadores nos transportes marítimos, sobretudo no porto de Santos, em função de sua automatização, maior participação de contêineres, etc. Também notou-se a redução da participação da PEA na indústria e na construção civil em prol do comércio e dos serviços.

Mas não se verificou uma estrutura de emprego dual. Não houve uma expansão dos empregos do tipo "colarinho branco". Não foram e nem estão sendo criados empregos mais especializados, para pessoas com maior qualificação.

As especificidades dos municípios da Baixada Santista estão privilegiando principalmente o setor de turismo, e os escritórios centrais e diretorias mais qualificadas, onde são tomadas as decisões, não estão situados na Baixada, mas sim na Região Metropolitana de São Paulo, principalmente.

Uma vez terminadas estas análises dos municípios da Baixada Santista, resta agora

focalizar mais as atenções na análise intra-urbana, ou intra-municipal destes municípios. Isto será feito no próximo tópico, que utiliza que utiliza dados de setores censitários para o município de Santos para entender de que forma os espaços vão se modificando com o tempo e como tem se dado a concentração espacial dos grupos sociais e de suas moradias no município-sede da RMBS.

---

## **A DINÂMICA INTRA-URBANA DE SANTOS: AS EXPRESSÕES LOCAIS DE UM PROCESSO MAIS AMPLO**

O propósito principal deste tópico é mostrar que as tendências de desconcentração espacial da população, de periferação, e de modificação nas formas de ocupação dos espaços, verificadas anteriormente para o nível intrametropolitano, possuem claramente uma expressão intramunicipal. Para isso, estes processos são avaliados no município-sede da região.

Com relação à segregação espacial de grupos sociais, abordada por Villaça (1998), este tópico testa a hipótese de que as características dos espaços estão sendo modificadas ao longo do tempo, devido ao surgimento de novas formas de ocupação atuantes nestes espaços. Estas novas formas de ocupação podem estar ocorrendo tanto em função de processos de renovação urbana, que valorizam as áreas e conseqüentemente expulsam as famílias mais pobres do local, quanto em função do ciclo vital familiar. Assim, famílias no início de seu ciclo vital – inclusive aquelas formadas pela fragmentação de outras, como no caso de filhos que

se casam - estariam em busca de novos espaços de ocupação, enquanto as famílias em processo de fragmentação permaneceriam nos locais mais antigos. Neste sentido, estas distintas formas de ocupação podem implicar no envelhecimento ou rejuvenescimento de alguns sub-espaços, dependendo do tipo de ocupação envolvido.

Outra hipótese a ser avaliada neste tópico diz respeito à participação cada vez maior de idosos e aposentados entre os imigrantes de Santos, os quais estariam ocupando gradualmente o espaço deixado pela população flutuante na orla marítima.

Não foi possível fazer uma análise deste tipo para cada um dos nove municípios que fazem parte da RMBS, em função da indisponibilidade destes dados até o momento. Portanto, são utilizados dados de setores censitários de 1991 e de 2000, para o município de Santos, para se analisar a movimentação de grupos sociais, pessoas e domicílios, e sua concentração espacial.<sup>12.</sup>

---

12. A metodologia de análise utilizada para o tratamento dos dados de setores censitários, se baseou no uso de Sistemas de Informação Geográfica ou Georreferenciada (SIGs), para a criação dos mapas temáticos, ou cloropléticos, e também na utilização de técnicas de interpolação de dados por meio de Krigagem. A interpolação dos dados foi adotada para se deixar em evidência as grandes tendências de concentração espacial que podem ficar dispersas nos mapas cloropléticos. Maiores informações sobre a Krigagem podem ser encontradas em Jakob (2003a).

O item a seguir aponta as características físicas da parte insular do município de Santos, que concentra praticamente toda a população deste município.

#### **O RELEVO E AS DIVISÕES ADMINISTRATIVAS DA PARTE INSULAR DE SANTOS**

A parte insular de Santos, com menos de 40 km<sup>2</sup>, concentrava quase 416 mil habitantes em 2000. Para um melhor conhecimento da parte insular de Santos, o **Mapa 4** traz os limites dos bairros deste município.

Com este mapa, pode-se verificar que a orla marítima de Santos abrange os bairros de José Menino, Gonzaga, Boqueirão, Embaré, Aparecida e Ponta da Praia. Estes bairros da orla de Santos fazem divisa com os demais (acompanhando a linha da costa) por meio das avenidas General Francisco Glicério (mais a noroeste) e Afonso Pena (a nordeste). E os limites perpendiculares à linha costeira, destes bairros são os canais de drenagem de água.

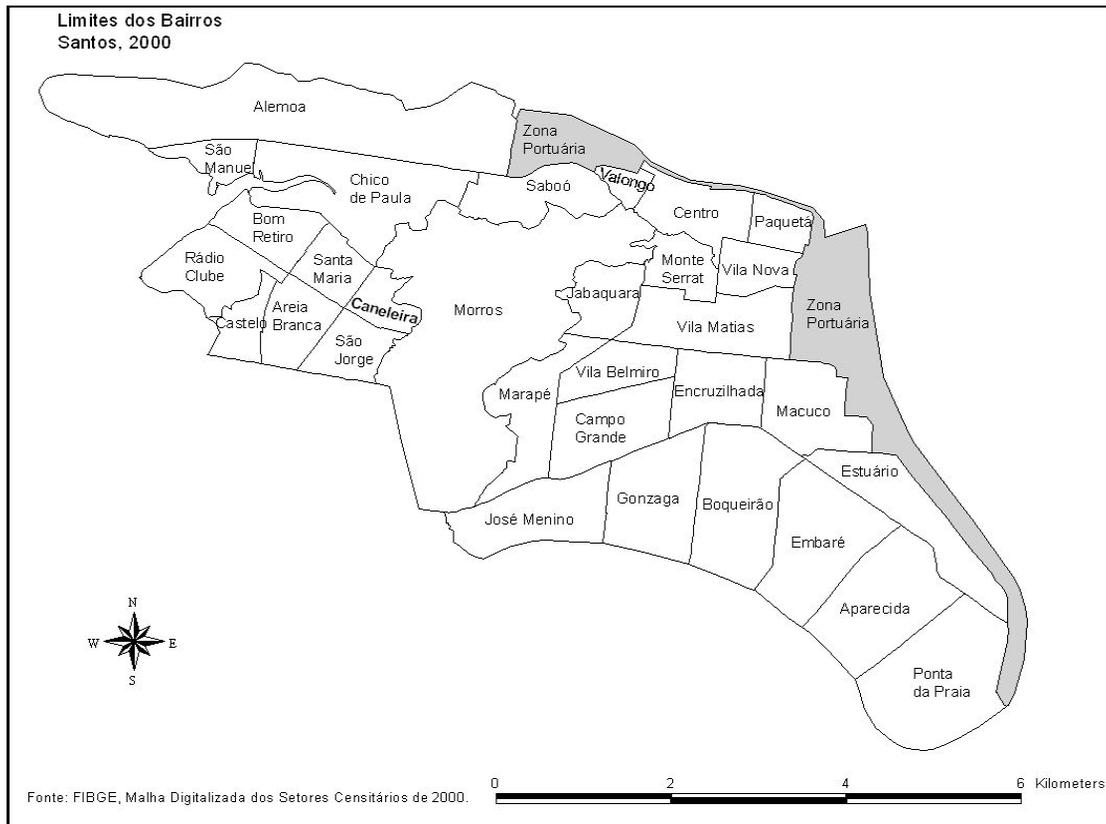
Também é interessante se destacar que a divisa de Alemoa com

São Manuel e Chico de Paula corresponde à Via Anchieta, que termina no Saboó. Pode-se perceber, também com o **Mapa 4**, o espaço ocupado pelos morros da ilha, que restringem o espaço disponível para a população.

Como se confirmará mais adiante, os bairros ao norte e oeste da zona dos morros são habitados por famílias com menor poder aquisitivo. Os bairros Paquetá, Vila Nova e Centro são os mais antigos da ilha, contendo cortiços e antigos casarões. Estes bairros se encontram agora em fase de deterioração. Os bairros situados junto à orla marítima são habitados por famílias mais abastadas, e aqueles localizados entre estas áreas citadas são habitados pela classe média de Santos. Assim, são claramente delimitadas as áreas mais populares, as áreas mais nobres, as mais antigas e aquelas intermediárias.

Os limites dos setores censitários de Santos, em número de 514 em 1991 e de 605 em 2000, são mostrados nos próximos mapas, e foram utilizados para a criação dos mapas interpolados, conforme já apontado anteriormente.

## Mapa 4



### AS CARACTERÍSTICAS POPULACIONAIS DOS SETORES CENSITÁRIOS

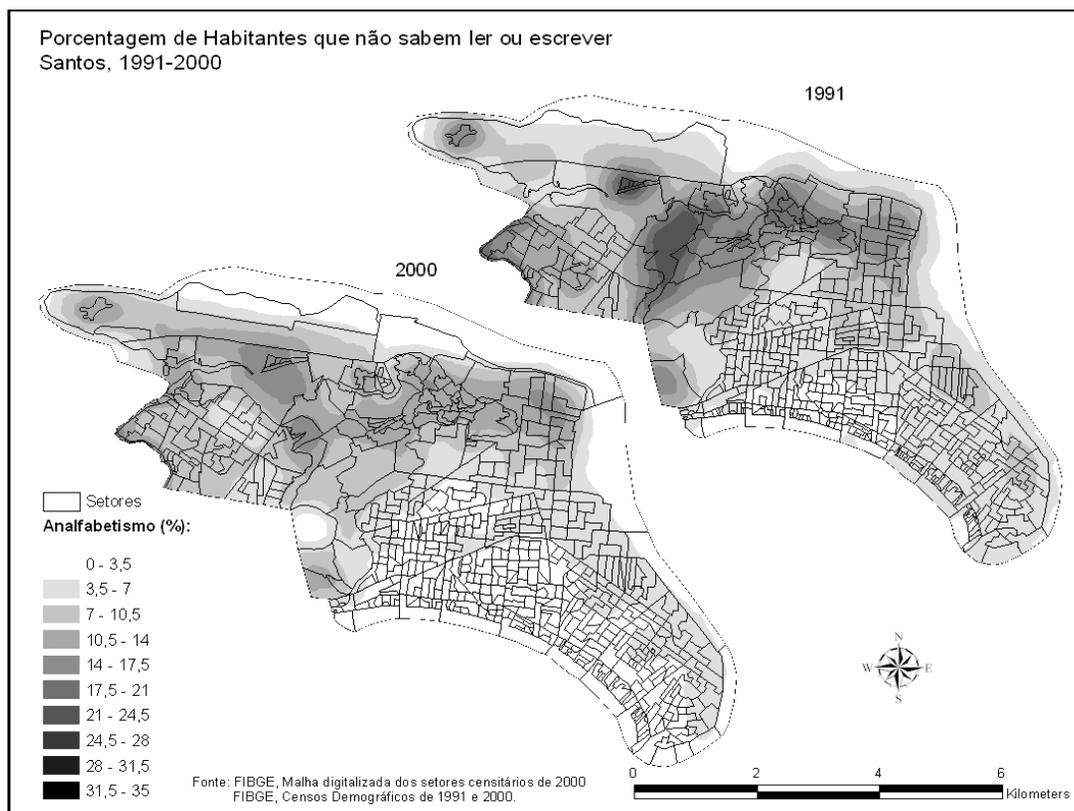
Este item tem como propósito principal apresentar elementos que confirmem a veracidade das hipóteses citadas anteriormente, sobre as mudanças nas formas de ocupação dos espaços, e sobre a maior participação de idosos e aposentados na faixa da orla marítima de Santos, ocupando, muito provavelmente, até mesmo os espaços deixados pelos veranistas que, com a expansão das áreas “desejadas” para este fim na própria região ou fora dela, acabam abandonando as áreas

antes cobiçadas à beira-mar da cidade mais consolidada.

Para isto, foram analisadas algumas características dos moradores dos setores censitários, como o número de pessoas que não sabem ler ou escrever, a idade do chefe ou responsável pelo domicílio e sua renda mensal, em salários mínimos.

Com relação à participação de analfabetos com mais de 5 anos de idade nos setores censitários, o **Mapa 5** mostra que se estes se concentravam especialmente mais na região do bairro Chico de Paula, nas encostas dos morros, na área do Paquetá, Centro, Valongo e Saboó, e também em uma faixa próxima à zona portuária. Verifica-se também que o analfabetismo reduziu-se gradualmente entre 1991 e 2000.

Mapa 5



Portanto, pode-se verificar que as maiores participações de analfabetos eram observadas em setores censitários da área residencial mais antiga, contendo cômodos habitados, em geral, por apenas uma pessoa, como se verá mais adiante. Também eram significativas estas participações em setores próximos à zona portuária, habitados principalmente por antigos trabalhadores do porto, mais facilmente visualizados nos bairros Estuário e Macuco no ano de 2000, assim como nos setores localizados na zona de morros e nas áreas mais populares, como era de se esperar, destacando-se o bairro Chico de Paula, considerado de expansão urbana mais recente.

Este mapa mostra que uma proporção significativa de analfabetos se concentrava espacialmente em setores censitários próximos aos limites municipais de São Vicente e Cubatão, considerados mais periféricos, assim como nas áreas mais antigas.

Este importante peso relativo dos analfabetos em bairros como Paquetá e Vila Nova, tidos como tradicionais, poderia significar uma mescla de moradores com melhores e piores situações financeiras, trazendo à tona as discussões sobre a crescente dificuldade de se separar o centro da periferia, presentes nas obras de Ribeiro e Lago (1994), Bógus (1992), Rolnik et al. (1990) entre outros.

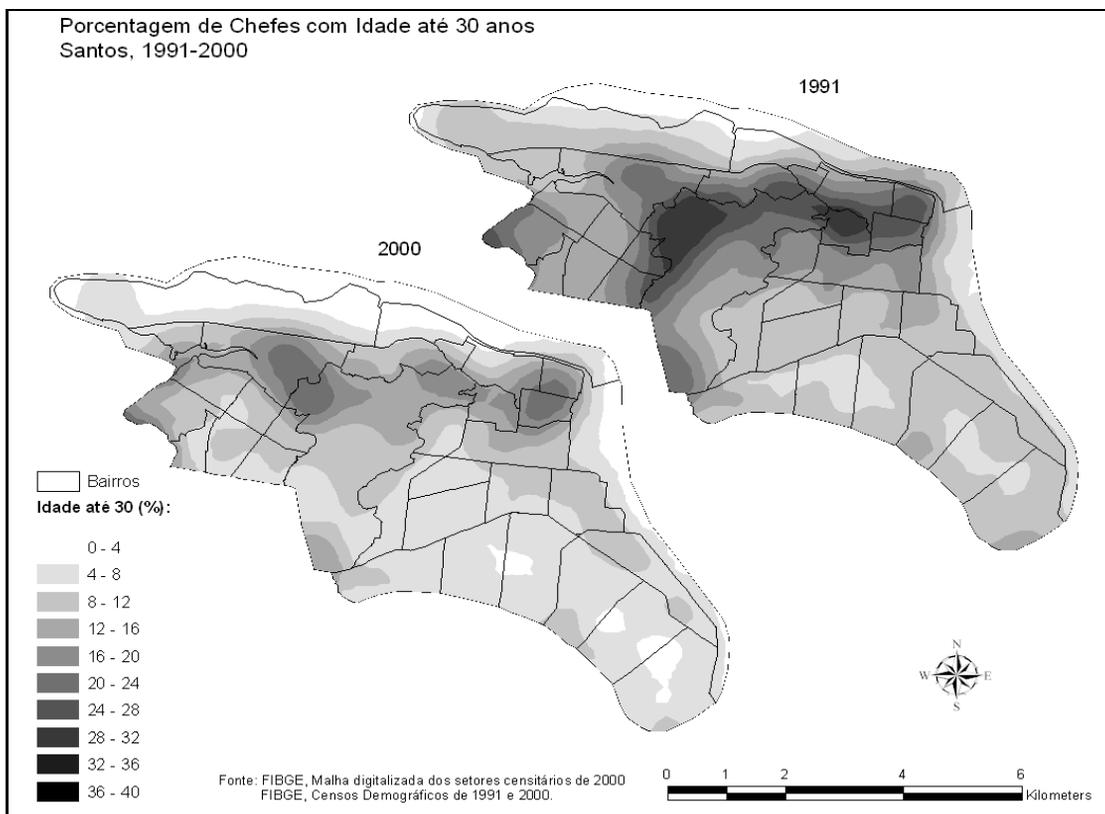
Com relação à idade da população, no tópico anterior foi

adotada a idade média do casal, como variável de análise. Como não foi possível se obter esta informação a partir do Censo Demográfico de 2000, adotou-se neste tópico a idade do chefe do domicílio como variável de estudo.

O **Mapa 6** localiza onde estavam mais concentrados os chefes do domicílio com idade até 30 anos. Verifica-se que estes se concentravam praticamente nas mesmas áreas citadas no **Mapa 5**, referente ao analfabetismo. Nota-se também que a participação dos chefes com idade até 30 anos estava caindo gradualmente em todo o município. Isto mostra que as famílias em início de ciclo vital estavam se concentrando nas

áreas mais periféricas do município. Essa redução deve ter sido causada por uma possível migração destas famílias para municípios vizinhos a Santos, onde o preço da terra e, portanto, da moradia, muito provavelmente era mais barato, caracterizando uma periferização ainda maior, no sentido de mais distante de sua área de origem. Poderia representar também uma migração para a área continental de Santos e para Bertiooga, mas pode-se verificar, nas tabelas 5 e 6, que o volume de população nesta zona rural de Santos não era representativo em termos relativos (apenas 0,5% de sua população total). De qualquer forma, houve um aumento no volume desta população.

**Mapa 6**

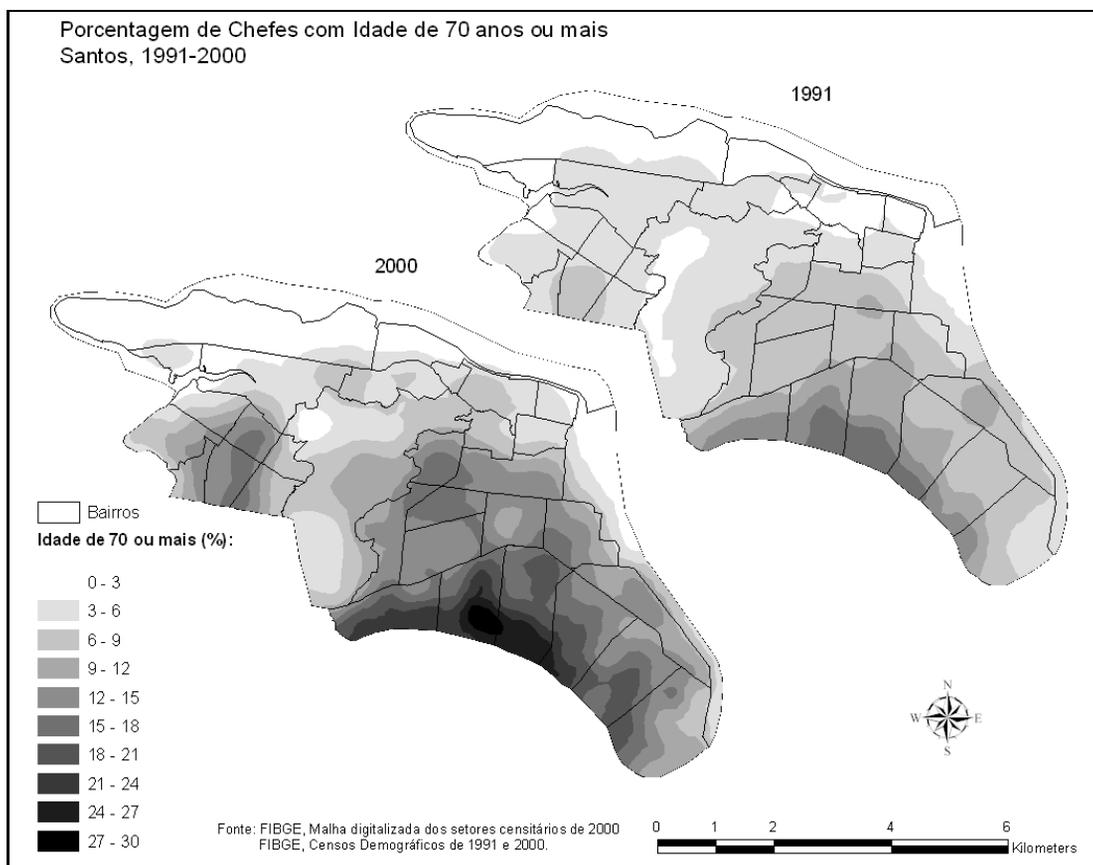


Jakob (2003a) aponta para uma concentração maior de chefes de 30 a 39 anos na zona dos morros, nos anos 1990, em áreas próximas à zona portuária, e nos bairros Bom Retiro e Rádio Clube, próximos aos limites de São Vicente e Cubatão. Da mesma forma que o verificado no **Mapa 6**, houve também uma redução na proporção de chefes entre 30 e 39 anos de maneira geral. Na área mais popular, era significativa (e crescente) a participação de chefes com idades entre 40 e 69 anos, especialmente em locais próximos ao conjunto da COHAB santista, no bairro Castelo,

e mais recentemente em locais próximos ao bairro Areia Branca. Na área mais nobre, a proporção destes chefes era mais significativa após a linha de prédios da orla marítima.

Com relação aos chefes mais idosos, o **Mapa 7** mostra que era cada vez mais importante sua concentração nos setores da orla marítima, especialmente no Gonzaga, Boqueirão, Embaré e José Menino. Assim, pode-se dizer que os idosos estavam ocupando, cada vez mais, os espaços deixados pela população flutuante, junto à orla marítima.

**Mapa 7**



A partir de análises da estrutura etária do município de Santos, percebe-se que desde 1970 este município mostrava indícios de envelhecimento populacional, principalmente em função das tendências de queda da fecundidade verificadas no país como um todo. Em 1991, já havia uma significativa proporção de idosos no município, e em 2000, esta proporção de idosos do sexo feminino já era a maior entre todos os grupos etários.

Poder-se-ia supor aqui que ocorreu uma significativa migração de retorno das pessoas que nasceram em Santos, e abandonaram o município por alguma razão, como por exemplo, para trabalhar na capital, e retornaram ao município de nascimento quando se aposentam, talvez em busca de um melhor clima e uma maior tranquilidade no litoral. Estes retornados seriam então aposentados e idosos em sua maioria. Os retornados, conforme o verificado na **Tabela 15**, corresponderam a 13,5% da migração total com destino a Santos, e a 28% dos migrantes intrametropolitanos. Entretanto, verificou-se que os aposentados e indivíduos com 70 anos ou mais, retornados da RMSP no período 1981-91, representaram apenas 10% dos retornados da região (menos de 200 pessoas). O total de aposentados retornados a Santos correspondeu a um número pouco superior a 400, de um total de 7.560 retornados a este município. Maiores pesos relativos de aposentados foram obtidos em Praia Grande e Peruíbe. O município de São Vicente também

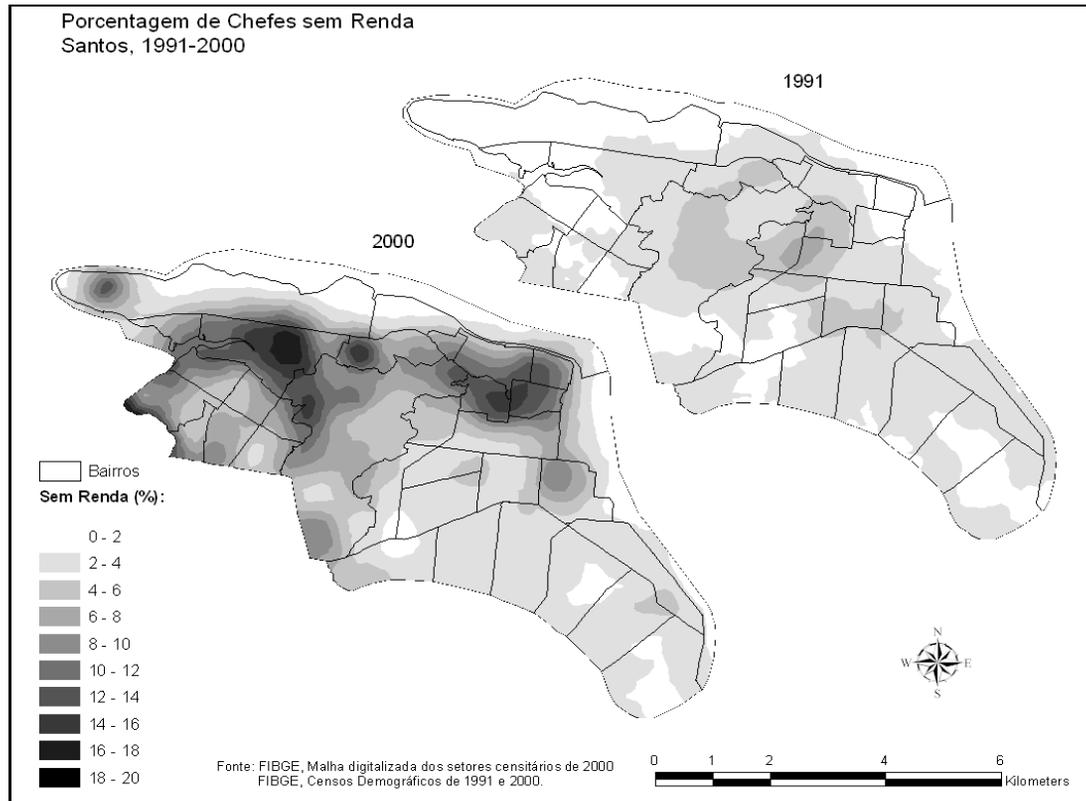
apresentou um peso relativo maior de idosos do que Santos, retornados da RMSP, embora com um volume inferior.

Portanto, esta suposição não foi confirmada, a migração de retorno não apresentou nenhum impacto significativo no processo de envelhecimento populacional observado no município de Santos. Este envelhecimento populacional, sobretudo junto à orla marítima, foi um processo lento e gradual, que diz respeito ao ciclo vital familiar, por meio da fragmentação das famílias. Os idosos estariam, também, ocupando os espaços deixados pela população flutuante, que procurava locais mais adequados aos seus interesses, menos densos, etc.

Enfatizando-se agora a renda mensal do chefe do domicílio, os mapas 8 e 9 identificaram as áreas de maior concentração de chefes de domicílio sem renda e com renda mensal de 10 ou mais Salários Mínimos. Com relação ao mapa dos chefes sem renda (**Mapa 8**), verifica-se que estes chefes apresentaram somente alguns setores pontuais com significativa participação em 1991. Entretanto, em 2000, estes chefes mostraram importante participação nas áreas populares, em especial nos bairros Chico de Paula e Areia Branca, e também próximos a Paquetá, Vila Nova e o Monte Serrat, refletindo a redução da participação relativa da PEA ocupada na indústria e no setor de construção civil, apontada no tópico anterior.

Verificou-se também, no tópico anterior, que o número de pessoas procurando trabalho em Santos subiu de 2.900 em 1980 para 12 mil em 1991 (tabelas 30 e 31). Estes mapas mostram que este número devia ter crescido significativamente em 2000.

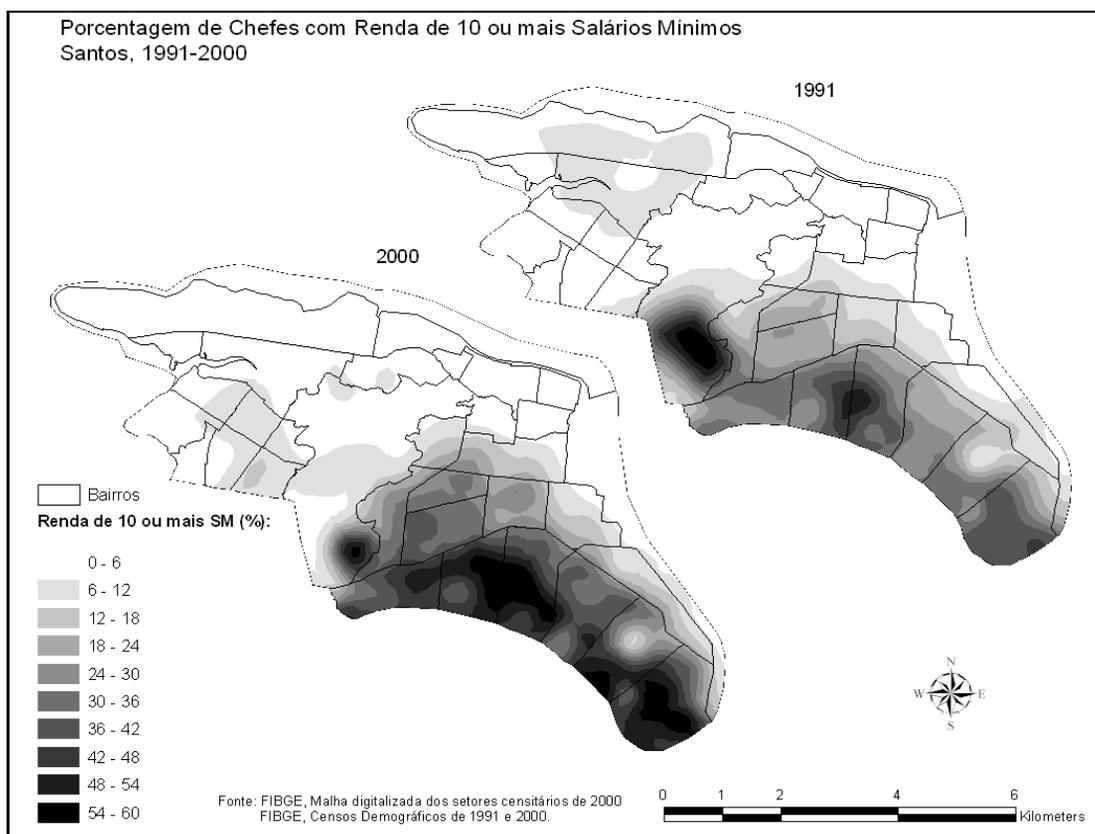
## Mapa 8



Jakob (2003a) verifica que a grande maioria dos chefes localizados nas áreas mais populares ganhava entre 2 e 5 salários mínimos, tanto em 1991 quanto em 2000. Mas mesmo estes diminuíram sua concentração no período abordado. Os chefes com renda menor estavam perdendo peso relativo nos anos 1990, em prol dos chefes sem renda, em algumas áreas, e dos chefes com rendas um pouco mais elevadas. Este é outro

indício da emigração mais significativa das famílias com menor renda do município de Santos no período. Algumas áreas populares também apresentaram um ganho no peso relativo dos chefes com renda entre 5 e 10 salários, próximas ao bairro Areia Branca e no Saboó, assim como em áreas localizadas entre a faixa marítima e a zona portuária. Observa-se, assim, que estas áreas representavam o local de moradia da classe média de Santos.

## Mapa 9



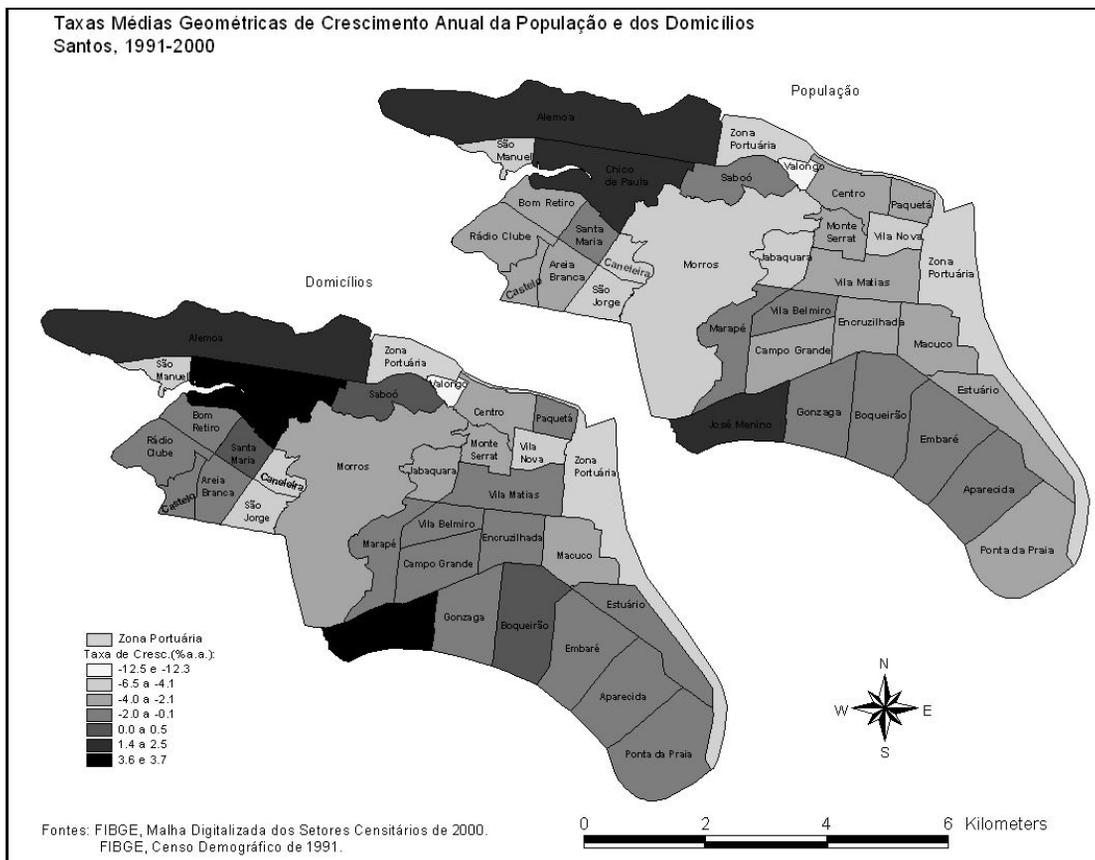
O **Mapa 9** mostra onde se concentravam as elites santistas até o ano de 2000. Verifica-se que na década de 1990 houve uma concentração maior dos chefes que ganham mais de 10 salários mínimos na área mais nobre da cidade, na orla, no Gonzaga, Boqueirão e Ponta da Praia, mas também no morro de Santa Terezinha, próximo ao bairro de José Menino, já comentado anteriormente.

Observa-se também, que o

estrato mais abastado de Santos se localizava logo após a linha de prédios da orla marítima, local de moradia da população flutuante. E sua concentração estava crescendo nos anos 1990.

No tópico anterior foi apontada a relação entre o crescimento dos domicílios e o crescimento populacional. O **Mapa 10** traz uma comparação entre a evolução do espaço construído e a população, ao nível de bairros.

Mapa 10



O que se percebe neste mapa é que a população santista só cresceu nos bairros de José Menino, Chico de Paula e Alemoa, no período 1991-2000. Os demais bairros apontaram um decréscimo populacional. O bairro José Menino pode ser considerado o mais periférico da orla, fazendo limite com o município de São Vicente. No caso dos bairros de Alemoa e Chico de Paula, deve-se relembrar que a Via Anchieta é a divisa destes. Assim, podia-se verificar um significativo contingente populacional se dirigindo para

as margens desta rodovia.

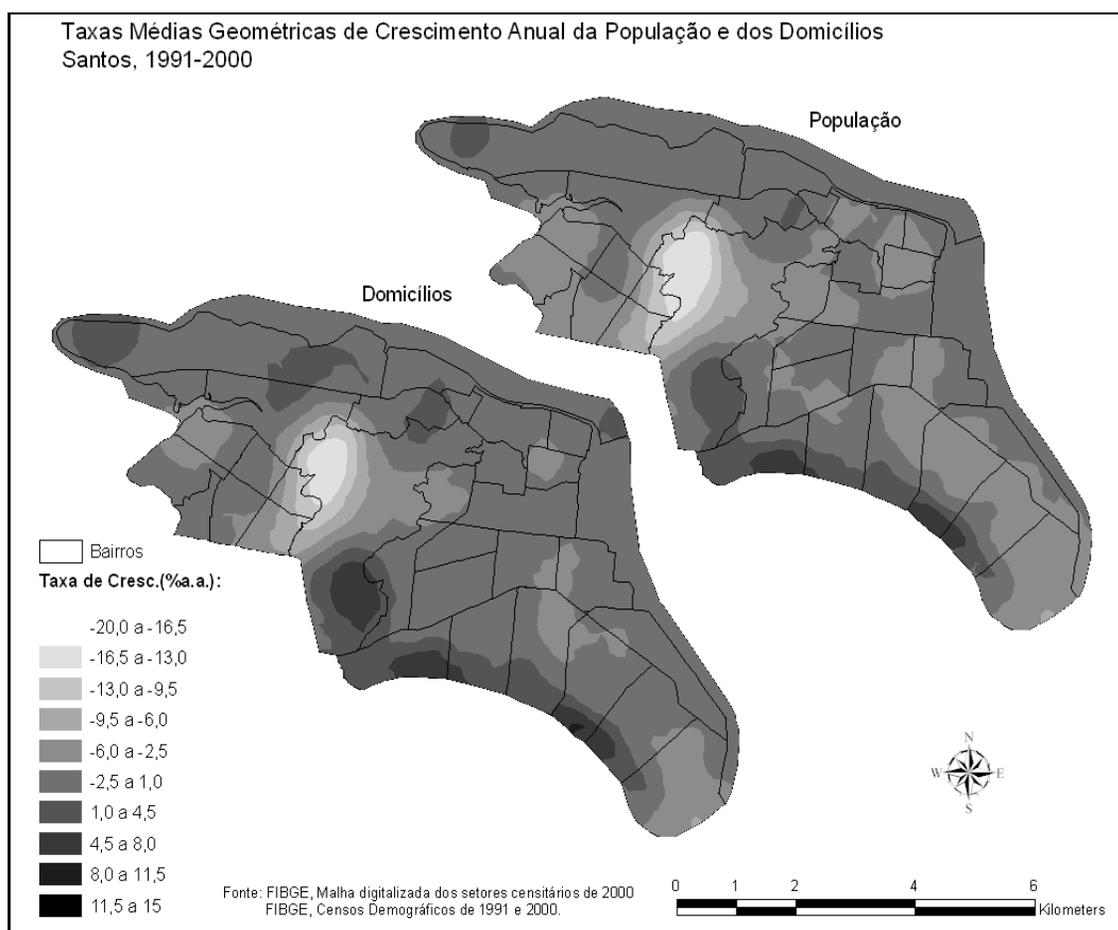
Com relação ao crescimento dos domicílios, percebe-se que existia um crescimento também nos bairros Saboó, Santa Maria e Boqueirão, além dos citados acima. Isto mostrava um crescimento mais representativo de famílias com poucos membros nestes três bairros, conforme se poderá verificar mais adiante.

Aprofundando mais esta análise, o **Mapa 11** mostra estas mesmas variáveis, só que desta vez espacializadas ao nível de setores censitários.

Este mapa mostra as concentrações de maior crescimento da população e dos domicílios em 1991-2000. Percebe-se a clara relação entre a evolução do número de domicílios e de pessoas. O fato das taxas de crescimento dos domicílios terem apresentado valores maiores que o verificado quanto às taxas da população, não significa

que o número de domicílios estivesse crescendo mais que o número de pessoas, mas que havia um maior decréscimo populacional, com relação ao domiciliar. É o impacto do grande número de emigrantes de Santos, conforme apontado anteriormente, que se observa nos mapas 10 e 11.

**Mapa 11**



Na zona dos morros, foi observado, a partir do **Mapa 11**, um representativo crescimento no Morro Santa Terezinha. É bem provável que, neste morro, haja um condomínio residencial de alto padrão, uma vez que havia uma alta concentração de chefes com renda superior a 10 salários mínimos, conforme verificado no **Mapa 9**.

Continuando ainda com a relação população-domicílios, o **Mapa 12** traz a espacialização do índice de densidade domiciliar<sup>13</sup> por setor censitário.

Este mapa mostra nitidamente as diferentes formas de ocupação das áreas. Nestes anos abordados existiam mais pessoas nos domicílios nas áreas mais populares, e menos na faixa da orla. Esta densidade menor era ainda mais evidente na orla de Embaré em 1991, e de Gonzaga e Boqueirão, mais recentemente. Estas áreas concentravam as maiores proporções de idosos nestes períodos estudados, como

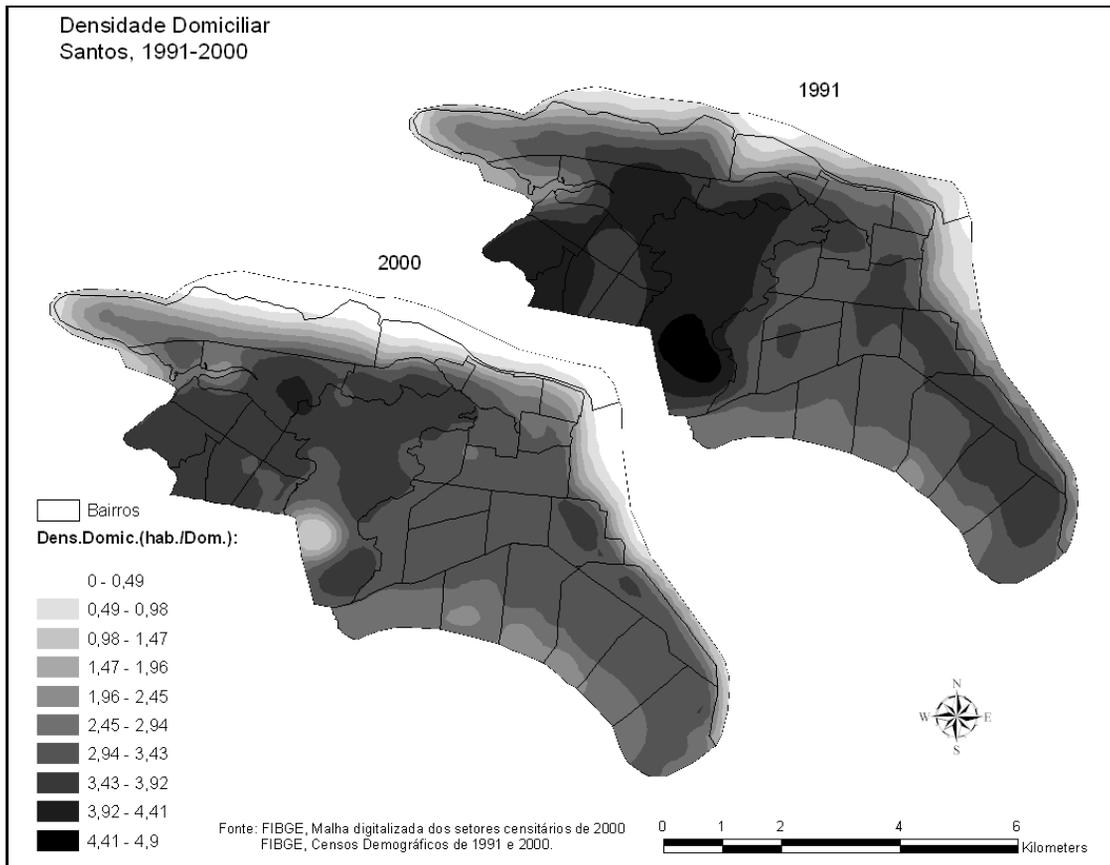
se verificou com o **Mapa 7**. Assim, pode-se deduzir que estes locais concentravam um maior peso relativo de idosos morando sozinhos.

Outra possibilidade para explicar esta menor densidade domiciliar na faixa da orla, além do ciclo vital familiar, com a maior proporção de famílias já fragmentadas, seria uma participação maior de domicílios de uso ocasional. Mas, pode-se verificar na **Tabela 22**, que o número destes domicílios caiu no período 1991-2000 (de 21.600 para 20.816). Portanto, não foi esse o caso. Uma possibilidade mais concreta seria a de que o aumento do número de domicílios vagos (de quase 13 mil para perto de 17 mil no período), assim como o aumento do número de domicílios fechados (de 730 para 1.090), resultando em um aumento de seu peso relativo conjunto (de 8,8% para 10,6% do total de domicílios do município), poderiam ter originado esta participação menor do índice de densidade domiciliar para o ano de 2000 na faixa da orla marítima.

---

<sup>13</sup> Este índice se refere à população residente dividida pelo número de domicílios, resultando em um número médio de habitantes por domicílio.

## Mapa 12



Este crescimento dos domicílios vagos e fechados poderia significar um maior “abandono” dos domicílios por parte da população flutuante, que estariam se dirigindo para novos espaços de veraneio, conforme já comentado anteriormente. O mais provável é que isto estivesse acontecendo de forma conjunta com o aumento de idosos nestas áreas, confirmando a hipótese de que os

idosos e aposentados estariam ocupando os espaços deixados pela população flutuante.

O item a seguir visa analisar mais especificamente as características dos domicílios da população residente nos setores censitários urbanos de Santos, em 1991 e 2000, para avaliar as condições de moradia da população nas diferentes áreas de localização espacial.

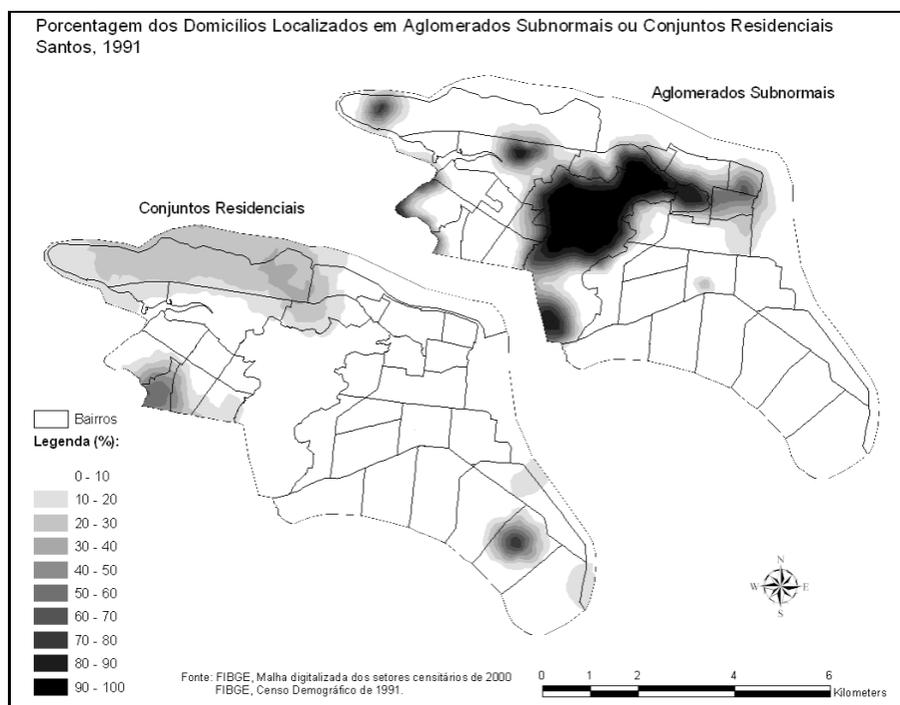
## AS CARACTERÍSTICAS DOMICILIARES DOS SETORES CENSITÁRIOS

O objetivo deste item é verificar a evolução das condições de moradia da população residente nos setores censitários de Santos, e tentar mostrar visualmente que as piores condições estão situadas nos morros e na periferia do município, confirmando claramente vetores que, como mostrado no tópico anterior, extrapolam os limites municipais.

Também se poderá constatar onde e de que forma estão concen-

tradas as melhores condições de moradia, para uma possível comparação com as conclusões de Villaça (1998), referentes às análises intra-urbanas de uma localidade. Primeiramente, para se ter uma idéia de onde estão situadas as maiores concentrações de domicílios em aglomerados subnormais e em conjuntos residenciais populares, é apresentado o **Mapa 13** para o ano de 1991<sup>14</sup>.

**Mapa 13**



14. Infelizmente, estas informações ainda não estão disponíveis para o ano de 2000.

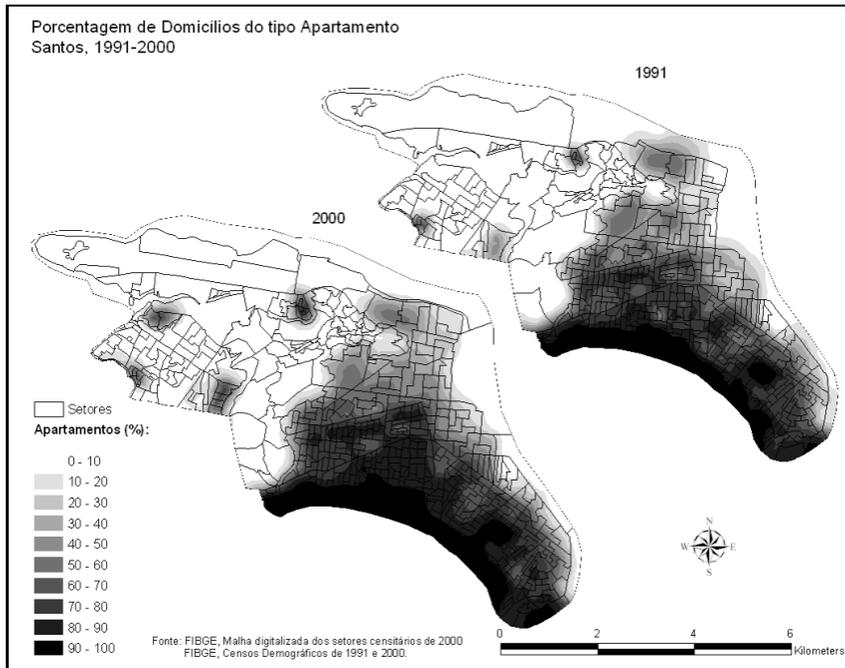
O **Mapa 13** mostra que os aglomerados subnormais estavam mais concentrados nos morros, como era de se esperar, no bairro Chico de Paula, próximo à Via Anchieta, em alguns pontos nos limites com Cubatão e São Vicente, e na divisa dos bairros de Paquetá e Vila Nova. Conforme apontado antes (com relação ao **Mapa 5**), verificou-se nestes bairros mais antigos, uma mescla de moradores com melhores e piores situações financeiras.

Com relação aos conjuntos residenciais populares, estes se concentravam mais nos bairros de Alemoa, Aparecida e Castelo. Neste último, aliás, está situado um grande conjunto residencial da COHAB santista, que, como se sabe, com a criação de habitações populares, materializa uma das formas importantes na criação de espaços alternativos de ocupação

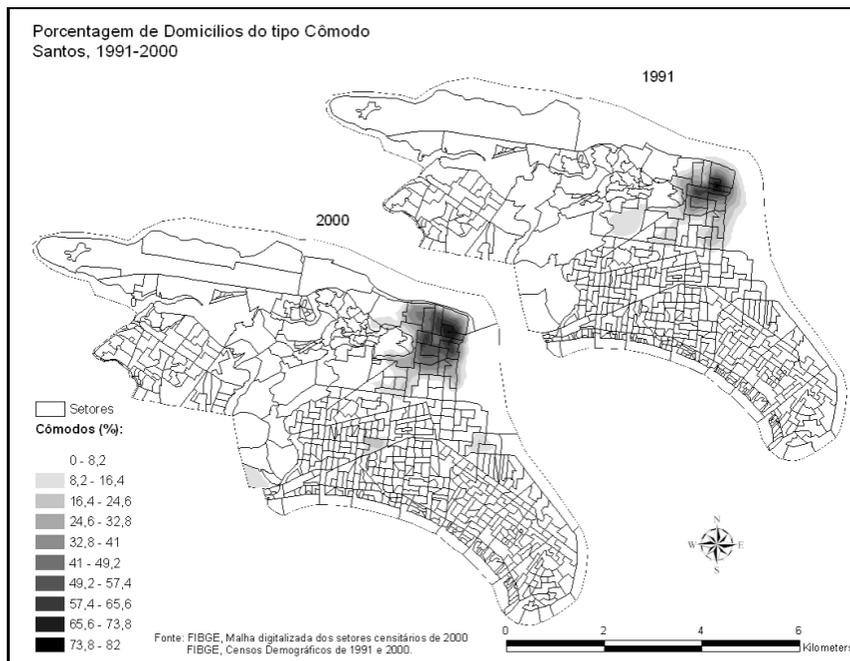
para a população de mais baixa renda.

Os **mapas 14 e 15** são o resultado da espacialização da variável “tipo de domicílio”. Eles mostram claramente a existência de uma concentração espacial diferenciada quanto a esta característica. Enquanto a concentração de apartamentos era mais significativa na faixa da orla marítima, e na sua parte mais contígua, além de alguns pontos isolados, com a presença de conjuntos de apartamentos (**Mapa 14**), a presença mais marcante de casas ocorria nos morros, na porção oeste da ilha, e em faixas próximas à zona portuária (área branca do **Mapa 14**), e a concentração de domicílios do tipo cômodo possuía uma alta concentração na área do Paquetá, Vila Nova e do antigo Centro da cidade, a área mais antiga da ilha (**Mapa 15**).

## Mapa 14



## Mapa 15



Verifica-se, a partir destes mapas, que estas diferentes concentrações espaciais dos tipos de domicílio não se modificaram de forma significativa no decorrer da década de 1990, e também a confirmação da divisão das áreas populares, nobres e antigas.

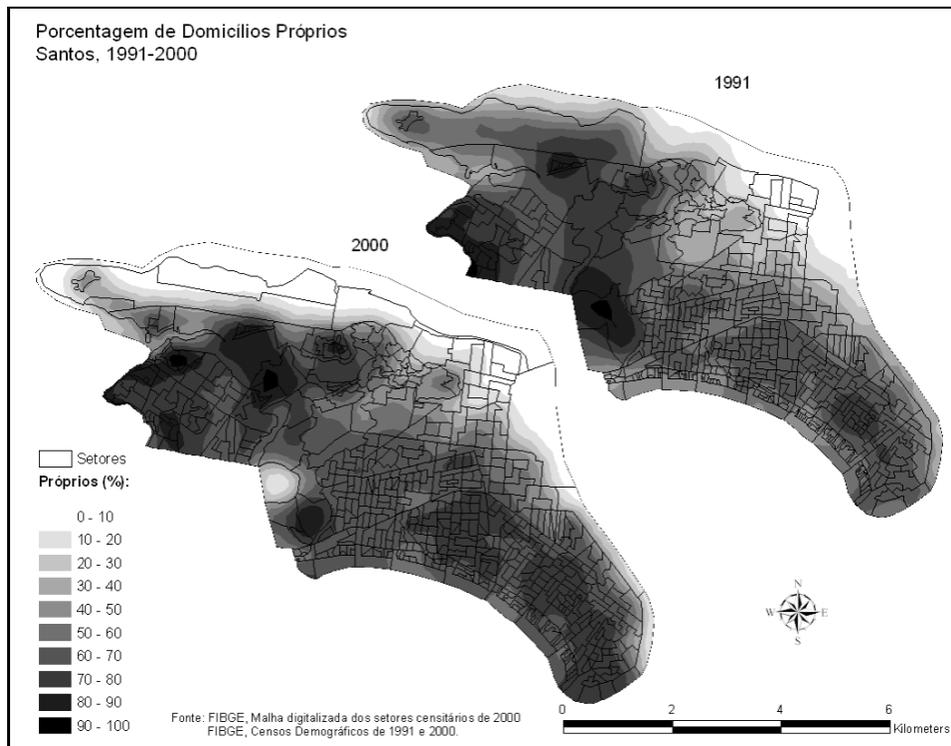
A condição de ocupação dos domicílios também condizia com a divisão apontada anteriormente, podendo ser observada a partir dos Mapas 16 e 17.

Nota-se que a participação dos domicílios próprios nos setores estava situada na parte mais popular, mas também vinha crescendo na área mais nobre. E a participação dos domicílios alugados se mantinha concentrada no Paquetá, Vila Nova e Centro.

A condição de ocupação do imóvel remete a uma reflexão sobre suas formas de ocupação do espaço intra-urbano. Como já mostrado em outros estudos (Cunha, 1994,

Rolnik, Kowarick e Somekh, 1990), sabe-se que, não obstante a propriedade ser algo, por si só, positivo, nas áreas populares, ou “periféricas”, o imóvel próprio não necessariamente significa uma situação confortável. Na verdade, sabe-se que, nesses espaços, a solução a partir do “binômio autoconstrução-loteamento popular”, nem sempre garante que as condições habitacionais sejam as melhores, até porque os espaços reservados para este tipo de ocupação, apresentam, em geral, grandes deficiências, em termos de infra-estrutura, acessibilidade etc. Além do que, como já apontado, nem sempre a declaração de propriedade, no Censo Demográfico, condiz com a realidade, tendo em vista que nem sempre os empreendimentos são legais, ou que parte da população acaba ocupando áreas sem qualquer título de propriedade.

**Mapa 16**

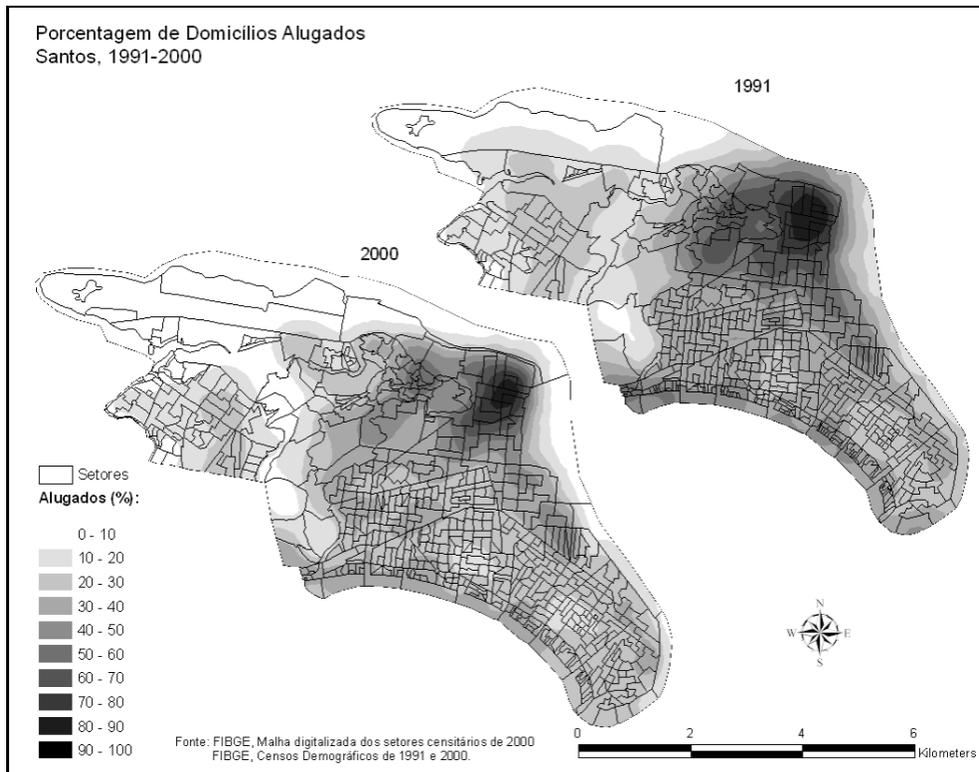


Quando o imóvel é alugado, sua ocupação é feita por pessoas com uma situação financeira um pouco melhor, que podem arcar com o custo do aluguel, ou, como no caso das áreas do centro antigo, e mais deteriorado, da cidade, reflete a ocupação de cômodos em cortiços ou construções mais deterioradas, como visto no **Mapa 15**. Estes domicílios da área mais antiga eram, em geral, cômodos alugados por apenas uma pessoa, como se poderá ver adiante. Já na parte mais nobre, o maior poder aquisitivo de seus moradores permitia que comprassem seus imóveis.

Os domicílios na condição de

ocupação cedida se concentravam cada vez mais no Centro e nas encostas dos morros, nos bairros São Jorge e Caneleira. Também se verifica que no ano de 1991 havia uma participação deste tipo de ocupação na orla marítima, reduzida significativamente em 2000, em prol de áreas mais próximas à zona portuária, como o Estuário e o Macuco. Estes dados, aliados à queda significativa das taxas de crescimento dos domicílios vagos e de uso ocasional em Santos no período 1991/2000 (**Tabela 22**), demonstravam a maior procura por domicílios no município, em especial pelos situados perto da orla.

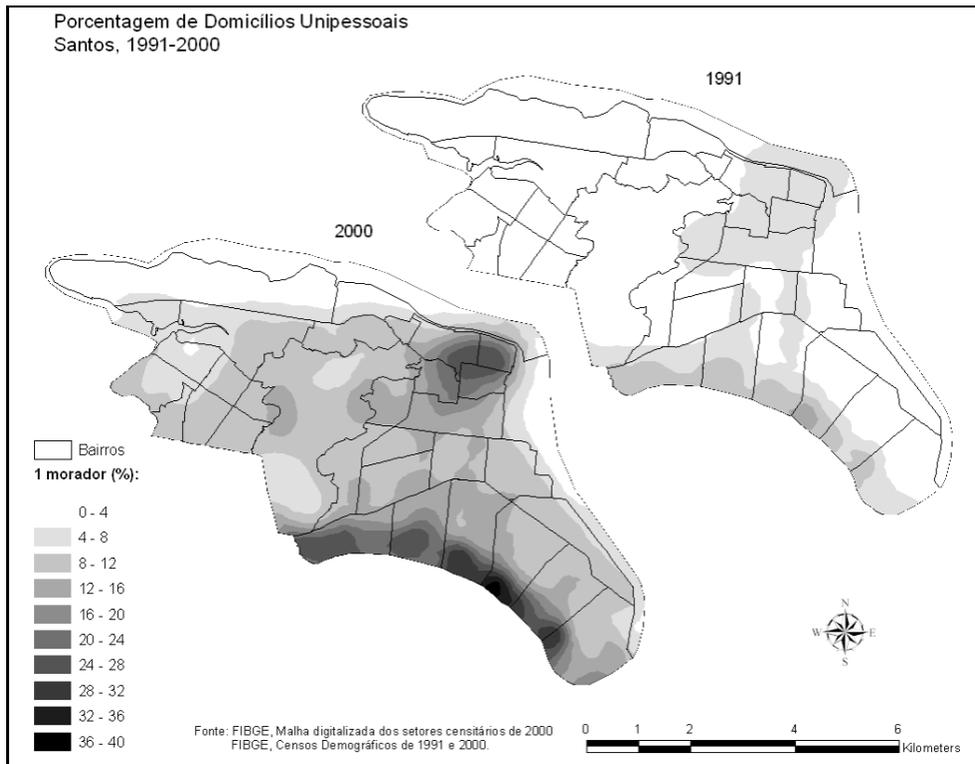
## Mapa 17



Com relação ao número de moradores no domicílio, foram feitos os Mapas 18 e 19. No que tange aos domicílios unipessoais (**Mapa 18**), nota-se que sua concentração era

evidenciada mais na orla marítima, assim como em áreas próximas a Paquetá, mais recentemente. Houve um aumento desta concentração espacial durante a década de 1990.

Mapa 18



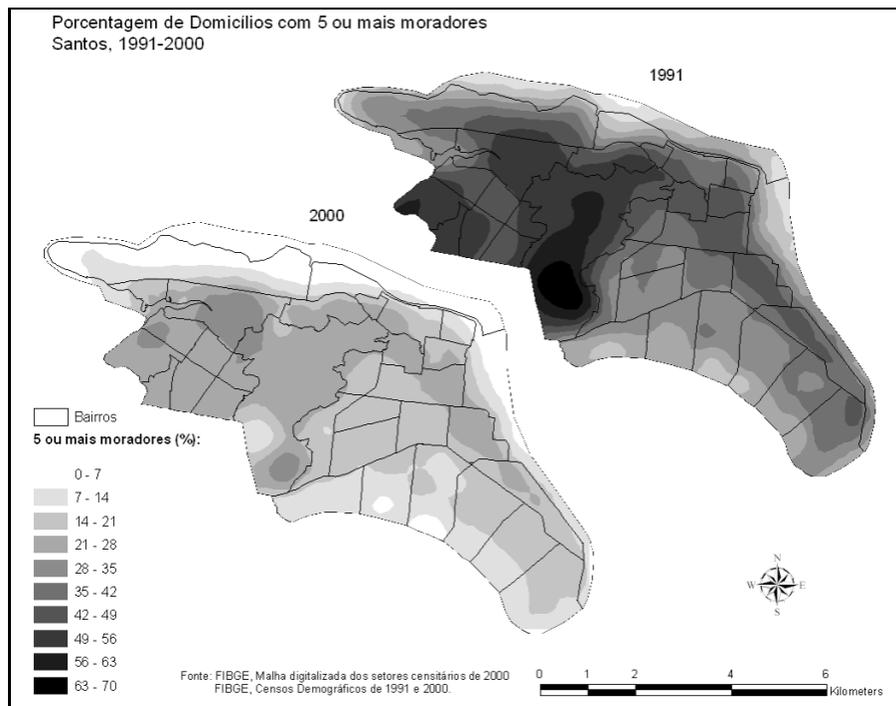
A concentração maior de domicílios unipessoais na orla marítima em 2000 representava o maior peso relativo dos idosos e aposentados nestas áreas, morando sozinhos, conforme o verificado anteriormente. Poderia também significar uma maior participação dos domicílios de uso ocasional, sendo que os proprietários destes domicílios poderiam estar deixando algum empregado para residir e tomar conta de seus imóveis de temporada. Contudo, esta hipótese parece pouco provável, tendo em vista os resultados da **Tabela 22**, que mostrou que estas residências de uso ocasional reduziram seu número nos anos 1990, com um valor negativo de taxa de crescimento anual.

Talvez o mais provável seja que a participação dos domicílios com um número maior de moradores estaria se reduzindo nestes setores, fazendo com que o peso relativo dos domicílios unipessoais aumentasse de forma significativa. O **Mapa 19** pode confirmar isto.

Com relação à participação significativa de domicílios unipessoais no Centro, Vila Nova e Paquetá, mais especificamente em 2000, eram as áreas onde se observava o maior peso relativo de domicílios cedidos, cômodos e com aglomerados subnormais.

Jakob (2003a) observa que ocorreu um aumento geral das famílias nucleares com até dois filhos nos setores censitários de Santos, especialmente nas áreas imediatamente após a linha de prédios da orla marítima.

**Mapa 19**

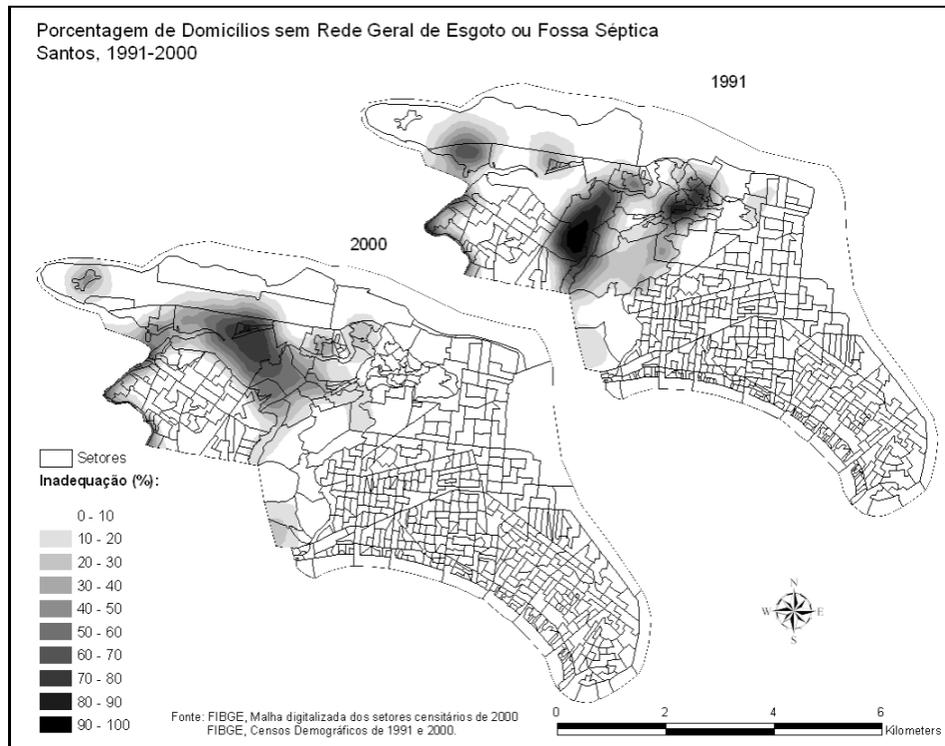


Verifica-se, a partir do **Mapa 19**, que houve uma redução no peso relativo das famílias com cinco ou mais filhos nos anos 1990, o que fez com que a participação das famílias com menos filhos aumentasse no período. As áreas de concentração em geral continuavam as mesmas, próximas à zona portuária, nos morros e encostas, e no bairro Chico de Paula, mais recente área de expansão, às margens da Via Anchieta, mas com significativa redução de sua participação.

Este mapa reproduz em parte as tendências gerais de queda da fecundidade que ocorrem principalmente nos grandes aglomerados urbanos no Brasil, o que influencia no tamanho das famílias de Santos, e em grande parte, uma

possível modificação no perfil dos domicílios, com a redução do tamanho da família. Esta redução do tamanho das famílias pode ter ocorrido em função de sua fragmentação, ou então, uma “substituição” de famílias grandes, que estariam cedendo lugar a famílias menores, denotando um possível redirecionamento das primeiras para fora do município, em busca de locais mais adequados à sua situação financeira. Este fato mostra-se totalmente coerente com o que já foi apontando no tópico anterior, que mostrava o grande número de emigrantes de Santos, e a tendência das famílias com um número maior de filhos de se dirigir a municípios mais periféricos, no litoral sul da região.

## Mapa 20



Com relação à instalação sanitária, que pode ajudar a detectar áreas de ocupação mais recente (áreas de expansão), verifica-se, a partir do **Mapa 20**, que a participação dos domicílios sem rede geral de esgoto ou fossa séptica era mais concentrada no bairro Chico de Paula, no ano 2000, assim como em uma área entre o rio Casqueiro e a Vila Industrial, na saída para a Via Anchieta, nos limites de Santos com Cubatão. Assim, estas áreas podiam ser consideradas como de expansão, mais periféricas do município.

Tratando-se agora do abastecimento de água e do destino do lixo, os dados para o ano de 2000 mostraram um abastecimento de perto de 100% para todas as áreas, assim como para a coleta de lixo. As áreas sem estes serviços em 1991 se situavam nos morros e em suas encostas.

Portanto, com relação aos domicílios, os mapas descritos acima confirmaram a divisão das áreas nobres, populares e antigas, segundo o detalhamento realizado anteriormente. As áreas nobres possuíam uma concentração maior

de apartamentos, em geral próprios, com até quatro moradores, sendo que quanto mais perto da orla, maior o peso relativo de famílias menores, mostrando que naquela área se localizavam famílias em um ciclo vital mais avançado e, portanto, com grande participação de idosos.

Nas áreas mais populares foi observada uma concentração maior de casas, próprias, e de famílias nucleares. Nos locais de expansão mais recente, verificados a partir dos mapas de adequação da instalação sanitária, existia em geral uma proporção maior de casas próprias com um número maior de pessoas no domicílio. Nestas áreas mais populares, observou-se um importante peso relativo de famílias em fase de consolidação, ou já consolidadas.

Já nos bairros mais antigos, se verificou um maior peso relativo de cômodos servindo como moradia, para apenas um morador, além de serem, em geral, alugados. Esta característica pode ser observada também em outras cidades, não se tratando, portanto, de uma especificidade do município de Santos.

A partir dos mapas anteriores, pode-se observar a ocorrência de um processo de “deslocamento” dos domicílios com um maior grau de precariedade para áreas cada vez mais afastadas das regiões centrais, e mais valorizadas. No entanto, este fenômeno assume, em geral, uma direção bastante nítida, o que mostra a configuração de um vetor de expansão, que transpõe os limites do município, como se mostrou anteriormente.

Em suma, pode-se dizer que os mapas apresentados neste tópico confirmaram a tendência de segregação sócio-espacial da população. As áreas situadas a até dois quilômetros da orla marítima, em geral eram as mais nobres, ocupadas por chefes com maior poder aquisitivo, mais idosos, e com maior participação de apartamentos, em geral próprios.

Era também importante a participação dos domicílios unipessoais, principalmente na praia do Boqueirão e do Embaré, e de famílias nucleares, com até quatro pessoas, nos demais pontos da orla.

A faixa costeira no bairro Embaré se destacava do resto da área mais nobre, apresentando chefes idosos e grande participação de domicílios unipessoais, mas com renda em geral menor, e menor participação de domicílios próprios. Assim, sua forma de ocupação deve ter sido diferenciada dos demais bairros da orla.

Os setores situados a oeste da linha dos morros, a uma distância de até três ou quatro quilômetros destes, e também os situados a uma distância de cerca de um quilômetro da zona portuária, a faixa costeira ao norte, nordeste e leste da ilha, eram as áreas mais populares, com maior participação de casas próprias, com mais moradores, maior índice de analfabetismo, com chefes em geral mais jovens (com menos de 50 anos), menor poder aquisitivo, e piores índices de serviços de infraestrutura pública, embora estes últimos apresentaram melhorias significativas em 2000.

Já os setores próximos ao Centro de Santos, no nordeste da ilha, área de ocupação mais antiga,

apresentaram as maiores concentrações de cômodos, domicílios cedidos, alugados e unipessoais, embora tenham apresentado em 1991 famílias maiores, significativos índices de analfabetismo, chefes com idades até 40 ou 50 anos, sem renda ou ganhando até 1 salário mínimo.

Portanto, verificou-se a existência destes três tipos de áreas na cidade de Santos, uma nobre e duas populares, com limites precisos. Entre elas, um espaço de classe média, habitado por chefes com renda entre 5 e 10 salários mínimos, idade entre 40 e 69 anos (famílias já consolidadas e em fase de fragmentação), famílias nucleares, e em geral com apartamentos próprios.

Observou-se também neste tópico, e em outras partes deste trabalho, a relação centro-periferia, sendo a periferia de Santos definida como sendo as áreas mais populares; a “decadência” e deterioração do centro antigo e o surgimento de centros alternativos, como o localizado no Gonzaga; a verticalização das moradias; o deslocamento espacial dos grupos sociais; e a segregação espacial, no sentido de concentração espacial de grupos sociais.

Assim, se o município-sede da região se consolida, na forma de uma cidade mais evoluída, mais desenvolvida, com funções urbanas mais complexas que seus vizinhos, os processos sócio-espaciais que ocorriam neste município antes de

se consolidar, são gradualmente deslocados para seus vizinhos mais próximos, e assim por diante, ocasionando a expansão urbana da região.

A análise feita mostra como os processos são complexos e têm suas expressões localizadas, que acabam sendo esclarecidas por meio da análise municipal. Portanto, para se entender melhor os processos envolvidos em uma análise regional, muitas vezes é necessária uma análise intra-urbana, que pode detectar o que tem ocasionado estes processos mais amplos, assim como ajudar a simplificar sua complexidade.

Contudo, mais importante que estas constatações que fluem da análise dos dados considerados, é o fato de que boa parte da expressão sócio-demográfica do processo de expansão do município de Santos e, por conseqüências de suas áreas vizinhas, encontra claramente um paralelo com os processos econômicos, sociais e até políticos que (des)organizam a ocupação, fazendo com que o “direito” à cidade seja privilégio de uns poucos, tornando-se cada vez mais restritiva ao acesso das pessoas sem condições de pagar o preço da centralidade e das áreas mais agradáveis da cidade.

Para finalizar este trabalho, o tópico seguinte aponta algumas perspectivas para o futuro da Região Metropolitana da Baixada Santista.

---

## PERSPECTIVAS PARA O FUTURO

Este tópico tem como objetivo apontar algumas tendências esperadas nos municípios da Região Metropolitana da Baixada Santista, especialmente nos mais centrais. Também são apontadas algumas perspectivas para o futuro, com respeito às modificações das formas de ocupação dos espaços urbanos, não só para Santos, mas também para os demais municípios da Baixada, que podem alterar o perfil sócio-demográfico destes municípios, analisado neste trabalho.

A construção da segunda pista da Rodovia dos Imigrantes, inaugurada dia 17 de dezembro de 2002, fez com que a capacidade do sistema Anchieta-Imigrantes seja ampliada em 65%, aumentando o fluxo de veículos de 8.500 por hora, para 14 mil por hora. Foram construídos 21 km, com um investimento de R\$ 300 milhões por parte da ECOVIAS, que administra o sistema<sup>15</sup>.

A Revista VEJA São Paulo<sup>16</sup> mostrou que a construção levou quatro anos para ser concluída e a ECOVIAS utilizou quase 5 mil homens na obra, priorizando a contratação de mão-de-obra local, para evitar a ocupação irregular de encostas, como no caso dos bairros Cota, da Via Anchieta. Esta revista aponta que o início da construção da estrada trouxe novo ânimo para

as cidades da Baixada, mostrando que em São Vicente, a prefeitura estima que os imóveis já estejam 20% mais caros.

A reportagem coloca também que uma pesquisa da FIPE/USP constatou que a Baixada Santista é o destino mais procurado pelos paulistanos nas férias. No verão, a população da região passa de 1,46 milhão para 3 milhões de pessoas atualmente. E segundo a Agência Metropolitana da Baixada Santista, a nova estrada deve fazer com que o número de pessoas que se dirigem às praias aumente, de imediato, pelo menos 20%. Em cinco anos, 50%, e em dez, o número de veranistas deve dobrar.

Assim, fica a pergunta: as cidades da Baixada têm condições de receber tanta gente? A duplicação da Rodovia dos Imigrantes deve trazer boas oportunidades, mas cabe ao governo dos municípios a adequação a essa expansão do turismo.

A Associação dos Empresários da Construção Civil da Baixada Santista (Assecob) também aponta um aquecimento na aquisição de imóveis no final do ano de 2002, nestes tempos de incerteza política, de sucessão presidencial. Mas as negociações são mais voltadas para uso próprio do que para investimento.

---

15. Prefeitura Municipal de São Paulo, <http://www.saopaulo.sp.gov.br>, acesso em 18/12/2002.

16. Revista VEJA São Paulo, 18 de dezembro de 2002. Parte integrante da Revista VEJA, ano 35, nº 50.

E a inauguração da segunda pista da Rodovia dos Imigrantes deve trazer de volta muitas pessoas que resolveram morar em São Paulo<sup>17</sup>.

A Revista EXAME<sup>18</sup> trouxe como matéria de capa, as 100 melhores cidades para fazer negócios, e destacou Santos com a 10<sup>a</sup> colocação nacional, sendo que em 2000 obteve a 20<sup>a</sup> colocação. A reportagem destaca a posição do governo santista, com a preocupação de reinventar a cidade como pólo turístico e fazê-la ser muito mais do que o principal porto do país e o maior da América Latina.

A cidade começa a superar uma de suas piores crises de sua história, em meados da década passada, desencadeada por reformas do governo federal, como a privatização da COSIPA, e a implementação da lei de modernização dos portos, que provocaram estragos no mercado de trabalho local, com a redução de quase a metade dos trabalhadores destes locais do início dos anos 1990 até hoje. Entre 1995 e 2000, segundo o Núcleo de Estudos Socioeconômicos da Universidade Santa Cecília, com o desemprego crescente, a massa salarial caiu 12,1% em Santos, e muitas lojas fecharam as portas. E uma vez que o Estado deixou de ser um dinamo da economia local, a solução foi procurar outro caminho, como o setor de turismo.

No verão de 2002-2003, segundo o atual prefeito Paulo Roberto (Beto) Mansur, do PPB, a cidade espera receber 2 milhões de

turistas, que deverão injetar R\$ 100 milhões na economia local. E ele aposta e incentiva o turismo de negócios. Só nos últimos cinco anos a prefeitura investiu R\$ 20 milhões para revitalizar a região.

Começam também a surgir, próximo à orla marítima, condomínios fechados de luxo, destinados à leva de paulistanos, que deverão mudar-se para Santos em busca de uma melhor qualidade de vida, responsável por um número crescente de aposentados, de fora da Baixada, que chegam a Santos. Há quatro anos, a cidade foi classificada pela ONU como a primeira cidade de São Paulo e a terceira do país em qualidade de vida.

A Revista Meu Dinheiro<sup>19</sup> traz também uma pesquisa com as melhores cidades brasileiras para viver na aposentadoria. Concluiu-se na reportagem que Santos foi a primeira colocada na pesquisa. As condições ambientais adequadas, as opções de lazer variadas e a boa infra-estrutura garantiram esta colocação. Santos reúne as características mais adequadas para a terceira idade. Além da praia, opção de lazer gratuita e saudável, a cidade tem 70% do território de áreas verdes, boa rede de saúde, elevado percentual de água e esgotos tratados, terreno plano, transporte público adequado para a terceira idade, como degrau rebaixado em parte da frota, e programas específicos e gratuitos oferecidos pela prefeitura, como caminhadas monitoradas, bailes, ginástica na praia e aulas de dança e artes.

17. Jornal A Tribuna de Santos, <http://www.tribuna.com.br>, edição de 12/09/2002.

18. Revista EXAME, ano 36, nº 25, edição de 11/12/2002.

19. Revista Meu Dinheiro, ano 1, nº 2, junho de 2001.

Segundo a Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia, a procura por Santos, no Brasil, é semelhante à demanda por Boca Ratton, na Flórida (EUA). São apontadas também na procura por Santos, suas temperaturas amenas, com média anual de 26°C, a proximidade dos filhos e netos, e o menor custo de vida, comparando-se com a vida na cidade de São Paulo.

Guarujá, como as demais cidades da Região Metropolitana da Baixada Santista, enfrenta o desafio de buscar ações que visem o incremento do turismo no município, que mantém uma estrutura hoteleira com cerca de quatro mil leitos para visitantes<sup>20</sup>. A criação de novos equipamentos e eventos ligados ao setor são duas iniciativas que vêm sendo tomadas nos últimos cinco anos.

De acordo com o Jornal A Tribuna de Santos, em edição de 6 de maio de 2002, entre os equipamentos turísticos ligados à iniciativa privada, destacam-se o Museu Heureka Exploratorium e o Acqua Mundo, considerado o maior aquário de água salgada da América Latina. Juntos, os dois empreendimentos totalizaram R\$ 7,5 milhões em investimentos. E servem como lazer para visitantes tanto durante a temporada de verão como fora dela.

A Revista VEJA São Paulo<sup>21</sup> trouxe uma matéria de capa abordando a revitalização de Guarujá. Boa parte da orla está

reurbanizada, com calçadões, ciclovias, praias limpas e coqueiros imperiais ao longo de avenidas a beira-mar. Nos últimos dez anos foram investidos cerca de R\$10 milhões neste processo de reurbanização, por meio de parcerias com a iniciativa privada. Espera-se no verão 2002-2003 uma expansão do turismo no município. No início de 2002, Guarujá recebeu perto de 700 mil pessoas até o carnaval. Este ano, a prefeitura estima receber 1 milhão.

A reportagem aponta que com a explosão imobiliária na década de 1970, migrantes nordestinos foram atraídos pelo setor de construção civil, “dando origem às favelas e superpopulação nas praias do município, o que fez com que os veranistas com maior poder aquisitivo se dirigissem ao Litoral Norte”. Mas agora até mesmo esses estariam voltando ao município. Nesta temporada, o Guarujá tem se esforçado para que novamente voltem a chamá-lo de “Pérola do Atlântico”.

A expansão do setor de turismo de negócios pode influenciar também na decisão de liberação da Base Aérea de Santos para a construção do aeroporto metropolitano. O atual prefeito Maurici Mariano, diz que seu objetivo agora, após implementar o processo de revitalização urbana do município, é transformar a base aérea em aeroporto até o final de 2004<sup>22</sup>.

Segundo o Jornal A Tribuna de Santos<sup>23</sup>, desde 1993 se procura a

20. Jornal A Tribuna de Santos, <http://www.atribuna.com.br>, edição de 06/05/2002.

21. Revista VEJA São Paulo, 8 de janeiro de 2003. Parte integrante da Revista VEJA, ano 36, nº 1.

22. Fonte: Revista VEJA São Paulo, op. cit.

23. Jornal A Tribuna de Santos, <http://www.atribuna.com.br>, edição de 04/09/2002.

criação de um aeroporto na Baixada Santista. Agora, mais do que nunca, pode ser criado o aeroporto civil metropolitano, nas instalações da Base Aérea de Santos, que apesar do nome, está situada em Guarujá. O atual ministro da Defesa Geraldo Quintão afirmou que a Base Aérea de Santos é o local que mais se adapta à construção de um aeroporto metropolitano na Baixada Santista e prometeu pressa nos estudos técnicos que estão sendo conduzidos pelo Estado-Maior da Aeronáutica nesse sentido. Em Brasília, em audiência com prefeitos e representantes de órgãos da Baixada Santista e do Estado, ele declarou ainda que o sonho da região, de ganhar um aeródromo, pode se tornar realidade. A expectativa é a de que o aeroporto poderia propiciar a vinda de novas empresas e o incremento do turismo na região, beneficiando não só o município de Guarujá. Ele deve provocar uma profunda transformação em toda a região.

A segunda pista da Rodovia dos Imigrantes pode também ter uma grande importância na expansão do setor industrial de Cubatão. Para isto, é necessário se assegurar uma grande capacidade de geração de energia, que comporte tal expansão.

Uma possível solução para este problema seria a construção de uma usina termelétrica em Cubatão, que proporcionaria uma garantia de fornecimento de energia

limpa e confiável para o pólo industrial de Cubatão, ao contrário do que ocorre hoje com o sistema de hidrelétricas. Com frequência, há pequenas quedas no fornecimento, que afetam o pólo, desarmando os sistemas de segurança das instalações industriais, com prejuízos ao processo de produção na mesma intensidade dos apagões, que têm maior duração. Além disso, o funcionamento da usina geraria de 15% a 18% a mais de ICMS para o Estado e a Prefeitura de Cubatão.

A PETROBRÁS já encomendou 12 turbinas à General Electric, tendo aplicado US\$ 220 milhões na compra de seis delas. As duas únicas turbinas desse lote de seis, já entregues, estão em Cubatão, guardadas na área da refinaria, juntamente com os geradores, prontos para começar a obra<sup>24</sup>.

Entretanto, a 1ª Vara de Cubatão proferiu uma decisão que impedia a instalação da usina termelétrica na área da Refinaria Presidente Bernardes, por falta de licenciamento prévio de órgãos ambientais. Desde então, o projeto foi objeto de vários estudos de viabilidade ambiental, tendo cumprido todas as etapas do processo de licenciamento e aprovação dos técnicos de órgãos ligados à Secretaria Estadual de Meio Ambiente. A 4ª Câmara de Direito Público do Tribunal de Justiça do Estado decidiu então acatar o recurso de agravo de instrumento. Com a decisão, poderia se iniciar a construção da unidade<sup>25</sup>.

---

24. Jornal A Tribuna de Santos, <http://www.atribuna.com.br>, edição de 08/05/2002.

25. Jornal A Tribuna de Santos, <http://www.atribuna.com.br>, edição de 01/12/2001.

Contudo, a obra, programada para começar neste ano, pelo consórcio PETROBRÁS-Marubeni, foi suspensa pela PETROBRÁS, mediante a justificativa de que estaria aguardando que o Governo Federal defina as novas regras para o setor elétrico.

A construção da usina contribuiria para criar os empregos que vêm sendo reclamados pela área da construção civil e montagem industrial. Instalou-se uma crise de empregos nestas áreas desde o término das obras da COSIPA, que deve se agravar com a conclusão da segunda pista da Imigrantes, que gerou 4.500 empregos diretos e 12 mil indiretos, segundo dados da Prefeitura de São Paulo<sup>26</sup>.

Calcula-se que em breve deverá haver cerca de 10 mil desempregados na cidade, número que, somado ao de jovens que logo atingirão idade produtiva e de mulheres sem oportunidade de emprego, deve chegar a 20 mil. Porém, se o projeto for abandonado, as perdas para Cubatão não se limitam ao investimento de US\$ 650 milhões. Pelo menos US\$ 6 milhões estão destinados a programas sócio-ambientais, como compensação pela realização da obra, se ela for realizada. Além disso, no primeiro ano da construção, seriam compradas duas estações medidoras de poluição ambiental, a serem entregues à administração da CETESB<sup>27</sup>.

As preocupações com o meio ambiente na região só começaram a se manifestar publicamente na década de 1980, com o acompanhamento periódico da qualidade do ar em Cubatão feito pela CETESB. Antes disso, o período de ditadura militar hasteava a bandeira do “progresso a qualquer custo”, e a poluição de Cubatão não era divulgada sob a justificativa de que se tratava de uma área de segurança nacional.

Segundo o Jornal A Tribuna de Santos, Cubatão era em 2002 a terceira cidade do Estado em quantidade de áreas contaminadas por produtos químicos. Os mais complexos, segundo a CETESB, eram os depósitos clandestinos de organoclorados originários da Rhodia, na década de 70, cuja fábrica na Cidade, que será demolida, ainda abriga resíduos<sup>28</sup>. Atualmente, os bairros mais poluídos de Cubatão se localizam no centro ou nas margens do complexo industrial, no Vale do Mogi, que ficou conhecido como o “Vale da Morte” (Hogan, 1990).

Os resultados das campanhas e dos planos do governo para o combate à poluição, com início em 1985, no auge das discussões sobre Cubatão ainda são insatisfatórios. *“Fontes oficiais afirmam que ‘Cubatão recebeu um novo ar’ e que ‘o vale da morte pertence ao passado’. (...) Infelizmente, a poluição ainda não ‘perdeu o fôlego’”* (Gutberlet, 1996: 18).

26. Prefeitura Municipal de São Paulo, <http://www.saopaulo.sp.gov.br>, acesso em 18/12/2002.

27. Jornal A Tribuna de Santos, <http://www.atribuna.com.br>, edição de 08/05/2002.

28. Jornal A Tribuna de Santos, <http://www.atribuna.com.br>, edição de 16/05/2002.

Atualmente, relatórios da CETESB comprovam que a poluição está controlada há vários anos em Cubatão, mas se discute a respeito da qualidade destes dados, que em geral são já trabalhados, e não se tem acesso aos dados básicos, originais das medições.

Um aumento de poluentes, em especial nos níveis de nitrogênio e fósforo, também deverá ocorrer no Oceano Atlântico, no entorno de Santos, em função da interligação da rede coletora de esgoto que vai atender 135 mil moradores de São Vicente, com o Emissário Submarino de esgotos de Santos. Segundo a SABESP, esta interligação deverá aumentar a vazão do Emissário dos atuais 2,2 metros cúbicos por segundo para algo em torno de 3,2 metros cúbicos por segundo até 2004, mas sem prejuízos para o meio ambiente, por ser um esgoto predominantemente doméstico<sup>29</sup>.

A qualidade da água do mar na Baixada Santista foi abordada pela Agência Universitária de Notícias<sup>30</sup>, da Universidade de São Paulo, que mostrou que apesar de uma significativa melhora na qualidade da água do mar entre 1975 e 2001, os níveis de nutrientes presentes na região dos canais de Santos e de São Vicente ainda eram preocupantes. O nível de nutrientes de um ecossistema é um dos indicadores de poluição na região. Quanto maior a emissão de dejetos, principalmente os nitrogenados, maior a concentração de nutrientes.

E no mês de março a concentração de nutrientes aumenta muito, em decorrência da erosão causada pelas chuvas.

As chuvas preocupam também os moradores dos morros da cidade de Santos. A edição de 11/12/2001 do Jornal A Tribuna de Santos apontou que nos 17 morros da cidade existem 2.200 imóveis localizados em áreas de risco. E na época das chuvas, no final de 2001, foi criado um Plano Preventivo de Defesa Civil (PPDC), atuante até o final de abril de 2002, formado por uma equipe de 80 pessoas, entre engenheiros, agrônomos, geólogos e pessoal de apoio de todas as secretarias, que faziam o acompanhamento de chuvas, previsão meteorológica e vistoria de campo em áreas em risco de deslizamento.

Esta edição também trouxe a matéria sobre a inundação causada pelas chuvas em Santos. Na Zona Leste, bairros como José Menino, Macuco e Gonzaga são alguns dos mais prejudicados na temporada de chuvas. Mas na Zona Noroeste a situação é mais crítica, pois a maioria das residências é térrea e localizada nas proximidades de canais e córregos, sujeitos à ação das marés. A Secretaria de Obras e Serviços Públicos explicou que para resolver o problema das enchentes na cidade seria preciso criar um serviço integrado de revisão e manutenção das redes de drenagem de águas pluviais.

29. Jornal A Tribuna de Santos, <http://www.atribuna.com.br>, edição de 10/05/2002.

30- Agência Universitária de Notícias (AUN), <http://www.lsi.usp.br/~aun>, edição de 11/10/2002.

O programa custaria cerca de R\$40 milhões aos cofres públicos. Assim, por enquanto, a solução tem sido realizar pequenas intervenções pontuais, em diversos locais da cidade.

Mais recentemente, a edição de 04/05/2002 da Tribuna constatou que Guarujá possui 56 núcleos habitacionais irregulares consolidados, que abrigam cerca de 100 mil habitantes, quase 50% da população do município, segundo dados do Censo Demográfico de 2000. Essa situação era, em parte, provocada pela falta de fiscalização e planejamento do poder público municipal.

O déficit habitacional era estimado em cerca de 7 mil residências. Desse total, aproximadamente 5.500 estavam localizadas em áreas de risco ou de preservação ambiental, aguardando um assentamento com transferência dos moradores para outras áreas.

As demais residências subnormais, embora estavam incluídas no universo dos núcleos informais, não chegavam necessariamente a caracterizar um déficit habitacional, uma vez que essas moradias estavam localizadas em núcleos que podem ser dotados de infra-estrutura urbana.

Buscando um melhor desenvolvimento da cidade, a Câmara de Guarujá aprovou no dia 03 de maio de 2002 um projeto de lei complementar que institui as chamadas “zonas de interesse social” no município. Seus principais objetivos eram: permitir a implantação do Estatuto da Cidade, previsto em lei federal; regularizar as áreas que abrigam núcleos

habitacionais carentes consolidados; e destinar espaços para receber empreendimentos habitacionais populares.

Um problema comum que os municípios da Baixada enfrentam é o das invasões de terra. Grande parte destas invasões ocorre nas áreas de proteção ambiental. O Jornal A Tribuna de Santos, em edição de 07/09/2002, trouxe uma matéria que mostra que uma ação conjunta de equipes da Prefeitura de Itanhaém, Polícia Ambiental e Polícia Militar, impediu a invasão de uma área de preservação, com 6 mil m<sup>2</sup>, localizada entre os bairros Savoy II e Jóia do Atlântico. O trecho fazia parte de uma sobra de área da prefeitura e de terrenos particulares que estavam cobertos de mata de restinga, em estágio médio e avançado de regeneração. Os invasores desmataram e demarcaram a área com cercas de arame farpado. As invasões ocorrem geralmente por volta das 20 horas. Os invasores demarcam o local e estipulam um preço para a venda dos lotes clandestinos.

A degradação ambiental é inevitável. As prefeituras tentam conscientizar suas comunidades para os problemas que podem surgir com as invasões de terra e as ocupações desordenadas em áreas que não são destinadas à ocupação populacional. Mas a pergunta que permanece é a seguinte: as pessoas podem se dar ao luxo de escolher se vão invadir certas áreas? Ou são como que impelidas a fazerem isto, por total falta de opção? Estas pessoas podem estar sendo obrigadas a se deslocar por força de fatores como o aumento do preço de suas moradias em seus locais de origem, por exemplo.

Os crimes sociais e ambientais no Brasil ocorrem em grande parte por falta de uma punição apropriada. A impunidade é um grande incentivo aos crimes neste país. Se as cidades buscam se revitalizar, por meio de programas de reurbanização, incentivos ao turismo ambiental, ecológico, e até mesmo de negócios, por que não aplicar leis mais severas que façam com que o infrator pense muito antes de agir de forma ilegal? Por que a população tem que se submeter a entrar nas águas de praias com altos índices de coliformes fecais?

Os agentes poluidores têm que se conscientizar do mal que estão fazendo ao ambiente. E para isso, muitas vezes pesadas são necessárias, além de leis que as regulamentem e pessoas idôneas que as fiscalizem. O esgoto residencial também tem que ser tratado antes de ser lançado em rios e no mar. Se não, a presença de um emissário submarino, como o de José Menino, em Santos, é apenas uma forma de “lançamento de esgoto à distância”. Até quando o oceano deve se responsabilizar pela diluição do esgoto que recebe?

Neste sentido, deve-se dar o valor devido à fiscalização da CETESB, que vem controlando a qualidade do ar em Cubatão desde os anos 1980. Desde então, surgiram diversos programas de reflorestamento das partes da Serra do Mar atingidas pela poluição do pólo industrial, e a melhoria da qualidade do ar é inquestionável na região. Mas agora, as atenções devem se voltar para a qualidade da água, especialmente próximo ao Porto de Santos, para os

vazamentos de produtos poluentes nas águas do canal do estuário, e a conseqüente balneabilidade das praias, e para o aumento do volume de esgoto lançado ao mar. Isto sem contar com as invasões de terras, mais difíceis de serem solucionadas, dado seu caráter social que as impulsiona.

---

## **E O FUTURO?**

Para finalizar este trabalho, podem ser apontadas algumas perspectivas para o futuro, com respeito às modificações das formas de ocupação dos espaços urbanos na Região Metropolitana da Baixada Santista, que podem alterar o perfil sócio-demográfico de seus municípios integrantes.

Uma vez que a migração com destino à RMBS parece estar se tornando cada vez mais seletiva com relação à origem dos migrantes, com crescentes participações de migrantes que percorrem distâncias menores, como os provenientes de outros municípios da Baixada Santista e do Estado de São Paulo, pode-se supor que as características dos migrantes intra-estaduais, especialmente os intrametropolitanos e aqueles com origem da Grande São Paulo, deverão influenciar de forma significativa a ocupação dos espaços de agora em diante na região. Estes migrantes são formados, em geral, por famílias maiores, no estágio de formação, com uma escolaridade maior, em comparação com os não metropolitanos.

A participação dos migrantes interestaduais, especialmente os nordestinos que, segundo as análises feitas, pareciam mais atraídos pela busca de oportunidades de trabalho nas indústrias de Cubatão, tem diminuído na imigração. A falta de incentivos econômicos para a implantação ou expansão das indústrias, e a consolidação do parque industrial na Baixada estão influenciando na redução gradual da participação da PEA ocupada no setor industrial, fazendo com que os municípios procurem fortalecer sua vocação turística.

O município de Santos se encontra atualmente consolidado, com uma população residente praticamente estável, com uma taxa de crescimento quase nula nos anos 1990. Este município está gradualmente reduzindo seus imigrantes, e nos anos 1990 deve ter reduzido também seus emigrantes, uma vez que seu saldo migratório aumentou no período 1991-2000, embora continue ainda negativo. Assim, este município está deixando de ser uma área de passagem de migrantes. Seu envelhecimento populacional deve ter sido em grande parte responsável pela redução na migração.

Considerando-se que as famílias em formação são as que mais se deslocam, conforme verificado anteriormente, e que Santos tem apresentado uma diminuição na participação destas famílias em sua população, pode-se dizer que a migração será reduzida cada vez mais neste município, resultando em um envelhecimento populacional cada vez mais acentuado.

Observando-se também que a população flutuante já se deslocou para outros espaços menos densos, o governo local procura apoiar o turismo de negócios, para a obtenção de receitas. Este município deverá investir também, cada vez mais, em projetos de renovação urbana, especialmente nas áreas mais antigas da cidade.

São Vicente se encontra atualmente em fase de consolidação. Este município tem recebido um grande volume de migrantes provenientes de Santos, mas esta participação deverá se reduzir gradualmente com o decorrer do tempo, na medida em que seus espaços disponíveis vão sendo ocupados, reproduzindo os mesmos processos verificados em Santos.

O município de Praia Grande tem recebido cada vez mais migrantes, sobretudo os provenientes da Grande São Paulo, de Santos e de São Vicente. Portanto, este município tem exercido o papel de área periférica da Ilha de São Vicente, apresentando o maior saldo migratório nas décadas de 1980 e de 1990, entre os municípios da Baixada, e quase triplicando o volume de migrantes intra-metropolitanos dos anos 1970 para os anos 1980. Entretanto, esta grande migração não deve permanecer por muito tempo, com a consolidação dos espaços. Seus 160 mil domicílios já se aproximam dos 170 mil de Santos no ano de 2000, e sua densidade demográfica superou os 1.300 habitantes por quilômetro quadrado, comparando-se com os 1.500 hab/km<sup>2</sup> de Santos.

Os municípios do litoral sul, além de Bertioga, são considerados as áreas periféricas destes municípios mais centrais. As tendências de migração de famílias com um maior número de filhos devem continuar ainda por um bom tempo. Suas taxas de crescimento populacional nos anos 1990 foram acima de 5% ao ano, sendo de 11% ao ano em Bertioga, caracterizando-se este município como de expansão urbana recente.

O fato dos saldos migratórios destes municípios estar gradualmente crescendo reflete também as mudanças nas formas de ocupação dos espaços nos municípios mais centrais, especialmente Santos e São Vicente, e a maior consolidação destes, em comparação com os demais municípios da Baixada Santista.

Contudo, uma vez que a densidade demográfica destes municípios mais periféricos ainda é

muito baixa neste início do século XXI, não deve haver uma modificação expressiva na forma de ocupação de seus espaços tão breve. Entretanto, conforme apontado antes, estes municípios têm apresentado problemas como invasões de áreas e desmatamentos, uma vez que possuíam até 80% de sua área coberta com vegetação em meados dos anos 1990, como exposto na **Tabela 1**. Portanto, se não houver uma política mais rígida de proteção ao meio ambiente, e um melhor planejamento na expansão urbana, os danos ambientais poderão ser irreparáveis. Nesta situação se enquadra o município de Guarujá, que registra um número cada vez maior de núcleos habitacionais irregulares, aglomerados sub-normais localizados nas encostas dos morros e em áreas alagadas ou de mangue, assim como Cubatão.

---

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observou-se neste trabalho que a migração tem se tornado mais seletiva, com relação à origem dos migrantes. Reduções significativas de migrantes provenientes de outras Unidades da Federação têm sido equiparadas com aumentos de migrantes intra-estaduais, especialmente daqueles com origem na própria região. Portanto, com a crescente importância destes migrantes intrametropolitanos na migração da Baixada Santista, as características deste grupo de migrantes serão gradualmente mais importantes com o decorrer do tempo para se analisar as modificações nas formas de ocupação dos espaços urbanos da região.

As análises realizadas no segundo tópico confirmaram a importância das condições históricas da formação de cada um dos municípios abordados. Assim, os municípios tidos como mais centrais da região, a saber, Santos, São Vicente, Cubatão e Guarujá, concentraram um maior contingente de migrantes em busca de oportunidades de trabalho, especialmente no pólo petroquímico de Cubatão. Este tipo de migração apresentou um impacto maior nestes municípios nas décadas de 1960 e 1970.

A Refinaria Presidente Bernardes, de Cubatão, com o início de suas atividades em meados da década de 1950, é tida como a responsável pela origem do complexo industrial de Cubatão, atraindo diversas outras indústrias para suas proximidades, e potencializando a atração de mão-de-obra de fora da região de Santos. Os migrantes

nordestinos possuíram um papel fundamental neste tipo de migração.

A expansão do complexo industrial, nos anos 1970, fez com que a grande parte da migração nesta década fosse de migrantes que visavam uma inserção no mercado de trabalho local. Assim, estes eram formados basicamente por jovens ou famílias em formação, e com um número menor de filhos.

Este também foi o período de maior representatividade da população flutuante na região, como mostrado no segundo tópico. Portanto, a década de 1970 trouxe um grande adensamento populacional, nos municípios mais centrais, em função tanto da migração que visava o emprego, quanto dos veranistas, que potencializaram o processo de periferização destes municípios.

Os anos 1980 foram marcados pelos efeitos da crise econômica que, aliados à consolidação do parque industrial de Cubatão, se traduziram em uma diminuição significativa dos migrantes interestaduais com destino à Baixada. Com isto, a migração se tornou mais seletiva e os migrantes mais qualificados, com uma escolaridade maior, aumentaram sua participação na migração regional. Nesta década, os migrantes apresentaram uma escolaridade maior até que os não migrantes da região.

Com relação aos anos 1990, no momento em que foi escrito o trabalho não se podia entrar em muitos detalhes quanto à migração regional, devido à indisponibilidade dos dados censitários de 2000 ao nível amostral na época da finalização deste trabalho,

mas a análise dos saldos migratórios e das taxas de crescimento, no período 1991-2000, já permitia uma inferência sobre este tema.

Comparando-se este período com a década de 1980, verifica-se que, embora o crescimento absoluto e o crescimento vegetativo tenham diminuído, o saldo migratório da população da Baixada Santista dobrou. Se a migração significou 20% do crescimento absoluto da população na década de 1980, representou 46% deste no período 1991-2000.

A análise das taxas de crescimento da população também apresenta indícios de que houve uma consolidação das tendências de periferação na Baixada Santista. O município de Santos já se encontra consolidado, e São Vicente em avançado estágio de consolidação. Estes municípios têm sido, cada vez mais, os principais locais de origem dos migrantes intrametropolitanos. As famílias com menor poder aquisitivo estariam deixando estes municípios em busca de locais mais adequados à sua situação financeira. Com isto, estas áreas mais centrais estariam em um processo de envelhecimento populacional principalmente em função do arranjo familiar e de seu ciclo vital, por meio da fragmentação das famílias residentes nestas áreas e da saída de famílias em início de ciclo vital.

O estudo da dinâmica intra-urbana de Santos, apresentado no terceiro tópico, comprovou estas tendências. As famílias em formação, assim como aquelas mais numerosas, com um número maior de membros, ocupam novas áreas, com mais espaços disponíveis, e assim, mais adequadas à situação financeira destas famílias, que apresentam, em geral, um menor poder aquisitivo. E uma vez que estas áreas se encontram em locais mais periféricos, com uma

menor densidade demográfica, estas famílias deixam os municípios mais consolidados e se dirigem a estes novos espaços.

A fragmentação das famílias também foi apontada como tendo um importante papel nesta periferação dos espaços urbanos, assim como no envelhecimento populacional dos municípios mais consolidados. Pode-se considerar que, quando a família se fragmenta, tem origem uma nova família em formação, que inicia sua busca por novos espaços.

Assim, foi observada uma clara relação entre a modificação das formas de ocupação dos espaços e o comportamento demográfico. Os novos arranjos familiares, expressos por meio do ciclo vital familiar, são em grande parte os responsáveis pelas mudanças nas formas de ocupação dos espaços, apresentando implicações visíveis nos processos de periferação, e no envelhecimento de certos locais.

Verificou-se, no município de Santos, o envelhecimento dos bairros, especialmente aqueles situados junto à orla marítima. As modificações das formas de ocupação destes locais novamente são apontadas como as grandes responsáveis por estes processos.

Também foi observada uma deterioração das áreas mais antigas da cidade. Para não haver uma desvalorização, estas áreas deveriam se transformar. Caso não ocorra uma renovação urbana, ou uma "substituição" deste tipo de ocupação por outros tipos, este processo deve ocorrer da mesma forma para os demais municípios litorâneos, mas em períodos de tempo distintos.

Este trabalho mostrou também que os processos envolvidos na expansão urbana de uma região se reproduzem claramente na escala local. Foi possível se relacionar os processos envolvidos nestes dois

recortes espaciais, mesmo com algumas descontinuidades. As análises ficaram mais ricas em detalhe abordando estes recortes espaciais, o regional e o intra-urbano.

Contudo, ainda não se sabe ao certo em que medida estes resultados podem ser generalizados para outros aglomerados urbanos. Embora as formas de ocupação possam ser parecidas, os processos não são necessariamente os mesmos. As relações entre o espaço e a população podem ser muito distintas de uma região para outra. Além disto, existe todo um conjunto de condicionantes que fazem com que a cidade crie novos espaços, como as relações entre o Estado, a sociedade, o capital imobiliário etc. Estes condicionantes se traduziriam na “luta de classes” dos autores marxistas. Assim, um número maior de trabalhos a este respeito, abordando outras áreas, se faz necessário para proporcionar mais indícios que direcionem a uma conclusão final sobre isto.

Com relação ao processo de periferação da região, um ponto a se destacar é a importância da ocupação espontânea, que pode ou não estar aliada à presença de conjuntos residenciais populares. Foi verificado neste trabalho que grande parte dos migrantes intrametropolitanos de Praia Grande e de São Vicente residiam em casas populares. Deve-se recordar aqui que estes dois municípios receberam juntos 73% da migração de intrametropolitanos nos anos 1980. Assim, a presença destes conjuntos residenciais pode ter influenciado na decisão de migrar para estes locais, especialmente naqueles provenientes do município de Santos.

Conforme apontado no primeiro tópico, a COHAB santista construiu, entre 1965 e 1987, perto de 7 mil unidades habitacionais em São Vicente, e por volta de 400 em Praia

Grande, de um total de 11.600 unidades construídas na Baixada Santista, distribuídas em 14 conjuntos residenciais.

Quando os locais de destino não possuem tais conjuntos habitacionais, ou se as famílias em formação não procuram as áreas mais periféricas, pode surgir uma expressiva concentração de pessoas em aglomerados subnormais. Este é o caso dos municípios de Cubatão e Guarujá, que contém uma importante parcela de sua população residindo em núcleos habitacionais irregulares. Boa parte destes núcleos está situada em áreas não recomendadas para habitação, como encostas de morros, áreas alagadas ou de mangue.

Nos municípios mais periféricos, os maiores problemas a serem confrontados dizem respeito aos loteamentos, que gradualmente avançam sobre as áreas cobertas com vegetação, muitas vezes áreas protegidas, e às invasões de terra, que ocorrem também nas áreas de preservação ambiental. Com isso, são inevitáveis os danos ao meio ambiente.

Com respeito à poluição do ar em Cubatão, deve-se aqui dar o devido valor à atuação da CETESB, cujas fiscalizações periódicas fizeram a concentração dos poluentes do ar baixar a níveis aceitáveis. A preocupação maior agora é a poluição da água, que tem um impacto direto na balneabilidade das praias, e conseqüentemente, no turismo regional.

Nesta última década, os municípios da Baixada vêm tentando fortalecer sua vocação turística, por meio de obras de renovação urbana e de reurbanização de sua orla marítima. Contudo, uma vez que os municípios mais centrais apresentam alta densidade demográfica, sua população flutuante tem se reduzido gradualmente, em prol de novos

espaços de ocupação, menos acessíveis, buscando uma tranquilidade maior. Com isso, tem crescido o papel do turismo de curta duração e do turismo de negócios, a saída encontrada para os municípios mais consolidados. Esta vocação turística, e principalmente o papel dos veranistas na ocupação dos espaços urbanos, são especificidades dos municípios da Baixada, que também estão se modificando nos municípios mais consolidados. A população flutuante está começando a dar lugar ao turismo de negócios, especialmente em Santos.

A consolidação gradual destes municípios também terá um importante papel na redução do volume de migração na Baixada. A migração intrametropolitana deverá ser afetada cada vez mais, pela diminuição das facilidades de ocupação das áreas periféricas mais próximas e acessíveis, implicando no alongamento da distância entre a residência e o trabalho, para os estratos de mais baixa renda. Com esta redução da participação da migração das famílias de menor poder aquisitivo, deverá aumentar a proporção dos deslocamentos daquelas com maior renda, talvez em busca de áreas mais, tranquilas e seguras para residir, se não houver projetos de renovação urbana que agradem a estas famílias com maiores posses.

As considerações verificadas neste trabalho poderão ser mais

detalhadas com a disponibilidade dos dados do Censo Demográfico de 2000, em especial os microdados relativos à amostra. Com estes, se poderá avançar mais nestas análises. Alguns pontos interessantes para se estudar, com relação aos anos 1990, poderiam se basear em um maior detalhamento da migração intrame tropolitana, uma vez que o saldo migratório dobrou, em comparação com a década anterior, e também na mobilidade pendular da população, cuja informação não constou no censo de 1991.

Outra possibilidade de estudo, a ser realizado futuramente, diz respeito à dinâmica intra-urbana dos demais municípios da Baixada, especialmente dos vizinhos de Santos. Com isto, se poderia conhecer melhor as especificidades de cada um deles. Para isto, os dados dos setores censitários de 2000 se fazem necessários.

Portanto, um prosseguimento deste trabalho certamente deverá ser realizado futuramente. Espera-se, também, que estudos semelhantes a este sejam feitos por outras pessoas, e para outros locais, para uma maior comparabilidade de conclusões, visando uma possível generalização dos resultados, ou, o que seria mais provável, um descarte final desta suposição de generalização, com a comprovação de que o conjunto de condicionantes, expostos anteriormente, afeta de tal maneira a constituição do espaço urbano, que inviabilizaria uma comparação mais genérica.

---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO ARAÚJO FILHO, J. R. de. **Santos: o porto do café**. Rio de Janeiro: Fundação IBGE, 1969. 200p.

\_\_\_\_\_. A expansão urbana de Santos. In: AZEVEDO, A. de (Coord.). **Baixada Santista: aspectos geográficos**. São Paulo: EDUSP, v.3, 1965a. p.21-48.

\_\_\_\_\_. As áreas funcionais de Santos. In: AZEVEDO, A. de (Coord.). **Baixada Santista: aspectos geográficos**. São Paulo: EDUSP, v.3, 1965b. p.49-63.

BAENINGER, R. A nova configuração urbana no Brasil: desaceleração metropolitana e redistribuição da população. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 11., 1998, Caxambu. **Anais...** Belo Horizonte: ABEP, 1998.

\_\_\_\_\_. SOUZA, Marta R. Região de Governo de Santos. **Textos NEPO 28**, Campinas, NEPO/UNICAMP, p.7-46, 1994.

BANERJEE, T. The Future of public space: beyond invented streets and reinvented places. **Journal of the American Planning Association**, Chicago, v.67, n.1, p.9-24, 2001.

BERTIOGA. Prefeitura do Município de Bertioiga/Departamento de Turismo. **Bertioiga: mapa turístico com informações históricas**. Bertioiga: HRR - Publicações Cartográficas, 2000.

BÓGUS, L. M. M.; WANDERLEY, L. E. W. (Org.). **A luta pela cidade em São Paulo**. São Paulo: Cortez, 1992. 170p.

BURCHELL, R. W. Costs and benefits of alternative development patterns: sprawl versus smart growth. In: Lincoln Institute of Land Policy. **Metropolitan development patterns: annual roundtable 2000**. Cambridge: Lincoln Institute of Land Policy, 2000. p.40-49.

CAIADO, A. S. C. **Região Metropolitana da Baixada Santista**. 2000. 36p. (mimeo)

CÁMARA DE DIPUTADOS DE CHILE; Instituto de Posgrado en Estudios Urbanos; Arquitectónicos y de Diseño de la Pontificia Universidad Católica de Chile; Lincoln Institute of Land Policy (Org.). In: SEMINARIO-TALLER INTERNACIONAL: EL DESAFÍO DE LA INTEGRACIÓN SOCIAL: NUEVAS POLÍTICAS SOCIALES DE VIVIENDA Y SUELO URBANO, 2000, Santiago. **Anais...** Santiago: Publicación Oficial; Redacción de Sesiones; Palacio Ariztía, 2000.

\_\_\_\_\_. Lincoln Institute of Land Policy; Instituto de Estudios Urbanos de la Pontificia Universidad Católica de Chile; Comisión de Vivienda y Desarrollo Urbano de la Cámara de Diputados de Chile (Org.). In: SEMINARIO INTERNACIONAL: A 20 AÑOS DE LA LIBERALIZACIÓN DE LOS MERCADOS DE SUELO URBANO EN CHILE, 1999, Santiago. **Anais...** Santiago: Publicación Oficial; Redacción de Sesiones; Palacio Ariztía, 1999.

CARLOS, A. F. A.; CASTRO, E. R. de. Sociabilidade urbana, conflitos sociais e território. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPUR, 9., 2001, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPUR, v.2, 2001.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. 3.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000. 617p. (Título original: The Rise of the Network Society)

\_\_\_\_\_. **La ciudad informacional**: tecnologías de la información, reestructuración económica u el proceso urbano-regional. Madrid: Alianza Editorial, 1995. 504p. (Título original: The Informational City. Information Technology, Economic Restructuring, and the Urban-Regional Process, 1989)

\_\_\_\_\_. **A questão urbana**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. 506p. (Título original: La Question Urbaine)

CHAKRAVORTY, S. From colonial city to globalizing city?: the far-from-complete spatial transformation of Calcutta. In: MARCUSE, P.; VAN KEMPEN, R. (Ed.). **Globalizing cities**: a new spatial order? Malden: Blackwell, 2000. p.56-77.

CHAMPION, A. G. A changing demographic regime and evolving polycentric urban regions: consequences for the size, composition and distribution of city populations. **Urban Studies**, Inglaterra, v.38, n.4, p.657-677, 2001.

\_\_\_\_\_. Population distribution in developed countries: has counter-urbanization stopped? In: UNITED NATIONS. **Population distribution and migration**. New York: United Nations, 1998. p.66-83.

COMPANHIA DE TECNOLOGIA DE SANEAMENTO AMBIENTAL-CETESB. **Relatório de qualidade do ar do Estado de São Paulo 2001**. São Paulo: CETESB, 2002. 224p.

COMPANHIA DOCAS DO ESTADO DE SÃO PAULO-CODESP. **Porto de Santos**: autoridade portuária. Disponível em: <<http://www.portodesantos.com.br>> Acesso em: 2002.

COSTA, G. M. Impacto de grandes projetos industriais: desorganização/reorganização espacial dos processos econômicos e populacionais. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 8., 1992, Brasília. **Anais...** Belo Horizonte: ABEP, v.3, 1992.

COURGÉAU, D. Nuevos enfoques para medir la movilidad espacial interna de la población. **Notas de Población**, Santiago de Chile, Año XVIII, n.50, 1990 .

CUBATÃO. Prefeitura Municipal de Cubatão. Disponível em: <<http://www.cubatao.sp.gov.br>> Acesso em: 2002.

CUNHA, J. M. P. da. A mobilidade intra-regional no contexto das mudanças migratórias do Brasil no período 1970-1991: o caso da Região Metropolitana de São Paulo. In: HOGAN, D. J. et al (Org.). **Migração e ambiente nas aglomerações urbanas**. Campinas: NEPO/UNICAMP, 2001. p.227-260.

\_\_\_\_\_; OLIVEIRA, A. A. B. de. População e espaço intra-urbano em Campinas. In: HOGAN, D. J. et al (Org.). **Migração e ambiente nas aglomerações urbanas**. Campinas: NEPO/UNICAMP, 2001. p.351-393.

\_\_\_\_\_; DEDECCA, C. S. Migração e trabalho na Região Metropolitana de São Paulo nos anos 90: uma abordagem sem preconceito. **Revista Brasileira de Estudos de População**, Campinas. NEPO/UNICAMP, v.17, n.1/2, p.97-118, 2000.

\_\_\_\_\_; JAKOB, A. A. E. Quem entra e quem sai da Região Metropolitana de São Paulo: uma análise dos impactos da migração no perfil da população residente. In: ENCONTRO NACIONAL SOBRE MIGRAÇÃO, 2., 1999, Ouro Preto. **Anais...** Belo Horizonte: ABEP, 1999.

\_\_\_\_\_. **Mobilidade populacional e expansão urbana: o caso da Região Metropolitana de São Paulo**. Campinas, 1994. 311f. Tese (Doutorado) - Departamento de Ciências Sociais, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas.

DAVIS, M. "Fortress L. A" from city of quartz: excavating the future in Los Angeles (1990). Reprinted In: LeGATES, R. T.; STOUT, F. (Ed.). **The city reader**. New York: Routledge, 2000. p.193-198.

DESCHAMPS, M. V. et al. Afinal, o que induz o crescimento nas aglomerações litorâneas? In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 12., 2000, Caxambu. **Anais...** Belo Horizonte: ABEP, 2000.

DIRETORIA DE ASSUNTOS METROPOLITANOS-DAM/Conselho de Desenvolvimento da Região Metropolitana da Baixada Santista. Disponível em: <<http://www.unisantos.br/~metropms>> Acesso em: 2002.

EUFRÁSIO, M. A. **Estrutura urbana e ecologia humana: a escola sociológica de Chicago (1915-1940)**. São Paulo: Editora 34, 1999. 303p.

EVANGELISTA, C. **Cortiço: crise da habitação: requalificação urbana**. Santos: UNISANTOS, 2001. (Trabalho Final de Graduação Apresentado na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo)

EWING, R. The future of land development. In: Lincoln Institute of Land Policy. **Metropolitan development patterns: annual roundtable 2000**. Cambridge: Lincoln Institute of Land Policy, 2000. p.66-71.

FAINSTEIN, S. S.; CAMPBELL, S. (Ed.). **Readings in urban theory**. Malden, Massachusetts: Blackwell Publishers Inc, 1996. 447p.

\_\_\_\_ et al. **Restructuring the city: the political economy of urban redevelopment**. New York: Longman, 1983.

FARRET, R. L. Paradigmas da estruturação do espaço residencial intra-urbano. In: GONZALES, S. F.N. et al. **O espaço da cidade: contribuição à análise urbana**. São Paulo: Projeto, 1985. p.73-90.

FERNANDES, E. Law and the production of urban illegality. **Land Lines - Newsletter of the Lincoln Institute of Land Policy**, Cambridge, v.13, n.3, p.1-4, 2001.

FUNDAÇÃO SEADE; SÃO PAULO. Governo do Estado de São Paulo/Secretaria de Economia e Planejamento. **Ontem, Vila de São Vicente. Hoje, Estado de São Paulo: 500 anos de divisão territorial e 100 anos de estatísticas demográficas**. São Paulo: Fundação SEADE, 2000. (CD-ROM)

- \_\_\_\_\_. Migração no interior do Estado de São Paulo. **Informe Demográfico 23**, São Paulo, Fundação SEADE, 1990. 207p.
- FURTADO, C. **Formação econômica do Brasil**. 23.ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1989. 248p.
- GAMBETA, W. R. Desacumular a pobreza: Santos, limiar do século. **Espaço & Debates**, São Paulo, n.11, p.17-27, 1984.
- GOLDENSTEIN, L.; CARVALHAES, S. G. Avaliação política da descentralização industrial: a experiência do complexo industrial da Baixada Santista. **Espaço & Debates**, São Paulo, n.13, p.47-58, 1984.
- \_\_\_\_\_. **Industrialização da Baixada Santista**: estudo de um centro industrial satélite. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1972. 342p. (Série Teses e Monografias-IG, 7)
- \_\_\_\_\_. Cubatão e sua área industrial. In: AZEVEDO, A. de (Coord.). **Baixada Santista**: aspectos geográficos. São Paulo: EDUSP, v.4, 1965. p.11-65.
- GOLDSMITH, W. W. Taking back the inner city: a review of recent proposals. In: BOSTON, T. D.; ROSS, C. L. (Ed.). **The inner city**: urban poverty and economic development in the next century. New Brunswick: Transaction Publishers, 1998. p.95-109.
- \_\_\_\_\_. **Who pays the bill?**: urbanization, industrialization and ozone depletion. Ithaca (NY): Cornell University, 1992. (Fita Cassete de 65 minutos com palestra)
- GONZALES, S. F. N. A renda do solo urbano: hipóteses de explicação de seu papel na evolução da cidade. In: \_\_\_\_\_ et al. **O espaço da cidade**: contribuição à análise urbana. São Paulo: Projeto, 1985. p.91-114.
- GORDON, P.; RICHARDSON, H. W. Prove it: the costs and benefits of sprawl. **The New Metropolitan Agenda: Brookings Review**, Washington, v.16, n.4, p.23-25, 1998.
- GOTTDIENER, M. **A produção social do espaço urbano**. 2.ed. São Paulo: EDUSP, 1997. 310p. (Coleção Ponta, 5) (Título original: The Social Production of Urban Space, University of Texas Press, 1985)
- \_\_\_\_\_. A teoria da crise e a reestruturação socioespacial: o caso dos Estados Unidos. In: VALLADARES, L.; PRETECEILLE, E. (Org.). **Reestruturação urbana: tendências e desafios**. São Paulo: Nobel, 1990. 227p.
- GREENSTEIN, R.; SABATINI, F; SMOLKA, M. Urban spatial segregation: forces, consequences, and policy responses. **Land Lines - Newsletter of the Lincoln Institute of Land Policy**, Cambridge, v.12, n.6, p.7-9, 2000.
- GUILHERME, M. L. Urbanização, saúde e meio ambiente: o caso da implantação do polo industrial de Cubatão e os seus efeitos urbanos e regionais nos setores de saúde e poluição ambiental. **Espaço & Debates**, São Paulo, n.22, p.42-53, 1987.
- GUTBERLET, J. **Cubatão**: desenvolvimento, exclusão social e degradação ambiental. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 1996. 244p.
- HANCHETT, T. W. U.S. tax policy and the shopping-center boom of the 1950s and 1960s. **American Historical Review**, Washington, v.101, n.4, p.1082-1086, 1996.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna**. 8.ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999. 349p. (Título original: *The Condition of Postmodernity- an Enquiry Into the Origins of Cultural Change*, Oxford: Blackwell, 1989)

HOGAN, D. J. Quem paga o preço da poluição?: uma análise de residentes e imigrantes pendulares em Cubatão. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 7., 1990, Caxambu. **Anais...** Belo Horizonte: ABEP, 1990.

HOLANDA, F. de. Arquitetura como estruturação social. In: GONZALES, S. F. N. et al. **O espaço da cidade: contribuição à análise urbana**. São Paulo: Projeto, 1985. p.115-141.

IPEA/IBGE/NESUR-IE/UNICAMP. **Caracterização e tendências da rede urbana do Brasil**. Campinas: Instituto de Economia/UNICAMP, 2v., 1999. (Coleção Pesquisas, 3)

ISAAKS, E. H.; SRIVASTAVA, R. H. **An introduction to applied geostatistics**. New York: Oxford University Press, 1989. 561p.

ITANHAÉM. Prefeitura Municipal de Itanhaém. Disponível em: <<http://www.itanhaem.sp.gov.br>> Acesso em: 2002.

JAKOB, A. A. E. **Análise sócio-demográfica da Constituição do Espaço Urbano da Região Metropolitana da Baixada Santista no período 1960-2000**. Campinas, 2003a. 221f. Tese (Doutorado em Demografia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas.

\_\_\_\_\_. A Krigagem como método de análise de segregação espacial da população. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPUR, 10., 2003, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: ANPUR, 2003b.

\_\_\_\_\_. Urban sprawl: custos, benefícios e o futuro de um “padrão” de desenvolvimento do uso da terra. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 13., 2002, Ouro Preto. **Anais...** Belo Horizonte: ABEP, 2002a.

\_\_\_\_\_. A Krigagem como método de análise de dados demográficos. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 13., 2002, Ouro Preto. **Anais...** Belo Horizonte: ABEP, 2002b.

\_\_\_\_\_. A mobilidade populacional intrametropolitana da Baixada Santista no período 1970/1991. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPUR, 9., 2001, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPUR, v.3, 2001a.

\_\_\_\_\_. A mobilidade populacional intrametropolitana da Baixada Santista no período pós-1970. In: HOGAN, D. J. et al (Org.). **Migração e ambiente nas aglomerações urbanas**. Campinas: NEPO/UNICAMP, 2001b. p.263-290.

\_\_\_\_\_; BARÊA, V. R. A mobilidade populacional intrametropolitana de Goiânia no período 1970-1991. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 12., 2000, Caxambu. **Anais...** Belo Horizonte: ABEP, 2000.

JANNUZZI, P. de M. **Migração e mobilidade social: migrantes no mercado de trabalho paulista**. Campinas: Editora Autores Associados, 2000. 240p.

KEIL, R.; RONNEBERGER, C. The globalization of Frankfurt am Main: core, periphery and social conflict. In: MARCUSE, P.; VAN KEMPEN, R. (Ed.). **Globalizing cities: a new spatial order?** Malden: Blackwell, 2000. p.228-248.

- KRUGMAN, P. **Development, geography, and economic theory** (The Ohlin Lectures). Cambridge: MIT Press, 1995. 117p.
- LAGO, L. C. do. A metrópole desigualmente integrada: as atuais formas de produção e (não) acesso ao espaço construído no Rio de Janeiro. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPUR, 9., 2001, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPUR, v.3, 2001.
- \_\_\_\_\_. Divisão sócio-espacial e mobilidade residencial: reprodução ou alteração das fronteiras espaciais? In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 12., 2000, Caxambu. **Anais...** Belo Horizonte: ABEP, 2000.
- \_\_\_\_\_. Segregação socioespacial e condições urbanas de vida nos anos 80: a metrópole do Rio de Janeiro em questão. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 11., 1998, Caxambu. **Anais...** Belo Horizonte: ABEP, 1998.
- LATTES, A. E. Population distribution in Latin America: is there a trend towards population deconcentration? In: UNITED NATIONS. **Population distribution and migration**. New York: United Nations, 1998. p.117-136.
- LEE, E. S. Uma teoria sobre a migração. In: MOURA, H. (Org.). **Migração interna: textos selecionados**. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil S.A. 1980. p.89-114.
- LEFEBVRE, H. **The production of space**. Malden: Blackwell, 1991. 454p. (Título original: Production de L'espace, 1974)
- LIPIETZ, A.; LEBORGNE, D. O pós-fordismo e seu espaço. **Espaço & Debates**, São Paulo, n.25, p.12-29, 1988.
- LOJKINE, J. **O Estado capitalista e a questão urbana**. São Paulo: Martins Fontes, 1981. 359p. (Título original: Le Marxisme, L'État et la Question Urbaine, Paris, 1977)
- MAGALHÃES, E. d'A. Praia Grande e Mongaguá. In: AZEVEDO, A. de (Coord.). **Baixada Santista: aspectos geográficos**. São Paulo: EDUSP, v.3, 1965. p.65-77.
- MARICATO, E. Metrópole na periferia do capitalismo: ilegalidade, desigualdade e violência. **Estudos urbanos**. São Paulo: HUCITEC, 1996. 141p. (Série Arte e Vida Urbana)
- MARKUSEN, A. Fuzzy concepts, scanty evidence, policy distance: the case for rigour and policy relevance in critical regional studies. **Regional Studies**, Cambridge, v.33, n.9, p.869-884, 1999.
- MARTINE, G. Adaptação dos migrantes ou sobrevivência dos mais fortes? In: MOURA, H. (Org.). **Migração interna: textos selecionados**. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil S.A. 1980. p.949-975.
- MATTOS, C. A. de. Globalización y metropolización en Santiago de Chile: una historia de continuidad y cambios. In: MIDEPLAN. **Metropolización em Chile, interrogantes y desafios**. Santiago de Chile: Ministerio de Planificación y Universidad Alberto Hurtado, 1999. p.25-64.

- MAYER, M. The shifting local political system in European cities. In: DUNFORD, M.; KAFKALAS, G. (Ed.). **Cities and regions in the new Europe: the global-local interplay and spatial development strategies**. London: Belhaven Press, 1992. p.255-274.
- McDONALD, J. F. **Fundamentals of urban economics**. Upper Saddle River: Prentice Hall, 1997.
- MEDEIROS, D. B. Guarujá. In: AZEVEDO, A. de (Coord.). **Baixada Santista: aspectos geográficos**. São Paulo: EDUSP, v.3, 1965a. p.113-152.
- \_\_\_\_\_. Bertioga. In: AZEVEDO, A. de (Coord.). **Baixada Santista: aspectos geográficos**. São Paulo: EDUSP, v.3, 1965b. p.153-174.
- MONGAGUÁ. Prefeitura Municipal de Mongaguá. Disponível em: <<http://www.mongagua.sp.gov.br>> Acesso em: 2002.
- MORAIS, R. de. **Violência urbana**. 3.ed. São Paulo: Brasiliense, 1983. 113p. (Coleção Primeiros Passos, 42)
- NACIONES UNIDAS/CEPAL. Los Asentamientos humanos en America Latina. **Notas sobre la economia y el desarrollo de America Latina**, n.304, 1979. 4p.
- NEGREIROS, R. **Dinâmica sócio-econômica da unidade de gerenciamento de recursos hídricos da Baixada Santista: UGRHI 07**. 1998. 34p. (mimeo)
- \_\_\_\_\_. A Região Metropolitana da Baixada Santista: dinâmica sócio-econômica e as perspectivas da gestão urbana. **Relatório D.2 do Projeto - Urbanização e Metropolização no Estado de São Paulo: desafios da política urbana**. Campinas: NESUR-IE/UNICAMP, 1992. 111p. (mimeo)
- NELSON, A. C. Regulations to improve development patterns. In: Lincoln Institute of Land Policy. **Metropolitan development patterns: annual roundtable 2000**. Cambridge: Lincoln Institute of Land Policy, 2000. p.72-79.
- OLIVEIRA, O. de; STERN, C. Notas sobre a teoria da migração interna: aspectos sociológicos. In: MOURA, H. (Org.). **Migração interna: textos selecionados**. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil S.A. 1980. p.245-265.
- PENTEADO, A. R. A ilha de São Vicente. In: AZEVEDO, A. de (Coord.). **Baixada Santista: aspectos geográficos**. São Paulo: EDUSP, v.3, 1965. p.11-19.
- PERUÍBE. Prefeitura do Município de Peruíbe/Departamento de Turismo. **Peruíbe: o Portal da Juréia**. Peruíbe: HRR - Publicações Cartográficas, 1997. (Mapa Turístico com Informações Históricas)
- PETRONE, P. Povoamento e caminhos nos séculos XVI e XVII. In: AZEVEDO, A. de (Coord.). **Baixada Santista: aspectos geográficos**. São Paulo: EDUSP, v.2, 1965a. p.11-73.
- \_\_\_\_\_. Povoamento e Caminhos no século XVIII e primeira metade do século XIX. IN: AZEVEDO, A. de (Coord.). **Baixada Santista: aspectos geográficos**. São Paulo: EDUSP, v.2, 1965b. p.75-138.
- PRAIA GRANDE. Prefeitura Municipal de Praia Grande. Disponível em: <<http://www.praiagrande.sp.gov.br>> Acesso em: 2002.

PRETECEILLE, E. Divisão social e desigualdades: transformações recentes na metrópole parisiense. In: RIBEIRO, L. C. de Q. (Org.). **O futuro das metrópoles: desigualdades e governabilidade**. Rio de Janeiro: Editora Revan, 2000.

\_\_\_\_\_. Cidades globais e segmentação social. In: RIBEIRO, L. C. de Q.; SANTOS JR, O. A. dos (Org.). **Globalização, fragmentação e reforma urbana: o futuro das cidades brasileiras na crise**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1994. p.65-89.

QUEIROZ NETO, J. P. de; OLIVEIRA, J. B. de. **Os solos do litoral**. Campinas: IAC, 1964. 20p. (mimeo)

RAVENSTEIN, E. G. As leis da migração. In: MOURA, H. (Org.). **Migração interna: textos selecionados**. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil S.A., 1980. p.19-88.

RIBEIRO, L. C. de Q. Segregação, desigualdade e habitação: a Metrópole do Rio de Janeiro. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPUR , 9., 2001, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPUR, 2001.

\_\_\_\_\_. **Dos cortiços aos condomínios fechados: as formas de produção da moradia na cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; IPPUR/UFRJ; FASE, 1997. 352p.

\_\_\_\_\_; LAGO, L. C. do. **Reestruturação nas grandes cidades brasileiras: o modelo centro/periferia em questão**. Rio de Janeiro: IPPUR/UFRJ, 1994. 19p.

\_\_\_\_\_; SANTOS JR, O. A. dos (Org.). **Globalização, fragmentação e reforma urbana: o futuro das cidades brasileiras na crise**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1994. 426p.

\_\_\_\_\_. Espaço urbano, mercado de terras e produção da habitação. In: SILVA, L.A.M. da (Org.). **Solo urbano: tópicos sobre o uso da terra**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982. p.29-47. (Série Debates Urbanos)

RODRIGUES, L. M. Vicente de Carvalho. In: AZEVEDO, A. de (Coord.). **Baixada Santista: aspectos geográficos**. São Paulo: EDUSP, v.3, 1965. p.79-112.

RODRIGUES, R. do N. Região do Litoral: um núcleo de disparidades intra-regionais. **Análise Demográfica Regional 3**, São Paulo, Fundação SEADE, 1982. 46p.

ROLNIK, R. (Coord.). Regulação urbanística e exclusão territorial. **Publicações Pólis**, São Paulo, Pólis, n.32, 1999. 136p.

\_\_\_\_\_; SOMEKH, N.; KOWARICK, L. (Org.). **São Paulo: crise e mudança**. São Paulo: Brasiliense, 1990. 215p.

RYBCZYNSKI, W. The new downtown. From city life: urban expectations in a New World (1995). Reprinted in: LeGATES, R. T.; STOUT, F. (Ed.). **The city reader**. New York: Routledge, 2000. p.170-179.

SANTOS. Prefeitura Municipal de Santos. Disponível em: <<http://www.santos.sp.gov.br>> Acesso em: 2002.

- SANTOS, M. A. A região administrativa da Baixada Santista. In: Fundação SEADE. **Cenários da urbanização paulista: regiões administrativas**. São Paulo: Fundação SEADE, 1992. p.57-89. (Coleção São Paulo no Limiar do Século XXI, 7)
- SANTOS, M. **A urbanização brasileira**. São Paulo: Editora Hucitec, 1996. 157p. (Coleção Estudos Urbanos, 5)
- SASSEN, S. **As cidades na economia mundial**. São Paulo: Studio Nobel, 1998. 190p. (Título original: *Cities in a World Economy*, 1994)
- SCOTT, A. J. A economia metropolitana: organização industrial e crescimento urbano. In: BENKO, G.; LIPIETZ, A. (Org.). **As regiões ganhadoras: Distritos e Redes: os novos paradigmas da geografia econômica**. Oeiras (Portugal): Celta Editora, 1994. 275p. (Título original: *Les Régions qui Gagnent – Districts et Réseaux: les nouveaux paradigmes de la géographie économique*. Presses Universitaires de France, 1992)
- \_\_\_\_\_. **The urban land nexus and the state**. London: Pion Limited, 1980. 256p.
- SCOTT, P. Remoção populacional e projetos de desenvolvimento urbano. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 10., 1996, Caxambu. **Anais...** Belo Horizonte: ABEP, v.2, 1996.
- SILVEIRA, D. **Valorização do centro histórico de Santos**. Santos: UNISANTOS, 1994. (Trabalho Final de Graduação Apresentado na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo)
- SINGER, P. I. **Desenvolvimento econômico e evolução urbana**. São Paulo: Editora Nacional; Editora da USP, 1968. 378p.
- SMOLKA, M. O. Dinâmica populacional e estruturação intra-urbana: uma abordagem integrada da mobilidade através dos registros de transações imobiliárias. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 9., 1994, Caxambu. **Anais...** Belo Horizonte: ABEP, v.1, 1994.
- \_\_\_\_\_. Expulsando os pobres e redistribuindo os ricos: “dinâmica imobiliária” e segregação residencial na cidade do Rio de Janeiro. **Revista Brasileira de Estudos Populacionais**, Campinas, NEPO/UNICAMP, v.9, n.1, p.3-21, 1992a.
- \_\_\_\_\_. Mobilidade intra-urbana no Rio de Janeiro: da estratificação social à segregação residencial no espaço. **Revista Brasileira de Estudos Populacionais**, Campinas, NEPO/UNICAMP, v.9, n.1, p.97-114, 1992b.
- \_\_\_\_\_. Mobilidade intra-urbana no Rio de Janeiro: da estratificação social à segregação residencial no espaço. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 8., 1992, Brasília. **Anais...** Belo Horizonte: ABEP, v.3, 1992c.
- SWYNGEDOUW, E.; MOULAERT, F.; RODRIGUES, A. **Transversal analysis: large scale urban development projects: a challenge to urban policy in european cities**. 2000. 26p. (mimeo). Disponível em:  
<<http://www.ifresi.univlille1.fr/PagesHTML/URSPIC/TRANSVERS.HTM>>
- TONDRO, T. J. Fragments of regionalism: state and regional planning in connecticut at century's end. **St John's Law Review**, New York, v.73, n.4, p.1123-1158, 1999.

TORRES, M. **Meio ambiente, industrialização e qualidade de vida na Baixada Santista**. Santos: UNISANTOS, 1989. (Trabalho Final de Graduação Apresentado na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo)

VAPÑARSKY, C. A. On rank-size distributions of cities: an ecological approach. **Economic Development and Cultural Change**, Chicago, v.17, n.4, p.584-595, 1969.

VILLAÇA, F. **Espaço intra-urbano no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel; FAPESP; Lincoln Institute, 1998. 373p.

VOITH, R. The determinants of metropolitan development patterns: preferences, prices and public policies. In: Lincoln Institute of Land Policy. **Metropolitan development patterns: annual roundtable 2000**. Cambridge: Lincoln Institute of Land Policy, 2000. p.50-55.

ZELINSKY, W. The impasse in migration theory: a sketch map for potencial escapees. In: IUSSP. **Population movements: their forms and functions in urbanization and development**. Paris: IUSSP, 1980. p.19-46.

ZUKIN, S. "Whose culture? Whose City?" from the cultures of cities (1995). Reprinted in: LeGATES, R. T.; STOUT, F. (Ed.). **The city reader**. New York: Routledge, 2000. p.131-142.